Universidade de São Paulo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

TANIA KNAPP DA SILVA

Leberecht Migge:
as fronteiras do paisagismo em tensão na Alemanha (1902- 1927)

Dissertação apresentada à Faculdade de
Arquitetura e do Urbanismo da
Universidade de São Paulo para
obtenção do título de Mestre em
Ciências.

Área de Concentração História e
Fundamentos da Arquitetura e do
Urbanismo

Orientador: Prof. Dr. Renato Cymbalista

São Paulo
2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

E-mail da autora: taniaknapp@usp.br ou tanjaknapp@gmail.com

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Silva, Tania Knapp da
Leberecht Migge: as fronteiras do paisagismo em tensão
na Alemanha (1902-1927) / Tania Knapp da Silva; orientador Renato
Cymbalista. - São Paulo, 2020.
247 p.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade de São Paulo. Área de concentração:
História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo.

1. Paisagistas. 2. Arquitetura Paisagística (história). 3.
Planejamento Territorial Urbano (história). 4. Espaços Livres
(história). I. Cymbalista, Renato, orient. II. Título.

Tania Knapp da Silva

Leberecht Migge:

as fronteiras do paisagismo em tensão na Alemanha (1902- 1927)

Dissertação apresentada à Faculdade de
Arquitetura e do Urbanismo da
Universidade de São Paulo para
obtenção do título de Mestre em
Ciências.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. Renato Cymbalista (orientador)

Instituição: FAUUSP/ História e Fundamentos das Arquitetura e do Urbanismo

Julgamento: _____

Prof. Dr. Stefan Wilhelm Bolle

Instituição: FFLCH-USP/ Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã

Julgamento: _____

Prof. Dr. Adalberto da Silva Retto Junior

Instituição: FAAC-UNESP/ Desenho Urbano e História do Urbanismo

Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

É comum ouvir e dizer nos corredores, nas mesas e encontros que o mestrado é um trabalho solitário. E é. Pelo simples fato de que a pesquisa precisa ser realizada em forma de texto pelo mestrando, mestranda. Mas em outros aspectos estamos acompanhados dentro e fora da vida acadêmica. E porque não somos autômatos todo tipo de companhia, próxima ou distante, atual ou pregressa, íntima ou profissional, de convergência ou divergência compõe a nós, seres humanos, em nossa multiplicidade única. Cada relação e interação profunda ou fugidia contribui para o projeto inacabado que somos. Mesmo estando solitários, não somos sozinhos, carregamos em nós o multiverso de outros.

Há 17 anos eu aprendi alemão como babá na Alemanha, através de um programa de intercâmbio remunerado chamado Au-Pair. Sem essa oportunidade essa pesquisa não poderia ter sido nem imaginada. Agradeço aos que me ajudaram e incentivaram nessa etapa longínqua e fundamental: Nora Knapp, Gabi Sommer, Fabrícia Knudstrupp, Vilma Knapp, Pauli, Carlos H. Knapp e família Kleebach. Outros prepararam, mesmo sem saber, o caminho do aprendizado da língua alemã, trilha seminal para viabilizar, 17 anos depois, o trabalho aqui apresentado: Nathalie Mehner, Klaus Sommer, Petra Dunkel, Luís Carlos Bollmann e Gerhardt Brodt.

Pude contar durante os dois anos de pesquisa com a companhia e o companheirismo de uma miríade de amigos, colegas, servidores, funcionários que este texto de agradecimento fatalmente pecará mais pela ausência e pelo esquecimento: estes serão lembrados em sua ausência: “não acredito que esqueci fulano”. Porque escrever é também uma escolha com uma consciência parcial menos daquilo vertido em palavras do que dos contínuos silêncios entre elas.

Agradeço muito o apoio e a escuta de Maria Otília Amaral Françoso que me ajudou a ter foco, perseverança e tranquilidade. Do mesmo modo, agradeço Natália Barbieri pelo incentivo do projeto do vir a ser e o espaço sempre aberto a me receber nos momentos de crise. Aos amigos pela torcida, paciência e amorosidade de sempre: Andressa Carvalho, Lauro Rocha, João Gabriel Oliveira, Oliver Scarcelli, Adilah Awada, Ana Paula Cardoso de Oliveira, Ricardo Lisboa, Fernando da Silva, Renata Artico, Flávia Curvo Diniz, Kátia Holz, Leonardo Tannous, Raquel Simões, Natália Leon Nunes

Por todo cuidado, apoio, generosidade e carinho, por todos os aprendizados e por todos os dias e noites compartilhados com Yuri Ferreira Moriyama, que me fizeram uma pessoa melhor. À Cia Mulheres em Movimento (Ane, Bia, Camila, Déa, Dê, Didi, Fabi, Laya, Mari e Talitha) por me acolherem, me ajudarem a recolher os ossos da alma, a desembargar minha voz e me motivarem a correr e dançar livremente.

Aqui o tamanho e a dimensão desse texto são insuficientes para o amor e amizade que sinto por aqueles que me conhecem, me aceitam e me compreendem: Clara Pellegrino Peres e André Victor Peres, uma verdadeira extravagância de amizade; Yuri Teixeira Sousa, pelo colo de ontem e o carinho de sempre; Nora Lisboa Knapp, Ivaldo Muniz da Silva, Sara Knapp da Silva, Natália Marchiori da Silva, Ismael Muniz Pessoa Clarice Lisboa Knapp e Rosana Marchiori são parte do meu multiverso familiar.

Tive amigos que foram grandes interlocutores, foram os meus segundos, terceiros, quartos, quintos e sextos pares de olhos: Juliane Bellot, amiga de todas as horas, acompanhou a pesquisa desde o seu projeto inicial, que inclusive corrigiu e revisou; Artur Duarte, amigo da pós-graduação, leu os textos iniciais da introdução e do capítulo I e fez comentários e revisões; Mariana Kimie Nito, amiga generosa, ajudou na pesquisa de imagens, diagramou e normatizou a dissertação, além de me apoiar em momentos de fragilidade; Mateus Roman Pamboukian, amigo incrível, revisou o texto e indicou leituras; Emmanuel Nakamura, ajudou na revisão das traduções do alemão, diminuiu meus medos, me fez cantar e “carregar meu coração sorridente para o mundo e levantar o olhar para alto, na direção do céu” e, mesmo distante, se fez presente.

O principal interlocutor foi, sem dúvida, meu orientador, o professor Dr. Renato Cymbalista, sem o qual essa pesquisa perderia sua consistência, agradeço a análise precisa da minha forma de trabalho, a confiança e a liberdade dadas, e as palavras de incentivo, as reflexões e críticas bem colocadas. Agradeço também a generosidade dos professores presentes no exame de qualificação: professor Dr. José T. C. de Lira pelas indicações de bibliografia e pela leitura e críticas contundentes, e professor Dr. Willi Bolle pelo testemunho valioso e a leitura oportuna indicando relações com o sertão da atualidade brasileira. Agradeço também aos professores das disciplinas cursadas que ampliaram a compreensão do objeto de pesquisa: professoras Dras. Nilce A. Botas, Flávia do Nascimento, Ana Cláudia Castro e Joana Mello. Aos colegas e professores que me ensinaram muito sobre o ensino do paisagismo e a leitura de projetos: Dr. Leonardo Loyolla e Fany Galender.

Aos muitos colegas de disciplinas, em especial ao grupo da disciplina de paisagem (Camila, Juliana, Helena e Teresa) pela troca rica e experiência potente, e ao grupo de pedagogia (Eduardo, Fernanda, Flávio e Kauê) pelas discussões disciplinares incríveis que criamos. Por fim, agradeço o apoio financeiro da CAPES, e toda a estrutura administrativa e prontidão dos funcionários da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Aos que falharam, grandes na aspiração,
aos soldados sem nome
tombados na vanguarda do combate
Walt Whitman (1983)

Vou lembrando a Revolução
Vou lembrando a Revolução
Mas há fronteiras nos jardins da razão
Chico Science (1994)

RESUMO

SILVA, Tania Knapp da. (2020). *Leberecht Migge: as fronteiras do paisagismo em tensão na Alemanha (1902- 1927)*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Esta pesquisa tem como objeto a experiência de Rudolf Wilhelm Leberecht Migge (1881, Gdansk - 1935, Flensburg) como paisagista e autor, empreendendo tanto no campo prático profissional, quanto no debate amplo com seus contemporâneos advogando por um tipo específico de paisagismo: aquele alinhado aos movimentos de reforma dos parques e jardins que formularam o paisagismo arquitetônico, em contraposição ao pinturesco. No interior dessa vertente, Migge buscou conciliar campo e cidade, explorando questões sociais e econômicas em uma proposta de paisagismo voltado para as massas da população urbana e para a produção alimentar, denominado nesta pesquisa como paisagismo produtivo. Discutiu-se o papel do paisagismo produtivo, que buscou centralidade para debater, no campo profissional e social, a importância em se manter moradia e jardim produtivo vinculados; modelo assimilado em muitos projetos, inclusive nas moradias sociais, *Siedlungen*. Além disso, Migge buscou expandir em seus projetos os limites de atuação do paisagismo, incorporando no desenho dos espaços livres urbanos o desenvolvimento agrário de autossuficiência alimentar, bem como a gestão territorial dos resíduos urbanos, revertendo-os em composto para produção alimentar, um viés excepcional entre paisagistas de então. Objetivou-se inserir Migge e suas formulações nos debates do paisagismo, do urbanismo e da arquitetura, tendo como ponto de partida seus textos e alguns de seus projetos, bem como outras fontes primárias como periódicos e livros de seus contemporâneos. As fontes utilizadas neste trabalho abordam os seguintes temas: os princípios racionais e técnicos do paisagismo e sua relação com uma identidade alemã; a função social do paisagista a partir das mudanças sociais, resultando no parque público moderno; a comparação das tipologias verdes às engrenagens de uma máquina, aludindo à produção do paisagismo para as massas; a formulação do paisagismo produtivo, da autossuficiência alimentar e do desenvolvimento interdependente de cidade e campo; a relação da política verde com o urbanismo e o desenvolvimento da cidade urbana; a produção de moradia em novos assentamentos, sua respectiva arquitetura e relação com o jardim. Conclui-se que Migge pretendeu resolver questões prementes de seu tempo atuando transversalmente a muitos campos disciplinares. Nos interessa aqui a discussão das disputas travadas sobre outros projetos de mundo envolvendo o campo e a cidade. Espera-se com isso contribuir para a história do paisagismo no interior da história dos espaços construídos, que inclui arquitetura, urbanismo e paisagismo.

Palavras-chave: Leberecht Migge. Paisagismo arquitetônico. Paisagismo produtivo. Autossuficiência. História do paisagismo alemão.

ABSTRACT

SILVA, Tania Knapp da. (2020). *Leberecht Migge: the boundaries of tension of landscape architecture in Germany (1902-1927)*. (Masters thesis). Faculty of Architecture and Urbanism, University of Sao Paulo, Sao Paulo.

The object of this research is the experience of Rudolf Wilhelm Leberecht Migge (1881, Gdansk - 1935, Flensburg) as a landscape architect and author, undertaking both in the professional practical area and in the broad debate with his contemporaries, advocating for a specific type of landscape project: the one aligned with the movements of reform of the parks and gardens that formulated the architectural landscape as opposed to the picturesque. Within this aspect, Migge sought to reconcile the countryside and the city, exploring social and economic issues in a landscape architecture proposal facing at the mass of the urban population and food production, understand in this research as productive landscape. The role of productive landscape was discussed, which sought centrality to debate, in the professional and social area, the importance of maintaining housing and productive garden themes linked; model assimilated in many projects, including social housing, *Siedlungen* (Settlements). In addition, Migge sought to expand in his projects the limits of landscape architecture, incorporating in the design of urban frees spaces the agrarian development of food self-sufficiency, as well as the territorial management of urban waste, reverting them into compost for food production, a bias exceptional among his contemporaries landscape architects. The objective was to insert Migge and his formulations in the debates on landscape architecture, urbanism and architecture, taking as a starting point his texts and some of his projects, as well as other primary sources such as journals and books by his contemporaries professionals. The sources used in this thesis approach these themes: the rational and technical principles of landscape architecture and their relationship with German identity; the social function of the landscape architects based on social changes, resulting in the modern public park; the comparison of green typologies to the gears of a machine, alluding to the production of landscape architecture for the mass of population; the formulation of productive landscape, food self-sufficiency and interdependent development of city and countryside; the relationship of green politics with urbanism and the development of the urban city; the production of housing in new settlements, their respective architecture and relationship with the garden. It is concluded that Migge intended to resolve main issues of his time by working across many disciplinary fields. We are interested in the discussion disputes fought over other world projects involving the countryside and the city. It is expected to contribute to the history of landscape architecture within the history of built spaces, which includes architecture, urbanism and landscape.

Keywords: Leberecht Migge. Architectural landscape. Productive landscape. Self-sufficiency. History of German landscaping.

ZUSAMMENFASSUNG

SILVA, Tania Knapp da. (2020). Leberecht Migge: die Grenzen der Landschaftsplanung in Spannung in Deutschland (1902- 1927). (Masterarbeit). Fakultät für Architektur und Städtebau, Universität von Sao Paulo, Sao Paulo.

Die Dissertation untersucht Rudolf Wilhelm Leberecht Migges (1881, Gdansk – 1935, Flensburg) Erfahrung sowohl als Gartenarchitekt und Verfasser, der so viel tätig im praktischen Bereich war, als auch seine Auseinandersetzung mit Kollegen um eine spezifische Art von Gartenkunst – und zwar um die angetretene Bewegungsreform von Garten und Park, die den architektonischen Gartenstil im Gegensatz zu dem landschaftlichen Gartenstil zum Ausdruck brachte. Bei dieser Bewegung versuchte Migge Stadt und Land miteinander zu versöhnen. Indem er sich mit den sozialen und wirtschaftlichen Fragen beschäftigte, entwarf er für die städtische Volksmasse und für die hier noch als gartenbauliche Landschaftsgestaltung konzipierte Ernährungserzeugung eine Gartenkunst. Die Untersuchung fragt erstens nach der Rolle der gartenbaulichen Landschaftsgestaltung und zweitens nach dem Versuch, eine Verbindung zwischen Haus und gartenbaulichem Garten im Mittelpunkt der Debatte – sowohl des professionellen als auch des sozialen Bereiches – zu stellen. Viele Entwürfe – sogar diejenige aus modernen Siedlungen – beziehen sich auf das miggesche Modell. In seinen Projekten versuchte Migge die Grenzen der Landschaftsgestaltung dadurch zu überwinden, dass er Entwürfe der landwirtschaftlichen Selbstversorgung für die städtischen Freiräume entwickelte. Er schlug z.B. die Verwertung der Abfallwirtschaft der Stadt als Dung und Kompost für die Ernährungserzeugung vor. Unter den damaligen Gartenarchitekten war das ein außergewöhnlicher Aspekt. Betrachtet werden auch Migge und seine Auffassungen über die Landschaftsplanungsdebatte, den Städtebau und Architektur – und zwar durch die Analyse sowohl seiner Texte und eigener Projekte als auch primärer Quelle, wie z.B. zeitgenössischer Zeitschriften und Bücher. Themen dieser Quellen sind: (1) die rationellen und technischen Grundlagen der Gartenkunst und deren Beziehung zur deutschen Identität, (2) die soziale Eigenschaft des Gartenarchitekten bezüglich der sozialen Wandlungen (das führt zur Konzeption des modernen Volksparkes); (3) der Vergleich der grünen Anlagen mit einer Maschinengetriebe (dadurch wird die Gartengestaltung für die Massen angedeutet); (4) die Auffassung der gartenbaulichen Gartengestaltung, der Selbstversorgung und der voneinander abhängigen Stadt- und Landentwicklung; (5) der Zusammenhang zwischen Grünpolitik, Städtebau und Auffassung der Stadt-Land-Kultur; (6) der neue Siedlungsbau, die Architektur und die Beziehung zu dem Garten. Durch die Mitwirkung eines transdisziplinären Wissensbereiches suchte Migge nach einer Lösung für dringende praktische Fragen seiner Zeit suchte. Mein Interesse besteht darin, die Auseinandersetzung um eine andere Welt, in der Stadt und Land gegliedert bleiben können. Damit möchte ich sowohl für die Geschichte der Landschaftsplanung als auch für die umfassende Geschichte der Raumgestaltung des Städtebaues, der Architektur und Landschaftsplanung einen Beitrag leisten.

Schlüsselwörter: Leberecht Migge. Architektonische Gartenkunst. Gartenbäuliche

Gartengestaltung. Selbstversorgung. Geschichte der deutschen Landschaftplanung.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Plano de embelezamento do Tiergarten em Berlim, por Lenné 1832. Fonte: AUSTILAT, 2016, p.2.....	52
Figura 2 - Ilha Rousseau, Tiergarten em Berlim, cerca de 1800, pintura Leopold Ludwig Müller Fonte: WENDLAND 1993, p.74.....	52
Figura 3 - Proibição de banho (de sol), Berlim, 1906. Fonte: MAASS 1978, p.60.....	53
Figura 4 - Blücherpark em Colônia-Ehrenfeld, projeto de Encke, 1911. Fonte: ARCHITEKTURMUSEUM, n.d.....	53
Figura 5 - Modelo do jardim do fazendeiro alemão, século XIX. Fonte: BROCKPÄHLER 1984, p.18.....	54
Figura 6 - Naturista em lavoura de Monte Verità, Ascona, Suíça, 1907. Fonte: JANZ 2010.....	54
Figura 7 – Proposta “D” de Vermehren para o parque de Hamburgo-Winterhude, 1902. Fonte: Hamburg 2014, p.8.....	68
Figura 8 - Planta de situação do terreno para o parque da cidade Hamburg-Winterhude, 1908. Fonte: ANÔNIMO 1908a, p.135.....	69
Figura 9 - Proposta "Pfau" de Läger para o parque de Hamburg-Winterhude, 1908. Fonte: HAMBURG 2014, p. 9.....	70
Figura 10 - Proposta "Aap" de Roethe e Bungarten para o parque de Hamburg-Winterhude, 1908. Fonte: ANONIMO 1908a, p.137.....	70
Figura 11 - Proposta "Suum cuique" de Freye e Reuter para o parque de Hamburg-Winterhude, 1908. Fonte: ANONIMO 1908a, p.137.....	71
Figura 12 - Vista para o restaurante e o café da proposta "Suum cuique", 1908. Fonte: ANONIMO 1908a, p.137.....	71
Figura 13 - Perspectiva da proposta "Pfau" de Läger, 1908. Fonte: ANONIMO 1908a, p.143.....	72
Figura 14 - Perspectiva da torre d'água da proposta "Pfau" de Läger, 1908. Fonte: MIGGE 1990, p.38.....	72
Figura 15 - Proposta "I" de Sperber a partir da proposta "Aap", 1909. Fonte: HAMBURG 2014, p. 13.....	73
Figura 16 - Proposta "II" de Sperber a partir da proposta "Pfau", 1909. Fonte: HAMBURG 2014, p. 14.....	73
Figura 17 - Projeto final de Schumacher e Sperber para o parque de Hamburg-Winterhude, 1910. Fonte: SCHUMACHER, & SPERBER 1910, p. 87.....	74
Figura 18 - Vista da torre d'água a partir do restaurante às margens do lago, 1910. Fonte: SCHUMACHER, & SPERBER 1910, p. 87.....	74
Figura 19 – “Estabelecimento campestre” do parque de Hamburgo, projeto de Schumacher, 1910. Fonte: SCHUMACHER, & SPERBER 1910, p. 92.....	87
Figura 20 - "Milchwirtschaft" para o parque de Hamburgo, projeto de Schumacher, 1910. Fonte: SCHUMACHER, & SPERBER 1910, p. 93.....	87
Figura 21 - "Milchwirtschaft" no parque de Hamburgo, sem data. Fonte: ALTENMÜLLER 2014....	88
Figura 22 - "Trinkhalle" no parque de Hamburgo, projeto de Schumacher (1910), 2014. Fonte: ALTENMÜLLER 2014.....	88
Figura 23 - Balneário público do parque de Hamburgo, cerca de 1930. Fonte: ALTENMÜLLER 2014.....	89
Figura 24 - Balneário do Vorgebirgspark, projeto de Encke, Colônia, 1911. Fonte: ENCKE 1911b, p.165.....	89
Figura 25 - Manada de veados no bosque da cidade de Colônia, 1911. Fonte: ENCKE 1911b, p.162.....	90

Figura 26 - O <i>Volkspark</i> do futuro. Colônias agrícolas e áreas verdes, de Maasz, 1913. Fonte: MAASZ 1913, p.2.....	90
Figura 27 – Proposta de Maasz para a divisão de uma parcela de jardim, 1913. Fonte: MAASZ 1913, p.20.....	91
Figura 28 - Perspectiva da parcela de jardim proposta por Maasz, 1913. Fonte: MAASZ 1913, p.2.	91
Figura 29 - Conjunto de oito parcelas de jardim. Fonte: MAASZ 1913, p.50.....	92
Figura 30 - Perspectiva da praça pentagonal de acesso às parcelas de jardim. Fonte: MAASZ 1913, p.52.....	92
Figura 31 - Parque urbano Clapham Common de Londres (criado em 1878). Fonte: MIGGE 1913a, p.165.....	93
Figura 32 - Os três ímãs de Ebenezer Howard, 1902. Fonte: HOWARD 1902, p.17.....	93
Figura 33 - Realização prática de áreas verdes na cidade de Essen, por Schmidt [?], 1913. Fonte: MIGGE 1913a, p, 168.....	94
Figura 34 - Escola de jardinagem, 1913. Fonte: MIGGE 1913a, p, 781.....	94
Figura 35 - Parque Fuhlsbüttel em Hamburgo, projeto de Migge, 1909. Fonte: REUB 1981, p.76.	97
Figura 36 - Plano de Letchworth, a primeira cidade-jardim, 1902. Fonte: BEIER, 2004, p. 127....	118
Figura 37 - Vias residenciais de Letchworth, 1909. Fonte: UNWIN, 1909, p. 309.....	119
Figura 38 - Perspectiva geral do projeto vencedor do concurso IBA, arquitetos Weidenbach & Tschammer, 1913. Fonte: HERZOG, & MIEDERER, 1917, p. 9.....	119
Figura 39 - Perspectiva dos jardins da IBA, projeto de Migge (Ochs), zeitschrift Bauen und Wohnen - Leipzig, 1913. Fonte: HAUS, 2014.....	120
Figura 40 - Vista do eixo monumental, rua 18 de dezembro com Monumento Batalha das Nações ao fundo, 1913. Fonte: HERZOG, & MIEDERER, 1917, p. 241.....	120
Figura 41 - Multidão na IBA, "Dia do Canto", 1913. Fonte: HERZOG, & MIEDERER, 1917, p. 30.	121
Figura 42 - Entrada principal, a qual Hoemann qualifica como "acanhada", 1913. Fonte: HERZOG, & MIEDERER, 1917, p. 73.....	121
Figura 43 - Vista oposta da figura anterior a partir do jardim rebaixado, fotografia de Hoemann, 1913. Fonte: HOEMANN, 1913, p. 266.....	122
Figura 44 - Monumento do ferro, em construção e projeto, 1913. Fonte: HERZOG, & MIEDERER, 1917, p. 186, 188.....	122
Figura 45 - Jardim de rosas com espelho d'água. Ao fundo pavilhão de interiores e artes aplicadas (Werkbund), 1913. Fonte: HERZOG, & MIEDERER, 1917, p. 130.....	123
Figura 46 - Planta de situação do complexo IBA, 1913. Fonte: AUSSTELLUNGSPROSPEKT, 1913.....	124
Figura 47 - Planta do bairro-jardim Marienbrunn, 1913. Fonte: HARRIS, 2012, p. 164.....	125
Figura 48 - Registro da execução das obras do bairro-jardim Marienbrunn, 1913. Fonte: HERZOG, & MIEDERER, 1917, p. 150.....	126
Figura 49 - Quintais produtivos das casas <i>Am Bogen</i> , projeto de Migge para Marienbrunn, 1913. Fonte: REUß et al., 1981, p. 98.....	126
Figura 50 - Planta do parque Mariannenpark de Leipzig-Schönefeld, 1914. Fonte: <i>Die Gartenkunst</i> , 1914, 12, p. 191.....	127
Figura 51 - Perspectiva do parque Mariannenpark de Leipzig-Schönefeld, 1913. Fonte: <i>Die Gartenkunst</i> , 1914, 12, p. 190.....	127
Figura 52 - Detalhamento do abrigo sobre o morro, ponto de partida a pista de trenós, sem data. Fonte: GADIENT et al., 2018, p. 178.....	128
Figura 53 - Pista de trenós do Mariannenpark em uso, cerca de 1940. Fonte: HANEY, 2010, p. 79	

.....	128
Figura 54 - Plano da política de parques de Rüstringen, 1911. Fonte: WESTHEIM 1914, p. 181.	140
Figura 55 - Perspectiva do parque externo de Rüstringen, 1914. Fonte: WESTHEIM 1914, p. 180.	141
Figura 56 - "Antes e depois" do parque de Rüstringen, 1914. Fonte: AMMANN 1914, p. 184 e 185.	142
Figura 57 - "Antes e depois" do parque de Rüstringen, 1914. Fonte: AMMANN 1914, p. 186 e 187.	143
Figura 58 - Registro fotográfico do "arquivo verde" de Rüstringen, 1917. Fonte: MIGGE 1917, p. 60.....	144
Figura 59 - Planta de mapeamento do arquivo verde de Rüstringen, 1917. Fonte: MIGGE, 1917, fl. 32.....	145
Figura 60 - Plano das áreas livres com sua distribuição de Rüstringen, 1917. Fonte: MIGGE 1917, fl. 33.....	146
Figura 61 - Planta ideal de uma praça de recreação "Schreber", sem data. Fonte: Mittelhochdeutscher Rundfunk, 2017.....	168
Figura 62 - Aula de jardinagem do grupo de jovens Schreber, Schreberjugendgruppe, cerca de 1910. Fonte: Mittelhochdeutscher Rundfunk, 2017.....	169
Figura 63 - Esquema para o pequeno assentamento cada um autossuficiente, 1919. Fonte: GADIENT et al., 2018, p. 225.....	170
Figura 64 - Custos e produtividade estimada, 1919. Fonte: GADIENT et al., 2018, p. 224.....	171
Figura 65 - Célula mínima Lar-jardim tipo A, 1919. Fonte: GADIENT et al., 2018, p. 224 [recorte da autora].....	172
Figura 66 - Árvore dos resíduos, 1923. Fonte: MIGGE, 1923, p. 125.....	173
Figura 67 - Pergolado de frutíferas como via "produtiva" "econômica", 1919. Fonte: MIGGE, 1919, p. 15.....	174
Figura 68 - Pérgula de Tílias, parque Wacholder (Fuhlsbüttel), Hamburg, 2015.....	174
Figura 69 - Jardins parcelados arrendáveis, Laubengärten, para Berlim-Schöneberg, 1918. Fonte: GADIENT et al., 2018, p. 195.....	175
Figura 70 - Parcelas de jardins arrendáveis, Laubengärten, para Berlim-Schöneberg, 1918. Planta e vistas tipo 1. Fonte: GADIENT et al., 2018, p. 196.....	176
Figura 71 - Assentamento suburbano Steenkamp-Altona (Hamburgo) para colonos parciais, 1920. Fonte: GADIENT et al., 2018, p. 206 [modificado pela autora].....	177
Figura 72 - Casas geminadas do assentamento suburbano Steenkamp-Altona, sem data. Fonte: GADIENT et al., 2018, p. 208.....	178
Figura 73 - Jardins parcelados compartilhados da "cidade-de-parcelas hortícolas" Südgelände Berlim-Schöneberg, 1920. Fonte: GADIENT et al., 2018, p. 215.....	179
Figura 74 - Apoio técnico para cultivos e construções das parcelas hortícolas, Südgelände Berlim-Schöneberg, 1920. Fonte: GADIENT et al., 2018, p. 216.....	180
Figura 75 - Modelo de assentamento. Criação de gado pequeno porte, Hof Hammer-Kiel, 1922. Fonte: HAHN, & MIGGE, 1922, p. 78.....	188
Figura 76 - Planta geral assentamento técnico Hof Hammer, 1923. Fonte: MIGGE, 1923, p. 147.	189
Figura 77 - Jardins parcelados arrendáveis de Hof Hammer, 1923. Fonte: MIGGE, 1999, p. 152	189
Figura 78 - Sobrados duplos tipo III na Damaschkweg, Hof Hammer nos anos 20. Fonte: BEIER, 2004, p. 195.....	190

Figura 79 - Casas geminadas na Damaschkweg, Hof Hammer nos anos 20. Fonte: BEIER, 2004, p. 194.....	190
Figura 80 - Residências do colono parcial no Hammerbusch, Hof Hammer anos 20. Fonte: BEIER, 2004, p. 195.....	191
Figura 81 - Lagoa de recreação, Hof Hammer, aproximadamente 1927. Fonte: BEIER, 2004, p. 203.....	191
Figura 82 - Casas geminadas na Damaschkweg, Hof Hammer, 2004. Fonte: BEIER, 2004, p. 259.	192
Figura 83 - Assentamento técnico Vorwerk Grünberg, 1924. Fonte: MIGGE, 1924, p. 65.....	192
Figura 84 - Casas assentamento Vorwerk, Grünberg, 1926. Fonte: MIGGE, 1999, p. 138.....	193
Figura 85 - Assentamento Vorwerk, Grünberg, 1926. Fonte: MIGGE, 1999, p. 137.....	193
Figura 86 - Composteira do assentamento Vorwerk, Grünberg, 1924. Fonte: MIGGE, 1924, p. 46.	194
Figura 87 - Parcela de jardim, a situação (de tantos ainda) miserável, irracional e triste, sem local e data. Fonte: MIGGE, 1999, p. 34.....	195
Figura 88 - Tipologia para colonos de tempo integral em colônias agrícolas, 1925. Fonte: MIGGE, 1999, p. 65.....	195
Figura 89 - Parcela de jardim produtivo modelo, exposição Heim und Scholle, Braunschweig, 1925. Fonte: MIGGE, 1999, p. 42.....	196
Figura 90 - Casa do colono de tempo integral. Exposição Heim und Scholle, Braunschweig, 1925. Fonte: MIGGE, 1999, p. 48.....	196
Figura 91 - Os principais equipamentos do colono de tempo integral moderno: estufa, sistema de irrigação por aspersão e fresadeira, 1925. Fonte: MIGGE, 1999, p. 71.....	197
Figura 92 - Jardim produtivo modelo, exposição Heim und Scholle, Braunschweig, 1925. Fonte: GARRIDO, 2018, p. 50.....	197
Figura 93 - Modelo de parcela de jardim arrendável de 350-400 m², exposição Heim und Scholle, Braunschweig, 1925. Fonte: MIGGE, 1999, p. 41.....	198
Figura 94 - Modelo de parcela de jardim arrendável (variação), exposição Heim und Scholle, Braunschweig, 1925. Fonte: MIGGE, 1999, p. 43.....	199
Figura 95 - Abrigo solar (modelo de abrigo), menor tipologia de abrigo para pernoite e convívio, 1925. Fonte: MIGGE, 1999, p. 51.....	199
Figura 96 - Abrigo solar da Escola de Colonos Worpswede, 1925. Fonte: MIGGE, 1999, p. 50...200	200
Figura 97 - Abrigo solar, variação, Worpswede, sem data. Fonte: REUß et al., 1981, p. 26.....	200
Figura 98 - Banheiro seco "metroclo", 1924. Fonte: MIGGE, 1924, p. 49.....	201
Figura 99 - Abrigo de jardim tipo II, Margarete Schütte-Lihotzky (1897-2000), 1928. Fonte: BAUMEISTER, 1928.....	202
Figura 100 - Planta do município de Kiel e arredores, 1922. Fonte: BEIER, 2004, p. 192.....	214
Figura 101 - Vista aérea de Kiel, 1922. Fonte: Hahn, & MIGGE, 1922, p. 6.....	215
Figura 102 - Densidade habitacional de Kiel, 1922. Fonte: Hahn, & MIGGE, 1922, p. 18.....	215
Figura 103 - Plano de áreas verdes e assentamentos de Kiel, 1922. Fonte: BEIER, 2004, p. 23 [modificado pela autora].....	216
Figura 104 - Plano de áreas verdes de Kiel, 1928. Fonte: BEIER, 2004, p. 135 [modificado pela autora].....	217
Figura 105 - Plano de propriedades públicas, 1928. Fonte: BEIER, 2004, p. 181 [modificado pela autora].....	218
Figura 106 - Cinturão de parcelas agrícolas arrendáveis: diagrama de antigos e novos, 1922. Fonte: HAHN, & MIGGE, 1922, p. 20.....	219
Figura 107 - Diagrama da cultura rurbana de Kiel, 1922. Fonte: HAHN, & MIGGE, 1922, p. 32..	220

Figura 108 – Diagrama da autossuficiência de composto, 1922. Fonte: HAHN, & MIGGE, 1922, p. 44.....	221
Figura 109 - Esquema do pátio central de compostagem sudeste, 1922. Fonte: HAHN, & MIGGE, 1922, p. 57.....	222
Figura 110 - Perspectiva do pátio central de compostagem sudeste, 1922. Fonte: HAHN, & MIGGE, 1922, p. 58.....	222
Figura 111 - Diagramas "Agricultura Intensiva" de Frankfurt e "Paisagem fértil de Berlim", sem data. Fonte: REUß et al., 1981, p 106.....	223
Figura 112 - Foto aérea da Siedlung Dessau-Ziebigk, 1928. Fonte: REUß et al., 1981, p 135.....	223
Figura 113 - Conjunto da Siedlung Dessau-Ziebigk, 1929. Fonte: REUß et al., 1981, p 145.....	224
Figura 114 - Siedlung Römerstadt [Heddernheim], Frankfurt, sem data. Fonte: REUß et al., 1981, p 138.....	224

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Crescimento populacional de Winterhude de 1810 a 1900.....	56
Tabela 2 - Aumento das áreas livres para instituição do verde em Rüstringen.....	135
Tabela 3 - Relação de áreas projeto fazenda Hammer.....	183
Tabela 4 - Relação de custo de execução.....	186

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	21
1.1. O jardim para além do ornamento, o paisagismo como protagonista....	22
1.2. A história do paisagismo como pertencente à história dos ambientes construídos.....	26
1.3. Leberecht Migge e seus leitores.....	29
1.4. Apresentação dos capítulos.....	33
1.5. Notas sobre termos e traduções.....	34
2. ORGÂNICO, GEOMÉTRICO, PAISAGÍSTICO, ARQUITETÔNICO: DISPUTAS PELOS SIGNIFICADOS DO JARDIM MODERNO NA ALEMANHA EM 1900.....	39
2.1. A disputa pela forma do jardim e sua relação com suas transformações de uso.....	41
2.2. O paisagismo em disputa: o <i>Volkspark</i> como produto dos novos tempos	55
2.3. A emergência do paisagismo preocupado com as massas.....	95
3. TRANSIÇÃO DE ESCALAS: O LUGAR DAS ÁREAS VERDES NO PLANEJAMENTO URBANO.....	101
3.1. O planejamento urbano moderno e as adaptações alemãs ao modelo da cidade-jardim.....	101
3.2. Migge em Leipzig: entre jardins expositivos, bairro-jardim e o parque esportivo.....	108
3.3. Migge em Rüstringen: do parque urbano na política de parques às áreas verdes na política verde.....	129
3.4. Direcionando a expansão do verde urbano.....	139
4. A AUTOSSUFICIÊNCIA: DA UTOPIA À REALIDADE.....	147
4.1. O verde político e a autossuficiência: “Manifesto verde” e “Cada um autossuficiente!”.....	149
4.2. A autossuficiência: a centralidade e o problema do assentamento urbano Hof Hammer.....	181
4.3. A autossuficiência pautando o planejamento urbano: o cinturão verde de Kiel.....	202
4.4. O jardim produtivo e a autossuficiência: legados de um <i>outro</i> paisagismo	211
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	225
5.1. Do paisagismo arquitetônico para o paisagismo produtivo.....	225
5.2. Da autossuficiência à soberania alimentar. Outra narrativa possível...	228
REFERÊNCIAS.....	231
ANEXO A - Tradução Manifesto Verde (MIGGE, 1919/1999).....	239

1. INTRODUÇÃO

Onde estão os paisagistas na história da construção de espaços?

O paisagismo, no imaginário do senso comum e mesmo entre alguns colegas de profissão da arquitetura e do urbanismo, diz respeito a “dispor umas árvores e plantas no espaço” — de um jeito bonito, claro. Em que pese esse imaginário ser povoado de figuras importantes do paisagismo brasileiro, como Roberto Burle Marx (para citar o mais conhecido), a discussão do paisagismo no debate da arquitetura e do urbanismo tende a ser marginal. Reitera-se uma impressão de que o paisagismo se equivale ao jardim como ornato, por mais funcional e ambientalmente pertinente que seja. Tal redução esvazia a potência propositora de mundos propiciada pelo paisagismo ao longo do tempo. Pois, se é verdade que jardins e outras tipologias verdes podem se caracterizar pela presença de árvores e plantas, também é verdade que as espécies, seu ordenamento, disposição, uso, além dos aspectos técnicos e tectônicos ou simbólicos e artísticos, são produto e também produtoras de uma dada sociedade, no espaço-tempo que reflete concepções de mundo — tal e qual a arquitetura e o urbanismo.

Esta pesquisa perscruta um desses paisagismos existentes no século XX: a projeção de um mundo rurbano como resposta às crises da cidade do século XIX engendradas pelo avanço da Revolução Industrial. O campo como antídoto para os venenos urbanos. Para isso analisou-se a trajetória de um dos porta-vozes desse discurso, foi Rudolf Wilhelm Leberecht Migge (1881-1935), que atuou em muitas cidades alemãs, colaborando em diversos projetos de moradias sociais e assentamentos rurbanos, as *Siedlungen*, na companhia de nomes proeminentes da arquitetura e do urbanismo moderno das primeiras décadas do século passado: Bruno Taut, Martin Wagner, Ernst May, Adolf Loos, entre outros¹. Apesar da notoriedade desses nomes, e de muitas *Siedlungen* existirem hoje com reconhecimento mundial de patrimônio da humanidade², os nomes dos paisagistas envolvidos nesses projetos são bem menos conhecidos. O encobrimento dos aportes paisagísticos no desenvolvimento da arquitetura e do urbanismo resulta menos de uma simples injustiça do que de leituras e historiografias que tiveram como enfoque privilegiado dessas *Siedlungen* apenas a matéria edificada. Consequentemente, com a exclusão do paisagismo, parte significativa de seu diálogo com a arquitetura e o

1 A respeito dos trabalhos, projetos e relações pessoais entre Migge e os arquitetos mencionados ver publicação de David H. Haney, 2010.

2 A UNESCO reconhece algumas *Siedlungen* como patrimônio da humanidade. Em 2009 seis *Siedlungen* da década de 1920 foram tombadas pela Unesco, duas delas possuem participação de Migge. Último acesso em 30/07/2017. Disponível em: <<https://www.unesco.de/kultur/welterbe/welterbestaetten/welterbe-deutschland/siedlungen-der-berliner-moderne.html>>

urbanismo é clivada, impedindo o vislumbre dos mundos propostos quando esses campos se integram, inclusive aqueles mundos que se projetaram nas *Siedlungen*.

O nome de Migge fornece um bom exemplo para esta discussão: embora tenha gozado de prestígio em sua carreira de paisagista, alcançando cargo de chefia na empresa em que iniciou a profissão, aberto o próprio escritório e desenvolvido projetos pelos quais foi reconhecido como especialista, além de ter sido autor de livros e artigos publicados em diversos periódicos da época — incluindo alguns editados dentro do movimento moderno, como *Der Städtebau* e *Die Form* — e de ter pertencido ao circuito de vanguarda, é uma figura pouco conhecida, inclusive por parte dos arquitetos alemães de hoje em dia. Por que a narrativa dedicada a essas fontes e recortes afastou seu(s) respectivo(s) paisagismo(s) e paisagista(s)?

1.1. O jardim para além do ornamento, o paisagismo como protagonista

Esta pesquisa apresenta um paisagista atuante tanto nos debates interiores à disciplina de paisagismo quanto em temas que ultrapassavam seu escopo normalmente delineado, permitindo traçar aproximações da história do paisagismo com a história do urbanismo e da arquitetura. Contudo, o enfoque não foi uma revisão da historiografia do paisagismo ou da arquitetura e do urbanismo: o ponto de partida foram os textos de Migge e seus contemporâneos, bem como as fontes secundárias referentes a esse paisagista e temas correlatos do momento histórico. Consequências dessa decisão, o aprofundamento das fontes primárias e a marginalidade dos estudos canônicos e das bibliografias consolidadas, permitem, inverter o lugar convencionalmente dado ao paisagismo e ao paisagista na historiografia mais geral.

Migge abandonou aos poucos como clientes majoritários as famílias abastadas e seus jardins residenciais ou parques privados para dedicar-se às massas, ao operário urbano, por intermédio de administrações públicas. As mudanças políticas implicadas pela derrota da Alemanha na primeira guerra mundial, os altos investimentos do Estado na construção de parques e outras obras públicas e a crescente profissionalização técnica do urbanista possibilitaram experimentações paisagísticas de grande escala associadas com os planos de expansão da cidade, como foram os casos dos cinturões verdes, das cidades satélites e dos estudos de abastecimento alimentar da cidade. A partir dessa transição de seu trabalho, lança-se luz sobre as disputas e discussões do paisagismo, sua relação com as transformações sociais e com as novas demandas delas provenientes. Um dos temas iniciais do debate foi o jardim.

No artigo intitulado “Por uma historiografia dos jardins no Brasil” Carlos Terra e

Rubens de Andrade³ declaram que a extensa lista de livros, jornais, dissertações e teses dedicados aos estudos do paisagismo no Brasil nas últimas cinco décadas não produziu a força teórica necessária para tratar do objeto em profundidade, mas ao menos oferece uma oportunidade para ampliar a circulação do tema no país. Dentre os estudos que indiretamente tratam dos jardins, os autores observam o uso de instrumentos teóricos e metodológicos de campos como a história da arte, agronomia, geografia, história, arquitetura, filosofia, entre outros. O que amplia o objeto, “a despeito das suspeitas que isto não ofereça impulso suficiente para o alcance da autonomia do campo, onde o conceito de jardim pudesse ser trabalhado em um sentido mais estrito do termo” ⁴ (ANDRADE, & TERRA, 2016, p.7).

O artigo defende o jardim como ponto de partida da história do paisagismo no Brasil, recuperando fontes bibliográficas e historiográficas desde o século XVIII e XIX, como os diários de viagens de artistas e cientistas estrangeiros como, por exemplo, Humboldt, Spix, Martius, Debret entre outros, até adentrar nos estudos produzidos sobre os jardins desde o início do século XX aos dias de hoje. Uma de suas conclusões que interessa discutir é que a “cultura da paisagem parece estar seguramente comprometida e consolidada com a realidade urbana que interpreta o conceito de jardim e sua evolução como elementos inseparáveis da paisagem” ⁵ (ANDRADE, & TERRA, 2016, p. 8), ou seja, há uma defesa de uma centralidade do estudo dos jardins para a compreensão da história e a organização das cidades brasileiras. Assim, o desenvolvimento da autonomia da história da arte do jardim e seu desenvolvimento em direção a uma possível história do paisagismo propiciaria outra interpretação da história da cidade e da arquitetura. Esta é uma proposta de desenvolvimento, da qual este trabalho se aproxima, no sentido de estabelecer como ponto de partida o paisagismo e dele compreender outros aspectos da história dos ambientes construídos, em se estão inseridos a arquitetura, o urbanismo e o paisagismo.

Por outro lado, este trabalho não se dedicou ao estudo dos jardins e/ou de sua história, embora haja a menção a eles e às disputas ensejadas em sua concepção e do envolvimento de Migge nesses debates; meu interesse concentrou-se principalmente no desenvolvimento de um paisagismo *outro*, pensado para as massas, para o operariado

3 Docentes da Escola de Belas Artes da UFRJ e integrantes do grupo de pesquisa “História do Paisagismo” na mesma instituição.

4 Trecho original em inglês: “[...] despite suspicions that they do not provide the impetus that could lead to the autonomy of this field, where the concept of *garden* could be dealt with in the strictest sense of the term.” Itálico dos autores.

5 Trecho original em inglês: “This leads us to believe that the [...] *landscape culture* (BERQUE, 1994) seems to be firmly committed and consolidated to an urban reality that interprets the concept of the *garden* and its evolution as essential elements that are inseparable from the landscape.”

urbano de família constituída; pensado para a cidade, e esta vista como um organismo pertencente ao sistema dos ciclos sócio-naturais necessários para sua existência: os ciclos dos nutrientes, incluídos aí os resíduos urbanos e domésticos; o ciclo da água, envolvendo seu abastecimento e uso nas cidades; e os ciclos produtivos, em especial os cultivos alimentares. Nesse sentido, abre-se um caminho paralelo ao proposto por Andrade e Terra, uma vez que o ponto de partida deste trabalho encontra-se no interior da história da arquitetura e do urbanismo⁶ e lança luz sobre um paisagismo *outro*, ausente nessas disciplinas, tanto quanto nos estudos comumente abordados pelo paisagismo em si. Ao escalar o paisagismo como protagonista da história, pretende-se revelar outras chaves de interpretação da história da arquitetura e do urbanismo.

Ainda que a discussão do artigo de Carlos Terra e Rubens de Andrade (2016) seja referente ao jardim e à necessidade de uma historiografia, o paisagismo (ao qual, em termos gerais, o jardim está filiado) padece do mesmo problema. Não se observou paralelo dos avanços historiográficos da história da arquitetura, da cidade e do urbanismo no campo do paisagismo: a despeito de inúmeras publicações e contribuições importantes para a história do paisagismo no Brasil, sua ressonância na formação de paisagistas e sua visibilidade entre colegas de campos afins como o urbanismo e a arquitetura ainda é tímida⁷.

Predomina o caráter prático e instrumental das disciplinas de paisagismo nos cursos de graduação; já nas pesquisas acadêmicas de pós-graduação, o campo do paisagismo possui amplitude tal que a história do paisagismo se insere como um dos recortes possíveis, não como campo em si. Se a presença da história do paisagismo não chega a ser nem mesmo operativa na formação profissional, o desenvolvimento de um campo profissional autônomo do historiador do paisagismo, ou se quisermos do historiador do jardim, parece pouco delineado no horizonte.

Na Alemanha, a história dos jardins e a discussão do aprofundamento teórico e metodológico na pesquisa e ensino desse campo também estão em pauta. E ainda que haja diferenças significativas entre o desenvolvimento do paisagismo entre os dois países, como, por exemplo, uma formação exclusiva de arquitetos paisagistas, separada da arquitetura e esta do urbanismo, a queixa é também colocada por autores alemães:

6 Vale ressaltar que a pesquisa se desenvolveu na área de concentração de História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo, embora haja uma área de concentração de Paisagismo no mesmo programa de pós-graduação.

7 Nota-se pouca referência à bibliografia reunida por Andrade e Terra (2016) nas ementas de disciplinas de paisagismo de diversas faculdades de arquitetura e urbanismo, públicas e privadas. Com exceção dos livros de Silvío Macedo, ao qual justamente os autores atribuem como contrabalanço ao desenvolvimento histórico pelo foco mais iconográfico da pesquisa dos jardins e espaços livres. É comum o paisagismo estar atrelado às disciplinas de urbanismo ou de projeto nos cursos de graduação, o que possivelmente reduz as chances de aprofundar questões históricas.

[...] porém a questão a ser respondida se mantém, por que é importante reconhecer a história da arte do jardim, mais do que até agora, como um elemento relevante do cânone da história da arte e incluí-lo mais intensamente no ensino e na pesquisa. [...] Essa diversidade [de disciplinas que se dedicam a pesquisar os jardins] determina a história do jardim como um campo de trabalho transdisciplinar, o que também se aplica à história da arte do jardim. E mesmo se a palavra “arte” for tomada a sério, da qual se pode derivar a reivindicação de que a disciplina de história da arte surja como uma disciplina-chefe no âmbito de uma historiografia da arte do jardim. Mas não é esse o caso, nem no cenário da pesquisa nem no nível institucional⁸ (SCHWEIZER e SCHNEIDER, sem data).

A conclusão dos autores alemães, entretanto, difere da dos colegas brasileiros anteriormente citados, compreendendo a história dos jardins como campo transdisciplinar e indicando as diferentes tarefas a serem enfrentadas pela história da arte quando desenvolvem pesquisas da história do jardim, em relação àquelas elaboradas pela história da arquitetura da paisagem. Para os autores cabe aos historiadores da arte escrever a história do gênero no interior do sistema das artes, ou seja, tecer a história do jardim em relação aos outros gêneros artísticos, como a escultura, a pintura, a arquitetura, bem como perscrutar o desenvolvimento de seus criadores enquanto artistas, entre outros desenvolvimentos metodológicos. Em suma, a história da arte do jardim deve ser discutida com os instrumentos da história cultural no contexto historiográfico da arte. Resta saber as definições disciplinares da história da arquitetura e do urbanismo no que concerne a história do paisagismo.

Esta pesquisa se organizou em torno da produção escrita de Migge e alguns de seus contemporâneos, bem como na análise de projetos de sua autoria. A compreensão de sua produção e discurso foi inserida na história cultural e das instituições, baseando-se em pesquisas anteriores a seu respeito. A partir disso, foi possível dar maior ênfase na pesquisa dos jardins produtivos, tema menos presente na historiografia do paisagismo em geral. Por essa razão, a pesquisa enfocou menos a história do paisagismo, ou sua bibliografia de referência. Entretanto, a partir de um levantamento inicial das pesquisas já realizadas no Brasil e pela experiência docente na graduação em uma disciplina de paisagismo — que ensejou um levantamento sobre a grade curricular das disciplinas de

8 Texto de apresentação do portal temático “História da Arte do Jardim” da página eletrônica Arthistoricum, assinado por Stefan Schweizer e Verena Schneider, sem data. Trecho original em alemão: “[...] Doch bleibt die Frage zu beantworten, warum es wichtig ist, Gartenkunstgeschichte, stärker als das bis dato geschieht, als relevantes Element des kunsthistorischen Kanons anzuerkennen und in Lehre und Forschung stärker einzubeziehen. (...) Diese Vielfalt bestimmt die Gartengeschichte als transdisziplinäres Arbeitsfeld, was auch auf die Gartenkunstgeschichte zutrifft. Es ist das Wort „Kunst“, wenn man es denn ernst nimmt, aus dem sich der Anspruch ableiten lässt, dass das Fach Kunstgeschichte im Rahmen einer Gartenkunsthistoriographie als eine Leitdisziplin auftritt. Dem ist aber nicht so, weder mit Blick auf die Forschungslandschaft noch auf der institutionellen Ebene.” Último acesso em 08/10/2019. Disponível em: <<https://www.arthistoricum.net/themen/portale/gartenkunstgeschichte/>>

paisagismo em cursos de graduação de arquitetura e urbanismo —, percebi uma defasagem do paisagismo em relação aos avanços da história da arquitetura e do urbanismo. O que me instigou, pois nos trabalhos históricos da arquitetura e do urbanismo o paisagismo permanece na periferia, enquanto que quem se debruçou sobre a história do paisagismo privilegiou a história dos jardins históricos ou dos modernos extremamente desenhados e controlados, a assimilação do paisagismo francês no Brasil nos séculos XVIII e XIX, ou ainda a trajetória de paisagistas brasileiros consagrados ou importantes para a consolidação do campo profissional e formativo.

1.2. A história do paisagismo como pertencente à história dos ambientes construídos

Este trabalho quer compreender a história do paisagismo no interior da história dos ambientes construídos — aqui compreendidos como todo e qualquer espaço construído pelo homem, inclusive os não edificadas, como jardins e hortas — à qual as histórias da arquitetura, do urbanismo e da cidade se filiam. Isto porque se identificou que a história do paisagismo não acompanhou com a mesma autonomia a “virada” historiográfica feita pela história da arquitetura e da cidade. A história do paisagismo se confunde, em geral, com a história dos jardins, ou dos paisagistas compreendidos como “gênios”, “excepcionais” ou “pioneiros”⁹. Essa abordagem tanto dificulta olhar para lutas perdidas, quanto reduz o espaço para valorizarmos trajetórias complexas. Reiteram-se as narrativas vitoriosas e muito pouco se iluminou as disputas perdidas, os discursos controversos, as ruas sem saída. Esta dissertação trata de outras vertentes do paisagismo que possuem sua história: o paisagismo arquitetônico e o paisagismo produtivo. Para contar essa *outra* história, Migge se sobressai como um personagem que integrou e adaptou conceitos e discursos de outras áreas ao paisagismo, através das quais disputou o protagonismo na construção de ambientes. Ao mesmo tempo que foi uma figura controversa, aproximando-se do nazismo¹⁰ nos anos 30.

A renovação historiográfica ocorrida na Europa a partir da década de 1920, fundamentalmente com a Revista dos *Annales*, rompeu com a concepção de tempo linear e positivista no campo da história, onde parecia haver um sentido teleológico de evolução

9 Frisa-se que há trabalhos que tratam do desenvolvimento profissional e da formação (TAMARI, 2017) ou ainda a relação de gênero problematizada em seu reconhecimento no movimento moderno (PERECIN, 2003), entre outros trabalhos mais consagrados sobre a história do paisagismo colonial (SEGAWA, 1993). Apesar deles, o paisagismo não consolidou historiadores do paisagismo tal como se desenvolveu na arquitetura e urbanismo.

10 Migge faleceu em 1935, embora não tenha sido perseguido era visto com desconfiança pelos representantes do partido e por isso não recebeu comissões de projetos nesse período. Sua simpatia pelo nazismo apenas o isolou à esquerda e à direita, o que seguramente contribuiu para seu esquecimento.

e progresso. O campo da história da arquitetura moderna tardou em acompanhar tais revisões e manteve um compromisso tácito ou declarado com a prática da arquitetura com o propósito de legitimar a trajetória de alguns profissionais iluminados, em detrimento de outros. A despeito das diferenças metodológicas, os historiadores da arquitetura da primeira geração (aproximadamente do fim do século XIX até o pós-segunda Guerra Mundial), como Nikolaus Pevsner, Siegfried Giedion e Adolf Behne, todos historiadores da arte, tinham em comum uma postura engajada no modo de fazer história, buscando construir a narrativa do movimento moderno e apontando suas “origens” e destacando seus “pioneiros”. A mudança ocorreu na crise do movimento moderno, após a segunda Guerra, com a segunda geração de historiadores-arquitetos, como Leonardo Benevolo, Reyner Banham (historiador-engenheiro) e Bruno Zevi, que buscaram outras linhagens de formação da arquitetura moderna e, embora ainda fizessem da história da arquitetura instrumento operativo na formação do arquiteto, eram críticos à geração anterior. A terceira e atual geração¹¹ de historiadores, encampada inicialmente por Manfredo Tafuri, como o primeiro que defendeu o afastamento da prática arquitetônica pelo historiador¹². A assimilação da renovação historiográfica da história (e de outros campos do conhecimento) pela história da arquitetura coincide com o estabelecimento do campo profissional da história da arquitetura e da instituição dos primeiros programas de pós-graduação na área.

Durante as investigações a respeito de Migge à luz da história da arquitetura e do urbanismo, a fragilidade bibliográfica destes campos em relação à história do paisagismo se evidenciou. A historiografia canônica da arquitetura e do urbanismo se desenvolve ao largo dos estudos de paisagismo, com raras menções à bibliografia especializada e reiterando análises sem maiores desenvolvimentos¹³. Dentre autores que tratam do período de interesse, as primeiras décadas do século XX no território germânico, predominam incursões sobre o *Werkbund*, a Bauhaus e as *Siedlungen* nos trabalhos dedicados à história da arquitetura (BANHAM, 1980; FRAMPTON, 1997; COLQUHOUN, 2004; BENEVOLO, 2004); a história do urbanismo destaca as cidades-jardim a partir dos postulados de Ebenezer Howard e Raymond Unwin (BENEVOLO et al., 2000; CHOAY, 2005) e também desenvolve análises sobre as *Siedlungen* (HALL, 1995; CALABI, 2012).

11 Hoje em dia são muitos os historiadores da arquitetura e do urbanismo, com distintas abordagens e pesquisas: Adrián Gorelik, Anthony Vidler, Collin Rowe, Gwendolyn Wright, Joan Ockman, Paul B. Preciado, entre outros.

12 Elaborado a partir das anotações de aula da disciplina AUH5859, ministrada pelo Profº. Dr. José Tavares Correia de Lira.

13 Ressalta-se que a consulta de bibliografia privilegiou aquela dedicada ao recorte temporal (fim do século XIX e primeiras décadas do século XX) na Alemanha. Destaca-se como exceção a referência bibliográfica em Benevolo (2012) a Jellicoe (1995).

Embora o tema convergente das *Siedlungen* nesses trabalhos ganhe destaque tanto para a arquitetura quanto para o urbanismo na “gênese do que se pode chamar de espaço urbano modernista” (COLQUHOUN, 2004, p. 211) ou de sua capacidade de “acolher os princípios da estandardização modular, da pré-fabricação dos painéis como imagens metafóricas da linha de montagem” (CALABI, 2012, p. 245), a literatura discorre muito pouco sobre o espaço livre e sua relação com o conjunto ou a cidade. Algumas das *Siedlungen* mais citadas pela bibliografia consultada, a saber, Römerstadt (Hedderheim) em Frankfurt a. Main e Hufeisensiedlung (Britz) em Berlim, sob coordenação de Ernst May e Martin Wagner respectivamente, foram projetos desenvolvidos com a colaboração de Leberecht Migge, ausente até mesmo das notas de rodapé.

Como integrar a história do paisagismo aos estudos que se dedicam aos espaços construídos? Para esboçar um caminho possível nesta tarefa por fazer, Nancy Stieber (2006) traz avanços na compreensão da história da arquitetura — ou ainda, para pensar um termo mais amplo e inclusivo, da história dos ambientes construídos — como um objeto dialético ao mesmo tempo que auxilia outros historiadores a explicarem seus objetos, enquanto ele próprio demanda explicações. A convergência das disciplinas da história para uma *guinada visual*¹⁴ nas últimas décadas reposiciona a importância de se compreender o meio construído, bem como seus meios de expressão e linguagem (UMBACH, 2006, p. 14) para além do campo disciplinar da história da arquitetura. Apesar do interesse comum em usar o ambiente construído como evidência para a compreensão de processos históricos, os métodos de análise e leitura visuais do espaço e a aplicação do conhecimento específico da arquitetura ainda se restringem, em grande medida, aos historiadores da arquitetura, o que se apresenta como desafio desse campo em tornar as considerações internas da arquitetura acessíveis aos outros (STIEBER, 2006, p. 5). A arquitetura ganhou outro relevo enquanto evidência histórica com a *guinada espacial* identificada em alguns autores da história cultural: ela auxilia a responder questões sobre as relações do espaço público com a formulação da vida cívica ou como o espaço doméstico media as relações familiares e a vida cotidiana (STIEBER, 2006, p.5).

Nesse sentido, José Lira valida esta acepção quando afirma que um dos trunfos da historiografia mais recente, consolidada nos espaços acadêmicos, “é o investimento na *condição inevitável* da arquitetura como *arte social, produzida socialmente e inseparável das instruções da política e da cultura*, da encomenda e do interesse, do desejo e do consumo das massas e, mais do que isso, *de uma recepção eminentemente tátil* [itálicos nossos], tal a sua inscrição imediata na cidade” (LIRA, 2011, p. 15). Parece adequado

¹⁴ No original *pictorial turn*, segundo Maiken Umbach (2006) a expressão foi cunhada por W.J.T. Mitchell em “Picture Theory” (1994) e inspirada no *linguistic turn* de Richard Rotry. Nancy Stieber (2006) faz referência a um *spatial turn*.

ampliar esta interpretação para o estudo da história do paisagismo no interior do fazer historiográfico dos ambientes construídos, pois atuam sobre o paisagismo essas mesmas forças políticas e culturais que o tornam produto socialmente construído e no qual se evidenciam legitimidades, temporalidades, práticas econômicas e, em especial identidades nacionais e representações da paisagem urbana e rural¹⁵ (STIEBER, 2006, p.5).

Se, por um lado, nos afastamos do jardim, público ou privado, enquanto forma estilística e artística e observado a partir da teoria da história da arte, por outro, pretendemos discutir o paisagismo na perspectiva da história dos espaços construídos, como protagonista na enunciação de mundos que respondiam às transformações socioculturais do início do século, que dialoga, ora convergindo, ora divergindo, com as representações de mundo propostas pelas vanguardas da arquitetura e do urbanismo. Esta relação se estabelece principalmente por meio do estudo dos jardins produtivos propostos por Migge como células-tipo de ordenamento do território no desenvolvimento de novos assentamentos rurbanos, ou de colônias-jardim em áreas de expansão das cidades alemãs. Em resumo, objetivamos o estudo do paisagismo arquitetônico e da *autossuficiência* — termo usado por Migge em 1918 e que se tornou sua meta profissional — em relação ao desenho de cidade e como proposta de mundo. Um ponto de partida de pesquisa que pretende contribuir para o avanço da discussão da história do paisagismo como uma centralidade interpretativa no desenvolvimento das cidades.

15 A construção da identidade nacional através do paisagismo possui muitos exemplos na história, o presente trabalho aborda o tema brevemente no próximo capítulo.

1.3. Leberecht Migge e seus leitores

Dentre os estudos já realizados, constam monografias e algumas pesquisas mais aprofundadas: são pesquisas feitas em sua maioria no território alemão, o que reduz seu acesso a outros públicos não falantes desse idioma. Migge foi resgatado do ocaso na década de 1970, no período em que as ideias ecológicas foram introduzidas no discurso acadêmico, pela arquiteta-paisagista Inge Meta Hülbusch, considerada a primeira pesquisadora de Migge. O livro organizado pelo sociólogo Lucius Burckhardt (1978) sobre o Werkbund, onde contribuiu com um capítulo. O texto enfoca a proposta da autossuficiência como concepção de um paisagismo socialmente engajado. Nele, Hülbusch diferencia o trabalho de Migge de contemporâneos por deslocar seu interesse para questões urbano-industriais, enquanto boa parte estava dedicada às tradições paisagísticas burguesas. Na mesma publicação, Inge Maass relaciona o desenvolvimento do *Volkspark* (parque público) no início do século XX às lutas por direitos da classe trabalhadora e problematiza a contribuição ou envolvimento dos paisagistas nesta reformulação.

Na Universidade de Kassel (*Gesamthochschule Kassel*) em 1981, Jürgen von Reuß organizou com colegas, incluindo Hülbusch, o centenário de nascimento de Leberecht Migge com uma exposição¹⁶ e a publicação de um livro que reunia artigos dos pesquisadores e uma seleção de escritos de Migge. Na referida publicação, os três artigos de Reuß versam sobre a trajetória do paisagista, salientando seus experimentos de cultivo e formação de colonos em Worpsswede; ou ainda a diferenciação que Migge estabeleceu entre *Gartekultur* e *Gartenkunst* (Cultura de jardim e Arte de jardim) nos debates travados em artigos e livros sobre o movimento de reforma do paisagismo; e seus impactos em temas sensíveis da época como a socialização¹⁷ dos parques públicos. Reuß seguiu pesquisando Migge e reeditou, em 1999 um livro do paisagista intitulado *Der soziale Garten – Das grüne Manifest*¹⁸.

Além dele, assinam os outros artigos Lucius Burckhardt, tratando a relação entre Migge e o *Werkbund*, Klaus Stadler, professor da Escola de Agronomia de Weihenstephan, ressaltando o uso de plantas e técnicas do *neuer Garten* (novo jardim ou jardim moderno, referência ao *neues Bauen*), Günther Uhlig, arquiteto e professor da Universidade Técnica de Aachen, relacionando as propostas de *Siedlung* do paisagista e seu significado na

16 A exposição foi realizada e financiada pela *Bundesgartenschau* (Exposição Nacional de Jardins) ocorrida na cidade de Kassel naquele ano. Estiveram envolvidos não só pesquisadores e professores da Universidade de Kassel, mas de outras cidades, como Aachen e Weihenstephan.

17 O termo em alemão *Sozialisierung* foi bastante debatido e defendido no âmbito das reformas social-democratas da República de Weimar.

18 O livro é uma reedição do livro *Deutsche Binnenkolonisation – Sachgrundlagen des Siedlungswesen* originalmente publicado em 1926. Jürgen von Reuß assina o epílogo.

reforma política recuperando as pautas de assentamento em diversos movimentos: dos trabalhadores, da juventude e dos anarquistas. Contribuíram ainda na publicação Heidrun Hubenthal, professora na Universidade de Kassel, com um artigo sobre a desconfiança na assistência social (*Fürsorge*) e a prevalência da ajuda mútua (*Selbsthilfe*) e sua correlação com as propostas de *Siedlung*, trazendo como estudo de caso os projetos elaborados por Migge de Römerstadt e Prauheim; e Michael Wilkens, também professor em Kassel, cujo artigo apresenta as discussões de Migge sobre o funcionalismo do jardim nas prerrogativas estéticas do modernismo, aludindo a Maquina e referenciando um dos grandes representantes do funcionalismo, Le Corbusier.

Ainda no final da década de 80, há o trabalho de Gerlinde Krause, atualmente professora de paisagismo da Escola Superior de Erfurt, que estudou em seu doutorado o desenvolvimento do urbanismo ecológico naquilo que a obra e os efeitos do paisagismo de Leberecht Migge impactaram no urbanismo socialista na antiga República Democrática Alemã (Alemanha Oriental). Por fim, já nos anos 2000, Martin Baumann, hoje em dia atuante na conservação de jardins na secretaria do patrimônio e arqueologia do estado da Turíngia, publicou seu doutorado sobre o desenvolvimento do planejamento dos espaços livre a partir do estudo das *Siedlungen* projetadas por Migge nos anos 20.

Além das fronteiras alemãs, destaca-se o trabalho de David H. Haney, arquiteto inglês, professor na Universidade de Kent. Haney desenvolveu seu doutorado na Universidade da Pennsylvania e se debruçou sobre a vida e a obra de Leberecht Migge, publicando sua pesquisa em 2010 no livro *When Modern was Green — Life and work of landscape architect Leberecht Migge*, sendo o trabalho biográfico mais completo realizado.

Haney classifica a produção do paisagista em quatro eixos temáticos relacionados a períodos específicos da sua biografia: o jardim arquitetônico (1900 - 1913), o jardim social (1913 - 1924), o jardim tecnológico (1924 - 1930) e o jardim biológico (1930 - 1935). A pesquisa de Haney possui abrangência e acuidade na trajetória e obra de Migge, usando como fonte cartas, artigos, projetos publicados entre outros documentos de época. O autor contextualiza a produção científica e cultural tecendo suas relações e predominâncias na formação e produção do paisagista, de forma a reconstruir os precedentes teóricos e históricos, nos campos do conhecimento biológico e científico, além do arquitetônico. Essa classificação, porém, delineia uma narrativa de transformação da prática e preferência profissional do paisagista. Embora haja nos períodos definidos pelo autor uma ênfase maior em alguns assuntos, ela é menos uma cisão ou inflexão do que uma continuidade. O destaque temático para qualificar a obra de Migge é produzido pelo recorte narrativo do autor. Além desse trabalho, Haney também publicou artigos, como *“Envisioning of revolution of garden”* (2007) em que discute o *Manifesto Verde* e o livro *Cada um*

autossuficiente! de Migge em seus aspectos políticos e culturais. Posteriormente, em 2013, David Haney traduziu e reeditou o livro de Migge “*Garden Culture of the Twentieth Century*”.

Os livros e textos mais recorrentemente citados e referenciados de Migge na bibliografia foram justamente esses: “*Das grüne Manifest*”, “*Jedermann Selbstversorger!*” e “*Gartenkultur des 20. Jahrhunderts*”. Eles apresentam de modo consolidado o pensamento de Migge e foram talvez os textos de maior impacto de todo o conjunto escrito. O trabalho de Haney (2010) aborda e trata de outros textos e artigos, assim como a publicação de Reuß (1981), que reproduz alguns dos artigos do paisagista. No primeiro há uma variação do peso e análise dos artigos, em sua maioria são usados para reforçar a narrativa biográfica de Haney, trazendo nuances da personalidade, os conflitos e desavenças pessoais; de outra parte, marcam alguns momentos importantes da carreira profissional. Já no último, os artigos reproduzidos têm certa autonomia em relação aos textos dos autores anteriormente citados.

Na Espanha, há três pesquisadores que publicaram artigos a respeito de Migge: Isabel de Cárdenas (2009) publicou uma tradução¹⁹ do *Manifesto Verde*, situando brevemente o paisagista com base em Maass, Hülbusch, Haney e outros autores italianos. Marta García Carbonero, professora adjunta na disciplina “*Paisaje y jardín*” da Universidade Politécnica de Madrid, publicou um artigo (2017) que trata dos cemitérios e memoriais de Guerra elaborados por Leberecht Migge e Harry Maasz à luz dos movimentos de reforma de parques e jardins. David Arredondo Garrido (2018), pós-doutorando na Universidade de Granada, analisou quatro projetos de *Siedlungen* executados e ainda existentes, investigando a influência de Migge na premissa produtiva dos jardins nesses projetos. Os projetos analisados são: Heuberg, em Viena de autoria de Adolf Loos (1921-1923), Römerstadt, em Frankfurt de autoria de Ernst May e Migge (1926), Knarrberg, em Dessau de autoria de Leopold Fischer e Migge (1926) e Törten, também em Dessau de autoria de Walter Gropius (1926-1928). Ressalta-se que os últimos dois artigos se baseiam em geral no trabalho de Haney, no que tange a biografia do paisagista, por outro lado trazem novidade em leituras com enfoques mais aprofundados em seus respectivos temas.

O acesso aos originais de seus projetos só foi possível a partir de 2016, uma vez que seu espólio era tido como perdido: Migge havia aberto um escritório em Berlim, deixando sua família na propriedade de Worpsswede; após sua morte, a família vendeu parte da propriedade (HANEY, 2010, p. 261-263). Até a recente revelação da existência de

¹⁹ A tradução do *Manifesto Verde* do alemão para o espanhol foi realizada por Caren Hellmuth. Tomei conhecimento dos autores italianos, Marco De Michelis e Ludovica Scarpa no período de conclusão do texto, o que impossibilitou incorporá-los a essa dissertação.

originais, toda a produção iconográfica a que se tinha acesso era proveniente das próprias publicações de Migge, que divulgou amplamente seu trabalho em revistas e livros. Outra fonte mais dispersa eram os arquivos de cidades para as quais foi comissionado ou acervos conservados de colegas arquitetos com os quais colaborou²⁰. Essa descoberta lança nova luz sobre a produção do paisagista: em 2016 foram localizados 320 originais, pertencentes ao arco temporal de 1910 a 1920. A respeito desse acervo (A:ASLA), ressaltamos alguns detalhes: conforme dito, trata-se de um apanhado parcial da obra de Migge encontrado entre o espólio de projetos do paisagista suíço Walter Leder²¹, doado por seus herdeiros em 2016 para a Fundação Suíça para a Arquitetura da Paisagem (SLA), que, em conjunto com a Escola Técnica Superior Rapperswil (HSR), instituiu o Arquivo da Arquitetura Paisagística Suíça (ASLA) para manter os espólios. A pesquisa no arquivo avançou desde então e, em outubro de 2018, seu diretor, o professor da HSR Hansjörg Gadiant, a curadora e pesquisadora, Sophie von Schwerin, e o pesquisador assistente, Simon Orga publicaram o livro bilíngue (alemão e inglês) *Migge. The Original Landscape Designs*, que apresenta uma seleção dos originais com alguns textos introdutórios.

A partir do livro nota-se que o conteúdo do acervo traz grande diversidade de tipologias e encomendas, somando 53 projetos documentados. Trata-se desde projetos de jardins residenciais, parques privados e quintas de clientes abastados, parques públicos e planejamentos urbanos, *Siedlungen* e experiências de parcelas hortícolas até cemitérios e memoriais de Guerra. Porém, o maior volume refere-se aos projetos privados, 27 do total, o que não é representativo da atuação profissional de Migge como um todo. Os projetos variam em seu conteúdo documental: tem-se desde esboços, projetos e variações de solução, detalhes arquitetônicos de construções e mobiliário, até o projeto de plantio com listagem das espécies. O projeto da Quinta Ury possui um grande número de originais (46 folhas, das quais 27 são apresentadas no livro), possibilitando acompanhar o processo de desenvolvimento do projeto, desde os estudos e variações até o detalhamento (GADIANT, SCHWERIN e ORGA, 2018, p. 17).

A presente pesquisa tem Haney (2010) como principal referência, no entanto, se diferencia por abordar com maior ênfase a permanência de aspectos projetuais e discursivos relativos ao paisagismo produtivo (produção de alimentos e sua relação com a cidade e o campo) e investiga seus prenúncios em temporalidades distintas das apresentadas por Haney. A pesquisa permitiu reconhecer, por exemplo, que as

20 Fontes amplamente utilizadas por Haney.

21 Walter Leder trabalhou para Migge entre 1918 e 1920, assume-se que na ocasião em que Migge fechou seu escritório em Hamburg tenha oferecido seus originais ao seu funcionário por falta de espaço no novo empreendimento em Worpswede (GADIANT, SCHWERIN e ORGA, 2018, 15).

preocupações sociais estão presentes no texto de 1909²² e as discussões formais voltam a ocupar artigos em meados da década de 20. Ou seja, há um amadurecimento profissional com continuidade temática, algo menos explorado no referido livro.

Esta pesquisa pretende se inserir no conjunto bibliográfico sobre Migge e o desenvolvimento do seu trabalho, apresentando-os ao público brasileiro. Compreende-se como colaborações da pesquisa a recomposição da linhagem do paisagismo produtivo a partir das formulações da vertente *arquitetônica* e o uso desta concepção como chave interpretativa da projeção de um mundo urbano idealizado por Migge.

1.4. Apresentação dos capítulos

Para apresentar um ponto inicial da narrativa — digamos, com muitas aspas, a “origem” desse paisagismo —, foi preciso situar o contexto de sua formação, que esbarra na história dos jardins e se vale dela para diferenciar os valores conceituais, estéticos e estilísticos entre as vertentes, *paisagística* e *arquitetônica*, que naquele momento disputavam a dominância espacial e cultural na Alemanha. O capítulo I tem como marcos temporais 1902 e 1913. Nele se desenvolve quais as ideias fomentaram o movimento de reforma (ala *arquitetônica*) e em que contexto sociocultural ele foi assimilado. Retomam-se os traços culturais e relação entre profissionais e instituições formadoras dos conceitos perseguidos pela vertente e apresentam-se algumas formulações do que seria o parque público sob a ótica de três diferentes paisagistas, dentre eles Migge, para colocar sua proposta em perspectiva, aproximando e diferenciando seus aspectos principais.

Com o concurso do parque de Hamburgo, um caso exemplar das disputas entre as vertentes, demonstra-se como Migge, um jovem empregado em um escritório de destaque naquela cidade, interviu nos debates e pôde, com isso, receber atenção de críticos e colegas de profissão. Dessa intervenção surgiram suas primeiras formulações a respeito do parque como fator social e da importância de esse espaço ofertar áreas de cultivo e jardinagem para aqueles que não possuem seu próprio jardim. As formulações do parque público ensejaram o aprofundamento dos debates no interior da vertente *arquitetônica* e lançaram luz sobre as diferentes compreensões do papel social de um parque público e quais demandas deveriam ser atendidas, alterando sua forma a partir de um novo uso. O capítulo II enfocou o período de 1910 e 1917 e apresenta outra fonte de referências para o paisagismo executado por Migge: o urbanismo. Situa-se a circulação de ideias entre os países anglófonos e a Alemanha desde o fim do século XIX. Dentre as ideias mais importantes estão a conformação de uma paisagem urbana como um conjunto coeso a

²² Livro “*Hamburger Stadtpark und die Neuzeit*” (O parque da cidade de Hamburgo e a Modernidade) livro que trata do resultado do concurso para o parque, advogando pelo projeto de linhas *arquitetônicas*. Ver mais no capítulo I do presente trabalho.

partir dos princípios urbanísticos de Camillo Sitte e as adaptações alemãs para o desenvolvimento das cidades-jardim. Sua relação com o desenvolvimento projetual de Migge exibe exemplos de parques em duas cidades, Leipzig e Rüstringen, além de um projeto de bairro-jardim, jardins expositivos e a elaboração de um plano de política verde. O último capítulo, com ênfase nos anos de 1918 a 1927, trata de um conjunto de experiências de Migge, especialmente aquelas desenvolvidas na cidade de Kiel, capazes de configurar os contornos do paisagismo pesquisado, sejam os principais elementos formativos e conceitos norteadores, sejam os limites e obstáculos para sua difusão, discutindo a questão da autossuficiência, termo utilizado por Migge desde pelo menos 1918.

1.5. Notas sobre termos e traduções

A formação do campo profissional do paisagista foi marcada por uma longa discussão da identidade da disciplina e do escopo do trabalho, revelando contrariedades entre esses tópicos. O paisagismo como hoje se reconhece se desenvolveu ao longo do século XIX, e seus fundadores possuíam uma variedade de posições a respeito da atuação profissional: desde aquelas que incorporavam uma tradição de jardinagem paisagística até aqueles que defendiam a paisagem como arte arquitetônica e urbana (WALDHEIM, 2014, p. 187). Tais discussões no interior do campo refletiram no debate sobre a nomenclatura da profissão desde o seu início, no século XIX²³. Durante cerca de cem anos, desde meados do século XIX, existiam na Alemanha muitos nomes para designar um paisagista: *Gärtner*, *Gartengestalter*, *Gartenarchitekt*, *Gartenkünstler* (respectivamente e literalmente: jardineiro, criador de jardim, arquiteto de jardim, artista de jardim). A ambição de Migge em formular um campo de atuação próprio o motivou a se autodenominar “arquiteto para a horticultura”, *Architekt für Gartenbau*, revelando seu foco de trabalho e interesse. Ao mesmo tempo evidencia a variedade de direções possíveis do desenvolvimento profissional para acompanhar as mudanças culturais e sociais em curso no início do século XX.

Todos esses termos acima elencados designam, de alguma forma, o profissional que atua no desenvolvimento espacial dos espaços livres de edificação e foram traduzidos no presente trabalho como “paisagista”. As nuances de significado entre cada um

²³ Waldheim trata do paisagismo anglo-saxão e sua relação com as formulações da profissão do paisagista entre Inglaterra e EUA com a França. Entretanto identifico proximidade das discussões do mesmo período na Alemanha. Enquanto na Inglaterra a referência ao paisagista era comumente *landscape gardener*, na França se consolidou a nomenclatura *architecte paysagiste*. Nos EUA, impulsionado por Olmsted em suas viagens à França, a profissão se estabeleceu sob o nome *landscape architect*. Waldheim discute sobre a ênfase dos estudos do paisagismo serem mais intensos na etimologia de paisagem, *landscape*, e pouco se tratar do significado do termo arquitetura e seus rebatimentos na identificação e atuação profissional.

referem-se à formação, identidade profissional e atuação, e definiram parte das discussões sobre os rumos da atuação do paisagista na virada do século XX: os paisagistas *paisagísticos* e os *arquitetônicos*. O termo *landschaftlich*, paisagístico, era usado para designar um estilo de jardim e paisagismo a partir dos motivos do jardim inglês do século XVIII. Já a denominação *architektonisch*, arquitetônico, era atribuído aos projetos da vertente que defendia a reforma dos parques e jardins que formalmente se caracterizava pelo desenho geométrico e a busca por modelos do paisagismo baseados em aspectos da identidade alemã, refutando, portanto, o paisagismo *paisagístico*.

O vocábulo “jardim” em alemão, *Garten*, reúne uma variedade de composições substantivas, as *Komposita*, que derivam seu significado mais comum para espaços especializados. Normalmente associado ao cultivo de plantas e, portanto, supondo o trabalho humano, as espécies empregadas em um jardim “podem ter uma finalidade ornamental, útil ou científica” (ARAGÃO, 2008, p. 27). A horta então é um jardim? A separação entre horta e jardim no alemão é difícil, inclusive etimologicamente, *Gartenbau*, horticultura, *Gartenarbeit*, jardinagem. Seu significado é alterado pelo tipo de trabalho do homem sobre o jardim²⁴. Os espaços verdes especiais que ampliam a ideia de jardim possuem denominações como *Kleingarten*, *Schrebergarten*, *Pachtgarten* e *Laubengarten* e surgiram em meados do século XIX. Estes jardins reunidos em centenas conformam o *Kleingärtenland*, *Pachtland*, *Laubenkolonie*, etc. Estas áreas possuem legislação própria que as institui como “colônias-jardim”. A unidade de jardim dessas colônias foi traduzida como “parcela de jardim arrendável” ou “parcela hortícola arrendável”, uma vez que em geral não são áreas próprias dos sujeitos que as utilizam.

Conforme a legislação alemã atual, um *Kleingarten* é um jardim cujo usuário realiza atividades de jardinagem sem fins comerciais, mas especialmente a produção hortícola para próprio consumo e para descanso e recreação, situando-se em área com outros jardins e com espaços de uso comum, como, por exemplo, parquinhos e construções para reuniões de associações. Excluem-se das definições de um *Kleingarten* aqueles jardins de propriedade privada isolados, os que estão relacionados aos usos habitacionais (jardins residenciais), aqueles cedidos por contrato de trabalho pelo empregador (jardins do trabalhador), aqueles cuja produção hortícola for determinada por contrato, e aqueles

24 Martin Heidegger tem um texto interessante para pensar a relação do construir, *bauen*, do cultivar, *bauen*, e do ser, *sein*: “Construir, queremos dizer, não é só um meio do habitar, uma via que conduz a ele, construir já é, por si só, habitar. [...] Quando a palavra *bauen* ainda fala sua linguagem de origem, ela diz ao mesmo tempo até onde se estende o ser da “habitação”. *Bauen*, *buon*, *bhu*, *beo* são, com efeito, a mesma palavra que o nosso *bin* (sou). Que quer dizer então *ich bin* (eu sou)? A velha palavra *bauen*, da qual deriva *bin*, responde-nos: “eu sou”, “tu és”, querem dizer: eu habito, tu habitas. (...) o homem é enquanto *habita*, esta palavra *bauen*, todavia, significa também: murar e cuidar, especialmente cultivar um campo (HEIDEGGER apud CHOAY, 2005, p. 346-347)

passíveis de plantio por contrato restrito de apenas um ano. A legislação destaca os *Dauerkleingarten*, como áreas de *Kleingarten* determinadas previamente no planejamento urbano para esse fim. A respeito da construção do abrigo, *Gartenlaube*, determina que sua área construída não pode exceder 24 metros quadrados, não permitindo seu uso como moradia permanente. A área total do jardim não pode ser maior que 400 metros quadrados (SENAT-BGBL, 2006).

As propostas de Migge, a partir de 1921, designadas como “jardins produtivos”, diferem-se do *Kleingarten* por incluírem o uso dos jardins parcelados arrendáveis aos assentamentos de moradias sociais, as *Siedlungen*, estabelecendo moradia e área de jardim para produção hortícola como uma unidade, definindo outras relações entre o campo e a cidade e do próprio morador com a terra. Além disso, sua área mínima foi dividida entre uso intensivo, próximo da moradia, com a extensiva, normalmente organizada em conjuntos e incluindo equipamentos de uso comunitário tanto produtivos quanto de lazer. O modelo de jardim produtivo de Migge compreendeu o desenvolvimento de colônias agrícolas, *Siedlungen*, cinturões verdes e planos urbanos de expansão de grandes cidades alemãs. E, em alguns casos, indicava áreas de produção para fins comerciais.

Por fim, outra definição essencial a elucidar é o termo “rurbano”. Migge utilizou em seus textos o vocábulo *Stadt-Land*, literalmente cidade-campo, para designar sua concepção conciliatória e dependente destes dois agrupamentos humanos recorrentemente contrastados. Sua proposta não diferenciava as entidades, uma vez que propunha a autossuficiência como “solução econômica” das cidades no pós-guerra e que o indivíduo ideal para cultivo hortícola era o habitante da cidade. Logo, reunia atividades rurais às urbanas, e tinha como referência cultural os ideais urbanos da técnica, da industrialização e racionalização para aumentar a produtividade hortícola.

Gilberto Freyre detalha as razões pelas quais ele defende um desenvolvimento e políticas rurbanos para o Brasil, se autodeclarando, inclusive, um “rurbanista do Recife” (FREYRE, 1982, p. 16), recuperando o desenvolvimento econômico predominantemente rural do Brasil desde o período colonial, na qual se desenrolam conseqüentemente as relações sociais. Entretanto, o autor aponta para o diferencial da sociedade colonial, que em sua base é fundamentalmente rural, porém possuiu desde o início características urbanas essenciais: sejam nos costumes e hábitos sociais advindas da população portuguesa migrante, sejam nas relações intrínsecas das localidades rurais com os portos e as cidades além-mar. Notam-se algumas aproximações importantes entre as definições e Freyre (1982) e Migge (1918; 1919; 1999), permitindo analogias de momentos históricos e contextos culturais tão distintos: para Freyre, o ponto característico da rurbanidade é a

reciprocidade rural-urbana em seus aspectos sociológicos, econômicos e éticos (relacionados ao *ethos* da população): sugere a rede, no caso brasileiro, como o objeto cultural polivalente presente tanto em espaços rurais quanto urbanos, com trânsito de apropriações nos dois sentidos, e defende a política rurbana como caminho seguro à conciliação de desenvolvimento com integração nacional²⁵ (FREYRE, 1982, p. 20).

A escalada quase mágica dos conhecimentos científicos e sua natural repercussão tecnológica anularam as clássicas diferenças das áreas, especificamente, identificadas como urbanas ou rurais. O modelo definidor de um futuro que já amanhece é o da integração de espaços, esforços, em que, por exemplo, atividades primárias e secundárias se complementam e integram no jogo econômico, sem vocações imperialistas, beneficiando-se o trabalhador, em quaisquer hipóteses, de idênticas vantagens do desenvolvimento (FREYRE, 1982, p. 17).

Migge também defendeu uma reconciliação entre cidade e campo, compreendendo ambos como partes interdependentes de um todo. A cidade ofertaria insumos importantes ao campo, o adubo e compostos provenientes da gestão de seus resíduos, enquanto o campo garantiria o abastecimento alimentar da população. Para Migge não havia distinção sociológica entre o homem “urbano” e o “rural”, o tipo de cidadão ideal para ocupar seus projetos seria o operariado urbano com família constituída que se estabelece no assentamento rurbano enquanto novo homem do novo tempo. As propostas de Migge continham um ideal ambíguo, radical e “fanático”, como alguns de seus colegas arquitetos o qualificaram; por outro lado, em nenhum caso Migge aderiu a causas propriamente revolucionárias por acreditar que bastaria “revolucionar” o modo de vida, garantindo uma célula-mínima de moradia e seu respectivo jardim a cada um (REUß, 1981, p. 10). Nesse sentido, Migge fez parte daquele grupo conservador denominado como a “terceira via”, um meio do caminho entre o capitalismo e o comunismo com referências de organização social anarquista (UHLIG, 1981, p. 99). Sua profundidade política se restringia às discussões de salão, não foi nenhum militante e aproveitou as mudanças políticas advindas com a instauração da República de Weimar (HANEY, 2010). Essas ambiguidades esclarecem em parte seu esquecimento.

25 Gilberto Freyre publica o livro dois anos antes da fundação do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), os movimentos grevistas, as manifestações pela Reforma Agrária, a recessão econômica e a crise da indústria marcaram o período de abertura política e processo de redemocratização do país (PRIORE e VENÂNCIO, 2010, 287).

2. ORGÂNICO, GEOMÉTRICO, PAISAGÍSTICO, ARQUITETÔNICO: DISPUTAS PELOS SIGNIFICADOS DO JARDIM MODERNO NA ALEMANHA EM 1900.

Nesse capítulo são abordados as disputas ensejadas pela transformação formal e de uso do parque público, debate no qual Migge toma parte, compreendendo o período de 1902, quando Migge assume função no escritório Ochs, até sua saída, em 1913. Para que se compreenda quais pautas mobilizaram os paisagistas nesse debate, apresentam-se as diferentes formulações e seus conceitos de fundo de duas vertentes do paisagismo que disputavam a dominância formal e cultural na Alemanha. A questão principal colocada como impasse referia-se ao arranjo estético do jardim: de um lado, a proposta de um jardim mais orgânico; do outro, a proposta de um mais geométrico. No entanto, outras nuances passaram a integrar as diferenças. Os usos tradicionais de passeio público, do jardim compositivo de contemplação eram representados pelo paisagismo orgânico, *paisagístico*, enquanto a assimilação moderna dos novos usos esportivos, e sua possível conciliação com usos “primordiais” alemães, como a jardinagem, tinha como defensores os paisagistas do movimento de reforma de parques e jardins, denominado paisagismo *arquitetônico*.

Os novos usos decorreram do surgimento do lazer das classes trabalhadoras quando estas conquistaram o tempo livre. Ao tratar dos antecedentes do lazer, Vladimir Bartalini (1999) aponta que o uso do lazer cortesão²⁶ — de exhibir-se, de ver e ser visto — prevaleceu como hábito cultural em muitas partes do mundo. “Foi preciso que as condições de vida da grande massa de trabalhadores das indústrias [...] se tornassem muito graves e ameaçadoras da ordem pública, para despertar a atenção de governantes, [...] levando-os [...] a proporcionar ao povo espaços de lazer para alívio das tensões e o restabelecimento de sua ‘saúde física e moral’” (BARTALINI, 1999, p. 7). Assim, uma vez que o tempo de descanso foi conquistado, o tempo livre tornou-se uma problemática social e institucional, pois requeria ações do Estado, por exemplo. Sendo um problema social, o risco de o ócio conduzir ao vício, com os subsequentes efeitos indesejáveis para o mundo do trabalho e possivelmente comprometedores da estabilidade social, inspirava temores. Em vista disso, alguns filantropos do início da era industrial na Europa — sobretudo Inglaterra — e nos Estados Unidos engajaram-se no chamado *park movement*.

26 O modelo de parque da burguesia se distingue pelo uso e proposição dos programas, os quais atendiam suas exigências pelos passeios públicos enquanto uma representação do modelo aristocrático. Os atributos burgueses nos parques poderiam ainda ser estendidos aos monumentos e memoriais ilustrativos da história da burguesia, bem como a escolha das plantas, em geral exóticas, que reunia tanto aspectos para formação e desenvolvimento científico, quanto uma preferência pela ostentação e o exotismo (MAASS, 1978, p. 59)

Emergiram, dessa forma, os primeiros parques definidos para o lazer das massas com um papel “educador”, responsável por incutir valores e comportamentos da burguesia (BARTALINI, 1999, p. 5-8).

Inge Maass (1978) analisa o desenvolvimento dos parques públicos a partir das discussões, ou a falta delas, no interior do *Werkbund*, tendo como base as publicações dos anuários e, posteriormente, a revista *Die Form*, editados pela instituição. Sua maior crítica, a de que o *Werkbund* não acompanhou as transformações sociais no que se referia ao paisagismo, corrobora a compreensão de uma emergência “dissidente” da disciplina mais preocupada com a função social da profissão e outra mais refratária às mudanças, muito embora ambos pudessem aderir à vertente reformista. O debate no interior do *Werkbund* entre o velho e o novo estilo estava reduzido a elaborar uma nova forma *arquitetônica* que pudesse ser reproduzível e, por fim, ser mais um produto de consumo no interior de uma classe — a burguesa —, sem, no entanto, isso indicar transformação de conteúdo e uso desses espaços (MAASS, 1978, p. 60).

No parque público, ao contrário, as transformações formais não seriam possíveis sem uma nova determinação funcional e sem um debate das necessidades do conjunto da população que surgiu como usuária. Os conflitos de uso entre o velho e o novo consistiam em conflitos entre duas classes: o proletariado e a burguesia. A partir do *Stadtpark*, o *Volkspark* tornou-se um produto completamente novo (MAASS, 1978, p. 60). A demanda e luta dos trabalhadores por áreas livres e por tempo de ócio e lazer estavam presentes muito antes dos paisagistas voltarem sua atenção aos programas de parques públicos e outras áreas livres. Maass ressalta a introdução do domingo como dia de descanso em 1891, permitindo e estimulando o uso dos espaços livres da cidade, dos parques burgueses inclusive, conflagrando os antagonismos entre os diferentes públicos. Como resultado, os tumultos, as denúncias de estragos dos jardins expõem tanto a inadequação desses parques às novas necessidades de uma camada da sociedade quanto a inércia institucional em acomodá-las: ali, a pressão e os conflitos sociais manifestaram-se explicitamente, como a autora ilustra, com a proibição de banhar-se em áreas públicas da Alemanha, posta em vigor mediante fiscalização policial, que perdurou até 1907.

Entre as primeiras décadas do século XX, Leberecht Migge se aproxima dos desenvolvimentos contemporâneos dos parques a partir de uma viagem de estudos à Inglaterra e de sua aproximação profissional com o urbanista Werner Hegemann (1881-1936). Sua filiação ao paisagismo arquitetônico, sua formação técnica em uma escola de jardinagem e agronomia e a assimilação das discussões dos países anglófonos resultaram na proposta de reformulação do paisagismo que não era apenas formal, mas de escopo e alcance de atuação profissional do paisagista. Migge consolidou suas preocupações com o

paisagismo para as massas em 1913, sugerindo, como ponto de partida deste *outro* paisagismo, a parcela de jardim arrendável. Apesar de alinhado ao discurso conceitual dos reformistas na disputa entre as vertentes, Migge destacava pontos e preocupações sociais e de atuação profissional menos comuns entre seus colegas.

2.1. A disputa pela forma do jardim e sua relação com suas transformações de uso

Os impactos da industrialização e o crescente aumento populacional das cidades provocaram mudanças na concepção do paisagismo na virada do século XIX para o XX, marcando, a princípio, diferenças formais. Definiram-se duas vertentes formais: a *paisagística*, associada às tradições do jardim inglês, mais orgânicas e simulando um cenário natural miniaturizado; e a *arquitetônica*, decorrente dos movimentos de reforma dos parques e jardins que procuravam um caráter de identidade nacional alemã a partir de formas mais geométricas e simplificadas. Os maiores representantes da escola paisagística na Alemanha foram Peter Joseph Lenné (1789-1866) e seu discípulo Gustav Meyer (1816-1877). A ala reformista, ou arquitetônica, teve como patronos Hermann Muthesius (1861-1927) e Alfred Lichtwark (1852-1914), que formularam modelos mais teóricos e discussões culturais a respeito do desenvolvimento arquitetônico do jardim em seus aspectos formais. Identificaram-se variações entre os projetos desta vertente que buscaram responder às transformações sociais do uso do parque público, equipamento emergente do período.

A formação de paisagistas no território da atual Alemanha se consolidou no século XIX com a fundação da Escola Real de Jardinagem e Horticultura em Potsdam, inaugurada por Peter Joseph Lenné em 1823 a convite do rei da Prússia Frederico Guilherme III (1770-1840). Lenné é reconhecido como um dos grandes patronos do paisagismo na Alemanha²⁷. A escola paisagística conhecida no século seguinte como *paisagístico* — e pejorativamente como “escola Lenné-Meyer” — guardava similaridades com o modelo paisagístico inglês, caracterizado pelo desenho orgânico de jardins contemplativos, evocando a estética do Belo mimético à natureza. Alguns projetos de Lenné que ilustram tais características são o *Tiergarten* (Figura 1) de Berlin (1833-1840) e o parque do castelo de Charlottenhof (1839), pertencente à gleba do castelo de Sanssouci em Potsdam, em conjunto com o paisagista Hermann Sello (1800-1876).

O jardim inglês foi importado para o restante da Europa continental no final do século XVIII. Nesse período, o Reino da Prússia dominava o território germânico e foi o responsável por difundir, no século XIX, a cultura paisagística nos moldes ingleses através

²⁷ Disponível em: <http://www.peter-joseph-lenne.de/portraet-lenne.html> (último acesso em 28/01/2019)

da abertura de Escolas Reais de Jardinagem e Horticultura, como a fundada por Lenné. Concomitantemente a isso, as transformações socioculturais características da Revolução Industrial se fizeram sentir nesses territórios, ensejando movimentos de resistência a essas transformações e reformas dos mais diversos. Uma das principais transformações foi a perda das tradições artesãs ocorrida com a mudança da indústria manufatureira para a fabril. Esta modificou tanto o território e sua ocupação como a relação com os meios de produção: de indústrias manufatureiras domésticas dispersas no campo para a concentração em subúrbios insalubres das grandes cidades, de camponeses e artesões para proletários assalariados (CALABI, 2012, p. 13-14)²⁸. Consequências dessas mudanças, o esvaziamento do campo e a perda de qualidade de vida na cidade foram temas fundamentais para Migge, como se discutirá em seguida.

Na Inglaterra, berço da Revolução Industrial, foram organizados movimentos reformistas que repercutiram nos países com maior desenvolvimento industrial. O Movimento de Artes e Ofícios, protagonizado por John Ruskin (1819-1900) e William Morris (1834-1896), foi um dos movimentos empenhados em revalorizar o trabalho manual e recuperar a dimensão estética dos objetos cotidianos perdida com a industrialização, defendendo a relação intrínseca de todas as artes aplicadas incluindo o paisagismo. No contexto alemão, o arquiteto e teórico Gottfried Semper (1803-1879) sugere um retorno ao período que precede o jardim inglês do século XVIII²⁹. Desde o início do século XIII, a prática da horticultura tinha sido tradicionalmente controlada por guildas, tal como outros ofícios, e gradualmente desapareceu no século XVIII (HANEY, 2010, p. 18-21). A ênfase no ofício eleva a horticultura a uma dimensão estética, bem como a uma função social.

O paisagismo enquanto ofício foi objeto de discussão no âmbito das reformas e deu subsídio aos debates da concepção estética dos jardins, dividindo os paisagistas e simpatizantes entre aqueles alinhados à tradição orgânica do jardim inglês e os dissidentes que buscavam um jardim mais arraigado às tradições nacionais do ofício. O

28 Sobre a transformação no largo tempo da Revolução Industrial inglesa, o livro de E.P. Thompson revela: "Ao invés de destruir as tradições locais, é possível que nos primeiros anos da Revolução Industrial tenha ocorrido um crescimento da autoconsciência e do orgulho provincianos (...). Conforme a nova disciplina fabril se inseria no modo de vida do trabalhador manual (...) a autoconsciência se aguçava, na medida em que se percebiam as perdas, e um sentimento quase nacionalista se misturava a uma sensibilidade de classe na cultura dos trabalhadores industriais." (THOMPSON, 1988, p. 299).

29 Gottfried Semper se exilou em Londres após as revoluções de 1848 entre 1850 e 1855 e lecionou na Escola de Artes Aplicadas de South Kensington (HANEY, 2010, p. 19). Kenneth Frampton destaca que Semper antecipou em dez anos sua crítica da civilização industrial em relação aos primeiros objetos produzidos por William Morris e seus colaboradores. Ele ainda diferencia seu ponto de vista, *em franca oposição ao sonho pré-rafaelita do retorno a uma era pré-industrial* (FRAMPTON, 1997, p. 129). Sua obra com maior penetração na teoria cultural alemã foi *Der Stil in den technischen und tektonischen Künsten oder praktische Ästhetik* (O Estilo nas artes industriais e estruturais, ou estética prática) publicada nos anos 1860-63 (FRAMPTON, 1997; HANEY, 2010).

Movimento de Reforma de Parques e Jardins na Alemanha teve como patrono Alfred Lichtwark, professor e historiador de arte. Lichtwark era um crítico cultural influente e participou ativamente da fundação do *Museum für Kunst und Gewerbe* (Museu para Artes e Ofícios) de Hamburgo (HANEY, 2010, p. 17). Lichtwark elaborou um modelo teórico do jardim primitivo alemão, baseado no jardim do fazendeiro alemão (Figura 5), *Deutschebauerngarten*, de desenho geométrico e funcional, alinhado aos princípios das Artes e Ofícios e com referencial estético fundamentado nas pesquisas de Semper. Idealmente o jardim seria uma extensão da casa, definido por um eixo principal, conformando espaços de “sala a céu aberto”. Lichtwark também defendia um jardim funcional propiciando espaços de uso produtivo com cultivo de flores e vegetais (HANEY, 2010, p. 20-22). Além de desenvolver textos teóricos, Lichtwark advogou ativamente no debate público da reforma de parques e jardins, escrevendo, por exemplo, uma crítica sobre a necessidade de Hamburgo possuir um parque urbano (HANEY, 2010, p. 55; HAMBURG, 2014, p. 4). Tornou-se, assim, uma figura de referência, participando da comissão de organização e do júri do concurso do parque desta cidade, detalhado na segunda seção do presente capítulo.

Os debates acerca das reformas do modo de vida de um modo geral, conhecidas como *Lebensreform*³⁰, fomentaram uma instituição mais conhecida por sua programática técnica e funcionalista, o *Deutscher Werkbund*. Apesar da aparente contradição, pois não rechaçavam o desenvolvimento industrial, o *Werkbund* também contribuiu para os debates a respeito da reforma do jardim. Julius Posener aponta como diferencial do *Werkbund* justamente a livre filiação de diversas profissões³¹, e não raro reuniu protagonistas de visões contrárias; além disso, embora a união tenha sido fundada em 1907 a partir dos princípios do movimento *Arts & Crafts* de Morris, “o *Werkbund* foi desde o início mais do que uma mera versão alemã do Arts and Crafts. Ele havia percebido que o nocivo trazido pela indústria, não poderia ser contornado com a volta ao ofício artesão e sim em trabalho conjunto com a própria indústria” (POSENER, 1978, p. 7).

Embora o *Werkbund* concentrasse seus esforços no desenvolvimento do *design* industrial para a produção de massa, seu debate extrapolou a pauta industrial *strictu sensu*, pois alguns de seus membros, paisagistas de profissão, pretendiam aplicar o

30 Joachim Petsch (1978, p. 85) ressalta a penetração parcial no *Werkbund* pelos movimentos de reforma do *Lebensreform* (literalmente reforma da vida) seus representantes, organizados desde a virada do século, defendiam a fitoterapia, o vegetarianismo, o naturismo, entre outras reformas culturais e do modo de vida, em geral criticavam as cidades e cultuavam o campo.

31 Embora a participação de arquitetos fosse majoritária, também integravam como membros do *Werkbund* artesãos, industriais, publicitários, editores, administradores, pedagogos, artistas e intelectuais (POSENER, 1978, p. 7).

racionalismo e funcionalismo aos espaços livres, em suma, tipificar tais espaços³². Em linhas gerais, os debates programáticos no interior do *Werkbund* oscilaram entre arte e tipificação, entre aproximação e afastamento da indústria, logo, da produção em massa. Até a eclosão da Primeira Guerra Mundial em 1914, são notórios a penetração dos membros da instituição na indústria e seu esforço em desenvolver produtos de qualidade em escala. Por exemplo, Peter Behrens (1868-1940) foi contratado para o desenvolvimento total da indústria AEG (*Allgemeine Elektrizitätsgesellschaft*), incluindo desde a tipografia e o projeto da fábrica à vila de operários — em suma, tudo que pertencesse à AEG. O pós-guerra, por outro lado, marcou o período de afastamento da indústria, o retorno da arte e, não por acaso, a instituição do “programa artesanal e medieval para a Bauhaus de Weimar por Walter Gropius” (1883-1969), para então retornar ao ponto inicial da produção em massa em meados da década de 1920 (POSENER, 1978, p. 8-13).

Nascido em Danzig (atualmente Gdansk, Polônia) em 1881, Rudolf Wilhelm Leberecht Migge mudou-se para as proximidades de Berlim, dando início à sua formação como paisagista entre 1899 e 1900 na *Gärtnerlehranstalt Oranienburg* (Instituição de Ensino de Jardinagem Oranienburg), associada a uma escola de agronomia³³, uma escola de enfoque mais técnico³⁴ do que a Escola Real de Jardinagem de Potsdam, aquela fundada por Peter Joseph Lenné, embora ambas tenham sido implantadas pela iniciativa do mesmo rei. Ao concluir sua formação em Oranienburg, Migge fixou residência em Hamburgo e, a partir de 1902, assumiu cargo no escritório de Jakob Ochs. Ali, assim como Migge, outros paisagistas iniciaram suas carreiras e posteriormente se consolidaram como profissionais importantes da época: Gustav Ammann (1885-1955), Heinrich Wiepking (1891-1973) e Hermann Koenig (1883-1961). Tal qual Danzig, Hamburgo estabeleceu-se como antiga cidade hanseática. Entretanto, seu porto situava-se em uma rota mais estratégica, conectando a rota fluvial do Elba ao Mar do Norte e à Inglaterra. Na época de sua chegada à cidade, Hamburgo era uma das mais ricas da Alemanha o que garantiu ao escritório de Ochs clientes abastados, possibilitando seu crescimento e expansão,

32 David Haney (2001; 2010) afirma que Migge no livro, *Gartenkultur des 20. Jahrhunderts* (*Cultura do jardim do século XX*) está alinhado às discussões do *Werkbund*, no esforço de sistematizar os tipos de paisagens. Sua concepção de jardim seria de um objeto manufaturado a ser exportado.

33 A Escola de Agronomia, *Landwirtschaftlichen Lehranstalt*, incorporou uma Escola de Jardinagem em 1897. Disponível em: <https://www.oberhavel.de/Bildung/Landwirtschaftsschule-Luisenhof> (último acesso em 20/02/2019).

34 Após o médico Albrecht-Daniel Thaer (1752-1828), considerado o primeiro agrônomo alemão, ter fundado uma instituição de ensino de agronomia em 1802, na cidade de Celle, Baixa Saxônia, o Rei Frederico Guilherme III, o convidou a preparar e reproduzir uma instituição semelhante na Prússia. Em 1806 iniciaram-se as atividades da Academia de Agronomia em Möglin onde permaneceu até ser transferida para Oranienburg em 1879.

principalmente após 1907, incluindo a ampliação dos negócios pela aquisição de viveiros e uma oficina para a produção de mobiliário. Em 1911, o escritório abriu uma filial em Berlim. Naquele momento, o escritório era um dos mais importantes defensores da reforma de parques e jardins (HANEY, 2010, p. 17).

No início do século XX, havia duas vertentes paisagísticas disputando os novos programas de espaços livres das cidades alemãs: aquela referida como *landschaftlich* (*paisagística*), alinhada ao paisagismo ornamental, de desenho orgânico, pensado como obra de arte para contemplação e mimético à natureza; e a segunda vertente, mais heterogênea e associada aos reformistas, se caracterizava por seu funcionalismo e aproximação estética *arquitetônica* e geométrica. O debate entre as duas vertentes fica bastante manifesto no concurso do parque da cidade de Hamburgo; ao mesmo tempo, apresenta um dos primeiros posicionamentos públicos de Migge declarando seu alinhamento reformista. O resultado desse concurso foi a primeira vitória do paisagismo reformista (BEIER, 2004; HANEY, 2010; HAMBURG, 2014), muito embora a disputa tenha sido acirrada e resultado em um projeto de compatibilização das duas vertentes. Na época do concurso (1908), Migge era um jovem funcionário de destaque no renomado escritório de paisagismo de Jacob Ochs, atuando principalmente em projetos residenciais de famílias abastadas. Migge era o diretor artístico³⁵ (*Geschmackleiter*) e, portanto, deveria decidir sobre a conformação estética dos projetos. A reputação do escritório foi substancialmente construída a partir de publicações que, segundo Haney (2010), se iniciou com dois artigos de autoria de Migge em 1907. Em um dos artigos, publicado na *Deutsche Kunst und Dekoration* (*Arte e Decoração Alemã*), intitulado “*Der neue Hausgarten*” (“O novo jardim doméstico”), podemos verificar o alinhamento estético e conceitual de Migge com o jardim conforme estabelecido por Lichtwark:

De qualquer forma, para todos é comum a tendência de juntar novamente o jardim com a moradia como membro pertencente a ela, para dar-lhe novamente o caráter de uma *sala*, de uma *sala de estar* [itálicos nosso]. (MIGGE, 1907, p. 222)³⁶

Hermann Muthesius, arquiteto e patrono fundador do *Werkbund*, foi outra personagem importante na elaboração reformista de parques e jardins. Muthesius foi enviado para a Inglaterra pela embaixada alemã especialmente para estudar a reforma do design doméstico que por lá se desenvolvia. Ao retornar à Alemanha, publicou dois livros: em 1904, *Das Englische Haus* (*A Casa Inglesa*); e em 1907, *Landhaus und Garten* (*Casa de*

³⁵ Em tradução literal seria “chefe de gosto”.

³⁶ Trecho no original: Allen gemeinsam ist jedenfalls die Tendenz, den Garten wieder dem Wohnhause als ein ihm zugehöriges Glied anzufügen, ihm wieder den Charakter eines Raumes, eines Wohnraumes zu geben.

campo e jardim). Suas publicações tiveram forte impacto sobre os debates reformistas e serviram de base para o Movimento de Reforma de Parques e Jardins (SCHNEIDER, 2000; HANEY, 2010). Muthesius defendia a integração entre casa e jardim de forma holística, ou seja, o desenho do jardim também seria atribuição do arquiteto tal qual o espaço construído, semelhante ao que pregava Lichtwark (HANEY, 2010, p. 28-36).

O próprio Muthesius sofreu uma mudança de paradigma estético a respeito do jardim após sua estadia na Inglaterra, realizada entre 1896 a 1903. Seu projeto de exame (1893) para formar-se arquiteto — a saber, intitulado “uma casa de campo para um rico proprietário” — seguia a tradição *paisagística* estabelecida por Peter-Joseph Lenné e Gustav Meyer. Poucos anos depois, advogaria pelo oposto³⁷ (SCHNEIDER, 2000, p. 58). Uma das consequências da contribuição de Muthesius para o debate do paisagismo foi a realização de uma excursão organizada pela *Deutsche Gesellschaft für Gartenkunst* (DGfG, Sociedade Alemã para o Paisagismo) para estudar o paisagismo contemporâneo na Inglaterra (SCHNEIDER, 2000, p. 65). A viagem foi realizada entre 29 de junho e 14 de julho de 1909, partindo de uma sugestão do paisagista Reinhold Hoemann (1870-1961) e organizada pela DGfG. O roteiro incluía locais tradicionais para o paisagismo e outros projetos e locais contemporâneos recomendados por Muthesius: jardins *cottage*, jardins botânicos (incluindo Kew), parques urbanos, cemitérios, cidades-jardim (incluindo Letchworth e Hampstead), viveiros e o Palácio de Cristal (SCHNEIDER, 2000, p. 66). A viagem marcou uma mudança na leitura dos projetos visitados:

Até agora, os jardins e parques ingleses haviam sido julgados de acordo com suas qualidades de “paisagem”; durante a excursão, os elementos formais desses jardins se tornaram importantes. Nesse sentido, três destinos foram importantes: Hampton Court Palace, Surrey, Holland House, Gunnesbury, no norte de Londres e Lilford Hall, Northamptonshire. Aqui, elementos formais foram combinados com áreas no estilo paisagístico. O arquiteto de jardins de Frankfurt, Hans Kayser, relatou os jardins em forma geométrica compartimentados no parque de Lilford, que incluíam um jardim de rosas, um jardim holandês e jardins coloridos. Apenas alguns anos antes, artigos sobre esse jardim publicados em *Die Gartenkunst* e *Die Gartenwelt* receberam comentários breves. (SCHNEIDER, 2000, p. 66) ³⁸

37 O artigo de Schneider traz informações pouco conhecidas da trajetória de Muthesius com detalhes da viagem à Inglaterra, sua contribuição na introdução dos novos paradigmas do movimento *Arts & Crafts*, bem como sua repercussão no debate do tema e na formulação estética por outros paisagistas.

38 Trecho no original: Hitherto, English gardens and parks had been judged according to their “landscape” qualities; during the excursion the formal elements of these gardens became important. In this respect, three destinations were of importance: Hampton Court Palace, Surrey, Holland House, Gunnesbury, in North London and Lilford Hall, Northamptonshire. Here formal elements were combined with areas in the landscape style. The Frankfurt garden architect Hans Kayser reported on the compartmentalized geometrically shaped gardens in Lilford park which included a rose garden, Dutch garden and colour gardens. Only a few years earlier articles on this garden published in *Die Gartenkunst* and *Die Gartenwelt* only had summary comments.

Além disso, da excursão derivou uma das linhas de força na reformulação do paisagismo alemão, difundida por seus participantes em diversos artigos publicados na revista da organização DGfG *Die Gartenkunst* (A arte do jardim) nos anos subsequentes. Há ainda registro de outra excursão realizada pela *Deutsche Gartenstadt Gesellschaft* (DGG, Sociedade Alemã das Cidades-jardim) no verão do ano seguinte na qual Migge, provavelmente motivado por Muthesius, participou e se aproximou do ex-funcionário deste, Martin Wagner (1885-1957) (HANEY, 2010, p. 30). Nos anos posteriores Migge tornou-se membro do *Werkbund*³⁹ e publicou o livro *Gartenkultur des 20. Jahrhunderts* (Cultura de jardim do século XX) em 1912 e 1913 respectivamente. O vínculo de Migge com Muthesius, com quem colaborou em projetos por três anos, é reiterado nesse livro, no qual apresenta, no terceiro capítulo, intitulado “*Haus und Garten*” (“Casa e Jardim”), os princípios básicos do projeto de paisagismo de acordo com aqueles formulados por seu mentor (SCHNEIDER, 2000, p. 68). Por outro lado, na mesma publicação, já demonstra possuir preocupações peculiares a respeito da profissão quando discrimina três tipos de contribuição no desenvolvimento dos jardins contemporâneos por seus méritos e suas limitações: os profissionais técnicos do paisagismo⁴⁰, o arquiteto e os leigos. Há, portanto, uma distância de definição do fazer paisagístico entre Migge e seu “mentor”, uma vez que o primeiro não possuía formação de arquiteto, era de se esperar que ele defendesse a separação dos projetos paisagísticos e arquitetônicos em sua elaboração, embora concordasse na integração espacial e de linguagem entre ambos:

Não raro referiu-se ao Renascimento para provar a naturalidade da primeira razão [facultar ao arquiteto o projeto paisagístico para garantir a unidade entre casa e jardim]. [...] Entre os reis franceses, que provavelmente criaram os jardins mais monumentais que a história conhece, atuou além das mansardas o paisagista Lenôtre [sic] irrestritamente, e na Alemanha pôde um Pigage criar ritmos encantadores no jardim [do castelo de] Schwetzingen livre de qualquer tutela arquitetônica. [...] Nós vivemos agora um período, cujo sistema de trabalho de modo algum pode ser posto em paralelo com qualquer outra época. Nossos materiais e a maneira de seu tratamento se diversificaram tão enormemente, que uma divisão de trabalho e especialização minuciosa se estabeleceu por si mesma. O “artista total” perde [o seu papel] depois de cumprir sua importante tarefa como inspirador em situações inertes [...] (MIGGE, 1913, p. 84-85)⁴¹

O empenho de Migge em participar do debate sobre a reforma do paisagismo fica patente ao analisarmos os artigos que publicou entre 1907 e 1909. Nesses dois anos,

39 O nome de Leberecht Migge consta na lista de membros do *Werkbund* de 1912. “Mitglieder Listen des Deutschen Werkbund”, 1912, *Werkbund Archiv*, Berlin (Reuß, 1981; 1999; HANEY, 2010)

40 Migge discrimina diversos profissionais atuantes no ramo de paisagismo, entre técnicos, produtores, servidores burocráticos e escolas, e é incisivo nas críticas a todos eles (MIGGE, 1913, p. 76-84).

avolumam-se textos⁴² engajados na concepção *arquitetônica* do jardim, dentre os quais destacaremos aqui dois: “*Der Garten als Wohnraum*” (“O jardim como sala de estar”), publicado em 1908 na *Innendekoration (Decoração interna)* e “*Kunstgewerbe – Gartenkunst*” (“Arte aplicada – Arte de jardim”), publicado em 1909 na *Kunstgewerbeblatt (Folha das Artes aplicadas)*. No primeiro artigo Migge afirma a perda cultural e simbólica da verdadeira fruição do jardim. Em sua opinião, o verdadeiro valor de *viver* o jardim estava subestimado ou incompreendido e define o que seria fruir do jardim:

Apreciar conscientemente a vida no jardim é reconhecer seu pleno significado ético [ethische]. Somente quem sente o calor de seu coração expandir-se, quem pode plenamente transbordar o peito com uma sensação inominável de felicidade em seu jardim, somente este vive nele. A ele seu jardim dará o que ele sempre deveria: recolhimento e força ética [sittliche] — aumentando sua humanidade (MIGGE, 1908, p. 294)⁴³

Conforme os conceitos de Semper, o primeiro elemento da arquitetura é a cerca, logo, o jardim arquitetônico era construído com muros e cercas. Em seguida, Migge recupera o uso do jardim pelos antepassados que dedicavam considerável tempo com a família no jardim elaborado arquitetonicamente para declarar a falência do paisagismo atual e sua falta de representatividade enquanto expressão cultural. E isso ocorreu quando o jardim deixou de ser arquitetônico:

41 Trecho no original: Zum Belege der Natürlichkeit des ersten Grundes wird nicht selten auf die Renaissance verwiesen. (...) Unter den französischen königen, die wohl die monumentalen Gärten schufen, die die Kulturgeschichte kennt, wirkte der Gartenarchitekt Lenötre unumschränkt neben einem Mansarde, und in Deutschland konnte ein Pigage die reizende Gartenrhythmen von Schwetzingen frei von architektonischer Bevormundung schaffen. (...) Wir leben jetzt in einem Zeitabschnitt, dessen Arbeitsweise überhaupt nicht in eine Parallele mit irgendeiner anderen Epoche gebracht werden kann. Unsere Stoffe und die Art ihrer Behandlung haben sich so ungeheuer vervielfältigt, daß sich eine minutiöse Arbeitsteilung und Spezialisierung von selbst eingestellt hat. Der „Allkünstler“ verliert, nachdem er seine wichtige Aufgabe als Anreger träger Zustände erfüllt hat (...).

42 Somam doze artigos publicados no período dos quais oito foram localizados nos acervos digitais.

43 Trecho no original: Gartenleben bewußt zu genießen ist, seine volle ethische Bedeutung erkennen. Nur wer das Herz sich warm erweitern fühlt, wem wohl die Brust ein unnennbares Glücksgefühl durchströmen kann in seinem Garten, nur der lebt in ihm. Dem wird sein Garten geben, was er immer sollte: Sammlung und sittliche Kraft — Erhöhung seines Menschentums.

Não se pode viver em nossos jardins agora, não se pode ser feliz! — O jardim decaiu quando começamos a esquecer da essência de sua melhor parte, seu caráter arquitetônico-espacial. Como mostra a história, quase todos os grandes povos cultivados criaram uma próspera arte de jardim. Em todos [há] quase a mesma ascensão saudável de hortas puramente funcionais e lapidares ao jardim ornamental e residencial mais ou menos finamente diferenciado em uma base geométrica em forma e cor. Pois, *a horta original é necessariamente sempre geométrica* [itálicos nossos], e logicamente seu consequente desenvolvimento sempre teria que levar a imagens arquitetônicas, ao jardim arquitetônico, que então co-determinado pelo clima, costumes e talentos de um povo, demonstra sua alma em um miraculoso espelho (MIGGE, 1908, p. 295)⁴⁴.

A construção *lógica* — de que toda a arte próspera de jardim é resultado do desenvolvimento da horta, e que este é necessariamente geométrico —está pautada, ainda que subliminarmente, na valorização das artes aplicadas, recuperando a horticultura enquanto ofício. Para fundamentar seu argumento, dá como exemplo os jardins tradicionais, desde os egípcios, helenos, romanos, mouros, os jardins da renascença, até os jardins dos franceses sob o reinado de Luís IV [sic]⁴⁵, os jardins alemães dos burgos, dos mosteiros e dos fazendeiros, afirmando que foram todos espacialmente elaborados a partir dos princípios tectônicos. E refuta aqueles que buscaram imitar a natureza (persas, chineses e os atuais representantes do jardim *paisagístico*), declarando que apenas demonstram os sintomas do declínio cultural. Migge conclui com um apelo: “O regresso aos antigos e belos jardins com novo espírito” (MIGGE, 1908, p. 296).

No segundo artigo, o autor aponta para as semelhanças entre as artes aplicadas e arte do jardim, como se verifica no título *Kunstgewerbe - Gartenkunst*. No primeiro parágrafo, a aproximação é introduzida por seus processos de mudança, e as dificuldades que o paisagismo encontra para *agarrar*, assim como as artes aplicadas, o desenvolvimento que o presente sugere:

44 Trecho no original: In unsern Gärten jetzt kann man nicht wohnen, kann man nicht glücklich sein! — Der Garten kam herunter, als wir begannen, seines Wesens besten Teil, seinen architektonischräumlichen Charakter zu vergessen. Fast jedes der großen Kulturvölker hat, wie die Geschichte zeigt, eine blühende Gartenkunst geschaffen. Bei allen fast der gleiche gesunde Aufstieg vom lapidareren, rein zweckmäßigen Nutzgarten zu dem Form und Farbe mehr oder minder fein differenzierten Zier- und Wohngarten auf geometrischer Basis. Denn, der ursprüngliche Nutzgarten ist notwendig immer geometrisch, und logisch müßte da sein konsequenter Ausbau immer zum architektonischen Bilden führen, zum architektonischen Garten, der dann durch Klima, Sitten und Begabung eines Volkes mitbestimmt, in wunderfeinem Spiegel seine Seele zeigte.

45 Existiu no século X o rei Luís IV (920-954), mas o mais provável é que Migge se referia a Luís XIV, o rei Sol, pelo desenvolvimento dos jardins de Versalhes por André Le Nôtre.

Não faz muito tempo, nos círculos das artes e ofícios se acreditou ser possível evitar um desenvolvimento que o presente sugeriu alcançar. No paisagismo, como é bem conhecido, sucede algo similar. Aqui, também, não se quer de modo nenhum admitir que uma pequena fértil contribuição vinda de fora seria momentaneamente muito útil para o pensamento paisagístico. Enquanto nas artes e ofícios agora se é perspicaz e iniciou-se a recém-criada situação de trabalho conjunto, habilmente explorado, de artistas, técnicos e negociantes, por aqui ainda lutam os especialistas privilegiados quase isolados coesos e com um estupendo gasto de energia contra os “ensinamentos dos não qualificados” contra artistas e escritores que, ao sugerirem, obedeciam apenas a um dever interior. É uma raiva de visão tacanha contra sua própria carne, uma luta contra as pás do moinho de vento, apenas para deixar finalmente evidente sua própria impotência contra a vontade do tempo (MIGGE, 1909a, p. 161)⁴⁶

Não fica claro a qual momento das artes aplicadas Migge se refere. Por outro lado, ele declara abertamente quais seriam os “profissionais privilegiados” e quais as “vontades do tempo”. Segundo Migge, a crise de ambos é proveniente da mesma fonte: a nova moradia digna e a expansão dos assentamentos. O jardim paisagístico *não se adequa ao novo morar*, porque sua premissa pauta-se na contemplação da imitação da natureza e defende que “o jardim deve se libertar da cópia estéril da natureza e, na correta compreensão do natural, conduzir também no jardim o trabalho humano, de modo que este possa ser usufruído pelas pessoas”, assim como o são a porta, a mesa e a cadeira (MIGGE, 1909a, p. 161).

De acordo com Migge, o uso e a função do jardim são os principais atributos que lhe conferem forma. No entanto, é evasivo na definição de uso e função: relaciona-os aos costumes (não diz quais), contrapondo o jardim que se habita (*Bewohnen*) com aquele que se contempla (*Beschauen*). Em seguida, o autor aponta para as relações diretas entre a arte aplicada e paisagismo arquitetônico, pelas demandas propriamente utilitárias, no sentido mais estrito, como o mobiliário, pérgulas, pequenas construções, pontes e cercados. Seu intuito em afirmar a proximidade das profissões (e afastar, curiosamente, a do arquiteto) é reforçado pelo elogio feito aos esforços de integrar a formação do paisagista nas escolas de arte aplicada:

46 Trecho no original: Es ist noch nicht allzulange her, da man in kunstgewerblichen Kreisen eine Entwicklung abwehren zu müssen glaubte, die die Gegenwart zum Greifen nahelegte. In der Gartenkunst begibt sich jetzt, wie bekannt, ein ähnliches. Auch hier will man durchaus noch nicht zugeben, daß dem gartengedanken ein wenig Befruchtung von außen im Augenblick sehr nützlich wäre. Ist man im Kunstgewerbe jetzt schon einsichtigen und beginnt man dort bereits die neugeschaffene Situation in gemeinsamer Arbeit von Künstler, techniker und Kaufmann tüchtig auszunutzen, so kämpfen hier noch die privilegierten Fachleute fast geschlossen und mit einem staunenswerten Aufwand von Kräften gegen die „Belehrungen der Ungelernten“, gegen Künstler und Literaten, die, indem sie anregten, nur einer inneren Pflicht gehorchten. Ein kurzichtiges Wüten gegen das eigene Fleisch ist es, ein Kampf gegen Windmühlenflügel zudem, nur dazu angetan, die eigene Ohnmacht wider den Willen der Zeit schließlich doch offenbar werden zu lassen.

De todo modo no que diz respeito aos paisagistas, uma parte deles no último momento chegou ao conhecimento de seus erros cruciais que durante gerações conduziram ao isolamento na forma de castas [do paisagismo] de todas as outras artes, e se eles quiserem somar-se com êxito nos esforços do presente, têm de desistir deste incesto⁴⁷ irritante e desfavorável à vida. Esta agradável mudança de disposição de ânimo recebeu expressão prática com a recente decisão da “Sociedade Alemã para o Paisagismo” que reivindica a formação artística de nossos paisagistas em nossas escolas de arte aplicada e, em conformidade com isso, a inclusão de aulas de paisagismo nas escolas públicas. Com essa decisão, que mal [é] reconhecida [e] está sendo caracteristicamente de novo combatida impetuosamente pelos próprios especialistas, parece-me que [foi] dado um passo que já era mais do que a hora de dá-lo e que será de importância relevante para o desenvolvimento saudável do paisagismo (MIGGE, 1909a, p. 162)⁴⁸

Os textos de Migge desse período (1907-1909) não o diferenciam como profissional, pelo contrário, endossam um posicionamento a favor das premissas formais e estéticas defendidas pelos reformistas num momento em que, embora figuras importantes como Lichtwark e Muthesius tenham tomado partido, esta não era a vertente mais popular e difundida. Portanto, Migge se coloca como difusor de ideias elaboradas por outros e, com isso, se insere na vanguarda do movimento ainda não totalmente estabelecido e aceito. Mesmo quando ele menciona temas que lhe foram caros em sua trajetória profissional, como a horticultura, ela se deu no âmbito dos postulados de Lichtwark, da horta como o jardim primordial. Infere-se, assim, que sua contribuição ou avanço no tema ocorre posteriormente.

47 Termo no original *Inzucht*, segundo o dicionário Duden trata-se da reprodução de seres vivos entre parentes próximos. Embora o termo seja mais usado na agronomia para referir-se à reprodução de plantas e animais, no sentido da frase de Migge ele remete à reprodução das ideias aparentadas entre paisagistas com um julgamento moral e nesse caso o incesto pareceu-nos uma tradução mais pertinente do que “cruzamento consanguíneo” ou “hibridismo”.

48 Trecho no original: Was jedenfalls die Gartenleute anbetrifft, so hat einem Teil von ihnen erst die allerletzt Zeit die Einsicht gebracht, daß sie ihren Kardinalfehler, die durch Generationen geführte kastenmäßige Abschließung von allen Künsten, diese lebensabholde, entnervende Inzucht aufgeben müssen, wenn sie erfolgreich mittun wollen in den Bestrebungen der Gegenwart. Diese erfreuliche Gesinnungswandlung bekam praktischen Ausdruck in einem kürzlich gefaßten Beschluß der „Deutschen Gesellschaft für Gartenkunst“, der die künstlerische Ausbildung des Gartenkünstlers auf unsern Kunstgewerbeschulen und demgemäß Angliederung von Klassen für Gartenkunst auf den staatlichen Schulen fordert. Mit dieser Entscheidung, die kaum anerkannt, bezeichnenderweise schon wieder von den Fachleuten selbst auf das heftigste bekämpft wird, schein mir ein Schritt getan, der für die gesunde Entwicklung der Gartenkunst von markanter Bedeutung sein wird, und den zu tun es für sie höchste Zeit war.

Figura 1 - Plano de embelezamento do Tiergarten em Berlim, por Lenné 1832. Fonte: AUSTILAT, 2016, p.2.

Apesar do eixo leste-oeste e norte-sul bem demarcado, nota-se um grande número de caminhos, a disposição de grandes maciços arbóreos, grandes lagos que se conectam e clareiras gramadas. Estas últimas, a despeito de possuírem, em alguns casos, grandes áreas, não possuem um desenho geométrico claramente definido, muito embora elas proporcionem visadas e perspectivas de diferentes distâncias dos maciços arbóreos.

Figura 2 - Ilha Rousseau, Tiergarten em Berlim, cerca de 1800, pintura Leopold Ludwig Müller. Fonte: WENDLAND 1993, p.74

O casal no primeiro plano indica, com suas vestes e postura, o público e o uso das áreas verdes no século XIX: a elite e a contemplação. A ausência de embarcações, necessárias para se acessar uma ilha, denota um uso pragmático sem representar também parte da recreação. A vegetação de grande porte proporciona áreas mais sombreadas, contrabalanceadas pelo espelho d'água do lago.

Figura 3 - Proibição de banho (de sol), Berlim, 1906. Fonte: MAASS 1978, p.60

Ainda que as preocupações sanitárias da cidade já estivessem vigorando há pelo menos 50 anos, recomendando mais ventilação e insolação da cidade com a implantação de áreas verdes, seu usufruto enquanto lazer encontrou barreiras morais quanto aos costumes da vida pública, calçados nos hábitos culturais provenientes da aristocracia do lazer contemplativo e do passeio para ver e ser visto. Em contraposição, o movimento da *Lebensreform* tinha entre seus temas de reforma do modo de vida o naturismo. Os conflitos resultaram no uso da força de polícia para vigiar o uso “adequado” das áreas livres.

Figura 4 - Blücherpark em Colônia-Ehrenfeld, projeto de Encke, 1911. Fonte: ARCHITEKTURMUSEUM, n.d.

O projeto exemplifica bem a proposta formal do paisagismo arquitetônico para um parque público voltado à população em geral para atividades de lazer e práticas de esportes. Inclui, à esquerda, um grande gramado em formato quadrangular, circundado por arborização em linha, quadras de tênis, piscina infantil, lago retangular, tudo circundado de arborização e eixos de circulação bem definidos.

Figura 5 - Modelo do jardim do fazendeiro alemão, século XIX. Fonte: BROCKPÄHLER 1984, p.18.

Os canteiros ortogonais variam entre cultivos hortícolas, temperos e flores de corte, ao redor árvores frutíferas. O eixo vertical ao centro possui em um extremo o portão de acesso e do outro um banco com caramanchão.

Figura 6 - Naturista em lavoura de Monte Verità, Ascona, Suíça, 1907. Fonte: JANZ 2010.

Dentro da *Lebensreform* também havia um movimento por reforma da alimentação, *Ernährungsreform*. No geral, seus acólitos advogavam por uma alimentação baseada em vegetais, frutas, grãos integrais e a recusa do consumo de carne e “produtos de desfrute”, *Genussprodukte*, como tabaco, café, álcool, bem como temperos fortes e açúcar. Monte Verità foi um destino de intelectuais e artistas nas primeiras décadas do século XX, e no século anterior foi refúgio de militantes políticos perseguidos no século XIX, dentre eles, Mikhail Bakunin.

2.2. O paisagismo em disputa: o Volkspark como produto dos novos tempos

O parque de Hamburgo é um dos primeiros parques do povo (ou públicos), *Volkspark*, (GRUNERT, 2002, p. 1) nas novas acepções do século XX, embora todas as publicações da época examinadas o denominassem como parque da cidade, *Stadtpark*. A diferença dos nomes refere-se ao lazer mais tradicional no caso do *Stadtpark*. A inclusão de um programa que atendesse às demandas de lazer do povo estava relacionada ao *Volkspark*⁴⁹. O concurso do parque de Hamburgo se apresenta como caso exemplar das disputas das duas vertentes na definição dos novos rumos da disciplina do paisagismo. Compreendido como período de transição, esta seção detalha formulações de parques, em especial do *Volkspark*, para cotejar suas definições com aquelas elaboradas por Migge a partir de 1913. Nesse intuito, comparam-se as ideias de Migge com outros autores contemporâneos da ala reformista para compreender as ênfases de cada um e em que medida elas se aproximam e se distanciam. Sem a intenção de esgotar o tema, apresentam-se dois paisagistas com produção coetânea de artigos e livros dedicados ao assunto: Harry Maasz (1880-1946) e Fritz Encke (1861-1931).

O concurso do parque da cidade de Hamburgo concentrou polêmicas e disputas desde a formulação do edital até a decisão do júri e o desenvolvimento do projeto final. Concomitantemente, também fomentou discussões em periódicos e a publicação de ao menos dois livros, um deles de autoria de Migge. Entende-se que o concurso foi emblemático para o campo do paisagismo, com grupos disputando o futuro da disciplina. Por isso, julgamos relevante detalhar o concurso, apresentar as instituições e outros personagens envolvidos no debate e refletir sobre os temas levantados nas obras analisadas. Para isso, o enfoque foi dado aos artigos publicados pela revista *Die Gartenkunst*, e nas publicações de Migge e Lichtwark.

Hamburgo implantou tardiamente um parque público na cidade, se comparado a outras grandes cidades alemãs: Munique foi pioneira nesse sentido, estabelecendo acesso irrestrito⁵⁰ ao *Englischer Garten* em 1º de abril de 1792; Berlim inaugurou suas primeiras áreas verdes públicas a partir de 1846; Bremen já possuía um parque em 1866. Todos eles, entretanto, foram elaborados a partir dos preceitos paisagísticos, o que coloca a experiência extemporânea de Hamburgo no centro das discussões de vanguarda do movimento reformista. As tratativas políticas sobre a instituição de um parque público datam de 1896, dois anos após Hamburgo incorporar ao município o vilarejo de

49 Muito embora diversos *Volkspark* de meados do século XIX fossem em seu programa mais tradicionais.

50 Cabe ressaltar que no século XVIII Christian Cay Laurenz Hirschfeld (1742-1792), professor de filosofia e teórico do paisagismo, defendeu a abertura dos parques reais, *Volksgärten*, para usufruto de todos, compreendendo isso como tarefa sociopolítica (BEITMANN, s/d , p. 116).

Winterhude, ao norte da cidade. A municipalidade adquiriu o Bosque Sierichs daquela região, porém a compra ocorreu apenas em 1902. A gleba pertencia a Adolph Sierichs (1826-1889), que a herdou de seu pai em 1850. Ao longo dos anos, Sierichs comprou áreas lindeiras e, em meados de 1880, transformou a área em um parque privado de caça, cobrando entrada dos interessados (HAMBURG, 2014, p. 7).

Winterhude permaneceu até a segunda metade do século XIX como povoado rural. Com o desenvolvimento industrial e o crescimento e ampliação do comércio e serviços de Hamburgo, impulsionados pela unificação alemã em 1871, as regiões vizinhas demonstraram crescimento e modificação de parcelamento e uso do solo. Winterhude apresentou, entre 1840 e 1880, modificações de sua estrutura rural como, venda de terras, loteamento de glebas e processo de urbanização, muito embora até 1875 87% do total da área do vilarejo, de cerca de 520 hectares, permanecesse não urbanizada, seja por seu uso agrícola, seja por loteamentos ainda vagos sem arruamento (BUREAU, 1875 apud STADTTEILKOLLEKTIV, 2002, p. 12). A transformação do povoado majoritariamente agrário em uma cidade satélite ocorreu com o afluxo de profissionais do ramo têxtil⁵¹, agregando uma nova camada da sociedade até então ausente no local. O crescimento populacional, que até 1838 era bastante tímido, mais que triplica em quatro anos (tabela 1); entretanto, a região ainda era de difícil acesso e, efetivamente, pouco urbanizada. Uma urbanização coesa na região estabeleceu-se apenas a partir da década de 80 do século XIX, em especial a porção sul e sudoeste, nas proximidades de bairros de classes abastadas de Hamburgo. No início do século XX Winterhude, a cinco quilômetros do centro antigo de Hamburgo, configurava uma área de expansão urbana, ocupada majoritariamente por camponeses e artesãos.

Tabela 1 - Crescimento populacional de Winterhude de 1810 a 1900

Ano	1810	1811	1834	1838	1842	1867	1869
Nº de habitantes	238	242	325	380	1.167	1.331	1.474
Ano	1871	1873	1874	1880	1885	1890	1900
Nº de habitantes	1.609	1.787	1.911	2.989	3.775	7.426	14.271
Adaptada pela autora.							

Fonte: NEDDERMEYER; MELHO; DILLING apud STADTTEILKOLLEKTIV ROTES WINTERHUDE, 2002, 9 e 16.

Após a compra do bosque Sierichs, em 1902, quatro estudos de parque (Figura 7) foram propostos pela secretaria de engenharia do município sob a coordenação de Eduard

⁵¹ Denominados *Bleicher*, eram profissionais do ramo têxtil que alvejavam os tecidos naturalmente coloridos, como o linho. A partir do século XVIII, a introdução de químicos auxilia no processo que demandava de grandes áreas gramadas e proximidade de água corrente (fonte: <<https://berufedieser-welt.de/die-bleicher/>> último acesso em 18/12/2019). Essa demanda de espaço explica em parte as grandes áreas não urbanizadas.

Vermehren (1847-1918). Em todos eles se mantinha a premissa de um parque bosqueado, com uma grande clareira gramada ao centro e generosos passeios públicos para o *corso*, um desenho alinhado às soluções formais e programáticas da vertente paisagística. Ocorre que o *Verein deutscher Gartenkünstler* (VdG, Associação dos Paisagistas Alemães) se manifestou a favor da abertura de um concurso público nacional para a escolha de um projeto. A VdG foi a primeira representação de interesse para a categoria profissional de paisagistas na Alemanha (WOLSCHKE-BULMAHN, 2013, p. 9), fundada em 1887, durante uma reunião dos paisagistas da “escola Lenné-Meyer” por ocasião do décimo aniversário de morte de Gustav Meyer (STEINMEISTER, 2014, p. 326). Destaca-se dentre os membros fundadores Carl Hampel (1849-1930), diretor geral dos parques e jardins de Leipzig e dasafeto de Migge⁵².

Inicialmente os responsáveis pela elaboração do concurso não tinham um acordo sobre o posicionamento estilístico e programático. Após o impasse, decorrente dos diferentes perfis da comissão, chegou-se a um acordo comum, sendo o edital lançado em 1905. Constavam no edital algumas premissas de projeto e programa, como, por exemplo: uma torre d’água com projeto pré-determinado e localização definida; um lago para práticas esportivas conectado ao canal Goldbeck, possibilitando o acesso ao parque por barco; áreas cobertas, como o restaurante principal, o café, a administração; e uma setorização, preservando o bosque existente e a incorporação de áreas gramadas para usufruto dos visitantes. O concurso teve amplo interesse de participação, somando 570 solicitações, das quais apenas 66 tiveram suas propostas aprovadas. A avaliação do júri revelou uma fragilidade do acordo maior que o imaginado, e a comissão não conseguiu atribuir um primeiro lugar, dividindo as premiações entre 10 projetos.

Com o objetivo de estipular os aspectos práticos e estéticos e apresentar a ideia fundamental do parque, instituiu-se uma comissão consultiva, em março de 1904, que tinha como tarefa definir um programa para o concurso público. A comissão, formada por Vermehren, Alfred Lichtwark, Justus Brinckmann (1843-1915) e Wilhelm Cordes (1840-1917), no entanto, demorou a chegar a um acordo sobre a finalidade e uso do parque, impedindo a abertura do concurso. Cordes apresentou aos seus colegas um esboço com uma divisão em três setores da área, indicando, na porção oeste, um bosque com plantas nativas; um segundo setor com áreas abertas, adequadas para atividades ao ar livre, bem como, no centro, uma fonte em um grande lago; na porção mais oriental do parque, propunha construir um restaurante próximo do caminho principal. Para ligar os respectivos espaços partindo, de um lado, da fonte para o bosque e, do outro, para o restaurante

⁵² Hampel usou de seu poder político para suspender a contratação de Migge na execução de seu projeto de Mariannenpark (Haney, 2010, p. 77-78). Sobre o projeto ver o capítulo II do presente trabalho.

Cordes, propôs uma alameda conformada por cercas-vivas de rosas (WITTMÜTZ, 1905, p. 209).

Após a concórdia no interior do grupo, a comissão especial da câmara recomendou o concurso público em maio de 1905, aberta a qualquer artista alemão residente ou não no país, recebendo 570 solicitações de participação (HAMBURG, 2014; H., 1907). Dentre as premissas definidas e recomendadas no edital constavam algumas construções, como restaurante, café, administração, pavilhão de refeições⁵³, torre-mirante. Além disso, determinava a inclusão de um grande gramado e um lago conectado ao canal Goldbeck (H., 1907; LICHTWARK, 1909). Em julho de 1908 ⁵⁴, 66 propostas foram aceitas para o concurso, avaliadas pelo júri composto por: Cordes, Lichtwark, Brinckmann e Fritz Sperber (1855-1933) ⁵⁵. A disputa entre as duas vertentes estéticas de jardim, presentes no júri, resultou em um impasse quanto à proposta ganhadora, não se definindo o primeiro lugar. As propostas premiadas, deliberadas em 3 e 4 de julho de 1908, eram em sua maioria alinhadas ao estilo paisagístico, despontando como exceção a proposta do escultor e arquiteto Max Läger (1864-1952).

Em sua proposta (Figura 9), Läger desloca um pouco o eixo visual proposto no edital (Figura 8) entre a torre d'água e o restaurante, dispondo entre eles um jardim de canteiros geometrizados e um grande gramado quadrangular, que tem em suas bordas norte e sul um conjunto de árvores em linha e, em sua extremidade leste, um lago retangular. Além disso, os caminhos principais se organizam perpendiculares ao eixo a partir das conexões viárias do entorno, projetando uma continuidade do desenho urbano no parque, que se interligam por um caminho circundante. Ao redor do eixo principal se distribuem de forma geometrizada mais livre espaços arborizados e outros gramados menores estruturados pela vegetação de borda e pela circulação. As outras propostas, em alguns casos, também projetam áreas geometrizadas e ortogonais, porém sua proporção em relação ao todo e ao espaço do entorno imediato não lhes dão o mesmo destaque (Figura 11).

O debate sobre o concurso ocupou as páginas das revistas⁵⁶, inflamando ainda

53 Termo utilizado no original *Milchwirtschaft*, literalmente laticínio. No contexto do parque, conforme descrição de Schumacher e Sperber (1910, p. 91), seria uma construção típica em *Vierländer*, região de Hamburgo, indicada para a recepção de visitantes.

54 As datas são conflitantes, conforme Hamburg (2014, p. 9) em 15 de julho de 1908 as 66 propostas eram avaliadas pelo júri, enquanto a revista *Die Gartenkunst* (1908, ano X, caderno 8, p. 136) indicou as datas de 3 e 4 de julho de reunião do júri para apreciação.

55 Haney (2010, p. 56) aponta para a presença de Carl Hampel e Carl Heicke no júri e não menciona Brinckmann como membro. Já nos informes sobre o concurso do periódico *Die Gartenkunst* (1908, ano X, caderno 8, p. 137) é mencionada apenas a composição dos paisagistas, reiterando Cordes, Hampel, Heicke e inclui Jürgens.

56 Observamos no periódico *Die Gartenkunst* 9 publicações, entre 1902 e 1909, desde informes do concurso a editoriais apresentando e discutindo os projetos finalistas.

mais a polêmica. Destaca-se o periódico *Die Gartenkunst*, publicação da VdG editada por Emil Clemen de 1899 até 1905. A partir de 1906 a publicação passa a integrar a DGfG com Carl Heicke como editor-chefe⁵⁷. A mudança foi resultado da saída de dissidentes reformistas da associação VdG (GRÖNING e WOLSCHKE-BULMAHN apud STEINMEISTER, 2014, p. 326), marcada desde sua fundação pela “escola Lenné-Meyer”. Pouco a pouco a ênfase paisagística do periódico cedia espaço, a ponto do seu editorial ser reconfigurado e integrar a nova representação profissional reformista.

A revista *Die Gartenkunst* publicou no mês de agosto de 1908 um artigo apresentando o resultado do concurso e seus respectivos dez projetos premiados, a saber, três projetos em segundo lugar, três em terceiro, três com indicação de compra, e uma menção honrosa⁵⁸. Nota-se a presença massiva de projetos com autoria mista, incluindo em sua maioria arquitetos e paisagistas. Apenas os projetos de Max Läger, W. Petschow e Goebel, todos sem premiação direta, eram de autoria individual. O artigo ressalta o grande interesse dos círculos artísticos, em especial dos arquitetos e paisagistas, que o concurso provocou, ao mesmo tempo aponta que seu desfecho não foi satisfatório:

Porém o resultado não pode ser definido como satisfatório. Pelas circunstâncias logo se percebe que o júri reconheceu dez trabalhos, os agraciando através de prêmios, entre outras formas honrosas, mas não puderam chegar a consenso sobre a concessão do primeiro prêmio. Disso depreende-se que, embora houvesse uma série de bons trabalhos, faltou em cada um aquele que além do nível geral se destacasse o suficiente, e com isso atraísse para si os votos por unanimidade de todos os jurados (ANÔNIMO, ⁵⁹ 1908a, p. 136)⁶⁰

O articulista também frisa as diferentes “direções” do júri, como dificuldade de definir a premiação máxima, embora argumente que nenhum dos trabalhos merecia o

57 Carl Heicke já escrevia na revista antes e permaneceu como editor-chefe de 1906 a 1911, sucedido por Reinhardt Hoemann, a quem nos referimos na seção anterior.

58 Os premiados foram “Aap” dos irmãos Roethe, paisagistas e Bungarten, arquiteto, “Suum cuique” de Freye, paisagista, e Herm e Reuter, arquitetos, e proposta de Recht e Bachmann, arquitetos, e Foeth, paisagista, dividindo o segundo lugar. “Typ” de Großmann, engenheiro-paisagista, “Geest” de Meyer, Elkart e Wilkning, e “Freiluft” de Roeckle, arquiteto, e Schwede, paisagista, concedido o terceiro prêmio. Indicados para compra foram “Elbau” de Petschow, “Der Vaterstadt” de Kuphaldt, paisagista, e Friesendorff, arquiteto, e “Pfau” de Max Läger, arquiteto e escultor. Menção honrosa a Goebel.

59 O artigo não foi assinado, supomos que se trata de Heicke, sendo ele tanto jurado do concurso (possivelmente) quanto editor-chefe da revista, o que poderia resultar em problemas éticos se o assinasse. Corroboram nossa interpretação algumas passagens bastante completas na compreensão dos projetos, indicando predileção por alguns que justifica por estudar exaustivamente o projeto.

60 Trecho no original: Aber das Ergebnis kann kein befriedigendes genannt werden. Man sieht es schon an dem Umstande, dass das Preisgericht zehn Arbeiten durch Zuerkennung von Preisen und anderweitig auszeichnete, aber nicht sich über die Zuerkennung des I. Preises einigen konnte. Es geht daraus hervor, dass zwar eine ganze Reihe guter Arbeiten vorhanden war, dass es aber an der einen, die sich hoch genug über das allgemeine Niveau erhob, um die Stimmen aller Richter ohne weiteres auf sich zu vereinigen, gefehlt hat.

primeiro lugar. Sua primeira crítica, partindo da pré-determinação do projeto e local da caixa d'água no edital, destaca que a maioria dos projetos não aproveitou ou não percebeu o ponto principal da área. Em sua análise o autor ressalta que, a despeito de o reservatório exigir das propostas atenção, uma vez que foi assinalado no ponto mais alto do terreno e era bastante imponente, ele não ocupa o espaço central. A partir da leitura do corte do terreno (Figura 8), que ali sugeria a direção de um eixo de perspectiva, ele conclui que a elevação da porção central a sudeste encobriria as perspectivas apresentadas que, erroneamente, dão destaque de uma vista impossível da caixa d'água, a menos que se fizesse um grande movimento de terra. Para ilustrar a crítica, refere-se à proposta "Aap", de autoria dos irmãos Roethe e Bungarten, e assinala como boa solução o projeto "Typ", de autoria de Großmann. Entre as propostas que reconheceram a dificuldade e souberam aproveitar a colina, dispondo nela o restaurante com eixo principal de perspectiva dele até a torre d'água, são elencados "Elbau", "Suum cuique" e "Freiluft". Após discorrer em detalhes sobre as qualidades e imperfeições dos nove projetos, o autor deixa para o fim a proposta de Läger, notadamente a única perspectiva geral dentre as imagens apresentadas, e não faz análise semelhante, justificando:

Quem viu Mannheim no ano passado, terá sem dúvida reconhecido de novo o autor, e com isto eu gostaria de qualificar como um mérito essencial do trabalho. Em que medida? Ora, trata-se de um artista, uma personalidade, que se expressa desta forma — e isso se pode dizer de muito poucos dos trabalhos entregues. Eu não quero aqui me pronunciar mais a favor ou contra o projeto de Läger. Há em princípio contrariedades, sobre as quais se deveriam discutir, mas eu acredito que devo admitir, mesmo aqueles que acusam a maneira de projetar e criar de Läger como insuficientemente "alemã" (?) — o mesmo foi dito sobre Großmann — irão reconhecer o valor artístico de seu trabalho para não passar por ridículo por sua rejeição rasa. (ANÔNIMO, 1908a, p. 143) ⁶¹

Se a formulação do concurso figurou disputas entres as vertentes, a indefinição do primeiro prêmio a intensificou a ponto de representantes do *Werkbund* ⁶² redigirem uma carta oficial da instituição ao executivo da cidade, argumentando que uma proposta progressista deveria ser escolhida (HANEY, 2010, p. 56). Os editoriais seguintes de *Die*

61 Trecho no original: Wer Mannheim im vorigen Jahre gesehen hat, wird den Verfasser ohne weiteres wieder erkannt haben, und das möchte ich als einen wesentlichen Vorzug der Arbeit bezeichnen. Inwiefern? Nun, es ist ein Künstler, eine Persönlichkeit, die aus dieser Art zu schaffen spricht — und das konnte man eigentlich nun von wenigen der eingelieferten Arbeiten sagen. Ich will mich hier nicht näher über das Für und Wider zu Lägers Entwurf äußern. Es sind prinzipielle Gegensätzlichkeiten, die dabei erörtert werden müssten, aber ich glaube annehmen zu sollen, dass auch diejenigen, welchen Lägers Art zu empfinden und zu schaffen, nicht „deutsch“ (?) genug ist —, das gleiche ist ja auch von Großmann gesagt worden —, doch den künstlerischen Wert seiner Arbeit anerkennen werden und sich nicht durch seine glatte Verwerfung blamieren.

62 Conforme Haney (2010, p. 56) assinam o ofício do Werkbund o arquiteto e professor Theodor Fischer (1862-1938), primeiro presidente da instituição e mestre de muitos arquitetos modernos, e Wolf Dohrn (1878-1914), primeiro secretário.

Gartenkunst especulavam sobre o risco do impasse. Havia uma preocupação de que “provavelmente algum escritório hamburguês reuniria variados detalhes dos projetos premiados em uma composição misturada ao invés de designar um artista para a tarefa” (ANÔNIMO, 1908b, p. 224), o que poderia resultar em um projeto deturpado. A sugestão de Lichtwark de uma nova concorrência com os projetos selecionados foi bem acolhida e elogiada pelo periódico. O embate refletia-se na administração pública. O engenheiro Sperber, chefe do departamento municipal responsável pela elaboração final do projeto, tinha a proposta “Aap” como sua preferida, em oposição declarada às investidas de Lichtwark a favor da proposta de Läger (HANEY, 2010; HAMBURG, 2014).

A campanha de Lichtwark a favor da proposta arquitetônica impulsionou a polêmica, impelindo profissionais e instituições a se posicionarem. Migge, então com 27 anos, não se eximiu desde o início. Escreveu ainda em 1908 dois artigos sobre o concurso e, no ano seguinte, se apresenta por carta ao próprio Lichtwark. A participação de Migge no debate ocorreu em duas frentes: A pública, na qual se posicionava a favor do projeto de Läger (MIGGE, 1909b) e a privada, pela qual ambicionava para si o cargo de chefia de departamento responsável pela execução do projeto, apresentando secretamente sua proposta para Lichtwark (HANEY, 2010, p. 55-57).

Quanto ao posicionamento público, escreve em 1909 sua opinião em termos de programa e elaboração de um parque público em um livreto com o título “*Der Hamburger Stadtpark und die Neuzeit. Die heutigen öffentlichen Gärten – dienen sie in Wahrheit dem Volke?*” (*O parque da cidade de Hamburgo e a modernidade. Os jardins públicos atuais – eles servem realmente ao povo?*) nele avalia o projeto de Läger como “precursor de um novo estilo de jardim”. Em suas palavras, o jardim arquitetônico é a expressão cultural de sua época, que do ponto de vista de uma geração é um estilo:

Agora sabemos — e também o mais pobre entre nós irá perceber — que a cultura europeia está prestes a remodelar solidamente, [o que era] até então estilo infundado, suas expressões humanas da vida, um desenvolver magnífico, o qual só se permite vivenciar unicamente, muito mais do que acolher a conclusão, deve estar afinado com gratidão e humildade e com a mais suprema volição! [...] Cada um de nós sente que seu pequeno ou menos círculo já foi mais ou menos tocado por essa nova onda cultural e, mais cedo ou mais tarde, inevitavelmente será levado por ela. Aqui não há arte, nem artesanato, nem comércio e nem indústria, aqui está apenas um movimento único e abrangente associado aos segmentos mais ocultos (MIGGE, 1909b, p. 5-6)⁶³.

Lichtwark também publicou em 1909 seu próprio ensaio a respeito do projeto do parque *“Park- und Gartenstudien — Die Probleme des Hamburger Stadtparks”* (“Estudos de parques e jardins — o problema do parque da cidade de Hamburgo”), que fazia parte de uma coleção intitulada *Die Grundlagen des künstlerischen Bildung* (*Os fundamentos da formação artística*), da editora de Bruno Cassirer. O historiador da arte parte da premissa que o gosto e o senso comum são favoráveis ao paisagismo com características do jardim inglês, desde o público leigo até os profissionais da área, ao mesmo tempo em que frisa o crescente movimento no interior das comunidades artísticas, de ofícios, arquitetos, pesquisadores e outros diletantes das artes interessados na transformação artística de parques e jardins em seu sentido arquitetônico. Explicita o embate entre ambos e é categórico ao afirmar que o vencedor é, sem dúvida, a vertente reformista. Sua crítica é menos sobre a estética da natureza artificialmente intocada do que a paisagem ideal perseguida e invariavelmente reproduzida no modelo paisagístico, a saber, a paisagem inglesa de colinas, ou ainda, *a paisagem inglesa como identidade nacional em detrimento da alemã*. E ressalta que tais modelos “ingleses”, como vistos na Alemanha, não seriam encontrados na Inglaterra, se procurados nos dias de então.

Ademais, o autor compara o isolamento da formação dos paisagistas, sem relação com o desenvolvimento artístico, com a formação dos arquitetos, igualmente apartada dos pintores e escultores, resultando no empobrecimento das trocas entre as áreas. E argumenta que o parque nos moldes paisagísticos não atende mais as *necessidades contemporâneas*, excluindo as questões artísticas uma vez que as compreende como valores de gosto. Para se combater esse estilo, é preciso atacar sua *funcionalidade*. Elementos caricatos (muitos caminhos, gramados diminutos e buchinhos) não seriam

63 Nun wissen wir — fühlen werden es auch die ärmsten unter uns —, daß die europäische Kultur just dabei ist, ihrer bisher haltlosen Weise gediegenere Umgestalten menschlicher Lebensäußerungen, ein herrliches Entwickeln, das nur miterleben zu dürfen einzig schon, vielmehr als etwa die Vollendung zu begrüßen, zu Dank und Demut, zu höchstem Wollen stimmen sollte! (...) Jeder von uns empfindet, daß sein kleiner oder kleinster Kreis von dieser neuen Kulturwelle bereits mehr oder minder berührt ist und früher oder später von ihr unweigerlich fortgerissen werden wird. Hier ist keine Kunst, kein Handwerk, nicht Handel und nicht Industrie, hier ist nur ein einziges, allumfassendes mit geheimsten Fäden verbundenes Gangwerk.

práticos e possuiriam apenas um objetivo, o curso/ passeio. Lichtwark recupera a origem dos primeiros parques desse estilo na Alemanha para demonstrar a mudança de função e de uso, pela qual se exige novos elementos. Os parques pertenciam aos castelos, e o seu jardim, por essa razão, servia ao rei e sua corte, o público externo tinha restrições de acesso e uso, e mantinha uma relação de visitante convidado, ao passo que esse costume se manteve nos parques públicos implantados a partir da década de 40 do século XIX: sem espaço para práticas de esportes, proibição do uso do gramado, restrições de uso conforme as condições climáticas, poucos espaços de estar, poucos bancos. Como exemplo desse tipo de parque urbano, guardando semelhança aos usos dos parques reais, ele descreve o parque Englischer Garten de Munique. Seu maior argumento para pouco uso daquele espaço recaia sobre a pouca oferta de espaços e equipamentos de permanência, tornando-se apenas passagem. Já no outro exemplo, o Herzogspark, também em Munique, ele descreve um melhor uso. O mais importante:

[...] porém este parque é habitado. Ele serve para permanência. Os visitantes se sentem em casa. [...] Nós não podemos construir nosso parque de Hamburgo tal como o Herzogspark de Munique. Mas assim como aquele corresponde às necessidades de seus habitantes, precisamos que o *parque de Hamburgo corresponda às nossas necessidades* [itálicos nosso] atuais e vindouras (LICHTWARK, 1909, p. 63) ⁶⁴

Na publicação de Migge, os preceitos de Lichtwark são reconhecíveis. Ele acusa o tipo recorrente de áreas verdes como não sociais, *unsozial*, na medida em que impedem a livre expressão social em suas práticas e costumes, e aponta os elementos indispensáveis de um parque público: o parque deve ser o local dos exercícios físicos por excelência, e deve proporcionar o desenvolvimento do povo, *Volkstum*, ofertar espaço ao ar livre para as festas e canções e isto é o principal, outro propósito básico é o cultivo de flores, “e talvez no futuro próximo cheguemos à conclusão de que esse tipo de parque serve à cidade” (Migge, 1909b, p. 11). Atividades esportivas, festas populares tradicionais, o uso de flores e de cor nos canteiros, diversidade de caminhos a percorrer no passeio público, possibilitando mais encontros entre diversos estratos sociais e, por fim, um pedaço de chão a todo aquele que queira cultivar a terra e não possua seu próprio jardim. São esses os elementos indispensáveis que garantem o *parque público como fator social*:

64 Trecho no original: (...) wohl aber wird dieser Park bewohnt. Er dient zum Aufenthalt. Der Besucher fühlt sich zu Haus. (...) Wir können unseren Hamburger Park nicht anlegen wie den Münchener Herzogspark. Aber wie dieser den Bedürfnissen der Münchener, so muss der Hamburger Park unseren Bedürfnissen entsprechen, heutigen und künftigen.

O quanto a privação de flores por gerações há muito foi percebida pelo povo como uma emergência, podemos ver o desenvolvimento que as colônias agrícolas e jardins burgueses ⁶⁵ além dos portões das cidades experimentaram tão rapidamente a partir de inícios discretos. Aqui o homem simples por si mesmo cultiva de novo as flores entre os seus, aqui ele vive verdadeiramente, ou quer de fato. Aqui é o lugar onde ele pode emergencialmente se reconciliar dos martírios do difamado apartamento da cidade grande. Esses jardins parcelados precisam ressurgir em centenas. O que foi realizado até aqui em termos do trabalho mais valioso e do trabalho cultural, no melhor sentido, surgiu de alguns poucos até agora. Mas é o suficiente — já que essas fundações, por enquanto, [são] apenas apresentações provisórias — para poder colocar a mais séria exigência sem ruborizar: *o verdadeiro parque do povo tem de dispor no futuro alguns metros quadrados de terra a todos aqueles que não possuem um jardim e queiram um!* [itálicos nosso] (MIGGE, 1909b, p. 12) ⁶⁶

No geral, o livro *Parque da Cidade de Hamburgo e a Modernidade* reproduz os preceitos do movimento reformista, pautado principalmente naquilo que postulou Lichtwark, mas há um avanço propositivo em questionamentos mais específicos do tipo de uso e programa dos parques e sua relação com a cidade. Ele questiona, por exemplo, a premissa do concurso de implantar uma *Ringstraße* (anel viário) de no mínimo 24 metros de largura. Na opinião de Migge, tal estrutura viária significaria um gasto desnecessário e um resultado monstruoso, pois além de ocupar um espaço valioso separaria o parque das moradias circunvizinhas. Em sua avaliação, a rua fundamentalmente serviria ao tráfego dos moradores e, para isso bastaria uma largura de oito a dez metros. Migge também critica a prescrição do concurso sobre o parcelamento das glebas lindeiras, que se restringiu a apenas indicar dez metros de testada, voltada para o parque, destinando os lotes a casa unifamiliares. Essa diretriz teria resultado em propostas pobres em relação ao tema: se sua verdadeira importância tivesse sido considerada para além das contingências do projeto, elas poderiam tornar-se propostas-modelo para a questão da moradia da cidade. Finaliza: “em conjunto com um parque público moderno, considerando sua importância social, é necessário um esforço generoso fazendo uso das múltiplas ideias modernas para o espaço da casa e do jardim e ofertar um novo assentamento” (MIGGE, 1909b, p. 23-24).

65 Termos no original: Laubenkolonien; Bürgergärten respectivamente.

66 Trecho no original: Wie sehr die Enbehrrung der Blumen durch Generationen vom Volke bereits als Not empfunden wird, sehen wir na der Entwicklung, die die Laubenkolonien und Bürgergärten vor den Toren der Städte aus unscheinbaren Anfängen heraus so schnell haben erleben können. Hier hegt der einfache Mann aus sich selbst heraus wieder Blumen, im Kreise der Seinen lebt er hier wahrhaft, oder will es doch. Hier ist die Stelle wo er sich mit der hetzenden Wohnungsmarter der Großstadt zur Not versöhnen kann. Diese Kleingärten müßten in hundertfacher Zahl erstehen. Was hier jetzt schon an wertvollster Arbeit, Kulturarbeit im bestem Sinne geleistet wird ist bisher überhaupt nur Wenigen aufgegangen. Aber es genügt um — da jene Gründungen vorerst zumeist nur Provisorien darstellen — ohne Erröten die ernste Forderung stellen zu dürfen: Der wirkliche Volkspark müßte in Zukunft für jedermann, der nicht im Besitze eines Gartens ist und der ihn will, einige Quadratmeter Landes bereit haben!

Aqui já estão colocados alguns dos elementos que Migge posteriormente mais privilegiou em seus textos: o homem comum, o cultivo em hortas parceladas ou colônias, o acesso de todos à atividade hortícola, se assim o desejassem, a expansão de áreas cultiváveis, a relação das áreas verdes com uma preocupação social e o entendimento do impacto social e urbanístico das estratégias do desenho urbano adotadas, como é patente no caso da *Ringstraße*. Embora o autor não desenvolva mais do que isso na publicação, isto indica a direção de seus interesses: incluindo elementos que normalmente eram vistos como do planejamento urbano no debate do paisagismo, como o arruamento, o que mostra como ele desafiou os limites da disciplina.

O ensaio de Migge não passou despercebido. No exame dos números da revista *Die Gartenkunst* a publicação é citada duas vezes e nota-se a relevância dada a ela, colocando em paridade os ensaios de Lichtwark e Migge. O livro do paisagista, lançado em maio, recebeu atenção especial em um artigo-resenha, publicado em junho de 1909 (HANEY, 2010, p. 56), no qual o autor, identificado apenas por “H.”⁶⁷, destaca a importância de trabalhos como aquele. Em sua introdução, o articulista apresenta a importância do debate sobre o projeto do parque, “pois inaugura uma mudança a respeito das questões artístico-paisagísticas com discussões acaloradas” (H., 1909, p. 107). Para o autor seria um sinal dos tempos que a passividade, falta de interesse e compreensão destas questões por outros círculos chegava ao fim, e que, apesar de não concordar plenamente com Migge, e em certos aspectos ser de opinião oposta, ele o reconhece como “uma prova segura de que a árvore do paisagismo está saudável e dá novos frutos” (H., 1909, p. 107). Os pontos principais ressaltados como qualidade na resenha são justamente aqueles que analisamos anteriormente: o objetivo principal do parque como fator social, “observando as exigências sociais contemporâneas” ao invés de ser um “fim em si mesmo”, e concorda com a crítica precisa do “desperdício descabido de espaço com um anel viário de 24 metros de largura, bem como a urbanização irresolvida ao redor do parque” (H., 1909, p. 108).

Os debates daquele ano a favor do projeto de Läger, ou de um desenho arquitetônico do parque, tiveram uma penetração parcial na secretaria de engenharia da cidade. O chefe do órgão, Fritz Sperber, desenvolveu dois projetos paralelos a partir das propostas premiadas do concurso. O projeto “I”, paisagístico, seguia as premissas da proposta “Aap”, elaborada pelo escritório Roethe e Bungarten, com consideráveis modificações de elementos estruturais, como a reposição e a ligação do canal ao lago, redução de caminhos e redesenho de espaços (Figura 15). Há uma tentativa de simplificar o desenho, o que efetivamente descaracterizou a estética paisagística inicial. De maneira

67 Mais uma vez, supomos tratar-se de Carl Heicke, editor-chefe da revista.

similar, o projeto “II” adotava o partido do projeto “Pfau”, de Luger, mantendo a ortogonalidade do gramado central e o eixo visual entre torre d’água, gramado, lago e pavilhão de exposições, porém mantinha ao redor características mais paisagísticas (Figura 16). Nesse ínterim, outra personalidade assumiu, em 1908, o cargo como diretor de obras da cidade, a Friedrich Wilhelm (Fritz) Schumacher (1869-1947), arquiteto cofundador do *Deutsche Werkbund*. A Schumacher e Sperber foi delegada a tarefa de projetarem em conjunto e integrarem em uma única soluo os dois conceitos espaciais em conflito.

O resultado final foi apresentado em 17 de janeiro de 1910 (Figura 17). Ainda que o conjunto do plano de massas seja muito mais paisagístico, as estruturas principais e suas propostas espaciais são muito similares àquelas sugeridas por Luger. Embora a inteno fosse um projeto que agradasse tanto a uns quanto a outros, os porta-vozes reformistas ficaram desapontados com o desenho final, definindo o projeto final como “um compromisso frouxo aos ideais do movimento de reforma dos parques” (HANEY, 2010, p. 58). Por outro lado, a polmica do concurso demonstrou a divisão de opiniões acerca do tema e possibilitou que o debate alcançasse um público mais amplo.

Em 1910, Schumacher e Sperber publicaram em *Die Gartenkunst* um artigo descrevendo o projeto, incluindo grande número de ilustrações de vistas e perspectivas propostas para o parque. O artigo descreve o projeto, dando maior ateno às construções propostas e às conexões de tráfego viário, ferroviário e hidrovirio⁶⁸ do que aos espaços livres conformados pela vegetação e por outros elementos paisagísticos, o que também se reflete na escolha das imagens — em sua maioria destacando as superfícies de água e as visadas de perspectiva para ou das construções. Schumacher era arquiteto alinhado às discussões reformistas, e se tornou um importante personagem do urbanismo de Hamburgo, e Sperber era um engenheiro declaradamente mais afeito à escola paisagística. Assim, eles tiveram um duplo desafio: neutralizar as próprias desavenças de estilo e acolher as críticas acumuladas ao concurso⁶⁹. Nos momentos em que a descrição lança luz sobre as áreas livres, há um esforço em justificar o caráter arquitetônico ou geométrico dado a eles, seja por sua *funcionalidade*, seja pela *estruturação espacial*:

68 A conexão do lago com o canal Goldbeck, premissa do concurso, permitia o acesso ao parque por embarcações  vapor. Proposta coerente a uma cidade portuária como Hamburgo.

69 A Sociedade Alemã para Paisagismo, DGfG, escreveu uma carta aberta ao senado e ao executivo reclamando a falta de participação de paisagistas formados na execução do projeto (HAMBURG, 2014, p. 17-18).

No meio do parque, entre o lago e a parte arborizada, estende-se uma superfície de cerca de 30 ha de um amplo gramado cercado de conjuntos de árvores, para o qual foi determinado para o uso geral, sobretudo para o universo infantil e servirá de parque infantil. Em todo parque distribui-se praças variadas que oferecem oportunidade para jogos e esporte. [...] Alguns pontos do parque, dos quais partem vias principais, carecem de uma leve *acentuação arquitetônica, para obter uma articulação* [espacial] clara [itálicos nosso] (SCHUMACHER, & SPERBER, 1910, p. 88/91)⁷⁰.

As obras iniciaram-se em junho de 1910. A execução do parque permaneceu sob crítica da imprensa especializada em razão dos custos e grandes movimentos de terra necessários para terracear as áreas gramadas (HAMBURG, 2014, p. 18). A partir de 1914, as estruturas principais estavam concluídas, embora a torre d'água tenha sido executada entre 1913 e 1915, e o café, concluído em 1916, tenha sido aberto ao público apenas em 1921, e o restaurante, em 1924. Pouco antes da inauguração do parque em 1º de julho de 1914, eclodiu a Primeira Guerra Mundial. Dentre as consequências diretas da guerra sobre o parque, houve o alistamento de 70 jardineiros e funcionários do departamento de jardins da cidade, bem como o fechamento do acesso ao edifício administrativo em 1915. No mesmo período, o racionamento de comida e o crescente perigo da fome resultaram na abertura de áreas do parque para cultivo hortícola. Com o fim da guerra um grande número de desempregados compôs a força-tarefa de trabalhos emergenciais, auxiliando na conclusão do parque (HAMBURG, 2014, p. 25-26). A segunda fase de construção se estendeu de 1918 a 1930, mas sua conclusão ocorreu apenas em meados dos anos 1930 (GRUNERT, 2002, p. 1). Poucos anos antes, em 1933, Schumacher abdicou de seu cargo público, possivelmente por razões políticas (HAMBURG, 2014, p. 15). Durante esse tempo expandido de construção, o discurso reformista foi se estabelecendo como dominante. Foram adicionadas estruturas esportivas e de lazer, dentre elas um balneário público (1919-1921).

Pode-se concluir que, nas primeiras décadas do século XX, quando o paisagismo reformista passa a disputar a dominância cultural, buscou-se resolver as contradições formais e programáticas do parque público de duas formas, correspondentes às duas vertentes predominantes. No caso do concurso do parque de Hamburgo, o corpo do júri, com representantes de ambos os estilos, indica uma tentativa de conciliar as oposições. A despeito disso, as propostas apresentadas não compatibilizaram as contradições internas do júri a contento, resultando em polêmica ao invés de conciliação. As tratativas de

70 Trecho no original: In der Parkmitte zwischen dem See und dem bewaldeten Teil erstreckt sich über eine Fläche von etwa 30 ha eine weite, von Baumgruppen umgebene Wiese, die für den allgemeinen Gebrauch bestimmt ist und namentlich der Kinderwelt als Tummelplatz dienen wird. Zahlreiche rings im Park verteilte Platzanlagen bieten Gelegenheit für Spiel und Sport. (...) Einige Punkte des Parkes, an denen bedeutende Verkehrswege sich schneiden, bedürfen einer leichten architektonischen Betonung, um eine klare Gliederung zu erzielen.

concepção, decisão e execução do parque condensam um momento fundamental do debate sobre o paisagismo, seja pelas formulações estéticas e funcionais, seja pelo impacto urbano e social de sua execução. Além disso, lançam luz sobre o ponto de transição de Migge, até então um paisagista de jardins residenciais das elites, que foi reconhecido por seus méritos como crítico e profissional qualificado.

Figura 7 – Proposta “D” de Vermehren para o parque de Hamburgo-Winterhude, 1902. Fonte: Hamburg 2014, p.8.

Com desenho no estilo paisagístico, prevalecem as áreas de bosque e os caminhos ambos destinados ao uso de recreação consolidado no hábito do passeio. O isolamento da torre d'água (ponto excêntrico ao caminho circular à esquerda) denota um menor interesse da estrutura como foco de perspectiva e consequentemente de sua função como referencial para a orientação espacial.

Lageplan des Geländes für den Stadtpark Hamburg-Winterhude.

Figura 8 - Planta de situação do terreno para o parque da cidade Hamburg-Winterhude, 1908. Fonte: ANÔNIMO 1908a, p.135.

A flecha vermelha indica a localização do corte demonstrando o perfil natural do terreno, ao mesmo tempo em que supõe um eixo visual. A área do parque foi modificada em relação aos estudos iniciais, incorporando uma porção a sudeste.

Figura 9 - Proposta "Pfau" de Läger para o parque de Hamburg-Winterhude, 1908. Fonte: HAMBURG 2014, p. 9.

A organização espacial do projeto se baseia em espaços ortogonais e eixos de circulação claros, dispondo como centro de um grande gramado e jardins ortogonais. O programa procura atender a demanda por espaços amplos e livres para práticas esportivas, mas também oferece espaço para o lazer do passeio com caminhos menores entre áreas de bosque. Aqui, a torre d'água (à esquerda) ganha destaque como eixo visual, preservando área livre em seu entrono. Notam-se clareiras geometrizadas no interior dos bosques, bem como caminhos principais mais retos, "quebrando" o desenho paisagístico do bosque. A conexão do lago com o canal (abaixo à direita) também é ortogonal e generosa em suas dimensões.

Figura 10 - Proposta "Aap" de Roethe e Bungarten para o parque de Hamburg-Winterhude, 1908. Fonte: ANONIMO 1908a, p.137.

Nota-se um eixo imponente da torre d'água até um grande gramado. Este eixo, que também é visual, segue a orientação do corte do perfil do terreno (Figura 8) e se encerra no lago com o restaurante. As conexões do lago com o canal são tímidas e mimetizam um desenho naturalístico, tendo suas margens vegetadas. O canal isola a porção do lago e restaurante em relação ao restante do desenho, ainda que inclua duas pontes.

Figura 11 - Proposta "Suum cuique" de Freye e Reuter para o parque de Hamburg-Winterhude, 1908. Fonte: ANONIMO 1908a, p.137.

Nesta proposta os setores foram bem demarcados área de bosque bem denso a oeste e grandes porções gramadas com maciços de árvores nas bordas dos caminhos. As áreas mais arquitetônicas se relacionam com as construções. O eixo entre torre d'água e restaurante reitera a proposta do edital. As áreas mais ortogonais não se integram ao desenho de seu entorno. O lago se conecta de forma direta e ortogonal com o canal, este isola a porção sudeste.

Figura 12 - Vista para o restaurante e o café da proposta "Suum cuique", 1908. Fonte: ANONIMO 1908a, p.137.

As grandes áreas gramadas abrem a perspectiva de visadas menos pré-determinadas, bem como seu uso de múltiplas possibilidades. Nesse sentido o desenho é mais livre sem condicionar o uso do espaço proposto.

Figura 13 - Perspectiva da proposta "Pfau" de Läger, 1908. Fonte: ANONIMO 1908a, p.143.

O desenho apresenta um controle de organização e estruturação dos espaços que reflete no controle de seu uso. Por exemplo, as dimensões dos gramados isolados reduzem o número de pessoas e restringem algumas atividades que demandam maior área, implicando que estas iriam ocorrer, necessariamente, no grande gramado central.

Figura 14 - Perspectiva da torre d'água da proposta "Pfau" de Läger, 1908. Fonte: MIGGE 1990, p.38.

Presente como ponto de eixos e perspectivas em muitas das propostas do concurso, a relação da torre d'água com o restante do parque variou em sua monumentalidade, mas permaneceu como elemento de orientação espacial e vista. Läger propôs repuxos d'água em seu eixo de acesso, incorporando um elemento plástico do paisagismo que se relacionava de outra forma com a torre d'água.

Figura 15 - Proposta "I" de Sperber a partir da proposta "Aap", 1909. Fonte: HAMBURG 2014, p. 13.

Embora o projeto não seja uma cópia da proposta "Aap" (à direita), muito de suas estruturas espaciais e posição de elementos são identificáveis: o eixo da torre d'água até o lago com o café, incorporando entre eles um restaurante, um grande gramado com um maciço de árvores a leste, posição e formato do lago, invertendo sua localização com o canal. As mudanças atendem às críticas do projeto "Aap" no artigo de 1908 na *Die Gartenkunst* (ANÔNIMO, 1908a, p. 139).

Figura 16 - Proposta "II" de Sperber a partir da proposta "Pfau", 1909. Fonte: HAMBURG 2014, p. 14.

Sperber manteve o eixo diagonal noroeste-sudeste com o canal sinuoso, o que modifica bastante as áreas da parte sul do parte. Apesar disso, o grande gramado quadrangular é o que mais se destaca e possui o desenho mais simplificado em relação ao projeto de Läger e divide o grande gramado em dois retângulos. As áreas de bosque possuem clareiras mais orgânicas, remetendo ao desenho paisagístico. O eixo da torre d'água tem maiores dimensões tornando-o mais monumental.

Figura 17 - Projeto final de Schumacher e Sperber para o parque de Hamburg-Winterhude, 1910. Fonte: SCHUMACHER, & SPERBER 1910, p. 87.

O projeto procurou conciliar as duas vertentes em conflito, equilibrando a geometria ortogonal dos espaços com caminhos mais curvilíneos e vegetação majoritariamente livre de desenho em canteiros. Houve cuidado em manter o grande gramado central, mas também inseriu gramados menores de recreação, *Spielplatz*, ao redor de áreas próximas às construções, seguindo a premissa do paisagismo mais arquitetônico quando este possui relação com um edifício.

Figura 18 - Vista da torre d'água a partir do restaurante às margens do lago, 1910. Fonte: SCHUMACHER, & SPERBER 1910, p. 87.

Além da função social, o gramado cumpre papel compositivo da paisagem, abrindo a perspectiva da torre d'água, o que visualmente aproxima, possibilitando uma visão do conjunto principal do parque organizado no eixo noroeste-sudeste. A representação do barco indica sua transformação simbólica de seu uso, se comparado com a Figura 2. Aqui, o barco é parte do lazer que o parque proporciona, que incluiu no projeto um ancoradouro de aluguel de barcos.

Fritz Encke foi um paisagista, professor da escola de jardinagem *Wildpark* em Potsdam (1890-1903) e presidente da Sociedade Alemã para Paisagismo, DGfG (1908-1913). Sua ocupação mais conhecida foi como diretor de jardins em Colônia (1903-1926) e antecipou em seus projetos as preocupações sociais, referente aos espaços livres urbanos, que viriam ganhar destaque depois da primeira guerra mundial. Dois artigos publicados em *Die Gartenkunst* delineiam as principais caracterizações que ele fez a respeito do *Volkspark*. No primeiro, intitulado *Wie sind die städtischen Anlagen für die Bevölkerung praktisch nutzbar zu machen?* (“Como fazer na prática os parques urbanos serem úteis para a população?”), divulgado⁷¹ em 1908 — trata-se de um ano agitado para os debates acerca do paisagismo —, o autor faz uma breve introdução, ressaltando as mudanças de uso das áreas verdes desde o Iluminismo, com a abertura dos jardins, parques de caça e outras áreas pertencentes à realeza. Menciona a importância de figuras como Lenné e Meyer no desenvolvimento do paisagismo e elenca as características principais necessárias para atender o pleno e livre usufruto das áreas verdes pela população, destacando:

Os parques querem ser usados *mais livremente*, do que ser meramente contemplados. Que para isso seja necessária uma incansável educação da população, não se questiona. A tarefa, porém, vale o esforço, pois ele apresenta, mesmo que [seja] um passo modesto, *refinamento e educação popular* [itálicos nosso] (ENCKE, 1908, p. 217)⁷²

Nessa passagem, a utilidade do parque para a população refere-se ao caráter *educativo* de proporcionar espaço que *refine* as massas, através do uso *livre* do espaço. Como modelo para população são oferecidas as práticas da burguesia, como se atesta no programa elaborado para o parque de Hamburgo: café, restaurante, pavilhão de exposições, e, especialmente a *Trinkhalle*, (SCHUMACHER, & SPERBER, 1910, p. 87-92) um pavilhão de água potável onde era possível adquirir água mineral de diversas fontes ou ainda tomar um banho de imersão em águas termais⁷³. A *Trinkhalle* exemplifica o desejo de ofertar às massas práticas burguesas, pois eram comuns desde o século XIX⁷⁴ as viagens às termas para tratar-se de enfermidades, como a tuberculose. Por outro lado, as inclusões desse equipamento e da caixa d’água no parque também respondiam a

71 O texto publicado era um excerto da comunicação apresentada na assembleia geral da DGfG, ocorrida em Potsdam em 28 de julho de 1908.

72 Trecho no original: Die Anlagen wollen mehr frei benutzt als bloß besehen werden. Dass hierzu eine unermüdliche Erziehung der Bevölkerung nötig ist, steht außer Frage. Die Aufgabe ist aber auch der Mühe wert, stellt sie doch ein, wenn auch bescheidenes Stück Volksveredelung und - Erziehung dar.

73 Fonte: <<https://www.ndr.de/geschichte/chronologie/Volksparks-frisches-Gruen-fuer-Jedermann,volkspark114.html>> último acesso em 21/12/2019.

74 A literatura apresenta alguns exemplos, o romance “A montanha mágica” (1924) de Thomas Mann se desenvolve baseado nessa prática.

questões de saúde pública após um surto de cólera na cidade em 1892 (HAMBURG, 2014, p. 16).

Com o objetivo de uma apresentação geral, Encke relata os elementos e usos importantes das áreas verdes públicas como os gramados, em especial a distribuição de praças avantajadas no interior da cidade para atender aquela população que não possui seu próprio jardim residencial, compreendendo as praças como substitutas do jardim individual. O autor reforça as práticas esportivas e os jogos como uso preferencial dos gramados e, semelhante aos postulados de Lichtwark, frisa a importância das flores. Também evoca a importância das superfícies de água para os esportes e destaca as funções sanitárias da insolação e ventilação. Questiona como é possível fomentar a atividade popular e autônoma de jardinagem; como exemplo, menciona as tentativas de algumas cidades em implantar parcelas de jardins para arrendamento, em sua maioria semelhante aos *Schrebergärten* (ENCKE, 1908, p. 217-218).

No segundo artigo, *Der Volkspark* ("O parque do povo"), dividido em dois números da revista, Encke apresenta suas premissas de projeto de parques executados em Colônia. Ele abre sua fala⁷⁵ com a afirmação: "O *Volkspark* é produto dos novos tempos" (ENCKE, 1911a, p. 152). A introdução, entretanto, recupera a participação *popular* nas áreas verdes reais do período do rei Luís XIV, refere-se aos reis e imperadores germânicos como filantropos por não apenas permitir a entrada, como também dispor de alguns elementos de *educação popular*, como reproduções de bustos da antiguidade ou construções alusivas às pinturas de paisagem como o moinho, a fazenda e suas estrebarias. "O parque de qualquer período não se coloca contrário ao povo de maneira nenhuma" (ENCKE, 1911a, p. 153). O autor considera como primeiro *Volkspark* urbano alemão um projeto⁷⁶ de Lenné em Magdeburgo de 1825 e que dele definiu-se uma tipologia de parque até pouco tempo comum em toda a Alemanha:

75 Texto apresentado em palestra no curso para paisagistas formados na escola de artes e ofícios de Düsseldorf.

76 Não faz referência ao nome.

Aqui [nos parques de Colônia e Breslau] determinados motivos foram conscientemente incorporados ao parque paisagístico, tal como nos o vimos surgir no período romântico, correspondentes às necessidades do povo de então, ou seja, os cidadãos bem-vestidos que passeavam à tarde nos dias da semana e, naturalmente, aos domingos. [...] Eu não posso deixar de incluir que eu não quero com o que acabo de dizer ridicularizar as criações daquela época, eu não quero discutir sobre caminhos serpenteados ou, ainda menos, sobre caminhos de “pretzel”, uma designação pela qual muitas pessoas, cuja compreensão é clara através do conhecimento de causa, empregam com prazer como uma característica adequada aos jardins paisagísticos. Observe-se a planta do Englischer Garten em Munique, criado no verdadeiro período do jardim romântico, se ali se acham caminhos de “pretzel” (ENCKE, 1911a, p. 154)⁷⁷.

Nota-se nesse artigo a preocupação histórica de Encke em relação à formulação dos parques e do paisagismo. Não obstante se aproximasse do discurso reformista, não recusa o valor artístico e histórico de seus antecessores. Há também a referência ao caráter *educativo* da população em relação aos parques paisagísticos. Encke não está rompendo com as formulações conceituais entre os parques de outrora e o *Volkspark*. Ao destacar o que era considerado povo no período anterior, *os bem-vestidos*, e ao reforçar que os parques de qualquer período nunca foram contrários ao povo assumindo com isso a participação popular desde sempre, ele ignora uma grande parcela da população: as camadas mais pobres, “os mal-vestidos”, que até meados do século XIX nem dia de descanso tinham. Em seu desenvolvimento, Encke se opõe à ideia de o *Volkspark* de seu tempo ser representado como um novo modelo, um novo dogma do paisagismo, embora concorde que as necessidades da população são outras em relação às aquelas de 50 ou 100 anos atrás. A maior diferença que ele destaca diz respeito ao tamanho das cidades, antes muito menores, o que permitia a *qualquer um* ter fácil acesso aos campos, bosques, beirário e outras áreas ao ar livre, reduzindo a necessidade de parques no interior da cidade. Nesse sentido, a cidade grande exige não só a implantação de *Volkspark*, como também toda sorte de áreas livres para arejar a cidade. Elas devem conectar-se em um sistema radial com estruturas verdes periféricas, como os cinturões verdes.

Segundo o autor, elementos determinantes no projeto do parque são: o tipo de morador dos arredores, tamanho da área disponível, a forma do relevo, a vegetação

77 Texto no original: Hier sind dem Landschaftspark, wie wir ihn in der Zeit der Romantik entstehen sahen, bewusst bestimmte Motive einverleibt, den damaligen Bedürfnissen des Volkes, d. h. der gutgekleideten, auch wochentags nachmittags und selbstverständlich des Sonntags spazierenden Bürger entsprechend. (...) Ich kann es nun nicht unterlassen, hier einzuschieben, dass ich mit dem eben Gesagten nicht die Schöpfungen jener Zeit lächerlich machen will, dass ich nicht etwa von Schlingelwegen oder gar Bretzelwegen reden will, eine Bezeichnung, welche vielfach Leute, deren Verständnis durch Sachkenntnis ungetrübt ist, als eine passende Charakteristik der Landschaftsgärten überhaupt zu gebrauchen belieben. Man sehe sich den Plan des englischen Gartens in München an, der zur Zeit der echten Gartenromantik entstanden ist, ob da etwa Bretzeln von Wegen zu finden sind.

existente, o entorno do parque e a presença de rios, florestas, campos ou áreas livres nas proximidades. Encke apresenta como exemplo três de seus projetos de parque em Colônia, cada um apresentando uma característica compreendida por ele como *Volkspark*. O primeiro, o Klettenbergpark, reproduzia paisagens regionais inavistáveis da cidade de Colônia. O autor enfatiza em sua descrição a disposição de espécimes arbóreos com maior liberdade, seja imitando a maneira como se encontra na natureza, seja subvertendo essa lógica numa composição livre de espécies nativas e exóticas. O segundo, o Vorgebirgspark, possui como elemento central um grande gramado circundado por áreas de bosque. Além de discutir as dificuldades de manutenção do gramado e indicar premissas de proporção, também pontua sua experiência na implantação de áreas de banho:

Muitos também têm a necessidade de tomar banho de luz e de sol. Eles se despem, para entrar na água de calção ou roupa de banho. Como aqui naturalmente não há vestiários, eles se despem a olhos vistos. Alguns com isso *não agem de forma muito decente*. Isso obviamente não pode ser aceito, e *agora nós nos deparamos novamente com a necessidade de colocar instruções impressas*. Além disso, receio que *uma vigilância constante será inevitável a longo prazo*, [itálicos nosso] o que parece deixar a instalação mais cara do que todas as outras coisas (ENCKE, 1911b, p. 164-165)⁷⁸.

O terceiro exemplo, o Herkulespark, teve todo o seu programa fortemente elaborado nos moldes arquitetônicos: gramado, alamedas sombreadas, praças, lago para navegar com botes e patinar no gelo, espelhos d'água, restaurante, jardim de rosas e coreto. Ao concluir a descrição do projeto, destaca sua semelhança com os jardins reais do período barroco, mas “que de modo algum resultou de uma imitação intencional, o arranjo foi produzido muito mais como solução desembaraçada de perguntas práticas” (ENCKE, 1911b, p. 167). Em sua conclusão, indica ser a favor de maior liberdade formal das composições, sejam elas mais irregulares ou arquitetônicas, e que nenhum dos tipos exclui por si o surgimento de um lindo e adequado *Volkspark*. Encke não confronta as duas vertentes como proposições opostas, indicando mais continuidade que rompimento, mais transição que transformação. Além disso, em sua formulação, apesar de haver uma preocupação de maior acesso aos parques, há pouco questionamento histórico e social sobre o quanto o acesso desigual refletiu em um tipo específico de uso. O resultado formal

78 Trecho no original: Auch haben viele das Bedürfnis, hier Licht- und Sonnenbäder zu nehmen. Sie entkleiden sich, um sich in der Badehose oder im Badeanzug in das Wasser zu legen. Das natürlich hier keine Auskleidezellen vorhanden sind, so entkleiden sie sich vor aller Welt. Manche mögen dabei ja auch nicht allzu dezent verfahren. Das geht natürlich nicht an, und nun stehen wir eben auch wieder davor, eine gedruckte Gebrauchsanweisung aufstellen zu müssen. Außerdem wird eine dauernde Beaufsichtigung, fürchte ich, auf die Dauer nicht zu umgehen sein, welche die Einrichtung mehr als alles andere teuer erscheinen lässt.

corresponde aos programas e necessidades nas formas, nos programas e nas necessidades consideradas adequadas a partir de um referencial naturalizado. A despeito da compreensão sobre a importância urbana — mais sanitária que social — dos parques nas grandes cidades e apesar de preocupar-se com a sua distribuição uniforme, no caso de Encke há um forte caráter moral que condiciona as decisões de projeto e de administração dessas áreas.

Outra caracterização fez Harry Maasz, aluno de Encke na escola real de jardinagem Wildpark em Potsdam, paisagista e diretor do departamento de áreas verdes de Lübeck (1912-1922) em seu livro *Der Volkspark der Zukunft – Laubenkolonie und Grünfläche (O parque do povo do futuro – Colônias agrícolas e áreas verdes)*, publicado em 1913. Ele é reconhecido como um dos paisagistas alemães mais importantes dos anos 20 do século passado. No prefácio, alerta para a redução das parcelas hortícolas arrendáveis, que cedem suas áreas com o crescimento das cidades, e conclui que a tendência é sua extinção se o “poder público não assumir de uma vez por todas o compromisso em integrar as colônias agrícolas aos planos de urbanização” (MAASZ, 1913, p. VII). Maasz anuncia o nascimento do *Volkspark* do futuro quando as primeiras tentativas corajosas e bem-sucedidas incluírem colônias agrícolas onde houver, nas cidades, áreas verdes com preocupações sociais:

O significado das parcelas de jardim arrendáveis para o povo, sua influência educativa e enobrecedora sobre a vida afetiva e espiritual da população trabalhadora das nossas grandes cidades nos é há tempos conhecida. Apesar disso assistimos praticamente sem ação como a cada ano os “pequenos jardins” distanciam-se mais e mais dos centros urbanos, como ano a ano a urbanização cada vez mais espalhada causa desmesuradas vítimas nestes locais, onde *seres humanos alegres buscam restabelecer o corpo e a mente* [itálicos nosso] e o necessário equilíbrio dos nervos e da saúde após as atividades estafantes da luta pelo pão de cada dia (MAASZ, 1913, p. 1)⁷⁹

Nos primeiros parágrafos ficam patentes as diferenças conceituais entre ele e Encke. Sua proposta parte de antemão de uma compreensão mais social das áreas verdes, com destaque para sua preocupação para com a classe trabalhadora. Ainda que reafirme a ideia de espaço *educador e enobrecedor*, esta se dá no âmbito da prática de jardinagem⁸⁰, não por um programa de uso notadamente burguês. Ainda que haja reminiscências românticas com relação a essa atividade, sua ênfase na dimensão social é

79 Trecho no original: Die Bedeutung der Laubengärten für das Volk, ihr erzieherischer und veredelnder Einfluss auf das Gemüts- und Geistesleben der schwer arbeitenden Bevölkerung unserer Großstädte ist uns lange schon bekannt. (...) Trotzdem aber sehen wir fast untätig zu, wie mit jedem Jahr die „kleinen Gärten“ weiter abrücken von den Zentren der Städte, wie Jahr um Jahr die weiter um sich greifende Bebauung ungeheuere Opfer fordert an diesen Stätten, in denen fröhliche Menschen Gesundung an Leib und Seele und einen notwendigen Ausgleich in der Nerven und Gesundheit zerrüttenden Tätigkeit im Kampf um das tägliche Brot suchen.

muito maior que a moral. Além disso, quando define o nascimento do *Volkspark* a partir da integração de parcelas hortícolas à urbanização, Maasz está rompendo com a ideia de continuidade com as formulações de parques anteriores. Isto é reforçado com a observação de que “a política de parques e áreas verdes por muito tempo foi de mal a pior”, e o que se realizou eram em sua maioria parques com “forte tendência estética muito longe do sentido social, permanecendo os bairros dos menos abastados desconsiderados na implantação de parques”. Como justificativa, afirma tratar-se do espírito da época, *Zeitgeist*, e que a tendência de parques como política social é o efeito da influência inglesa e americana (MAASZ, 1913, p. 3).

Para Maasz o pensamento social do parque provém da compreensão que o homem não habita apenas sua morada de pedra, pois a ela também pertence seu complemento vegetal de áreas verdes. Nesse sentido, Maasz dá às formulações de Muthesius dos projetos de jardim e da casa integrados e do modelo de “sala a céu aberto” de Lichtwark uma dimensão sociocultural. Ele atribui a introdução do pensamento social das áreas verdes nos moldes americanos ao economista e urbanista Werner Hegemann, a quem ainda nos referiremos no próximo capítulo. No entanto, Maasz alerta sobre os cuidados a serem tomados na integração desse pensamento à cultura alemã de forma crítica e condicionada ao solo alemão. Do contrário, os alemães se “infectariam” facilmente com “americanismos”:

Nós perderíamos quase totalmente de vista a cultura alemã de parcelas de jardim arrendáveis se nas grandes cidades toda a nossa apreciável ocupação [for] com os princípios americanos de áreas verdes amplas e generosas. [...] O alemão quer cavar, rastelar, ele quer semear e colher. E com o prazer dessa ocupação ele não dispensa a diligente atividade esportiva, que na Inglaterra e EUA é a pedra fundamental do parque, ele não sente falta a marcha das massas aos gramados e parques ao ar livre afastados, para ali ociosamente se deitar, assistir o jogo dos outros, passar o tempo com apostas e outras coisas mais (MAASZ, 1913, p 4-5) ⁸¹

O autor faz distinção entre usos das áreas livres a partir da insígnia cultural, remetendo à identidade nacional. Enquanto ingleses e estadunidenses teriam seu uso original de parques as práticas esportivas, os alemães, embora não dispensem esse uso, teriam como uso originário o cultivo da terra e das plantas. A imagem se assemelha

80 Ainda que o objetivo inicial das colônias seja a produção hortícola, nelas há uma variedade de outros cultivos, como de flores e plantas ornamentais.

81 Trecho no original: Ob all unserer anerkennenswerten Beschäftigung mit den weitgeistigen und großzügigen amerikanischen Grünanlagenprinzipien in den Großstädten verloren wir die deutsche Laubengartenkultur fast gänzlich aus den Augen. (...) Der Deutsche will graben, harken, er will säen und ernten. Und mit dem Genuss dieser Betätigung entbehrt er nicht die eifrig sportliche Betätigung, die in England und Amerika den Grundstein legten zum Spielpark, er entbehrt nicht das Massenwandern nach entlegenen Freiparks und Wiesenflächen, um hernach müßig dort zu liegen, dem Spiel der andern zuzuschauen, sich mit Wetten und anderen Dingen die Zeit zu vertreiben.

àquela, anteriormente referida, segundo a qual o jardim primordial alemão estaria identificado com as hortas, ou ainda, ao *Deutschbauerngarten*, o jardim do fazendeiro alemão, conforme postulou Lichtwark na virada do século. Isso porque esse jardim do fazendeiro alemão seria o descendente direto do desenvolvimento da jardinagem e do paisagismo alemão como arte aplicada, distinta daquele paisagismo proveniente do século XVIII, relacionada com a reprodução dos preceitos paisagísticos. Maasz, dessa forma, alinha-se ao movimento reformista, com um interesse social maior do que o formal e uma preocupação nacional maior do que a estética. No limite, desejava preservar antigas formas de vida consideradas alemãs do avanço internacionalista, ainda que pareça simpático aos modelos estrangeiros. Confirma-se a interpretação a partir da sua descrição dos arrabaldes das cidades medievais, “os quais foram por anos inconscientemente mantidos por aqueles que conservaram antigos costumes, as áreas remanescentes deste período anteciparam o conhecimento da obra americana do sistema de parques e são verdadeiros *Volksparks*” (MAASZ, 1913, p. 7).

Maasz refere-se também à propriedade das colônias agrícolas. Destaca que esse modelo medieval ainda pode ser visto nas pequenas cidades, e com menor frequência nas médias; por outro lado, elas cedem lugar à urbanização nas grandes cidades. Ainda segundo Maasz, a segurança de uso das colônias agrícolas é da esfera pública, “uma vez que o proprietário privado explora seus arrendatários e os despeja sem prejuízo quando o valor de venda da propriedade é vantajoso”. Por essa razão, sua proposta combina as colônias agrícolas aos parques públicos, unindo-os em um “organismo integrado”, formando assim o “*Volkspark* do futuro” (MAASZ, 1913, p. 8). A vantagem dos municípios, estados e Estado nacional em conservar e reservar áreas para construção desse formato de parque está nos custos e na facilidade de integrá-las ao plano de expansão urbana, pois recorrentemente falta espaço livre durante a urbanização, acarretando problemas sanitários em seu adensamento, o que reduz o acesso da população em geral às áreas verdes públicas. Disso resulta um alto custo na compra de terras para a execução de um parque. Este, segundo o autor, também envolve grande investimento público. Reservar áreas públicas e integrar colônias agrícolas aos parques reduziria significativamente os valores despendidos e ainda possibilitaria a arrecadação pública dos arrendamentos, fomentando novos investimentos do interesse geral. Sobre a localização das reservas de terra, é categórico:

Ali, onde a população urbana for composta predominantemente da classe trabalhadora, funcionários públicos do baixo escalão, trabalhadores, estas áreas livres, estas reservas serão ocupadas por áreas verdes e uma coroa de colônias agrícolas. De ambas as formas verdes será formado o parque para o povo. [...] Que hoje extensos círculos extremamente céticos contraponham-se a este pensamento de Volkspark, [itálico nosso] pode ser porque até agora a forma para sua estrutura e expansão não estivesse disponível nem na realidade, nem na ideia e talvez nem mesmo tenha sido esboçada; e como tudo o que a imaginação não pode imaginar será facilmente menosprezado por alguns, sem sequer antes examinar melhor a ideia em suas vantagens e desvantagens, e assim na verdade não chegou a ocupar-se com a mesma seriamente (MAASZ, 1913, p. 11-12) ⁸²

Apresentamos dois paisagistas, ambos funcionários públicos atuando na produção e formulação do *Volkspark* nas primeiras décadas do século XX que, embora tivessem preocupações formais semelhantes, divergiam na natureza de sua preocupação social: o gramado como elemento central para Encke congrega, junto dele, outros elementos que visam *civilizar* a população, educá-la de acordo com os valores das elites; Maasz, em contrapartida, integra a ideia das áreas livres gramadas às colônias agrícolas como vontade e necessidade popular, em especial das classes trabalhadoras. A divergência também ocorre na argumentação histórica e cultura: Encke destaca os antecedentes imediatos dos períodos romântico e barroco alemães sem demarcar oposição entre a vertente paisagística e a arquitetônica; Maasz, por seu turno, recupera costumes e tradições culturais do período medieval, o que o aproxima do pensamento reformista dos movimentos de artes e ofícios com caráter nacionalista moderado, pois reconhece os aportes ingleses e americanos no desenvolvimento dos parques alemães.

As contribuições de Migge sobre o *Volkspark* presentes no livro *Cultura do Jardim do Século XX* se distanciam de modo geral das proposições de Encke e são assemelhadas às de Maasz, embora haja indicações de que avance no tema das parcelas agrícolas. Antes de detalhar sua proposição, Migge faz uma análise social do desenvolvimento dos jardins ao longo da história, destaca que os jardins, desde a antiguidade até o período contemporâneo, foram privilégio de líderes poderosos, de classes dominantes, de instituições do poder político, intelectual ou religioso. “Os jardins do passado foram expressão de hábitos materialmente e intelectualmente elevados. A cultura do jardim era

82 Trecho no original: Dort, wo die Stadtbevölkerung vorwiegend aus arbeitenden Klassen, kleinen Beamten und Arbeitern zusammengesetzt ist, werden diese Freiflächen, diese Reservate zu besetzen sein mit Grünanlagen und einem Kranz von Laubengärten. Es wird aus diesen beiden Grünformen der Park für das Volk zu bilden sein. (...) Dass heute diesem Volksparkgedanken weite Kreise äußerst skeptisch gegenüberstehen, mag noch daran liegen, dass bisher die Form für die Gliederung und den Ausbau weder in Wirklichkeit, noch in der Idee, also vielleicht zeichnerisch noch nicht vorhanden war; und wie alles, was einem das Vorstellungsvermögen nicht erdenken lassen kann, von manchen einfach und kurzer Hand abgetan wird, ohne sich die Idee auf ihre Vorzüge und Nachteile näher anzuschauen, so hat man sich denn auch nicht eigentlich ernst und liebevoll mit derselben beschäftigt.

privilégio de classe, ela era aristocrática” (MIGGE, 1913, p. 4). Ele conclui que os jardins foram produzidos a partir da liberdade e riqueza intelectual e material, como consequência direta ou indireta da expansão econômica e de alguma mudança social dela decorrente. Assim sendo, “a cultura do jardim é essencialmente um produto social”, e como tal a cultura do jardim do porvir, do século XX, deve expressar suas próprias condições de vida. Migge também sublinha que os alemães nunca estiveram na liderança no campo do paisagismo, e define como tarefa a superação do jardim atual, o paisagístico, para alcançar a cultura do jardim, *Gartenkultur*: afirma que se deve compreender a história do jardim a partir de seu uso, inquirindo sobre *como* e *quem* os utilizou. Assim, seria possível diferenciar as características do uso atual em relação aos períodos anteriores.

Após um grande arco na história mundial nos foi dado a técnica como produto da nova ciência natural. [...] Ao mesmo tempo, junto destas coisas grandiosas e frequentemente admiráveis, vieram também, porém, seus efeitos colaterais, tais como: Mecanização, despersonalização e esvaziamento do trabalho, grandes indústrias e sindicatos patronais, sindicatos, salários e cortiços, veio o capitalismo. Estas são coisas que avançamos em relação aos nossos antepassados (MIGGE, 1913, p. 5)⁸³.

Na intenção de alcançar outro nível cultural do paisagismo, o autor propõe, como primeiro passo, objetivo maior do livro todo, direcionar o funcionamento do paisagismo como um sistema seguro, simplificado e popular, posicionando “sem esforço sua matéria prima, seu produtor e seu consumidor na grande engrenagem”, cada qual no seu lugar correto. A comparação do jardim (ou, de modo mais geral, do paisagismo) a uma máquina com engrenagens e funções procura tanto responder à análise da característica técnica do século XX, quanto incorporar o discurso racionalista do *Werkbund*. A posição que Migge assume em relação aos seus colegas é mais ambiciosa por propor declaradamente um rompimento não só formal — para ele, a forma é resultado — como também programática e conceitual. Embora sem grandes desenvolvimentos teóricos, Migge propõe um novo *Telos* paisagístico, seja na superação cultural do paisagismo de outrora, seja no conceito de *industrialização* do paisagismo. Superação porque pretende democratizar, ou *socializar*, o acesso ao jardim antes aristocrático, e o meio para atingir o objetivo maior seria a compreensão do paisagismo como máquina, em que cada parte constituinte esteja no local em que cumpra *sem esforço* sua função.

83 Trecho no original: Nach einem großen Strich in der Weltgeschichte wurde uns als Produkt der neuen Naturwissenschaften die *Technik* beschert. (...) Zugleich mit diesen großen und oft bewunderungswürdigen Dingen kamen aber auch ihre Kehrseiten, als da sind: Mechanisierung, Entpersönlichung und Verödung der Arbeit, Großbetrieb und Syndikate, Gewerkschaften, Lohn und Mietkasernen, kam der *Kapitalismus*. Das sind so Dinge, die wir vor unseren Altvordern – voraus haben.

Em seu desenvolvimento, o autor apresenta todos os espaços verdes como tipologias de “jardim”, desde a maior escala de parques públicos até a menor escala dos espaços individuais dos jardins particulares. Abre o primeiro capítulo, intitulado “Cidade grande e jardim”, repreendendo aqueles que se queixam da cidade grande, atribuindo os avanços culturais à sua existência. Por outro lado, não deixa de observar o número crescente de cidades alemãs com mais de cem mil habitantes, calculando que ao menos um quarto da população alemã estaria sofrendo as agruras da vida na cidade: apartamentos com pouca ventilação e insolação, aluguéis exorbitantes, longas jornadas de trabalho e alto custo de vida. “E da necessidade surgem jardins”. Migge conclui que, paradoxalmente, a cidade age tanto negativa como positivamente: “a cidade grande é a mãe dos jardins” (MIGGE, 1913, p. 7). Pode-se aproximar sua formulação à de Encke — do surgimento do *Volkspark* como uma necessidade maior da cidade grande pela redução de acesso aos arrabaldes da cidade —, muito embora Migge não faça uma conclusão direta de causa e efeito como algo exclusivo da cidade grande de seu tempo. O surgimento de jardins nas cidades grandes, “que sempre existiram”, é produto da elevação cultural proporcionada pela dinâmica urbana. Em outras palavras, enquanto Encke sugere o parque como necessidade, Migge o vê como expressão cultural de um tempo e de uma nação.

Por outro lado, Migge distancia-se de Maasz em análise e conclusão a respeito das colônias agrícolas. Apesar de ambos fazerem sugestões assemelhadas quanto ao seu uso no interior do *Volkspark*, Migge não as determina como forma-tipo do parque, pois compreende cada um como uma tipologia que podem ou não estar associadas, como *peças da engrenagem*. A primeira tipologia abordada no capítulo “Cidade e jardim” é a colônia agrícola⁸⁴, *Kleingarten*. Migge diferencia três tipos existentes: a colônia agrícola dos pobres, *Armengärten*, a colônia agrícola dos movimentos sociais, *Schrebergärten*, e do operariado, *Arbeitergärten*. Ele caracteriza o primeiro como campo da assistência social, como alternativa satisfatória e vantajosa aos subsídios em dinheiro para a integração dos mais pobres, “tornando-os membros úteis à sociedade”. O segundo refere-se a um movimento social dos trabalhadores que reconhecem no jardim diversos usos comuns — não apenas usos produtivos, mas aqueles que desenvolvem o sentido do comum, da ajuda mútua. O último trata dos jardins desenvolvidos mantidos “para o bem” dos funcionários e empregados de fábricas e empresas públicas.

Ao contrário de Maasz, Migge não defende a propriedade pública de toda colônia agrícola; na verdade, parece entusiasmar-se com a última tipologia por suas *garantias*. Ele

84 Optamos por traduzir, tanto *Laubenkolonie*, quanto *Kleingarten* como colônia agrícola porque nesse caso Migge aproxima os dois termos no fim de sua apresentação, se referindo a ambos como conjunto das parcelas e não como as parcelas em si.

também advoga pelo modelo comunitário, sublinhando que o poder público deve dar mais atenção às queixas do movimento, como as altas taxas e os curtos prazos de arrendamento que dificultam a manutenção e segurança de uso. Ele compreende como tarefa dos urbanistas considerar tais demandas em seus planos. Propõe soluções como garantir proximidade entre as parcelas e as residências, aumentar o prazo de arrendamento para um mínimo de oito a dez anos e excluir a transferência da gleba a um arrendatário geral. Nesse sentido, Migge e Maasz são complementares, uma vez que o primeiro coloca em perspectiva a participação popular, ainda que tímida, na elaboração dos planos da cidade. Ao distinguir as três categorias de colônia agrícola, Migge parece estar mais atento às desigualdades sociais no interior da classe trabalhadora, pois admite que há um grupo, dos pobres, que seriam incapazes de manter os compromissos de arrendamento do modelo privado. Maasz, ao propor como modelo a propriedade pública de todas as colônias, apenas atenderia esse grupo se as taxas fossem baixas. O entusiasmo de Migge com as categorias *Scherebergärten* e *Arbeitergärten*, exemplificando as conquistas do movimento dos trabalhadores em Leipzig, indica alguma dificuldade prática na proposta de Maasz:

Ele [o trabalhador consciente e bem pago] organizam com ajuda do município as chamadas colônias agrícolas. [...] Atualmente, Leipzig pode declarar como suas no mínimo 15.000 lotes de jardim arrendáveis. Isso significa nada menos que 60 – 100.000 pessoas em Leipzig das classes mais baixas usando seu tempo livre ao ar livre na atividade mais saudável. Cem mil pessoas com seus próprios jardins, esta é uma ação social do jardim de primeira ordem! (MIGGE, 1913, p. 8-9) ⁸⁵

O desinteresse do poder público em instituir ou preservar as áreas produtivas ante o avanço da urbanização contradiz a solução em tornar ou reservar áreas públicas para esse uso, embora haja um argumento econômico. O que parece contrabalancear a tendência de seu desaparecimento são a organização e a vontade social, ainda que suas conquistas sejam relativas e circunstanciadas. Enquanto Maasz sugere um modelo de *Volkspark*, Migge desenvolve um sistema de áreas verdes para as cidades alemãs, a partir de categorias e escalas distintas de “superfícies verdes urbanas”, *städtische Grünflächen*. A menor delas seriam as praças urbanas, *Stadtplätze*, seguido pelos parques internos (intraurbanos) e parquinhos, *Innenparks; Spielparks*, para suprir demandas e necessidades das crianças e da juventude na escala do quarteirão residencial considerando as distâncias percorridas pelo carrinho de bebê. As “esplanadas”, *Promenade*, seriam como

85 Trecho no original: Er richtet also mit Hilfe der Kommune die sogenannten Laubenkolonien ein. (...) So kann Leipzig (...) zur Zeit nicht weniger als 15.000 Kleingärten sein eigen nennen. Das bedeutet nichts Geringeres, als dass in Leipzig 60 – 100.000 Menschen der unteren Klassen in frischer Luft und mit gesündester Beschäftigung ihre freie Zeit verbringen. Hunderttausend Menschen mit eigenen Gärten, das ist eine gartensoziale Tat ersten Ranges!

corredores verdes para alcançar os parques fora da cidade, onde seria permitido o tráfego de automóveis e cavalos, ligando todo o sistema de parques. O maior tipo seria o parque externo [periférico], *Außenpark*, incluindo nele reservas naturais, casas de espetáculo e centro de convenções. A última categoria Migge nomeou como superfícies livres, *Freiflächen*, definidas como as áreas verdes mais distantes do centro da cidade, na borda da metrópole.

A caracterização que Migge faz do *Volkspark* parte da mesma premissa apresentada pelos outros dois paisagistas: local de uso para atividades físicas, jogos, esportes, banhos de sol e recreação para a população. Entretanto, ele não dedica uma tipologia específica ao parque do povo, suas análises são feitas a partir da categoria geral dos jardins públicos, *öffentliche Gärten*, quando compara as estatísticas de proporção de área verde por habitante entre cidades alemãs, inglesas e estadunidenses. Para além dos números, ele observa a existência de política pública e planejamento das mesmas. Como resposta a essa lacuna em seu país, ele sugere estabelecer desde o plano urbano geral um sistema que associe todas as tipologias descritas. Migge, portanto, mais do que caracterizar o *Volkspark* isoladamente, destaca a importância dos elementos estarem integrados ao todo da cidade, cada qual com sua função na *engrenagem*. Sua definição ideal depende da vida urbana, que a complementa e representa:

O Volkspark ideal deve simplesmente restituir a todas as camadas populares aquilo que a elas nossa vida na grande cidade priva como tal. A socialização do verde urbano é uma das tarefas mais importantes no nosso tempo, ela não pode mais ser detida (MIGGE, 1913, p. 28) ⁸⁶

86 Trecho no original: Der ideale Volkspark muss allen Volksschichten einfach alles das wiedergeben, was unser Groszstadtleben als solche ihm vorenthält. *Die Sozialisierung des städtischen Grüns ist eine der wichtigsten Aufgaben unserer Zeit, sie ist nicht mehr aufzuhalten.*

Figura 19 – “Estabelecimento campestre” do parque de Hamburgo, projeto de Schumacher, 1910. Fonte: SCHUMACHER, & SPERBER 1910, p. 92.

Localizada na borda do grande gramado. Nota-se o emprego da arquitetura tradicional como cenário da paisagem do campo no parque.

Figura 20 - "Milchwirtschaft" para o parque de Hamburgo, projeto de Schumacher, 1910. Fonte: SCHUMACHER, & SPERBER 1910, p. 93.

O pavilhão de refeições seguiu o estilo construtivo da *Vierländer*, região de Hamburgo, busca referenciar no parque uma identidade rural da região. Propõe um pomar ao fundo e mesas ao ar livre.

Figura 21 - "Milchwirtschaft" no parque de Hamburgo, sem data. Fonte: ALTENMÜLLER 2014. Essas estruturas comerciais tinham sua administração arrendada por terceiros. O uso urbano, do convívio social e do comércio, era abrigado em um cenário rural.

Figura 22 - "Trinkhalle" no parque de Hamburgo, projeto de Schumacher (1910), 2014. Fonte: ALTENMÜLLER 2014.

O pavilhão de água mineral e águas termais (desde 2013 um café) ao mesmo tempo ação de prevenção de doenças, como a cólera ou a tuberculose, também inculcia valores e hábitos das elites aos trabalhadores.

Figura 23 - Balneário público do parque de Hamburgo, cerca de 1930. Fonte: ALTENMÜLLER 2014.

Ao longo dos mais de 15 anos de construção do parque de Hamburgo, suas áreas adequaram-se às mudanças da forma de lazer: entre 1919 e 1921, foi construído um balneário a nordeste do gramado. Na foto o lago principal com o restaurante também foi usado como área de banho.

Figura 24 - Balneário do Vorgebirgspark, projeto de Encke, Colônia, 1911. Fonte: ENCKE 1911b, p.165.

Apesar de prever áreas de banho nos parques, seu uso estava condicionado à vigilância, homem destacado [alteração da autora] em vermelho, dos modos adequados à moral e bons costumes.

Figura 25 - Manada de veados no bosque da cidade de Colônia, 1911. Fonte: ENCKE 1911b, p.162.

Encke (1911b, p. 161) menciona que a área do bosque foi ampliada para um total de 110 hectares e que seus gramados eram mantidos por ovelhas que não apenas mantinham o comprimento rasteiro como fertilizavam o solo com seu estrume. O cenário bucólico de veados e ovelhas em áreas verdes de uma grande cidade como Colônia não foi objeto de discussão do paisagismo reformista, mas variou entre uma ênfase funcionalista ou de entretenimento.

Figura 26 - O Volkspark do futuro. Colônias agrícolas e áreas verdes, de Maasz, 1913. Fonte: MAASZ 1913, p.2.

Maasz pretendia preservar o costume das colônias agrícolas, situadas em geral nos arrabaldes da cidade, incorporando-as aos parques públicos. No projeto propõe uma área de esportes olímpicos à esquerda, com pista de atletismo, raia de salto em distância e área de arremessos de pesos; à direita, dispõe balneários públicos e um grande gramado para recreação e jogos; ao redor organiza um cinturão de parcelas de jardins arrendáveis.

Figura 27 – Proposta de Maasz para a divisão de uma parcela de jardim, 1913. Fonte: MAASZ 1913, p.20.

O desenho dos canteiros próximos ao abrigo (acima à direita) segue o modelo do “jardim do fazendeiro alemão” (Figura 5). A área da parcela é de aproximadamente 600m² (30mx20m) e inclui área para compostagem (abaixo à esquerda), campo de cultivo de batatas, canteiros de cultivo hortícola, bem como árvores frutíferas.

Figura 28 - Perspectiva da parcela de jardim proposta por Maasz, 1913. Fonte: MAASZ 1913, p.2.

Maasz conforma os espaços a partir de uma organização funcional, separando área de cultivo (primeiro plano) da área de “jardim de lazer” associada ao espaço do abrigo (fundos), a divisão das funções é reforçada pela cerca entre ambos os espaços, bem como pela diferença das entradas: um portão simples de acesso à horta, um portão com arco demarcando o acesso do “jardim de lazer”. No entanto a proposta não racionaliza a atividade hortícola e de jardinagem como se identifica nas propostas de Migge (Figuras 70 e 73, 89-94).

Figura 29 - Conjunto de oito parcelas de jardim. Fonte: MAASZ 1913, p.50.

Nesse estudo da divisão das parcelas de jardim, Maasz qualifica o acesso a quatro jardins a partir de uma praça pentagonal. Cada conjunto de oito parcelas foi dividido por uma densa cerca viva de quase dois metros de largura.

Figura 30 - Perspectiva da praça pentagonal de acesso às parcelas de jardim. Fonte: MAASZ 1913, p.52.

O apelo estético presente na riqueza de texturas, elementos e controle formal pretende valorizar um espaço que Maasz identificou como ameaçado pela expansão urbana, as colônias agrícolas.

Figura 31 - Parque urbano Clapham Common de Londres (criado em 1878). Fonte: MIGGE 1913a, p.165.

Migge inclui em seu livro *Cultura do jardim do século XX* a planta do parque de Clapham com a seguinte legenda: “um típico parque inglês, gramados extensos, pisoteáveis, bosqueados, com caminhos de traçado não afetado. Oferta de água como deve ser. (Mesmo um antigo assentamento não é obstáculo). Um coreto e uma casa de chá (...): tudo isso é uma paisagem de uso ingênuo e, no entanto, abençoada.” (MIGGE, 1913, p. 165) A viagem de estudos ao país em 1910 e seu contato com Hegemann contribuíram para sua visão sistêmica das áreas verdes.

Figura 32 - Os três ímãs de Ebenezer Howard, 1902. Fonte: HOWARD 1902, p.17.

O modelo dos ímãs de Howard contrapõe cidade e campo e propõe um novo modelo de cidade-campo, que reuniria das vantagens da cidade, como convívio social, altos salários e áreas de lazer com as vantagens do campo, belezas naturais, baixos aluguéis, ar fresco, cooperação, proximidade do trabalho da moradia em meio a jardins. Embora Migge estivesse atento às desvantagens da cidade, ele a reconhecia como a “mãe dos jardins”, e nisso se distancia de Howard.

Figura 33 - Realização prática de áreas verdes na cidade de Essen, por Schmidt [?], 1913. Fonte: MIGGE 1913a, p, 168.

Migge apresenta o plano de áreas verdes de Essen como um dos primeiros a implantar o sistema da política de parques, modelo estadunidense. O esquema destacado no canto esquerdo indica um cinturão verde com corredores radiais, um modelo que Migge aprimorou a partir da diferenciação de áreas verdes produtivas, assentamentos agrícolas e áreas de parque (Figuras 103 e 104).

Figura 34 - Escola de jardinagem, 1913. Fonte: MIGGE 1913a, p, 781.

A proposta das escolas era de oferecer às crianças da cidade o contato com a terra compreendida como elevação corporal e espiritual. Migge conclui que, ao garantir a toda criança alemã a recuperação de seu próprio pedaço de natureza, formam-se verdadeiros seres humanos (MIGGE, 1913, p. 42).

2.3. A emergência do paisagismo preocupado com as massas

Vimos que o paisagismo na virada do século XX, após consolidar-se como profissão a partir das escolas reais de jardinagem e horticultura no território germânico, tornou-se campo de disputa tanto formal quanto funcional. O movimento de reforma de parques e jardins tinha como fundamento a busca por um paisagismo alemão autêntico. Seus conceitos provinham do movimento de artes e ofícios, e definiu o “jardim do fazendeiro alemão” como origem da autenticidade. A horta, funcionalmente geométrica, configurou um novo paradigma estético, o arquitetônico, que buscava maior integração entre casa e jardim, compreendidos como partes de um todo. Já o estilo paisagístico estava arraigado ao modelo do jardim inglês do século XVIII e sua forma buscava atender majoritariamente a duas funções: a contemplação e o *corso*. Os hábitos de recreação limitavam-se àqueles praticados pelas elites, que os reproduziam do modelo aristocrático e cortesão.

A emergência do movimento de reforma de parques e jardins relaciona-se com as transformações sociais e a conquista do tempo livre da classe trabalhadora, muito embora a atenção dada às suas demandas tenha tido aspectos contraditórios, como o disciplinamento, o controle moral e social e a ideia de educar as classes populares a partir das referências culturais dominantes das elites. Deste modo, as disputas ensejadas no campo do paisagismo debatiam não apenas sua forma, mas os rumos de atuação profissional. Questionou-se o isolamento da disciplina em relação às outras artes (MIGGE, 1908; LICHTWARK, 1909), bem como os arranjos profissionais no desenvolvimento de projetos (MIGGE, 1913). O isolamento resultava em uma postura refratária às transformações socioculturais da época. Por outro lado, o acolhimento de novos programas implicou formulações conceituais e formais novas, primeiro em uma tentativa conciliadora das contradições entre as vertentes, como o concurso do parque de Hamburgo bem exemplifica; depois, em formulações sobre o parque público como produto dos novos tempos, que variou entre a transição como continuidade (ENCKE, 1908, 1911a, 1911b), o rompimento com a tradição (MAASZ, 1913) e a ruptura objetivando a socialização do verde a partir de preceitos do *Werkbund* (MIGGE, 1913).

A comparação de três paisagistas reformistas com preocupações sociais relativas ao parque público delineia as nuances de dentro do próprio movimento. A atenção das parcelas de jardim arrendáveis está presente nos três, o que demonstra que sua incorporação ao paisagismo não era em si inovadora, mas parte do universo cultural do período. Entretanto, interessam as leituras, interpretações e propostas a partir dela. Encke é o que menos se atém aos arranjos deste elemento. Maasz dá destaque e formula uma tipologia que conjuga parque com hortas ao redor e Migge tem uma visão funcionalista e sistêmica, compreendendo cada tipologia verde como uma peça na engrenagem do

paisagismo e da cidade, dando destaque às parcelas de jardim arrendáveis como prenúncio da socialização do verde.

Inge Maass (1978) ressalta a situação miserável das massas em suas necessidades de reprodução social, o embate das diferentes exigências de uso das áreas livres públicas e uma mudança de postura dos urbanistas ante esse cenário. Os paisagistas, em especial os servidores públicos, passaram a reconhecer com simpatia e interesse a vida das massas, descrevendo com admiração, por exemplo, as brincadeiras e jogos das crianças, os banhistas, as excursões de fim de semana e o descanso sobre gramados (MAASS, 1978, p. 62). O uso e pisoteio de grandes gramados ganha, no *Volkspark*, um grande destaque por acomodar uma multiplicidade de usos e funções advindas da inclusão do povo como usuário principal. Segundo Maass, esta ruptura não teria sido obra dos paisagistas, e sim resultado de lutas contínuas da classe trabalhadora, embora tivesse como ponto central outros aspectos da política social, são inegáveis seus impactos na política das áreas verdes e em seus respectivos campos de atuação.

Para a autora a relevância do parque público como tipologia moderna e verdadeiro programa de transformação das relações espaciais e sociais fora negligenciada pelo *Werkbund*, apesar de tantos membros paisagistas envolvidos em projetos desse tipo, como Fritz Encke, Ludwig Lesser, Harry Maasz e Leberecht Migge⁸⁷. Dito de outra forma, quase todos os grandes parques públicos do período (1907-1932) foram elaborados por membros do *Werkbund*. Maass ainda apresenta o salto no aumento de áreas verdes urbanas em diversas cidades alemãs após 1919. Para ela, o impacto econômico das atividades envolvidas na construção dos parques era muito superior do que aquelas na construção de jardins residenciais. A função social do parque público abrangia mais de seu uso, pois envolvia em sua construção um grande número de trabalhadores. A autora questiona o nível dos debates perante esta revolução do desenvolvimento das áreas verdes, pois os novos parques que surgiram após a primeira guerra romperam com a forma e conteúdo habituais dos parques urbanos, *Stadtpark*, de então. Em sua análise, a posição institucional do *Werkbund* sobre a reforma do paisagismo de enfatizar mais seus aspectos formais, em especial nos projetos residenciais da burguesia, denota pouca preocupação social e falha como uma reforma efetiva do paisagismo, uma vez que as verdadeiras transformações de conteúdo estavam sendo articuladas e implantadas nos blocos de apartamentos e habitações coletivas da cidade.

87 Segundo Inge Maass (1978, p. 64) a maioria dos paisagistas membros do *Werkbund* dedicava-se a projetos de jardins residenciais e, em grande parte, de residências burguesas.

Figura 35 - Parque Fuhlsbüttel em Hamburgo, projeto de Migge, 1909. Fonte: REUB 1981, p.76.

Com cerca de um hectare de área, se caracteriza por um grande gramado ensolarado delimitado em duas de suas laterais por duas pérgulas de tílias em arco configurando um túnel e oferecendo sombra e passeio. A porção noroeste dispõe de dois bosques, um de bordos vermelhos e outro de bétulas, que delimitam o parquinho e os canteiros de flores ao centro (MIGGE, 1913, p. 72-73).

digno de nota que tal parque não servia o povo, tal como defendido por Maass, uma vez que sua localização privilegiava a burguesia. Após a primeira guerra, o poder de barganha da classe trabalhadora aumentou consideravelmente, uma vez que a Revolução de Novembro questionou, a princípio, os poderes e privilégios da burguesia (Maass, 1978, p. 63). Por isso, para “salvar o Estado”, volumosas concessões sociais foram necessárias. Assim, o aumento do número de parques públicos implantados a partir de 1919 desempenhou duas funções: tanto correspondia ao desejo das massas, quanto demonstrava um Estado com preocupações sociais. O aumento do número de parques nas cidades alemãs se justificava também por sua construção e implantação necessitar de grande número de trabalhadores e poucos recursos materiais. Em um momento de crise econômica, com dívidas advindas do Tratado de Versalhes, “a construção de parques serviu como excelente reserva de trabalho para uma multidão de desempregados, que surgiu nas cidades após a guerra e constituía uma ameaça política” (MAASS, 1978, p. 63). Se, por um lado, o catalisador do incremento de parques públicos foi a criação de empregos e a moderação social, por outro, a forma e o conteúdo dos novos parques precisaram satisfazer as demandas e necessidades da população e, portanto, “o Volkspark

O parque público produzido sob essas condições foi marcado por grandes áreas gramadas, passíveis de pisoteio, conformando o espaço central dos parques. Os caminhos, menos determinados em projeto, eram definidos por trilhas conforme o uso e, as plantas, articulando espaços, passaram a ser empregadas mais como grandes massas vegetais, em detrimento do uso ornamental das plantas individualmente. Leberecht Migge projetou seu primeiro parque público, ainda como funcionário do escritório de Jakob Ochs, em 1909, correspondendo a tais características. Com o projeto de parque Fuhlsbüttel em Hamburgo⁸⁸, localizado em uma região ocupada por mansões abastadas, Migge alçou sua reputação de projetista de parques (HANEY, 2010, p. 60); entretanto, é

⁸⁸ Atualmente nomeado Wacholderpark. Fonte: <https://www.hamburg.de/parkanlagen/3118750/wacholderpark/> (último acesso em 24/02/2019).

é um produto da revolução, ainda que esta tenha fracassado” (MAASS, 1978, p.63).

Considerando esses fatos, é discutível a afirmação feita por Maass de que o parque público é resultado tão somente de lutas do operariado por melhores condições de vida. Pois, se a organização da classe trabalhadora culminou em mudanças de paradigma de hábitos sociais, resultando em novas formas e usos do parque urbano, notam-se paralelamente os movimentos burgueses de reforma, como aqueles representados sob o nome de *Lebensreform*, empenhados em formular novos usos e significados dos espaços livres. Nesse sentido, os conflitos ocasionados nos parques paisagísticos eram menos uma refutação do tipo de uso feito pela população trabalhadora do que um conflito de direito de uso do espaço, de convívio entre classes durante muito tempo espacialmente segregadas, o que fica patente nas recomendações de Encke. A censura moral e a determinação do parque como espaço *educador* das classes menos favorecidas revelam como parâmetro da reforma do paisagismo as práticas da classe dominante; seu uso, portanto, dos gramados, da prática esportiva, privilegia aquele aceito por essa classe.

Com base no avanço industrial, instituições procuraram uma imagem moderna para o país. Sabe-se que o *Werkbund* foi importante para o desenvolvimento industrial da Alemanha no período em que o país buscava competir com países onde o setor já estava estabelecido, como a Inglaterra e os EUA. Não se tratava apenas da implantação e desenvolvimento do setor, mas de elaborar seus produtos, visando uma melhor qualidade e estética. Nesse sentido, os debates acerca do *design*, as pesquisas desenvolvidas, por exemplo, aquela realizada por Muthesius na Inglaterra, tiveram importância na construção dessa imagem moderna. Contribuíram para a transformação cultural, portanto, tanto os modelos culturais advindos dos países anglófonos, quanto suas adequações para corresponder à identidade nacional alemã. Embora o *Werkbund* tenha sido institucionalmente pouco atuante no debate acerca das funções sociais do parque público, paradoxalmente foi no interior dele que paisagistas reformistas, como Maasz e Migge, estiveram em contato com as discussões referentes ao *design*, a integração das artes e ofícios à produção industrial em escala, e, portanto, pensada para as massas.

O cosmopolitismo cultural entre os países industrializados, e sua competição inerente, foi abordado nos livros de Migge e Maasz. Migge apresenta tabelas comparando as áreas de parques em diferentes cidades da Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos, o que demonstra o caráter competitivo para além dos produtos industriais. A competição era também por uma imagem de modernidade e, no caso das cidades, um dos espaços simbólicos que representava a transformação sociocultural moderna era o parque público. Quando Migge compara as tipologias de jardim a peças de uma engrenagem, reforça a ideia de que o avanço industrial é acompanhado por expressões da cultura e da

sociedade. Ou seja, as transformações de uso e formas dos *Volkspark* foram tanto reflexo das práticas sociais quanto um esforço de representação cultural do período marcado pela segunda Revolução Industrial. Os parques são evidências materiais dos avanços sociais e formais conquistados. Assim, conforme as proposições de Nancy Stieber (2006) sobre a história da arquitetura, os parques são objetos dialéticos que em sua materialidade revelam a relações sociais, culturais e econômicas historicamente construídas, ao mesmo tempo que exigem explicações históricas sobre sua própria materialidade.

3. TRANSIÇÃO DE ESCALAS: O LUGAR DAS ÁREAS VERDES NO PLANEJAMENTO URBANO

Neste capítulo trata do período (1910-1917) em que o paisagista propõe novas abordagens do paisagismo em diferentes escalas até propor um plano de política verde de uma cidade média, Rüstringen. Migge assimilou tanto as discussões do paisagismo reformista com preocupações sociais, quanto os discursos do urbanismo sobre a função do verde, como, por exemplo, aquele presente na elaboração das cidades-jardim. Ao incorporar essas ideias, ele não deixou de ser crítico à efetividade dos jardins e das áreas verdes em sua integração com o conjunto, casa ou assentamento, como parte fundamental do habitar. O planejamento urbano também foi abordado por Migge, ao incluir como parte indissociável na elaboração do plano urbano os procedimentos que desenvolveu para qualificar a escolha e aquisição de áreas pela administração pública. As qualidades de caráter técnico e compositivo da paisagem como parte do patrimônio natural faziam parte de um inventário de áreas, denominado “arquivo verde”.

O desenvolvimento desses projetos e reflexões ocorreu em um momento de transição da carreira de Migge, que deixou de ser empregado do escritório de Ochs para abrir o seu próprio negócio, em 1913. Também foi em 1913 que a cidade de Leipzig exibiu uma exposição da construção civil, evento que abrigou dois projetos de Migge: os jardins da exposição e algumas áreas do bairro-jardim modelo de Marienbrunn. Na cidade vizinha, Schönefeld, o paisagista elaborou um parque público, o *Mariannenpark*, um dos que mais guardava semelhança com as prerrogativas dos parques estadunidenses, voltado para a prática esportiva. Na mesma época, Migge venceu o concurso do parque da cidade de Rüstringen, onde trabalhou em conjunto com Martin Wagner e o arquiteto-urbanista Willy Hahn (1887-1930). Ali o paisagista colaborou com esses dois arquitetos, o que se revelou profícuo tanto para o aprofundamento de conhecimentos, quanto para garantir futuras contratações.

3.1. O planejamento urbano moderno e as adaptações alemãs ao modelo da cidade-jardim

A compreensão dos trabalhos de Migge a partir de 1910 requer situá-los no contexto mais amplo da produção no campo do urbanismo e a emergência do planejamento urbano moderno no início do século XX. O trânsito internacional de ideias e exemplos práticos entre Inglaterra, EUA, Áustria e Alemanha desde o último quartil do século XIX foram definidores dos princípios majoritariamente incorporados pelo paisagista, identificáveis não só em seus projetos, mas também no tom de seus escritos. Esta seção

pretende sublinhar os elementos e conceitos que contribuíram na ampliação do campo profissional de Migge nos anos posteriores, em especial após a Primeira Guerra Mundial, marcados por seu envolvimento em projetos de colônias agrícolas, jardins produtivos parcelados e *Siedlungen*, afastando-se, assim, da prática paisagística circunscrita aos parques e jardins.

Ao examinar os antecedentes da história do planejamento urbano do século XX, Stephen Ward (2002) busca situar no tempo e espaço as experiências e inovações do campo no século XIX. Segundo o autor, a questão fundamental dos historiadores do planejamento reside em estabelecer o seu começo, uma vez que a atividade política e profissional se consolidou no século XX, mas sua história tem raízes em práticas desde as primeiras civilizações urbanas. As evidências arqueológicas auxiliaram na compreensão de que o ordenamento do território urbano de civilizações antigas era fortemente determinado por motivos militares e religiosos.

Assim, o planejamento urbano que conhecemos por evidências físicas sobreviventes, em outras palavras, o planejamento que realmente foi implementado, presta testemunho fiel de uma concentração de autoridade. Grande parte do planejamento que reconhecemos hoje nas cidades antigas, clássicas, medievais ou renascentistas foi obra de reis, príncipes, eclesiásticos, aristocratas ou oligarquias, cada um suficientemente poderoso para definir a ordem urbana (WARD, 2002, p.11)⁸⁹.

A partir do século XVIII, isso passa a se transformar rapidamente. Conforme Ward, as condições da emergência do planejamento urbano moderno foram os efeitos do rápido crescimento econômico dos países da Europa ocidental e América do Norte sobre as cidades cada vez maiores e em maior número. Assim, o planejamento integrou a nova realidade urbana, em que cidades se configuravam “como centro das dinâmicas capitalistas de produção, distribuição, consumo e reprodução” (WARD, 2002, p. 11). Tais transformações políticas, econômicas e de urbanização não ocorreram de forma coordenada nem determinaram de forma direta o surgimento do planejamento urbano moderno. Elas ofereceram um contexto para os desenvolvimentos mais imediatos que constituíram os movimentos do planejamento urbano moderno (WARD, 2002, p. 11-12).

Em meados do século XIX, experiências, propostas teóricas, panfletos, entre outras formas de divulgação do discurso do planejamento urbano foram formuladas e estimularam aprofundamentos e inovações. Ward reúne os casos emblemáticos, como o plano de reconfiguração de Paris (1853-1870) por Georges-Eugène Haussmann (1809-

89 Trecho no original: Thus the urban planning that we know from surviving physical evidence, in other word the planning that was actually implemented, bears faithful testimony to a concentration of authority. Much of the planning we recognise today in ancient, classical, medieval or renaissance cities was the work of kings, princes, prelates, aristocrats or oligarchies, each powerful enough to define the urban order.

1891) e o plano de Barcelona (1859-1867) pelo urbanista Ildefons Cerdà y Sunyer (1815-1876), que também publicou o livro *Teoria General de la Urbanización* em 1867. Ward analisa as propostas a partir de categorias de inovação e difusão. No caso de Haussmann, embora Luís Napoleão simbolicamente estivesse identificado com as tradições pré-modernas do planejamento real e aristocrático, a cidade que Haussmann criou era muito mais burguesa e orientada para os negócios. Embora o haussmannismo tenha rapidamente se difundido e muitas cidades tenham seguido seu modelo — mais frequentemente fora da Europa e já no início do século XX —, nunca se produziu algo na mesma escala de Paris, pois em geral o maior problema das cidades, diferente da capital francesa, não era seu centro, mas sim sua expansão urbana (WARD, 2002, p. 12-16).

Nesse sentido, o principal pretexto para o desenvolvimento do planejamento urbano na Europa continental foi a remoção das antigas muralhas e fortificações da cidade medieval. As pressões econômicas e o crescimento populacional também foram importantes nesse processo. Isso configurou as principais preocupações do plano de expansão de Berlim, de 1862, preparado por James Hobrecht (1825-1902). Os planos de expansão urbana se baseavam na regulação construtiva que variava em sua sofisticação (WARD, 2002, p. 20). O grau de regulação e controle sobre os interesses privados também variou, mas mecanismos de controle passam a integrar a legislação. Nisso, Estados germânicos, em especial a Prússia, foram pioneiros (WARD, 2002, p. 22), isso porque havia uma herança administrativa pré-industrial. As “*Länder* (entidades regionais) tinham poder de desenvolver novas vias em torno de áreas edificadas, mesmo que estivessem fora do perímetro de atuação municipal”, pois na inexistência de um Estado Nacional eram estas entidades, “mais que as cidades”, que “intervinham na expansão urbana” (CALABI, 2012, p. 44).

A partir de 1876 até a virada do século, as inovações do planejamento urbano se concentraram na recém-unificada Alemanha e nos países de língua germânica. Ali, os procedimentos de expansão urbana passam a ser objeto de crítica por implicar crises de desenvolvimento da indústria e ensejaram importantes reformas de legislação, como a *Fluchtliniengesetz* (“lei do alinhamento”), de 1875. Seu efeito foi a universalização dos planos de expansão urbana nas cidades (WARD, 2002, p. 26-27). No mesmo período, o governo imperial incentivou as cidades alemãs a investir na compra de amplas glebas em sua jurisdição, garantindo o planejamento real da cidade. Como consequência, as entidades locais tiveram condições e poder suficiente para executar desapropriações, intervindo sobre o alinhamento viário e a recomposição fundiária (CALABI, 2012, p. 122).

Camillo Sitte (1843-1903) foi um dos representantes do protagonismo germânico no desenvolvimento do urbanismo nas décadas finais do século XIX. Arquiteto, historiador

e editor da revista *Der Städtebau* (*O Urbanismo*), Sitte publicou, em 1889, seu livro seminal *Der Städtebau nach seinen künstlerischen Grundsätzen* (*O Urbanismo Segundo seus Princípios Artísticos*), em que desenvolve uma teoria e um modelo de cidade ideal a partir de seus conhecimentos de arqueologia medieval e renascentista (WARD, 2002, p. 48-49). “Sua obra estava destinada a polemizar contra as transformações de Viena e o planejamento do Ring segundo os princípios haussmanianos” (CHOAY, 2005, p. 205). A ideia do livro compreendia o planejamento urbano como arte e, enquanto tal, seus realizadores ganhariam com o mesmo conselho dado aos pintores, escultores desde tempos imemoriais: aprender com os antigos mestres e com a natureza. A natureza para Sitte refere-se às funções naturais da cidade, como meio ambiente do homem enquanto ser social e sensível. Portanto, não se tratava de meramente resolver a drenagem ou o tráfego — comuns nos planos de expansão —, mas sim de criar um espaço urbano adequado às necessidades psicológicas e fisiológicas de sucessivas gerações (COLLINS, & COLLINS, 2006, p. 64). *Der Städtebau* inspirou uma geração de urbanistas germânicos e posteriormente foi apropriado pelos urbanistas culturalistas anglo-saxões. Além de ter tido influência sobre a realização das cidades-jardins inglesas via Raymond Unwin⁹⁰ (1863-1940), proporcionou a Sitte convites de diversas cidades para elaborar seus planos de expansão (CHOAY, 2005; WARD, 2002).

Desde 1889 até o século XX, Sitte tornou-se dominante na maneira de formular expansões urbanas para aqueles que orbitavam no meio alemão, para quem levou as reflexões arquitetônicas em consideração e para quem, por sua vez, integrou a divisão de dois grupos: os seguidores de Sitte e seus críticos (COLLINS, & COLLINS, 2006, p. 92)⁹¹

No mesmo período, na Inglaterra, Ebenezer Howard (1850-1928) publica o livro *Tomorrow: a peaceful path to social reform*, de 1898⁹², que formou as bases teóricas do movimento das cidades-jardim. Seu trabalho foi elaborado a partir de ideias da reforma social, e se aproximava de forma mais pragmática e cooperativa do socialismo⁹³. Acrescenta-se o período em que viveu nos Estados Unidos, onde conheceu o movimento literário do transcendentalismo de Henry Thoreau (1817-1862) — o movimento enfatizava a relação humana com a natureza (WARD, 2002, p. 34). O conceito das cidades-

90 Ward (2002, p. 48-49) afirma que Unwin soube do trabalho de Sitte pelos relatos constantes no livro de Thomas Horstfall “*The Improvement of the Dwellings and Surroundings of the People: The example of Germany*” de 1904.

91 Trecho no original: From 1889 until well into the twentieth century, Sitte’s became the dominant manner of laying out city expansions for those in the German orbit who took architectural considerations into account and who, in turn, divided in two groups: Sitte’s followers and his critics.

92 O livro foi reeditado em 1902 com novo título (mais conhecido), “*Garden-Cities of Tomorrow*” (CHOAY, 2005, p. 219, nota 2).

93 Desde 1879 Howard foi militante do movimento socialista inglês (CHOAY, 2005, p. 219)

jardim de Howard originalmente pretendia realizar uma reforma social subordinada a um arranjo físico através da propriedade e administração coletiva de terra, ou seja, “a reforma social restringia-se ao planejamento urbano” (WARD, 2002, p. 46). Sua proposta pretendia conciliar as vantagens do campo e da cidade num modelo de cidade de baixa densidade. Seu modelo previa restrição populacional, de até no máximo 32 mil habitantes⁹⁴, e espacial, de cerca de 2.400 hectares de área, cuja parte ocupada pela cidade seria uma superfície de 400 hectares em seu centro.

A obra de Howard difundiu-se rapidamente no ocidente e foi especialmente assimilada na Alemanha. Ali o movimento da cidade-jardim foi um dos primeiros e mais influentes movimentos internacionais inspirados no livro. Em pouco tempo quase toda grande cidade alemã possuía uma organização de cidade-jardim⁹⁵ (HARRIS, 2012, p. 1-2). As primeiras décadas do século XX foram extremamente criativas para o urbanismo. A liderança⁹⁶ germânica nos assuntos do planejamento urbano não era mais incontestável após 1900, ainda que a ideia inglesa da cidade-jardim tenha sido ali refinada e sua prática reelaborada em diversas experiências na Alemanha (WARD, 2002, p. 45). Embora o trabalho do alemão Theodor Fritsch (1852-1933) intitulado *Stadt der Zukunft (Cidade do Futuro)* de 1896 se assemelhe em muitos preceitos formais com o modelo de Howard e tenha sido publicado poucos anos antes, sua assimilação pelo movimento de cidades-jardim na Alemanha ocorreu posteriormente (BEIER, 2004; HARRIS, 2012; WARD, 2002).

A fundação da *Deutsche Gartenstadt Gesellschaft* (DGG, Sociedade Alemã da Cidade-Jardim) ocorreu em 1902 por iniciativa de um pequeno grupo que incluía Bernhard Kampffmeyer (1867-1942), Gustav Landauer (1870-1919), Franz Oppenheimer (1864-1943) e os irmãos Heinrich e Julius Hart (1855-1906 e 1859-1930 respectivamente). O grupo pertencia ao círculo de literatos naturalistas de Friedrichshagen (*Friedrichshagener Dichterkreis*) em Berlim e era alinhado aos objetivos da *Lebensreform* fundando modelos de comunidades como “Eden” e “Neue Gemeinschaft”⁹⁷. Nos primeiros anos a DGG publicou panfletos elaborados a partir das ideias de Howard, em que advogavam pela

94 30 mil na própria cidade e duas mil na zona agrícola (HOWARD apud CHOAY, 2005, p. 223)

95 Conforme as listas de membros reproduzidas por Harris (2012, p. 356-372) entre 1902 e 1904 não constavam inscrições de organizações, apenas individuais (total de 138). Entre 1904 e 1905 somavam 9 inscrições de organizações em 8 cidades, dentre elas Berlim, Dessau, Viena e Frankfurt a. M., enquanto as inscrições individuais saltaram para 179. Na última lista de membros de 1905-1906 o total das inscrições individuais era de 412 e 15 organizações-membro. As organizações locais de cidade-jardim eram formadas em geral como entidade administrativa na execução de cidades- ou bairros-jardim como no exemplo de Leipzig, objeto da próxima seção.

96 Stephen Ward (2002, p. 26-30) afirma que as nações germânicas (Alemanha e Áustria) lideraram em termos de inovação no planejamento urbano no período de 1876 a 1900, dentre os fatores que justificam sua leitura destaca-se a nova legislação do parlamento do estado da Prússia (*Fluchtliniengesetz*, 1875). Além da legislação, exposições, concursos e a criação de sociedades e associações profissionais integram os indicadores de maior organização desses países em comparação à Inglaterra, EUA e França.

criação de cidades-jardim na Alemanha. As restrições financeiras dos primeiros anos não impediu que editassem sua própria revista, *Gartenstadt*, a partir de 1906, e a publicar a tradução alemã de *Tomorrow* em 1907 (HARRIS, 2012, p. 13).

A forte adesão dos alemães ao conceito de cidade-jardim importado da Inglaterra se explica menos pela anglofilia dos alemães mais educados ou à competição cultural e industrial que marcava o período do que pela semelhança dos princípios adotados por Howard presentes nos movimentos de reforma política e artística que desde meados do século XIX encampavam temas da reforma social, cultural e de modos de vida (HARRIS, 2012, p. 14-20). Ou seja, apesar da cidade-jardim ser uma importação inglesa, ela correspondia a ideias já em circulação. A DGG representou um avanço ainda maior dos esforços empreendidos pela “*Neue Gemeinschaft*” para criar uma comunidade autossuficiente nos arredores de Berlim, pois visavam lograr esses feitos em uma cidade inteira. “A organização logo se afastou do misticismo de seus predecessores e concentrou-se nas considerações práticas para criação de novos centros urbanos”, como a compra de terrenos e o projeto das moradias (HARRIS, 2012, p. 28).

Dentre os preceitos da DGG, destacam-se aqueles que mais se aproximavam daqueles defendidos por Migge. O mote fundamental, uma paráfrase de Howard publicada por Heinrich Hart em 1903, era o casamento entre cidade e campo, o campo na cidade e a cidade no campo. Havia uma ênfase no acesso a jardins individuais, compreendendo a atividade da jardinagem como alívio do trabalho realizado durante o dia, no qual os moradores teriam benefícios recreacionais, sociais e nutricionais. Nos primeiros anos de “propaganda e pesquisa”⁹⁸, o grupo elaborou uma tática de convencimento de suas propostas para angariar mais adeptos (e com eles mais fundos). Faziam parte do plano de propaganda ao menos três atividades: publicação de panfletos distribuídos às organizações de interesse e instituições representativas de profissões relevantes, realização de palestras ilustrativas em associações e, ensejo que tornou a DGG conhecida nacionalmente, a participação de representantes do seu conselho no Congresso Alemão Geral de Habitação, *Allgemeinen Deutschen Wohnungskongress*, em 1904 (HARRIS, 2012, p. 17-69).

O senso pragmático da DGG reconhecia a necessidade de um trabalho

97 “*Eden*” foi uma das primeiras *Siedlungen* executada por iniciativa de um grupo de vegetarianos liderados por Bruno Wilhelmi em 1893. Eden foi um exemplo concreto de uma comunidade agrícola autossuficiente (HANEY, 2010, p. 100-101). Enquanto Eden situava-se nos arrabaldes rurais de Berlim, a “*Neue Gemeinschaft*”, por sua vez, foi uma comunidade instalada em prédios de Berlim que tinham objetivo de autossuficiência na produção de sua própria comida, embora seu maior legado tenha sido um amplo programa cultural ofertado a baixos custos para incluir a classe trabalhadora (HARRIS, 2012, p. 24-26).

98 Bernhard Kampffmeyer descreveu a DGG como uma sociedade de estudos e propaganda, *Propaganda- und Studiengesellschaft*, (HARRIS, 2012, p. 67).

preparatório, tanto político quanto financeiro, pois a criação de novos centros urbanos requereria amplo apoio para ser empreendida. Conscientes disso, o grupo, em especial os primos Hans Kampffmeyer (1876-1932) e Bernhard Kampffmeyer, editores da revista, tinham o desejo em organizar comitês de pesquisa com especialistas em diversos assuntos relacionados aos princípios da cidade-jardim, como por exemplo, tecnologia da construção e engenharias, indústria e artesanato, agricultura e jardinagem, administração financeira e direito e políticas sociais. Não há registros de que os comitês chegaram a ser formados ou que qualquer pesquisa tenha sido conduzida, entretanto, diversos artigos da *Gartenstadt* foram escritos por especialistas, a convite dos editores (HARRIS, 2012, p. 72), como foi o caso de Migge. Sabe-se de sua participação na excursão à Inglaterra organizada pela DGG em 1910 e de ao menos três artigos publicados na revista, além do seu envolvimento profissional com Muthesius e Hegemann. Infere-se, assim, que Migge conhecia com algum aprofundamento os desenvolvimentos urbanos e paisagísticos praticados nos EUA e na Inglaterra, o que o torna partícipe da adaptação dos modelos externos às condições culturais internas. Endossa esta interpretação, por exemplo, o artigo do historiador da arte Paul Westheim⁹⁹ (1886-1963):

Os americanos e ingleses, que também, aliás, estão a passos largos na nossa frente na democracia, desencadearam com o desenvolvimento deste tipo de parque [democrático] uma vida rica no verde. Migge é um daqueles que quer nos preparar algo semelhante (WESTHEIM, 1914, p. 182)¹⁰⁰.

Alguns desenvolvimentos práticos realizados por Migge no período entre 1910 e 1914 parecem resultar de seu envolvimento cada vez mais dedicado aos projetos que congregavam alguns dos elementos presentes nos debates mais amplos do urbanismo e dos movimentos de reforma. Ressalta-se a intensa circulação e troca de experiências e teorias, em especial entre Alemanha e Inglaterra, que proporcionou a internacionalização cultural de ambos os países ¹⁰¹. A difusão interna foi resultado não apenas de publicações e propaganda, ou na propagação educacional nas universidades e departamentos públicos, mas também contribuíram as imbricadas relações sociais entre membros que participavam de diversas organizações simultaneamente entrelaçando conceitos de um movimento a outro: como arquitetos que participavam tanto do *Werkbund*, quanto da

99 Paul Westheim foi aluno de Heinrich Wölfflin, seus maiores trabalhos foram sobre o expressionismo, em especial Oskar Kokoschka, e sobre a arte mexicana pré-hispânica (CHAMETZKY, 2001).

100 Trecho no original: Die Amerikaner und Engländer, die uns ja auch sonst in der Demokratie um eine Pferdelänge voraus sind, haben mit derartigen Parkanlagen schon ein reich entwickeltes Leben im Grünen entfesselt. Migge ist einer von denjenigen, die uns ähnliches bereiten möchten.

101 Peter Gay atribui a efervescência cultural da República de Weimar (1919-1933) às trocas culturais ocorridas no período Guilhermino (GAY, 1978, p. 17-21).

DGG. Migge foi membro simultâneo do *Werkbund* e da DGfG¹⁰², e soube beneficiar-se desse caldo cultural empregando diversos conceitos numa amálgama adaptada ao “próprio” discurso da autossuficiência.

Werner Hegemann, um dos seguidores de Sitte, atuou como inspetor de moradia na Filadélfia e esteve por um período em Boston onde entrou em contato com os irmãos Olmsted (HANEY, 2010, p. 63). Em 1910 Hegemann organizou a Exposição Internacional de Desenho Urbano em Berlim e publicou em 1911 e 1913 dois volumes sobre o tema. Também em 1911 ele publicou a brochura *Ein Parkbuch: Amerikanische Parkanlagen (Um livro de parques: áreas de parques americanos)* financiada pelo escritório de Jakob Ochs. Apesar do título, a publicação foi composta por uma parte dedicada aos projetos americanos e uma segunda aos parques e jardins desenvolvidos pelo escritório financiador. Apesar do parque Fuhlsbüttel não estar presente na exposição de 1910, ele integrou as seguintes evidenciando o prestígio de Migge (HANEY, 2010, p. 64). Hegemann e Migge ainda organizaram juntos uma exibição dos parques na Exposição Internacional da Construção Civil de Leipzig em 1913.

3.2. Migge em Leipzig: entre jardins expositivos, bairro-jardim e o parque esportivo

O desenvolvimento da carreira de paisagista de Migge como profissional liberal é marcado por uma transição, tanto de discurso quanto de projetos, distanciando-se do debate puramente estilístico do jardim e reforçando cada vez mais suas preocupações sociais. Ao mesmo tempo, se insere em debates a respeito da função do jardim nos projetos de cidade-jardim, tem participação intensa em uma feira internacional que tanto serviu como propaganda, quanto foi alvo de críticas pelos resultados obtidos. Esse período (1910-1914) dos quatro anos que antecederam a primeira guerra mundial se caracteriza por projetos de *Volkspark* de várias escalas e situações, seu envolvimento com o movimento alemão de cidades-jardim e o trabalho conjunto com arquitetos urbanistas na elaboração dos prenúncios do que se tornaria sua política verde baseada na autossuficiência. Apesar do termo já fazer parte do léxico das comunidades agrícolas, como *Eden*, e, por extensão fazer parte da ideologia fundante da DGG, a autossuficiência não foi prioridade no movimento.

A Exposição Internacional da Construção Civil (*Internationale Baufach- Ausstellung*, IBA) de 1913 em Leipzig representou uma oportunidade para Migge, então funcionário do escritório de Ochs, de obter contratações de maior monta como, por exemplo, da sociedade local de cidade-jardim e de administrações municipais. Em 1910 formou-se um

¹⁰² Apesar de sua participação na viagem à Inglaterra, não há registro de sua inscrição como membro da DGG, o que não o impossibilitou de redigir artigos à revista da associação.

comitê para a organização e o desenvolvimento da IBA na cidade de Leipzig. A área escolhida foi um terreno de 40 hectares entre a cidade e o Monumento da Batalha das Nações, *Völkerschlachtdenkmal*¹⁰³, na porção sudeste da cidade. Em janeiro de 1911 o comitê lançou um concurso de ideias para a elaboração do plano da área de exposição, apenas para arquitetos residentes na cidade, e recebeu 35 propostas. O projeto dos arquitetos régios Georg Weidenbach (1853-1928) e Richard Tschammer (1860-1929), membros do *Werkbund*, foi agraciado com o primeiro prêmio, delegando a eles o desenvolvimento do projeto na comissão especial de arquitetura (HERZOG, & MIEDERER, 1917, p. 8-9). Porém, o escritório vencedor incumbiu o escritório de Ochs o detalhamento do projeto dos jardins da exposição, e Migge como o diretor artístico assumiu o projeto (MIGGE, 1913b, p. 88).

Em linhas gerais o projeto paisagístico da IBA se organizava por dois eixos principais que se cruzavam. Um dos eixos, mais monumental, concentrava boa parte da proposta paisagística e proporcionava um coroamento da perspectiva com o Monumento da Batalha das Nações ao fundo, já o segundo, mais estreito, resumia-se a uma alameda sombreada por duas linhas de tuias. Para além dos eixos principais, alguns pavilhões possuíam áreas ajardinadas mais reservadas. Salvo os discursos oficiais o projeto foi alvo de críticas.

Outros profissionais participaram do desenvolvimento executivo e da construção através da comissão de obra, organizada a partir do comitê. Dentre os profissionais envolvidos na comissão de obra estava Carl Hampel, diretor do departamento de áreas verdes da cidade — que foi júri do concurso do parque de Hamburgo e presidiu o grupo de trabalho de jardins e áreas verdes da IBA¹⁰⁴. Na publicação oficial da IBA, Hampel apresenta as áreas ajardinadas de maneira bastante prosaica, descrevendo as espécies vegetais escolhidas para destacar as estações do ano — a duração da Exposição foi entre maio e outubro de 1913, ou seja, apenas o inverno não foi contemplado — mas deixa entrever sua opinião sobre a função que o paisagismo ocupava em relação ao conjunto:

103 O Monumento refere-se à Batalha de Leipzig, ocorrida em outubro de 1813, que derrotou Napoleão Bonaparte. O Monumento foi inaugurado em outubro de 1913 por ocasião de seu centenário.

104 A partir da literatura que tive acesso não pude identificar a distinção das atribuições entre Migge e Hampel. A princípio Ochs foi subcontratado por Weidenbach & Tschammer, assumindo a responsabilidade de autoria do projeto e supervisão da execução. Provavelmente Hampel, como funcionário de Leipzig, chefiou as obras. O estranho é a ausência de menção a Ochs e Migge na publicação oficial, e o artigo pouco comprometido de Hampel sobre o projeto de paisagismo da IBA.

A impressão oferecida pelo conjunto verde e colorido da área demonstra nítida e decisivamente bem quão importante é a relação entre a arquitetura e o verde, quão necessárias são a organização e a decoração do último, que deve com isso resultar em verdadeira atração estética e bela. A composição verde e de flores adoráveis tinha também, porém, uma tarefa especial, ofertar aos visitantes da exposição, após o tanto o que se vê nos pavilhões, um descanso reconfortante para corpo e mente (HAMPEL, 1917, p. 148)¹⁰⁵.

O excerto conclui seu texto, o tom ameno e triunfalista caracteriza a publicação oficial do comitê de organização — o que de todo modo não surpreende —, embora Hampel pareça pouco comprometido em fazer jus à própria conclusão, pois não apresenta as formas de descanso ofertadas. Sua descrição é mais pictórica, dá maior ênfase aos detalhes executivos e de caracterização das espécies vegetais do que aos espaços conformados ou às relações entre *verde e arquitetura* pretendidas o que torna sua conclusão bastante genérica.

Reinhold Hoemann, paisagista motivador da primeira viagem à Inglaterra organizada pela DGfG¹⁰⁶, escreveu um artigo crítico ao projeto implementado. Havia grandes expectativas quanto à exposição após o sucesso de outras feiras locais¹⁰⁷; no entanto, Hoemann aponta para certa indiferença com a qual foi tratado o paisagismo durante a preparação da IBA em Leipzig. O comitê da exposição fez um último esforço em “conferir um paisagismo moderno adequado” contratando o escritório de Jakob Ochs para desenvolver o projeto (HOEMANN, 1913, p. 65). Embora a publicação oficial do comitê não ateste sua autoria, provavelmente o escritório premiado Weidenbach & Tschammer tenha subcontratado a empresa de Ochs. Nesse período Migge era o diretor artístico do escritório e teria sido o responsável pelos resultados alcançados no projeto. Apesar de seu artigo demonstrar respeito ao colega de profissão, ele faz críticas incisivas a partir das suas impressões em visita ao local:

105 Trecho no original: Der Gesamteindruck, den alle diese grünen und bunten Anlagen boten, war entschieden ein guter und zeigte recht deutlich, wie wichtig eine Verbindung der Architektur mit dem Grün, wie notwendig aber auch die richtige Anordnung und Ausstattung des letzteren ist, soll etwas wirklich Anprechendes und ästhetische schönes daraus hervorgehen. Das Grün und die lieblichen Blumengebilde hatten aber auch die besondere Aufgabe, für Geist und Körper der Ausstellungsbesucher nach dem Vielen, was sie in den Hallen zu sehen bekamen, eine wohltuende Erholung zu bieten.

106 Ver mais no capítulo I deste trabalho.

107 Hoemann menciona a Exposição de Jardinagem de Breslau, *Gartenbau Ausstellung*, e outra em Leipzig (sem nomeá-la). O comitê de organização da IBA referencia as exposições de Higiene, *Hygiene-Ausstellung*, ocorrida em Dresden em 1911 e a de Artigos da Construção em Geral, *Allgemeinen Bauartikel-Ausstellung*, em Leipzig em 1909.

Eu vi uma grande, boa vontade, mas a eficácia não esteve *pari passu* [itálicos nosso] com ela e especialmente nos aspectos técnicos vi com frequência demasiada um fracasso total. Ao chegar pela entrada principal da exposição entre dois edifícios-portais [...] um pouco acanhados, se avista o Monumento da Batalha das Nações à distância [...]. Era perfeitamente justificável dar um tom monumental aqui, isso também foi desejado, mas não se atingiu, nem nos edifícios nem no jardim. [...] O primeiro plano, uma aleia conformada por maciços de ciprestes, não é desfavorável, então, porém, os dois parterres de flores e o espelho d'água com a fonte no meio [...] tudo isso prejudica a monumentalidade do monumento em vez de elevá-lo [...]. O massivo monumento conformava de fato a imagem de encerramento do grande eixo principal, estava dado e resolvido, tudo, jardim e construções deveriam aqui subordinar-se, e não cada uma dessas partes buscar para si um papel a desempenhar (HOEMANN, 1913, p. 266)¹⁰⁸.

Durante sua carreira Leberecht Migge acumulou desavenças com colegas de profissão, bem como com lideranças políticas, como Walter Rathenau (1867-1922)¹⁰⁹. Ele frequentemente escrevia respostas a artigos que o confrontassem defendendo suas ideias e explicando seus princípios. Não raro, mantinha um ar combativo com soberba e em tom por vezes irônico ou sarcástico. O artigo de Hoemann não recebeu nenhuma resposta direta, foram encontrados apenas dois textos em que Migge se refere ao projeto dos jardins da IBA. No primeiro, publicado na revista *Die schweizerische Baukunst* em 1913 como reprodução da revista mensal da IBA de Leipzig *Bauen und wohnen*, Migge reforçou o tom ameno e triunfalista da exposição. Já no segundo, publicado na *Kunstgewerbeblatt*¹¹⁰ em 1914, escreveu as primeiras linhas se lamentando. Após afirmar que “nunca gozou particularmente da amizade de paisagistas” e que seus trabalhos foram em geral incompreendidos por seus colegas, “mas nunca a relutância de certo círculo de ‘colegas’ adotou expressão tão escancarada quanto no caso dos jardins de Leipzig” (MIGGE, 1914, p. 91), Migge elabora sua defesa. O artigo é um esforço de pontuar as dificuldades do projeto e de algum modo responder às críticas recebidas, indicando

108 Trecho no original: Ich sah ein großes, gutes Wollen, aber das Können hiel nicht Schritt mit diesem Wollen und besonders in technischer Beziehung sah ich allzu häufig ein völliges Versagen. Wenn man die Ausstellung am Haupteingang betritt durch zwei Torgebäude, die nach meinem Erachten etwas kleinlich wirken, so sieht man in der Ferne das große Völkerschlachtdenkmal liegen [...]. Es war durchaus berechtigt, hier einen monumentalen Ton anzuschlagen, man hat das auch gewollt, aber man hat es nicht erreicht, weder in den Gebäuden noch im Garten. [...] Der Vordergrund, gebildet durch die Zypressenalle ist nicht ungünstig, dann aber die beiden Blumengärten mit dem großen Fontainenbecken in der Mitte [...] das alles beeinträchtigt die Monumentalität des Denkmals, anstatt sie zu steigern [...]. Das gewaltige Denkmal bildete doch den Bildabschluß der großen Haupachse, es war bestehend und tonangebend, alles, Garten und Bauten mußten sich hier unterordnen, nicht aber jeder dieser Teile eine Rolle für sich zu spielen suchen.

109 Industrialista presidente da AEG, e filho do seu fundador, Rathenau foi ministro das relações exteriores na República de Weimar e assassinado em 1922 por conservadores radicais. Migge escreveu uma carta aberta à Rathenau em dezembro de 1919 argumentando a favor dos assentamentos anarquistas, alvo de críticas do industrialista por os considerar antieconômicos (HANEY, 2010, p. 142)

110 Hoemann publicou seu artigo na *Die Gartenkunst*.

severas restrições: desde o curto prazo de projeto e execução, o período incorreto de plantio até a mudança da entrada principal¹¹¹. Ele formula os objetivos desse tipo de paisagismo, dentre todos, o mais instantâneo e efêmero, da seguinte maneira:

Quais são os *propósitos* de um jardim oficial de exposições tão moderno? [...] um *cartaz verde*. Como tal, sua aparência externa é sempre simplificada, estilizada. Isso apoia a função geralmente dada do jardim de exposições: preencher espaços entre as massas de árvores, evidenciar perspectivas arquitetônicas, oferecer [às] massas de visitantes cansados, paz, deleite para os olhos e um agradável ambiente. Se todos esses pré-requisitos forem atendidos, geralmente resta pouco para a natureza individual desses jardins. Em Leipzig o caso foi até excepcional. Com esse lamentável resquício de liberdade artística, é melhor renunciar de antemão à repetição banal, o que, aliás, há muito tempo pela prática cotidiana é assegurada e conhecida, como nos chamados jardins especiais. Valia muito mais: a todo custo, mesmo com certo risco tentar um impulso adiante (MIGGE, 1914, p. 92)¹¹².

Se, por um lado, os jardins de exibição possuem forte apelo visual e, dadas as condições de execução¹¹³, exigem agilidade dos efeitos — ou seja, as espécies precisam ser vigorosas e de desenvolvimento e aclimação rápidos — justificando a “simplicidade” imputada à sua aparência, por outro, uma vez satisfeitas suas funções imprescindíveis, Migge prefere ousar e assumir riscos, buscando inovar em relação às práticas estabelecidas. Tal postura parece acompanhar o trabalho do paisagista ao longo do tempo. A avaliação sobre se seu projeto da IBA foi ou não um fracasso interessa menos, ainda que seja importante apontar para os reveses e o tipo de recepção que seu trabalho suscitava. Mais do que isso, a exposição lhe serviu de fato como um cartaz de divulgação que ampliou o alcance de sua atuação. A IBA dispunha de pavilhões expositivos dos mais variados, desde o icônico “monumento do ferro”, projeto de Bruno Taut (1880-1938) e seu sócio Franz Hoffmann (1884-1951), o pavilhão de interiores e artes aplicadas com

111 A maioria das restrições e dificuldades é assinalada por Hoemann.

112 Trecho no original: *Welchen Zwecken dient so ein moderner, notabene offizieller Ausstellungsgarten? [...] ein grünes Plakat. Als solches wird seine äußere Erscheinung immer stark vereinfacht, stilisiert auftreten. Das unterstützt die zumeist gegebene Funktion des Ausstellungsgartens: Weiten zwischen den Baummassen zu füllen, architektonische Perspektiven zu fassen, Massen von übermüdeten Besuchern, Ruhe, Augenweide und ein angenehmes gesellschaftliches Gehäuse zu bieten. Sind alle diese Vorbedingungen erfüllt, so bleibt für ein etwa eigener Wesen dieser Gärten gemeinhin nur wenig übrig. In Leipzig war sogar außergewöhnlich der Fall. Mit diesem kümmerlichen Rest von bildnerischer Freiheit verzichtet man aber am besten von vornherein auf die auch sonst zu billige Wiederholung von längst Gesichertem und Bekanntem aus der Tagespraxis, etwa in sogenannten Sondergärten. Vielmehr es galt: unter allen Umständen, selbst mit einem gewissen Risiko einen Stoß vorwärts zu versuchen.*

113 No caso da IBA a área era majoritariamente campo, ou seja, os jardins foram todos plantados, toda a obra ocorreu no período entre início de 1912 e maio de 1913 (inauguração oficial no dia 3) com uma longa pausa por falta de aprovações (HOEMANN, 1913; HERZOG e MIEDERER, 1917). Nos informes do caderno 12 (dezembro) da revista *Der Städtebau* de 1912 foi noticiada a contratação do escritório de Ochs para projeto e execução do paisagismo da IBA.

exposição organizada pelo *Werkbund*¹¹⁴, até exposições especiais de urbanismo, agronomia, engenharia e da indústria da construção civil — em especial do aço e concreto armado. Ali se somaram mais de 3.000 expositores (HERZOG, & MIEDERER, 1917, p. 4), sem menção nominal a cada um na publicação. Todavia, Hegemann e Migge aproveitaram a oportunidade para lá exibir uma exposição menor de parques, onde incluíram os projetos de parque mais recentes do escritório Ochs como Fuhlsbüttel e Oldenburg (HANEY, 2010, p. 77)¹¹⁵.

A presença do trabalho de Migge na IBA estendeu-se, ainda, na elaboração da exposição do órgão local de cidades-jardim, que também participou da feira, mas de modo diverso. Inicialmente planejava-se exibir maquetes de cidades-jardim e protótipos das tipologias de habitação em algum pavilhão; no entanto, o inspetor de urbanismo da cidade, Hans Strobel (1881-1953), que já vinha desenvolvendo os planos de urbanização de Leipzig, convenceu o comitê da IBA a construir¹¹⁶ um bairro-jardim permanente num terreno de 8,5 hectares entre o Monumento da Batalha das Nações e a Exposição (RÜSTER, 1917, p. 149). Para tanto a organização local de cidades-jardim, fundada em 1910, abriu uma empresa, a *Gartenvorstadt Leipzig-Marienbrunn G.m.b.H.*, para administração do projeto e obra (e posteriormente dos aluguéis), desenvolvidos entre 1912 e 1913. O plano de urbanização foi elaborado por Strobel e diversos arquitetos locais¹¹⁷ desenvolveram os edifícios do conjunto. Estavam previstos no projeto 133 habitações; no entanto, à época da exposição, foram concluídas apenas 72 unidades divididas em três tipologias: 48 residências unifamiliares, 14 residências para duas famílias e 10 residências multifamiliares (de três a cinco famílias) (STROBEL, 1912; RÜSTER, 1917).

O terreno pertencia ao município e foi adquirido pela empresa administradora por um mecanismo chamado *Erbbaurecht*¹¹⁸, no qual se desvincula a propriedade da terra do direito de construir através de um contrato de longo prazo entre o proprietário e o interessado. Dessa forma, a empresa administradora do bairro-jardim de Marienbrunn após investir na construção passou a cobrar aluguel dos moradores, que variava entre 250

114 A participação do Werkbund foi restrita a essa temática porque a instituição preparava-se para sua própria exposição em Colônia (GRAUL, 1917, 324).

115 Haney referencia uma carta da Fundação da Baronesa de Eberstein à administração de Leipzig como indicativo da contratação de Migge ao projeto de parque de Schönefeld. Na carta o representante a Fundação menciona a exposição de parques de Migge na IBA.

116 A IBA investiu 25.000 Marcos na construção, em contrapartida teve direito de ocupar 13 apartamentos e 11 casas do conjunto que fizeram parte da exposição (RÜSTER, 1917, 150).

117 Rüster (1917, 149) menciona Boehme, Dybwad, A.u.F. Herold, Poser, Schader, Stock e Weidenbach & Tschammer.

118 Em tradução literal, direito de construir hereditário, considerando a legislação atual brasileira, guarda semelhança com o contrato de concessão de direito de superfície.

a 1100 Marcos ao ano a depender da tipologia (RÜSTER, 1917, p. 151). Na elaboração do projeto privilegiaram-se os jardins individuais, embora três áreas livres na porção leste tenham sido reservadas para eventos da exposição, estas foram posteriormente construídas, restando como área verde comum uma praça, projeto de Migge. Além da praça Arminiushof¹¹⁹, ele também foi responsável pelo projeto dos jardins individuais de um conjunto de casas, entre as ruas Am Bogen e a Arminiushof (HARRIS, 2012, p. 273). Apesar de o movimento carregar a palavra “jardim” em seu nome, estes eram uma preocupação secundária, inclusive delegando na maioria dos casos sua elaboração aos próprios habitantes. Ainda assim, a concepção dos jardins, sua forma ideal e sua relação com os edifícios foi objeto de numerosos artigos na revista da DGG. Hans Kampffmeyer e Peter Behrens defendiam incumbir a elaboração dos jardins aos moradores, ainda assim, Kampffmeyer sublinhava a importância de uma conexão direta entre as moradias e seus respectivos jardins (HARRIS, 2012, p. 272-274) e, semelhante a Lichtwark concebia a forma arquitetônica como ideal, do jardim como extensão das áreas de estar da casa.

Por outro lado, a revista dava espaço para a discussão de opiniões diversas, como era o caso de Migge que criticava frontalmente a postura de Kampffmeyer e Behrens. Migge argumentava que os jardins deveriam ser projetados em conjunto com a arquitetura, pois os dois influenciam-se inextricavelmente, e que os jardins de uma comunidade inteira deveriam refletir a visão de conjunto de um único paisagista (HARRIS, 2012, p. 272-273)¹²⁰. Este ponto de vista se coaduna com um dos princípios defendidos por Sitte, a paisagem urbana, *Strassenbild*, que em sua apropriação pela DGG referia-se à composição dos edifícios mais em seu conjunto do que individualmente. O pragmatismo da DGG a aproximava mais das formas e questões da propriedade da terra e financiamento — que, por sua vez, afetavam as instâncias de planejamento urbano e arquitetura — do que de uma preocupação estética. Assim, o movimento sintetizou os debates acerca da estética urbana em um modelo flexível, onde predominava a baixa-densidade, habitações padronizadas e agrupadas conformando a substância visual de uma comunidade (HARRIS, 2012, p. 138-139).

Em seu livro de 1913, *Cultura de jardim do século XX*, Migge escreve sobre as cidades-jardim alemãs e sua relação com o jardim. Ele parte da proposta do movimento, empenhado na política fundiária, e, considerando a expansão urbana sempre acometendo áreas livres do campo, questiona como e em que medida as cidades-jardim resolvem e consideram o jardim. Se por um lado a cidade-jardim parece teoricamente satisfazer a

119 Arminius era o pseudônimo da condessa Adelheid Dohna-Poninski que discutiu a questão da habitação nas cidades industriais no fim do século XIX propondo o acesso irrestrito a todas as classes sociais a cinturões verdes (BEIER, 2004, p. 118).

120 Baseamo-nos em Harris, uma vez que não tivemos acesso à revista *Gartenstadt*.

questão, pois todos têm o seu jardim, por outro ele critica a falta de qualidade técnica, a pouca atenção que estes movimentos dão ao jardim. E declara:

Ora, mas a palavra cidade-jardim indica em sua origem principalmente, e sobretudo no sentido da totalidade das habitações [se realiza] através de *jardins*. Logicamente por isso, no verdadeiro cumprimento do conteúdo do movimento das cidades-jardins, eles não podem de maneira alguma ser tratados como subordinados ou irrelevantes, ao contrário, os jardins devem ser *equivalentes* às casas (MIGGE, 1913a, p. 52)¹²¹.

A influência do paisagismo na elaboração de cidades-jardins é distinguida de duas maneiras por Migge, através da organização urbana e da construtiva. Do ponto de vista urbano, defende que um assentamento no campo pode e deve ser favorecido em todos seus elementos de uso comum por meios paisagísticos, em especial as praças e as ruas. Para além da implantação, discute as formas de tratamento do recuo entre a rua e os edifícios, na falta de jardins frontais, e da importância de se elaborar um projeto único compondo a paisagem urbana, *Strassenbild*, com o cuidado de diferenciar as ruas pela vegetação, ajudando na orientação e identificação. Também ressalta os caminhos internos de acesso aos jardins comporem trajetos e vielas, conformando um sistema. Esse sistema de caminhos e vielas também guarda semelhança com as propostas de Raymond Unwin e Barry Parker (1867-1947) para Letchworth, primeira cidade-jardim construída na Inglaterra em 1902 (Figura 36). Na viagem organizada pela DGG em 1910, da qual Migge participou, este projeto certamente foi visitado.

Já na questão construtiva das casas, frisa a importância da orientação solar, garantindo sol para os jardins, além de aproveitar as paredes externas para o plantio de trepadeiras. Para Migge, os projetos das casas são de antemão mais paisagísticas, pois, em geral, são menores nesses empreendimentos; por essa razão, o trabalho conjunto entre arquiteto e paisagista deveria ocorrer desde o início. Por fim, salienta a origem predominantemente urbana dos moradores desacostumados com a atividade de jardinagem: lhes faltavam experiência e referências, havendo necessidade, portanto, de apoio técnico, atividades formativas, cursos, jardins modelos. Além da possibilidade de incorporar no projeto tais espaços, Migge sugere uma rede de sociabilidade entre assentamentos: aquele que possuísse um viveiro, por exemplo, poderia vender mudas a preços módicos a seus vizinhos. Como outras formas possíveis de cooperação, elenca: um profissional contratado coletivamente e maquinário de uso comunitário (MIGGE, 1913a, p. 52-55).

121 Trecho no original: Nun weist aber das Wort Gartenstadt seiner Entstehung und auch besonders dem Sinne nach zuvörderst auf die Vervollkommen der Wohnstätten durch *Gärten*. Logisch können diese deshalb, in rechter Erfüllung des Inhaltes der Gartenstadtbewegung, keinesfalls untergeordnet oder nebensächlich behandelt werden, vielmehr müssen die Gärten den Häusern *gleichwertet* bestehen.

Ao mesmo tempo que há uma aproximação e uma identificação de Migge com os movimentos culturais e sociais que incidiram sobre o espaço urbano e sobre a elaboração de áreas verdes, nota-se uma postura crítica constante. Ele questionou o alcance real produzido e propôs uma radicalidade, ao menos no discurso, de transformação urbana a partir do jardim e do paisagismo, por ele visto como elemento de maior importância. A equivalência do jardim à casa implicitamente questiona o que se produz de qualidade espacial entre as construções e elabora outras funções para além da ornamental ou contemplativa. Mais do que isso, indica o desejo de incluir o jardim no cotidiano. Para se alcançar o *casamento entre cidade e campo* — como a expressão cunhada por Howard —, há que se casar a casa e o jardim primeiro. Nesse sentido, os parques são espaços de transição dessas escalas, além de atender os desprovidos de jardins privados e promover o encontro.

À semelhança das disputas ensejadas pelo parque da cidade de Hamburgo, o parque de Schönefeld-Leipzig também apresenta uma história do embate entre a velha geração de paisagistas e as novas ideias. Schönefeld era uma cidade vizinha a Leipzig, que foi incorporada a esse município em 1915 (HANEY, 2010, p. 78). Oficialmente, a administração da cidade de Schönefeld, no início de 1910, queria que o arquiteto paisagista Ludwig Lesser (1892-1985) desenvolvesse um parque “reformista”; porém, não pôde conceder o contrato, uma vez que as negociações com os proprietários da terra não estavam finalizadas. O terreno localizado próximo da estação central nunca havia sido urbanizado porque pertencia a uma família de nobres. A última herdeira, a baronesa Clara Hedwig von Eberstein (1817-1900), fundou uma instituição em 1881 com o objetivo expresso de preservar a área para uso público. Em 1911 o município de Schönefeld obteve a cessão de uso por 99 anos com a condição de se concluir um parque até 1916 — ninguém poderia imaginar que a Guerra impediria esta cláusula. Por razões de conveniência e financeiras, Carl Hampel, funcionário da cidade vizinha de Leipzig, foi convidado a apresentar uma proposta para o parque em 1912, que é rejeitada pelos dirigentes de Schönefeld por ter sido desenvolvida nos moldes paisagísticos (HANEY, 2010, p.77), o que sublinha a penetração das premissas reformistas poucos anos depois do concurso do parque de Hamburgo.

No ano seguinte, durante uma visita à IBA, os dirigentes de Schönefeld encontraram ali o paisagista que atendia suas aspirações. Migge apresentou os primeiros estudos no verão de 1913 e foi então oficialmente contratado para o projeto e execução em setembro. O desenvolvimento do projeto apresentou revesses para Migge desde o início: primeiro Jakob Ochs escreveu ao prefeito reclamando a autoria do projeto, uma vez que Migge ainda era seu funcionário durante as tratativas de contratação — a informação

é que ele se desligou do escritório em maio — no entanto, a administração reconheceu a autoria exclusiva de Migge. Quando Schönefeld foi incorporada à cidade de Leipzig, em 1915, Hampel articulou com o prefeito a dispensa da supervisão das obras de Migge. Poucos anos depois, em 1920, Hampel se aposentou e Nicolaus Moelzen (1881-1954) como seu sucessor concluiu o parque em 1928, respeitando as prerrogativas de Migge (HANEY, 2010, p. 77-78).

Apesar das vicissitudes do projeto e sua execução, o parque, ainda hoje existente, preserva muito da proposta original de Migge. Devido a sua localização mais central, próximo da estação de trens, com área de 22 hectares, configura-se como um parque interno, *Innenpark*, conforme Gustav Ammann¹²² (1914, p. 185) descreve em artigo. Além da localização, o parque interno se diferencia por sua construção e manutenção mais intensiva, justificadas pelo uso esportivo. Um grande lago retangular foi escavado em área com cascalho e com parte de seu volume construíram o aterro da pista de trenó, além das superfícies de gramado para esportes, recreação e convívio social e áreas de bosque. Há, portanto, uma forte setorização do projeto (Figuras 50 e 51), caracterizado tanto pela geometria, quanto pelo plantio (AMMANN, 1914, p. 185). Ademais, o Mariannenpark seguiu o modelo estadunidense de parques, enfocando áreas para a prática de esportes e atividades físicas.

122 Ammann, paisagista suíço, foi colega de Migge, com o qual compartilhava de ideias semelhantes, no escritório de Ochs, onde assumiu, em 1911, função subordinada a ele. No entanto, Ammann não permaneceu no escritório, retornando no mesmo ano para Zurique, sua cidade natal, e não só manteve correspondência e amizade com Migge, como também trabalhos conjuntos (STOFFLER, 2006, p.26-29).

Figura 36 - Plano de Letchworth, a primeira cidade-jardim, 1902. Fonte: BEIER, 2004, p. 127

Descrição das legendas (da esquerda para direita): habitação (linhas na diagonal); indústria (pontilhado); centro comercial (preto com linhas onduladas); vilarejos existentes (círculo enovelado). Diferentemente do modelo teórico de Howard, a área ocupada pela cidade representa proporção maior que o cinturão verde à sua volta. O alto investimento na compra das terras, efetuada pelo próprio Howard, compôs uma das razões de se aumentar o perímetro urbano. “[nem] Nesse primeiro exemplo [de Letchworth], [...] nem outras iniciativas que as [Letchworth e Welwyn] como referência reproduzem a implantação ideal”, um dos problemas “está em convencer as cooperativas sobre a alta rentabilidade dos investimentos na construção de pequenas implantações urbanas satélites, imersas na paisagem rural” (CALABI, 2012, p. 30).

Figura 37 - Vias residenciais de Letchworth, 1909. Fonte: UNWIN, 1909, p. 309

Raymond Unwin reuniu em seus projetos a leitura *sittesca* do princípio do fechamento do espaço urbano, a paisagem urbana, *Straßenbild*, com a teoria da cidade-jardim de Howard. Ele traduziu em projeto o argumento de que é possível superar a imagem monótona dos subúrbios geminados do século XIX através de um desenho de tipologia viária e de edificações (CALABI, 2012, p. 144). Uma das tipologias viárias, como da imagem acima, consiste em vielas e caminhos que cruzam as ruas principais, possibilitando cruzar as quadras por entre os conjuntos geminados. Proposta semelhante no bairro-jardim Marienbrunn de Leipzig, que naturalmente tinha Letchworth como referência. Em 1918, Migge publicou uma proposta de via de serviço que denominou *Obstweg* (*via-pomar*) que traz elementos do paisagismo aliado à arquitetura e compõe o sistema viário do assentamento (comparar com Figuras 67 e 68).

Figura 38 - Perspectiva geral do projeto vencedor do concurso IBA, arquitetos Weidenbach & Tschammer, 1913. Fonte: HERZOG, & MIEDERER, 1917, p. 9.

Notar a indicação do eixo monumental e seus respectivos jardins com o Monumento Batalha das Nações ao fundo e a sua direita, a área do bairro-jardim Marienbrunn.

Figura 39 - Perspectiva dos jardins da IBA, projeto de Migge (Ochs), zeitschrift Bauen und Wohnen - Leipzig, 1913. Fonte: HAUS, 2014.

Ao comparar o eixo monumental proposto por Weidenbach & Tschmmer, na figura anterior, nota-se a modificação das volumetrias, níveis e alinhamentos. A volumetria ganha mais elementos verticais nas duas extremidades para reforçar o enquadramento e perspectiva do monumento ao fundo. Os níveis redesenham as áreas de jardim: enquanto na proposta do concurso são canteiros em nível com a esplanada principal, aqui eles são rebaixados, conformando espaço ajardinado abrigado do maior fluxo dos visitantes. O alinhamento do jardim, apesar de semelhante à proposta inicial por manter a simetria, é mais autônomo em relação aos alinhamentos dos edifícios.

Straße des 18. Oktober.

Figura 40 - Vista do eixo monumental, rua 18 de dezembro com Monumento Batalha das Nações ao fundo, 1913. Fonte: HERZOG, & MIEDERER, 1917, p. 241.

Notar que o nível dos jardins é rebaixado em relação às ruas laterais e conforma um recinto com a cerca viva. A monumentalidade se expressa pela perspectiva e dimensões avantajadas, enquanto o usuário usufruía de alguma reclusão estando nesse ambiente.

Figura 41 - Multidão na IBA, "Dia do Canto", 1913. Fonte: HERZOG, & MIEDERER, 1917, p. 30. Embora esta IBA não tenha sido tão internacional quanto pretendida (faltando a representação da Inglaterra e EUA), segundo os dados oficiais, mais de 3 milhões de pessoas visitaram a exposição. Eventos especiais como o da foto, ou ainda dia da inauguração do Monumento da Batalha das Nações em seu centenário e os domingos eram os dias de maior movimento.

Figura 42 - Entrada principal, a qual Hoemann qualifica como "acanhada", 1913. Fonte: HERZOG, & MIEDERER, 1917, p. 73.

A partir das referências humanas da foto, a altura da *loggia* é pelo menos quatro vezes, e a altura total sete vezes a altura humana (aproximadamente 7 e 12 metros respectivamente). Além disso, a entrada é elevada em relação ao conjunto, o que, aliada ao eixo ajardinado mais livre, permitiria uma visão mais ampla. O ponto de vista do observador da fotografia salienta o enquadramento do Monumento.

Intern. Baufach-Ausstellung, Leipzig: Ausstellungsgarten. Aussteller: Jacob Ochs, Hamburg (künstl. Leitung: Lebr. Migge).

Figura 43 - Vista oposta da figura anterior a partir do jardim rebaixado, fotografia de Hoemann, 1913. Fonte: HOEMANN, 1913, p. 266.

Aqui é possível notar quanto o rebaixamento do jardim com auxílio dos fechamentos dos ciprestes ao fundo e da cerca viva nas laterais reduz o impacto monumental do jardim para o usuário, uma transição de escala entre o grande gesto e o repouso desejado para os visitantes. O parterre central possui geometria ortogonal, sem os desenhos rebuscados típicos dos jardins reais.

Figura 44 - Monumento do ferro, em construção e projeto, 1913. Fonte: HERZOG, & MIEDERER, 1917, p. 186, 188.

O pavilhão também foi objeto de concurso e aclamado pelo historiador da arte Adolf Behne na revista *Kunstgewerbeblatt* no qual descreve detalhadamente o projeto também de seus interiores. Abaixo da estrutura da esfera superior, oito vigas em arco (figura à esquerda) a suportam, conformando um teto forrado com placas de concreto até enquadrar a calota convexa de zinco, que “é uma visão estranha e até fascinante” (BEHNE, 1914, p. 88). A esfera de ferro polido com seu brilho prateado refletia o céu e o sol.

Figura 45 - Jardim de rosas com espelho d'água. Ao fundo pavilhão de interiores e artes aplicadas (Werkbund), 1913. Fonte: HERZOG, & MIEDERER, 1917, p. 130

Migge descreve o jardim de rosas, como um espaço elaborado a partir da harmonia das cores e das esculturas, que não pretende ser um jardim de rosas convencional, na imagem habitual de flores e verde. Aqui, assim como no jardim do eixo monumental, ele trabalhou diferentes níveis, em canteiros circulares que abaixam sucessivamente até chegar ao nível do espelho d'água, previsto com ninféias, “as irmãs estrangeiras das rosas” (MIGGE, 1913b, p. 88), dando colorida para a água. Pode-se imaginar o efeito das cores refletidas na água e nas esferas de vidro, tanto o jardim, como o espelho d'água se multiplica em reflexos. Para Migge, as flores e plantas “não devem crescer apenas em seu sentido próprio, mas sobretudo devem formar com as muretas e a água, com as ruas e praças, com as pessoas e as placas uma unidade” (MIGGE, 1913b, p. 88). A semelhança o uso do artifício reflexivo do metal e do vidro entre Migge e Taut não é mera coincidência, os dois estavam explorando novas formas desses materiais, em especial do vidro. Em 1913, Taut convidou Migge para projetar o “jardim de vidro” do seu icônico pavilhão na Exposição do *Werkbund* em Colônia no ano seguinte (HANEY, 2010, p. 126).

Figura 46 - Planta de situação do complexo IBA, 1913. Fonte: AUSSTELLUNGSPROSPEKT, 1913.

O terreno da IBA precisou de aterro para ultrapassar a linha férrea. Aproveitou-se a divisão do espaço para setorizar a exposição: na porção noroeste concentram-se os pavilhões, dos quais destacam-se o Monumento ao Ferro (12) e o pavilhão da arquitetura de interiores (2); na porção nordeste foi planejado um parque, que incluía um tobogã no lago, uma exposição especial de agricultura, incluindo uma fazenda modelo (15), um vilarejo (16) e uma igreja com cemitério e arte tumular (17). Também foi prevista uma conexão entre o terreno da IBA e o bairro-jardim Marienbrunn.

Figura 47 - Planta do bairro-jardim Marienbrunn, 1913. Fonte: HARRIS, 2012, p. 164.

Elaborado como bairro-jardim modelo para ser exibido na IBA, sua implantação foi permanente. As elipses vermelhas destacam as áreas que foram projetadas por Migge. O desenho foi ditado pela presença de uma rua existente (*An der Tabaksmühle*) na porção norte do terreno, de um cemitério ao sul (junto ao Monumento da Batalha das Nações) e alguns desenvolvimentos de outros assentamentos ao sul. Sua forma e as ruas internas radiais proporcionaram maior aproveitamento do espaço dentro das restrições existentes (HARRIS, 2012, p. 162, 164).

Figura 48 - Registro da execução das obras do bairro-jardim Marienbrunn, 1913. Fonte: HERZOG, & MIEDERER, 1917, p. 150.

Vista do Monumento da Batalha das Nações a partir de rua radial *Denkmalsblick* durante a construção do bairro. Notam-se semelhanças do desenho da rua e seus recuos com as propostas de Unwin para Letchworth (Figura 37).

Figura 49 - Quintais produtivos das casas *Am Bogen*, projeto de Migge para Marienbrunn, 1913. Fonte: REUB et al., 1981, p. 98.

Em Marienbrunn Migge projetou os quintais de um conjunto de casas tomando como base o *Schrebergarten*, comuns como parcelas de jardim arrendável sem uso residencial. Notar a viela de serviço, demarcada com construções de apoio em suas extremidades, demarcada por cerca viva que também pontua os caminhos transversais (arbustos mais volumosos em relação ao da cerca), compondo o sistema de circulação entre jardins, blocos de residências e as ruas do conjunto.

Figura 50 - Planta do parque Mariannenpark de Leipzig-Schönefeld, 1914. Fonte: *Die Gartenkunst*, 1914, 12, p. 191.

Parque esportivo, viário circundante arborizado, na pista de trenós, a área de chegada serve como parquinho infantil nas outras estações. Notar a separação dos usos esportivos dos recreativos. Notar o carimbo com a denominação "Architekt für Gartenbau", arquiteto para a horticultura.

Figura 51 - Perspectiva do parque Mariannenpark de Leipzig-Schönefeld, 1913. Fonte: *Die Gartenkunst*, 1914, 12, p. 190.

Migge projetou tanto espaços gramados, quanto arborizados, mantendo áreas proporcionais entre ambos. A construção (abaixo, à esquerda) indicada na planta como "edifício monumental" foi alinhada ao lago, do lado oposto, uma construção mais singela, denominada "casa do parque".

Figura 52 - Detalhamento do abrigo sobre o morro, ponto de partida a pista de trenós, sem data. Fonte: GADIEN et al., 2018, p. 178.

Além de proporcionar descanso após a subida das escadarias, o abrigo com base circular em formato de banco servia também como mirante.

Figura 53 - Pista de trenós do Mariannenpark em uso, cerca de 1940. Fonte: HANEY, 2010, p. 79
Com o entorno de bosque e um trajeto em curva, a pista oferta a simulação da descida nas montanhas. A pista de trenó e o lago congelado ofertavam opções de atividade no parque mesmo no inverno.

3.3. Migge em Rüstringen: do parque urbano na política de parques às áreas verdes na política verde

Entre os anos de 1913 e 1917, Migge ocupou-se de projetos que conjugavam o *Volkspark* a um sistema de áreas verdes, denominado política de parques ou, posteriormente, política verde. Enquanto o primeiro sistema guardava semelhanças com o *park system* estadunidense, o segundo mantinha a concepção sistêmica, mas avançava em procedimentos próprios e baseava-se nas experiências trocadas entre Migge e dois arquitetos urbanistas, Martin Wagner e Willy Hahn. As colaborações mútuas entre Wagner, Hahn e Migge transparecem nesses anos de convívio; foco dessa sessão, bem como as repercussões do envolvimento de Migge nos projetos desenvolvidos em Kiel, que serão abordados no próximo capítulo. Concentramo-nos no exemplo da cidade de Rüstringen, ponto de partida desse encontro e verdadeiro laboratório urbano. Depreende-se do exame deste caso uma guinada de Migge no sentido de concentrar-se cada vez mais no paisagismo produtivo, fazendo suas primeiras formulações mais incisivas do tema.

Rüstringen¹²³ surgiu em 1911 a partir da união das localidades de Bant, Heppens e Neuende, que apresentaram crescimento populacional vertiginoso entre 1880 e 1910, somando 50.000 habitantes (BEIER, 2004, p. 159). No ano seguinte, o município recém-criado iniciou os preparativos de um concurso para o complexo cívico que reuniria os diversos serviços municipais que incluía nova prefeitura, escolas municipal e federal, corpo de bombeiros, centro de convenções e mercado municipal. O concurso de ideias foi aberto em 1913 e compuseram o júri Ludwig Hoffmann (1852-1932), Albert Erich Brinckmann, Adolf Rauchheld (1868-1932), o prefeito Emil Lueken¹²⁴ (1879-1961) e outros dois conselheiros municipais não identificados. Participaram por convite honorário os arquitetos Hans Poelzig (1869-1936), Heinz Stroffregen (1879-1929), Hans Bernoulli (1876-1959) e Martin Wagner que na época ocupava o cargo como secretário de obras municipais em Rüstringen¹²⁵. Também foram permitidas inscrições de outros arquitetos interessados (BEIER, 2004, 147, p. 162-163). As propostas do complexo apresentadas refletiram as discussões do urbanismo e do paisagismo da época, com concepções espaciais desde um desenho geométrico-funcional, até propostas mais assemelhadas aos conceitos de traçado vernacular-artístico de Sitte. O resultado premiou quatro projetos,

123 Rüstringen foi absorvida, em 1937, por Wilhelmshaven (HANEY, 2010, p. 85), cidade portuária localizada na costa do Mar do Norte, pertencente à região metropolitana de Bremen/Oldenburg. A cidade apresenta queda populacional desde 1975, sem nunca superar 150.000 habitantes (STATISTISCHES BUNDESAMT).

124 Lueken era desde 1907 prefeito de Heppens, umas das localidades que formou Rüstringen em 1911. Lueken estudou com Friedrich Naumann, um dos fundadores do Werkbund, e foi membro da DGG, assim como Wagner e Hahn (SOMMER, 1993, p. 42-44).

125 Martin Wagner assumiu o cargo em 1911 e permaneceu até 1914 (BEIER, 2004; HANEY, 2010).

dentre eles os de Wagner e Poelzig. As propostas premiadas deveriam ser desenvolvidas como um conjunto no departamento de obras públicas cuja incumbência era de Wagner. Como consequência, as bases principais do projeto privilegiaram sua proposta, entretanto, sua exoneração do cargo e a irrupção da Primeira Guerra Mundial em 1914 impediram a realização das obras, assumidas por Willy Hahn em 1915 (BEIER, 2004, p. 171-172).

Joachim Karl Heinrich Willy Hahn foi um arquiteto urbanista que trabalhou em seus primeiros anos de formação com Hans Bernoulli em Berlim e com Heinrich Tessenow (1876-1950) em Dresden-Hellerau. A partir de 1912, passa a atuar no funcionalismo público. Esteve por um curto período em Hamburgo com Fritz Schumacher e sucedeu Martin Wagner no cargo em Rüstringen em 1914, onde permaneceu até 1921 (BEIER, 2004, p. 19-20), quando então assumiu cargo de secretário de obras em Kiel. Hahn foi um entusiasta das ideias de Migge e ambos colaboraram em projetos tanto em Rüstringen quanto em Kiel.

Houve ainda duas exposições em Rüstringen, uma de arquitetura em 1911 e outra de parques, organizada por Wagner, em 1912. A primeira expôs alguns jardins e parques, dentre eles o Fuhlsbüttel de Migge; a segunda, pensada como preparação para outro concurso — o do parque da cidade —, incluiu exemplos estadunidenses e ingleses provavelmente trazidos por Hegemann. Na primeira fase do concurso do parque, os trabalhos de Migge e Harry Maasz foram exibidos e igualmente aclamados, recebendo ambos uma premiação. Após a segunda fase do concurso, o júri composto por Bernoulli, Poelzig e Wagner considerou a proposta de Migge “mais adequada às relações sociais da comunidade” (HANEY, 2010, p. 80), laureando-o com o primeiro prêmio em agosto de 1913. O projeto de Migge continha novas abordagens para o período: seu desenvolvimento baseava-se na topografia e arborização existente, reduzindo os custos de construção. Mais tarde, no início da década de 20 essa abordagem projetual tornou-se indispensável (BAUMANN, 2005, p. 12).

Dentre os elementos característicos do parque destacam-se: um canal de 1,4 km de comprimento e 12 a 30m de largura, encerrado em um lago retangular; acompanha o canal uma alameda de choupos; áreas de bosque intercaladas com porções gramadas; contraste entre espaços monumentais e outros mais intimistas (WILHELMSHAVEN, 2019, p. 26-28) O novo parque destinava-se em grande parte a servir famílias de militares, uma vez que a fundação da cidade vizinha, Wilhelmshaven, ocorreu a partir de uma base naval. Além disso, a marinha contribuiu na compra de parte do terreno e nas escavações e aterros necessários, pois adjacente ao parque foi planejado um cemitério memorial dela, também projeto de Migge. O terreno do parque tinha como área total 72 hectares, dos quais uma parte foi destinada para moradias e outra para o cemitério, restando 57

hectares de área livre (HANEY, 2010, p. 80-84).

A construção do parque, estimada em oitos anos, durou dez anos para ser concluída (1914-1924) e, junto com o cemitério memorial compõem um dos poucos projetos de Migge até hoje preservados, desde 1992 ambos foram tombados como patrimônio (WILHELMHAVEN, 2019, p. 4, 29). A concepção do parque, desenvolvida por Wagner em conjunto com Migge, seguia a definição do parque externo, *Aussenpark*, localizado ao norte da cidade, região em se projetava seu crescimento. Migge definiu em *Cultura do jardim do século XX* o parque externo como um *Volkspark* na ausência ou dificuldade de se garantir nas cidades alemãs áreas semelhantes ao Central Park de Nova Iorque ou a generosidade de áreas verdes como em Leipzig. O parque externo seria uma alternativa, portanto, de parques urbanos em subúrbios, desde que não estivessem longe demais do centro da cidade (MIGGE, 1913a, p. 33). Nele aproveitam-se as preexistências e faz-se um trabalho de menor intervenção (AMMANN, 1914, p. 186). Wagner, que publicou ao menos dois artigos¹²⁶ sobre o projeto, ressalta em um deles:

No projeto Migge usou como ponto de partida a característica paisagem de pântano para introduzir um sistema de canais de extraordinário valor prático. A extensão das áreas do parque foi definida dentro de uma propriedade com estrutura irregular. O sítio não possuía uma orientação natural, uma diretriz, um eixo estruturador. Isso foi criado através de um sistema de canais que atravessa e conecta toda a extensão do parque de forma rigorosa e marcada (WAGNER apud HANEY, 2010, p.84) ¹²⁷.

A revista *Die Gartenkunst* publicou um número especial sobre os projetos de parque de Migge em 1914, o que permite inferir o alcance de seus esforços em inserir-se nas produções de vanguarda desde o concurso do parque de Hamburgo. Paul Westheim abre o número citando um trecho do livro *Cultura do jardim do século XX* referindo-se a Migge como alguém “*inspirado pelo espírito do tempo* que direciona seus esforços em criar beleza para a população *abatida e sobrecarregada* que habita os cortiços”. Para Westheim o livro de Migge anuncia a “socialização do paisagismo” e trata de explicar sobre o que viria a ser o termo socialização nesse contexto. Para tanto, delimita o significado do paisagismo enquanto expressão humana que adentra na natureza e diferencia dois paisagismos: aquele produzido “como meio de se sobressair da multidão do povo, de se isolar, de definir entre si e a massa uma grande distância, para pôr em evidência aos subordinados que de certo modo o domínio sobre a natureza não é menor

126 Não tivemos acesso aos artigos. Baseamo-nos no levantamento de Haney.

127 Trecho traduzido do inglês: The Project by Migge used the characteristic marsh landscape as the starting point, to introduce a system of canals of extraordinary practical worth. The extent of the city park areas was set within the irregular property outline. The land lacked a natural orientation, a directive, fixed spine. This was created through a canal system that traverses and connects the entire extent the park in stringent, marked form.

do que aquele sobre os homens” (WESTHEIM, 1914, p. 182), e aquele proveniente da dissolução da cultura feudal, enraizada nas “massas despossuídas do chão, ameaçadas de definhar entre a cantaria e a fumaça” e que, por serem os mais fracos, são os que exigem dos poderes municipais e representações comunitárias auxílio para “saciar sua fome de verde”. A socialização do paisagismo seria, portanto, o seu fim como ostentação ou expressão de poder e dominação e a democratização de seu uso para saciar demandas de todos os extratos sociais.

Ainda que Westheim reforce os temas e definições do paisagismo arquitetônico, não o faz sobre uma base puramente estética: nota-se uma maior consciência das práticas paisagísticas anteriores como uma forte representação do poder e da dominação e, sobretudo o caráter revolucionário, ao menos na prática profissional, de produzir parques para e do povo. “A compreensão social do verde é visto por ele [Westheim] como uma mudança de consciência profissional do paisagista [Migge]” (STOFFLER, 2006, p. 27) quando desloca sua atuação para atender não só os abastados, mas também os despossuídos. Esta interpretação é oportuna, pois Migge passa a se designar, pelo menos desde 1913, como arquiteto para a horticultura, *Architekt für Gartenbau*¹²⁸, tal diferenciação profissional ao mesmo tempo o afastava daqueles paisagistas sem a mudança de consciência mencionada por Westheim, como marca o interesse de Migge em construir espaço habitável, sob a égide da arquitetura, a partir da horticultura.

O parque de Rüstringen, o maior e mais sofisticado projeto de *Volkspark* elaborado por Migge antes da guerra (HANEY, 2010, p. 80), fazia parte de um plano de política de parques, *Parkpolitik*, que, segundo Ammann (1914, p. 184), era desconhecida na Alemanha até as exposições de urbanismo apresentarem os exemplos do novo mundo, referindo-se às exposições que Hegemann e Migge. A política de parques tem como referência o *park system* estadunidense, surgido ainda no século XIX com Frederick Law Olmsted (1822-1903), que por sua vez foi desenvolvido a partir de experiências europeias em suas viagens de estudos (OLIVEIRA, 2010). Na prática sua elaboração seguiu as premissas de compra e reserva de terras nas áreas em que se previa o crescimento da cidade, garantindo, assim, por um lado, o baixo custo de sua implantação; por outro, a redução da especulação das áreas. A política de parques em Rüstringen ainda previa outro parque na porção sul, conexões de vias arborizadas e praças ou largos dispostos em alguns de seus cruzamentos (AMMANN, 1914, p. 184-185). O sistema de parques então correspondia à inserção das áreas verdes no planejamento urbano, considerando sua expansão, de modo a dialogar com o sistema viário e a urbanização de áreas rurais. No

128 Migge assim se denomina no artigo *Wie baue ich eine grüne Stadt?* (MIGGE, 1917, p. 59), bem como seu carimbo do projeto do Parque de Rüstringen e nos projetos datados de 1914 (GADIEN et al., 2018). A partir dos projetos de 1919 adiciona o termo *Siedlung* a sua designação.

caso dos parques externos, determinava uma faixa de transição entre a zona edificável com parcelas de jardim arrendáveis. Além disso, conforme o avanço da urbanização, o parque poderia ser ampliado (AMMANN, 1914, p. 185).

O viés econômico é pautado por Ammann (1914, p. 186) no sentido do menor investimento público possível na implantação dos parques. A compra e reserva de terras antecipadas à expansão urbana e o usufruto da área com o mínimo de intervenção, apropriando-se das preexistências naturais do espaço, são ressaltadas no artigo. Por fim, as taxas de arrendamento das parcelas de jardim amortizam os custos de administração e manutenção do parque, além de oferecer maior aproveitamento dos espaços com uso por associações e sociedades diversas relativas à jardinagem. Nesse sentido, a proposta se assemelha muito às indicações de Harry Maasz em relação ao *Volkspark*, tratadas no capítulo I, em que sugeriu conciliar o viés social e econômico na elaboração dos parques públicos integrados às parcelas de jardim arrendável. De um lado, o destaque das parcelas de jardim como usufruto social, de outro, a necessidade de garantir sua existência, aliada ao parque, a baixo custo para a administração pública. Migge resume a questão socioeconômica enquanto fator cultural no qual se investiga a estética da época:

E como o ritmo de uma época só pode acender-se pela mentalidade que ela própria possui, presumo que a forma do jardim do futuro está oculta principalmente no ambiente socioeconômico do jardim: eu peregrino pelo racionalismo do parque público, para ajudar a descobrir a bela forma do jardim moderno (MIGGE, 1914, p.190)¹²⁹.

Para Migge (1914, p. 190 e 192) o sucesso do novo parque público dependeria da superação da mudança em curso dos recursos técnicos. A reformulação do paisagismo era mais visível nas cidades médias e pequenas, enquanto as cidades grandes teriam maior dificuldade de realizar na totalidade as modificações complexas que o paisagismo idealizava, desde a política fundiária até o banco da praça. A “missão” do paisagismo nas cidades imbuí-se de uma cosmologia cuja responsabilidade recai sobre o paisagista que deve corresponder à realidade da alma, *Seele*, e representar aspectos intangíveis. Aqui, a conciliação se amplia entre racionalismo e aspectos espirituais. Nesse sentido, as cidades são corpos que contêm os impulsos sociais e econômicos que se movimentam, ao mesmo tempo que são expressão cultural refinada da ação do espírito do tempo.

Embora a função do verde na cidade tenha sido uma pauta recorrente nas discussões do urbanismo desde o século XIX e início do século XX, seja via movimento cidade-jardim, seja através dos urbanistas como Stübben e Sitte, foi a tese de doutorado,

129 Trecho no original: Und da die Rhythmik einer Epoche sich nur an der Geistigkeit entzünden kann, die sie selber hat, so wähne ich die Gartenform der Zukunft vorzugsweise in dem sozial-ökonomischen Geschehen des Gartens verborgen: Ich wallfare zum Rationalismus des Volksparkes, um die schöne Form des neuen Gartens überhaupt entdecken zu helfen.

“*Das sanitäre Grün der Städte*”, de Martin Wagner que introduziu uma teoria da necessidade de áreas livres, em 1915 (BEIER, 2004, p. 147). No período anterior, Wagner estava dedicado ao plano de expansão urbana de Rüstringen e trabalhando no projeto do parque da cidade em conjunto com Migge, e as contribuições advindas dessa experiência são notáveis em ambos os personagens. O termo “verde sanitário” usado por Wagner refere-se àquele definido por Sitte em 1900¹³⁰ que se contrapunha ao verde decorativo. Em sua tese, o termo sanitário compõe-se de dois valores distintos: um mais superestimado, relativo ao valor de existência, *Daseinswert*, como áreas de melhoria da qualidade do ar; e outro, ainda pouco explorado, referente ao seu valor de uso, como espaço efetivo para atividades e participação social. Boa parte de sua tese é dedicada a verificar a necessidade das áreas verdes em seus valores mensuráveis, como tamanho, localização e tipo de área, relacionados às diversas faixas etárias, estratos sociais e densidades urbanas de uma cidade. Uma de suas prioridades era garantir área verde aos moradores de edifícios em igual medida que aos habitantes de casas e regiões de baixa densidade urbana. Wagner conclui com cinco diretrizes cujas exigências para realizarem-se constituem o *verde como direito fundamental*, e não mero motivo social ou de saúde sem lastro em seus objetivos (BEIER, 2004, p. 147-148). Das cinco diretrizes, salientam-se três:

1. A importância do “verde sanitário” para a população das metrópoles está menos em seu valor de existência [*Daseinswert*] que em seu valor de uso [*Nutzwert*]. A existência de áreas livres por excelência ou suas extensas dimensões ainda não condicionam seu valor sanitário; apenas seu desenho para a recreação e esporte, para parques públicos, para florestas urbanas, para jardins arrendáveis e familiares é que eles se tornam indispensáveis para os habitantes das cidades. [...]

4. As áreas livres urbanas devem ser projetadas em estreita relação com o tipo predominante de construção. As construções em altura devem ter na razão da densidade habitacional o mesmo grau de áreas livres que os edifícios horizontais.

5. A aquisição e o estabelecimento de áreas de recreação e de parques devem ser realizados por lei às custas da urbanização de áreas residenciais. As florestas urbanas devem ser adquiridas pelo município (WAGNER apud. BEIER, 2004, p. 148, aspas do autor)¹³¹.

Em 1917 Willy Hahn e Migge publicam um artigo em conjunto na revista *Der*

130 Sitte desenvolve esta diferenciação entre verde sanitário e decorativo no ensaio “*Großstadtgrün*” de 1909 que passa a compor o apêndice do seu livro *O urbanismo segundo seus princípios artísticos* nas edições seguintes.

131 Trecho no original: 1. Die Bedeutung des “sanitären Grüns” für die Großstadtbevölkerung liegt weniger in ihrem Daseins- als in ihrem Nutzwert. Das Vorhandensein der Freiflächen schlechthin oder ihre umfängliche Größe bedingt noch nicht ihren besonderen sanitären Wert; erst ihre Ausgestaltung zu Spiel- und Sportplätzen, zu Volksparkanlagen und Stadtwäldern, zu Pacht- und Familiengärten macht sie dem Großstädter unentbehrlich. [...]

Städtebau tratando das áreas verdes de Rüstringen. Dividido em duas partes, uma menor de autoria de Hahn abordando as políticas financeira e verde, e a segunda que apresenta um método de desenvolvimento da política verde na cidade. A atuação de Migge em Rüstringen ocorreu oficialmente como contratado para a elaboração do parque, em 1913. O plano de execução do parque se estendia por oito anos (AMMANN, 1914, p. 186) e, em algum momento¹³², Migge tornou-se consultor de áreas verdes do município (HAHN, 1917, p. 58). Nota-se nessa experiência de pouco mais de três anos, entre 1913 e 1917, que colaborações entre Wagner, Migge e Hahn imprimiram uma mudança de procedimento e análise das áreas verdes, o que acarretou a alteração de política de parques (MIGGE, 1913a; AMMANN, 1914), sistêmica, para política verde, que agregava ao sistema a análise qualitativa e quantitativa. Hahn pontua o valor das áreas verdes públicas a partir da ótica da administração municipal por suas medidas objetivas, ou seja, sua totalidade de área e sua razão por habitante. Abaixo reproduzimos a tabela:

Tabela 2 - Aumento das áreas livres para instituição do verde em Rüstringen

Data	Áreas livres existentes				Das quais têm áreas livres com uso intensivo			
	Em ha	Em % da área cidade	M ² por habitante	Aumento em ha	Em ha	Em % da área cidade	M ² por habitante	Aumento em ha
1/5/1911	31,72	1,2	6,7	–	17,41	0,7	3,7	–
1/5/1914	32,11	1,3	6,3	0,39	17,41	0,7	3,4	–
1/5/1917	67,28	2,6	11,7	35,15	45,58	1,1	7,9	28,17
Fonte: HAHN, 1917, p. 57								

Hahn salienta o rápido aumento das áreas livres públicas em 1917 (na Tabela 2 em cinza), embora também considere que a maior parte das áreas se concentra fora da área urbanizada da cidade e, por isso, não possuem o *valor desejado* para uso e descanso da população (HAHN, 1917, p. 57). Portanto, o valor do uso intensivo expressa as áreas com o valor de uso conforme a definição de Wagner, o que demonstra tanto a rápida assimilação de suas ideias, quanto um alinhamento desses profissionais. Hahn sustenta que a efetividade da política verde é inseparável da política de compra de terras, sendo que a última viabiliza a primeira, desde que a compra ocorra antecipadamente, garantindo

4. Die städtischen Freiflächen müssen im engsten Zusammenhang mit der vorherrschenden Bauweise projektiert werden. Der Hochbau ist nach dem Verhältnisse der Wohndichte in dem gleichen Grade mit Freiflächen zu versorgen wie der Flachbau.

5. Die Beschaffung und erste Einrichtung der städtischen Spielplätze und Parkanlagen muß durch Gesetz auf Kosten der Wohnbaulanderschließung durchgeführt werden. Die Stadtwälder sind von den Gemeinden zu beschaffen.

132 Há indícios que Migge já contribuía para a elaboração do plano de política de parques em 1911, conforme mapa datado que inclui seu carimbo (ver Figura 54).

preços baixos na aquisição, o que permitiria seu uso como parque e equipamentos similares. Após relatar os custos de aquisição e implantação do parque de Rüstringen e demonstrar o aproveitamento de recursos das escavações entre parque e cemitério, Hahn conclui seu artigo ressaltando a importância de Migge enquanto consultor¹³³, que permitiu à administração municipal, de um lado, “avançar por novos caminhos no tipo e execução de suas providências verdes,”; e de outro, pôs a nu a falta de conhecimentos específicos do paisagismo no corpo técnico de prefeitura:

Pois o urbanista com formação arquitetônica poderá dispor em apenas casos muito raros de conhecimentos paisagísticos aprofundados, que ele [...] possa obter um gerenciamento pormenorizado das áreas verdes, que é indispensável para alcançar o máximo possível com o mínimo de recursos possível. Em razão de sua experiência técnica específica o paisagista artisticamente criador está em condições não só de materializar novos efeitos pretendidos a partir de novas premissas vegetais, como também poupar valores e compensar as despesas por meio do hábil arranjo correto do trabalho e da área (HAHN, 1917, p. 58)¹³⁴.

O artigo de Migge também está impregnado dos conceitos defendidos na tese de Wagner. Ele divide seu método de política verde em três etapas gerais, o levantamento quanti- e qualitativo (que ele denominou “arquivo verde”), o plano e definição das áreas verdes e o plano viário e ainda inclui outros elementos a serem considerados no projeto. Inicia o texto sustentando que uma das mais importantes contribuições para o bem comum dos habitantes da cidade é os aproximar novamente da natureza; e que a definição das áreas verdes decorre da necessidade definida a partir da situação local, social e sanitária da cidade. Sua elaboração baseia-se principalmente da relação entre a massa verde e a massa de pedra. A política verde se define como a extensão das questões verdes de uso comum e sua íntima e ampla relação com o conjunto da vida na cidade. Em seguida, Migge elenca os procedimentos previstos para a execução da expansão verde da cidade a serem executados gradualmente. O primeiro passo, nomeado “arquivo verde”, *Grünarchiv*, refere-se ao levantamento, registro, categorização e inventário das grandes áreas verdes¹³⁵, do qual resulta em um quadro real da cidade com o objetivo de

133 Hahn destaca que o pagamento do consultor foi possível pela economia na aquisição dos terrenos.

134 Trecho no original: Denn der architektonisch geschulte Städtebauer wird nur in ganz seltenen Fällen über so eingehende Gartenkenntnisse verfügen können, dass er [...] die eingehendere Bewirtschaftung der Grünanlagen erreichen könnte, die notwendig ist, um mit möglichst geringen Mitteln möglichst viel zu erreichen. Der künstlerisch-schöpferische Gartenfachmann ist auf Grund seiner gartentechnischen Erfahrung in der Lage, nicht nur von neuen pflanzlichen Voraussetzungen ausgehend neue Wirkungen anzustreben, sondern auch durch gewandte Anordnung der Arbeit und Anlage an richtige Stelle Werte zu ersparen und die Aufwendungen auszugleichen.

135 Migge exemplifica com categorias do tipo de arborização, trilhas e bosques de acordo com porte, idade e saúde vegetal. Além disso, o inventário cartografou as áreas e indicou os proprietários.

instrumentar qualitativamente a aquisição de áreas pelo município, uma vez que o inventário paisagístico incluía propriedades públicas e privadas. Deste modo, argumenta Migge, evitam-se arbitrariedades na aquisição de terras pela administração pública e, oferece continuamente todas as possibilidades para a expansão do verde da cidade no futuro, inclusive para as próximas gerações (MIGGE, 1917, p. 59).

Migge elenca as qualidades importantes a serem consideradas na escolha de áreas: situação paisagística, produtividade do solo, vegetação e outras propriedades técnicas e naturais. Para que o arquivo se mantivesse como fonte segura da disponibilidade das áreas e contivesse suas respectivas qualidades, era necessário um instrumento legal que as conservasse. Migge sugere então um “estatuto para a conservação da grande vegetação”, com o qual se regulamentaria o uso da propriedade privada que contenha árvores antigas ou outros conjuntos de paisagem inventariados, impondo restrições de uso a porções e grupos definidos como patrimônio natural, preferencialmente subordinado à lei de proteção ambiental, *Naturschutzgesetz*¹³⁶. Ainda segundo Migge, com base nessas medidas de observação e salvaguarda é que se pode desenvolver a expansão de áreas verdes públicas de maneira sensata. Considerando as circunstâncias do caso de Rüstringen, definiu um plano geral de áreas verdes, configurando a segunda etapa do seu trabalho (MIGGE, 1917, p. 60).

O plano de áreas verdes, *Grünflächenplan*, dava instruções sobre a distribuição sistemática das áreas verdes futuras a serem implantadas na cidade a partir do levantamento do “arquivo verde”, sem deixar de atentar para a premissa fundamental de privilegiar as áreas maiores e mais próximas da concentração urbana. Mais uma vez, Migge recupera os estudos de Wagner, dessa vez com referência direta, e sustenta a necessidade de uma legislação que defina a situação e tamanho mínimos das áreas verdes conforme densidade urbana e camada social, o que articula o plano de áreas verdes ao planejamento urbano. Segundo Migge, a proporção mínima¹³⁷ sugerida por Wagner são 6 metros quadrados totais de áreas verdes por habitante das metrópoles. Destaca que o plano de áreas verdes é um esquema tipológico, e não um modelo a se

136 Vale ressaltar que a legislação de proteção ambiental tinha um intuito menos ecológico e mais de conservação da “paisagem primordial” ou intocada, ou ainda aquela que dizia respeito à identificação nacional, como a Floresta Negra, para citar um exemplo. Ainda que fosse interessante recuperar a origem no movimento conservacionista, pois também se relaciona com os movimentos de reforma da *Lebensreform*, ultrapassaria nosso escopo. De todo modo, a legislação a qual se refere Migge é a do Grão-Ducado de Oldenburg (dissolvido em 1918) que promulgou sua legislação de patrimônio em 1911, como uma das primeiras do Império Alemão, que incluía medidas protetivas ao patrimônio artístico, construído e natural (LÜKE, 2011, p. 15-16).

137 Trata-se da segunda diretriz de Wagner, a distribuição e proporção considera situação, tamanho e desenho da área. As áreas verdes por habitante devem ter em média 2,4 m² de praças recreativas, 1,6 m² de áreas esportivas, 0,5 m² de vias arborizadas, 2 m² de parques e 13 m² de floresta urbana (WAGNER apud BEIER, 2004, p. 148).

seguir cegamente, uma vez que as realidades são distintas e exigem adequações. (MIGGE, 1917, p. 60).

A forma então recorrente de elaboração de planos viários é criticada por Migge, pois seu traçado decorria de definições unilaterais dos departamentos de infraestrutura, e delegava-se o desenvolvimento espacial somente a arquitetos. Em consequência disso, Migge sustenta que seria perdida uma oportunidade de construção plástica da paisagem urbana, *Strassenbild*, com elementos orgânicos que se sustentem¹³⁸ ao longo do tempo. Por isso, assim defende Migge, a importância da colaboração de um paisagista com experiência em urbanismo na elaboração do sistema viário, pois ela garantiria a conexão das áreas verdes existentes e planejadas e contribuiria para o aprimoramento construtivo e viário. Portanto, os procedimentos do “arquivo verde” e do “plano de áreas verdes” seriam inseparáveis do plano viário (MIGGE, 1917, p. 61). Por fim, destaca-se um elemento constituinte dos planos, o centro de pomares e parcelas de jardins arrendáveis que auxiliam na determinação dos limites urbanos do município, delineados no plano viário. A proposta de Migge foi a de dotar de árvores frutíferas quase todas as vias coletoras. Ao aconselhar que vias-pomares e jardins parcelados fossem amalgamados organicamente ao corpo-urbano, estes se tornam elementos do urbanismo com um valor muito maior do que o que lhes foi imputado anteriormente (MIGGE, 1917, p. 64-65):

Todo organismo, inclusive o urbano, tem suas condições inatas de vida em cuja realização ele também enriquece os vizinhos. [...] Isso se aplica substancialmente a todas as cidades e comunidades menores. Em vista de seus poucos recursos, apenas uma união com associações interessadas na política verde de dedicação integral possibilitaria as bênçãos do novo verde fundado no mutualismo e na economia (MIGGE, 1917, p.65)¹³⁹.

Frisa-se a importância dada ao paisagista no desenvolvimento da política verde entremeada pelo urbanismo, em um período de realizações do urbanismo preocupado com os seus efeitos visuais e princípios artísticos, representado por Sitte, e do desenvolvimento de modelos urbanos de baixa densidade urbana como a cidade-jardim. No mesmo artigo, também se avança em procedimentos próprios para integrar o paisagismo ao planejamento urbano.

A eclosão da Primeira Guerra Mundial foi determinante no uso produtivo do

138 Nesse artigo Migge desenvolve principalmente as tipologias de ruas e sua respectiva arborização, sustentando que a arborização tende a perecer após cinco anos por inaptidão dos técnicos responsáveis. Em diversos trechos vimos semelhanças com o texto de Sitte.

139 Trecho no original: Jeder Organismus, auch der städtische, hat seine eingeborenen Lebensbedingungen, mit deren Erfüllung er zugleich benachbarte bereichert. [...] Das gilt schon rein stofflich für alle kleineren Städte und Gemeinden. Diesen würde angesichts ihrer geringen Hilfsquellen nur ein Zusammenschluß zu grünpolitischen Zweckverbänden ungeschmälerte Teilnahme an den Segnungen des neuen, auf Gegenseitigkeit und Sparsamkeit gegründeten Grünwesens ermöglichen.

paisagismo urbano, “porque não há dúvida de que a experiência da grande guerra conservará a exploração mais vigorosa das vias e dos espaços livres urbanos” (MIGGE, 1917, p. 64). O racionamento de alimentos impactou sensivelmente as cidades alemãs, desde pelo menos 1915 (RICHARD, 1988; HAMBURG, 2014, p. 25). O parque de Hamburgo, parcialmente inaugurado em 1914, teve parte de suas áreas de gramado ocupadas por hortas comunitárias durante a guerra (HAMBURG, 2014, p. 26). A proposta de Maasz de circundar os parques com parcelas de jardim arrendáveis antecipou o evento e revelou-se condizente com o momento.

Migge traz também a ideia da cidade como organismo, como corpo, dotada de características inatas que definem suas necessidades paisagísticas e urbanas. Essa noção aprofunda as relações sistêmicas entre todos os elementos que compõem esse organismo, sejam eles de caráter humano-social, sejam de natureza material-econômica.

3.4. Direcionando a expansão do verde urbano

A transição da carreira de Migge foi marcada por uma transição de escalas, desde projetos de jardins residenciais, parques públicos menores como Fuhlsbüttel e de Oldenburg, para então assumir projetos maiores atingindo a escala de uma cidade média como Rüstringen. Entre os anos de 1910 e 1913, Migge, ainda funcionário de Ochs, participou da viagem da DGG à Inglaterra, onde certamente visitou as cidades-jardim; colaborou com Hegemann na organização de exposições sobre parques públicos e urbanismo; tornou-se membro do *Werkbund*; publicou um de seus principais livros, *Cultura do jardim do século XX*; elaborou os jardins da IBA de Leipzig e parte dos jardins do bairro-jardim de Marienbrunn. Ao sair do escritório de Ochs, garantiu algumas contratações importantes realizadas no período anterior, como os parques de Leipzig-Schönefeld (Marianenpark), e o parque de Rüstringen. Depreende-se disso que, mesmo como funcionário, Migge recebeu reconhecimento como autor dos projetos, nos quais apresentou inovações de projeto para a época. Embora tenha elaborado propostas de jardins residenciais no período seguinte, de 1913/14 a 1917, os projetos de parques, cemitérios e parques privados também ocuparam espaço em sua prancheta.

Suas propostas tinham como referencial tanto as formulações de Sitte, do *park movement*, quanto da cidade-jardim de Howard, embora mantivesse uma postura crítica com relação às execuções dos jardins da DGG. O período de transição marcou o interesse de Migge em arriscar novos métodos: seja no projeto dos jardins expositivos incluindo o vidro em sua concepção, seja na proposta do parque de Rüstringen mantendo e aproveitando as pré existências, seja ainda nos procedimentos propostos na elaboração do plano de política verde de Rüstringen, onde busca qualificar a aquisição de terras pelo

Figura 55 - Perspectiva do parque externo de Rüstringen, 1914. Fonte: WESTHEIM 1914, p. 180. Situado em área com previsão de expansão urbana, integra elementos rurbanos em seu programa, como área de pastagens (no centro ao fundo), circundado de jardins arrendáveis parcelados, bem como florestas, áreas gramadas para recreação e prática de esportes, mais de 2 km de canais para modalidades esportivas e superfícies d'água para banho recreativo.

Figura 56 - "Antes e depois" do parque de Rüstringen, 1914. Fonte: AMMANN 1914, p. 184 e 185.

Os desenhos feitos sobre a fotografia querem demonstrar a intervenção do parque, apropriando-se das pré-existências com o argumento de economia dos recursos públicos na execução do projeto. A primeira dupla de imagens apresenta o grande gramado de recreação com vista para administração rural. Na sequência, estão representados a alameda principal como entrada para o parque e o museu a céu aberto ao longo do canal. Nota-se o destaque de figuras humanas no primeiro plano e na variação de representação de atividades, o que revela a intenção de constituir o valor de uso conforme definiu Wagner.

Figura 57 - "Antes e depois" do parque de Rüstringen, 1914. Fonte: AMMANN 1914, p. 186 e 187.

Nesta sequência de desenhos sobre fotografias da área, verifica-se o modo como Migge tirou partido da vegetação existente, reforçando geometrias e configurando espaços. Na primeira dupla de imagens "antes e depois", apresenta-se uma área de refeição sob um antigo pomar, onde praticamente não há intervenção exceto a disposição de mesas e figuras humanas. Na imagem seguinte, a delimitação do campo de futebol se dá pelo reforço da aleia de árvores de grande porte existentes por uma linha intermediária de árvores mais baixas, estruturando o espaço por sua relação de escala entre extensão do campo e porte de árvores em linha. Por fim, a última sequência apresenta a concomitância de usos urbanos e rurais no parque: no primeiro plano, os visitantes contemplando um pasto; ao fundo do parque, uma figura humana carregando dois galões de leite entre o rebanho.

Figura 58 - Registro fotográfico do “arquivo verde” de Rüstringen, 1917. Fonte: MIGGE 1917, p. 60.

Árvores antigas foram mapeadas para constar no inventário da cidade com indicação para porções significativas terem medidas protetivas. Migge esboça um estatuto de patrimônio paisagístico, em um momento que apenas se conservavam áreas por seu valor enquanto paisagem natural sem intervenção humana.

Figura 59 - Planta de mapeamento do arquivo verde de Rüstringen, 1917. Fonte: MIGGE, 1917, fl. 32.

As áreas destacadas em verde indicam aquelas de propriedade do município. Note-se que se concentram na porção norte da cidade, a área mais ao sul do conjunto é o parque de Rüstringen. As outras áreas em cinza assinalam os largos e praças com vegetação recente. As linhas pontilhadas demarcam as ruas com arborização (a resolução da imagem não permitiu distinguir a vegetação antiga da recente). Os polígonos em preto indicam as árvores antigas isoladas ou em grupo. Foram mapeados ainda os cemitérios e os as parcelas de jardins arrendáveis.

4. A AUTOSSUFICIÊNCIA: DA UTOPIA À REALIDADE

Este capítulo trata do desenvolvimento do jardim produtivo e sua formulação enfocando a autossuficiência, como marcos temporais tem-se os anos de 1918, fim da Primeira Guerra Mundial, e 1927, ano que Migge tem sua participação como membro do órgão de sua categoria profissional cancelada por diferenças de opinião com seu presidente. Após o fim da primeira guerra mundial, com a Alemanha saindo dela derrotada, a população passava por situações extremas de racionamento de comida e de carvão para aquecimento das casas, faltavam roupas e toda sorte de provimentos básicos. A convulsão social e uma crise política culminaram em protestos mais ou menos articulados, conhecidos como Revoluções de Novembro, e na abdicação do rei Guilherme II. Iniciava-se, assim, a República de Weimar, período tão rico culturalmente quanto instável política e economicamente. No calor daqueles meses, entre a derrota e a revolução, Leberecht Migge publicou o livro *Jedermann Selbstversorger!* (*Cada um autossuficiente!*) em 1918; em seguida, redigiu um manifesto, *Das grüne Manifest* (*O Manifesto verde*), publicado em 1919 na revista *Die Tat*, sob o pseudônimo “Spartakus in Grün”. Esses textos conclamam o verde como agente principal da reconstrução das cidades e do povo alemão e marcam definitivamente a ênfase profissional de Migge na formulação de estratégias projetuais e organizacionais com base na autossuficiência para a elaboração de *Siedlungen* e expansões urbanas. A partir da relevância dada à autossuficiência surgem os jardins produtivos.

Este capítulo recompõe a linhagem do paisagismo produtivo através desses textos e de dois projetos que Migge elaborou partindo do seu ideal de autossuficiência. Os principais autores que se debruçaram sobre o trabalho de Migge salientam essa vertente de sua atuação como uma fase de sua carreira, resultante dos impactos socioeconômicos da primeira guerra mundial. As raízes dessas ideias surgiram, entretanto, em período anterior, informadas por hábitos culturais em curso havia pelo menos um século. Embora sua origem histórica esteja na jardinagem vernacular de subsistência, ela é reelaborada por uma compreensão técnica, como campo de atuação profissional do paisagista e como ponto de partida do desenvolvimento de projetos de assentamentos e expansões urbanas. Portanto, confluem neste debate os temas arrolados nos capítulos anteriores: a discussão do paisagismo baseado nas tradições alemãs — aquele simbolicamente representado pelo modelo de Lichtwark do “jardim do fazendeiro alemão” —, o debate da função social dos parques públicos para atender demandas da sociedade e ofertar espaço livre para expressão de hábitos culturais, e as discussões da disciplina de urbanismo acerca da função e do valor das áreas verdes nos planos urbanos. A fase em que o paisagismo

produtivo ganha mais protagonismo, a partir de 1918, foi resultado desse processo. O interesse anterior de Migge pelos jardins produtivos pouco a pouco ocupou um lugar central em suas propostas, alcançando escalas e proporções cada vez maiores.

A autossuficiência foi tema mais relacionado às contingências do pós-guerra, possibilitando elevar o jardim produtivo a uma posição de centralidade nos assentamentos. Este binômio — jardim produtivo e autossuficiência — tornou-se estratégico para elaborar a ideia de cultura rurbana. Os textos redigidos logo após a guerra são apresentados em detalhe na primeira seção desse capítulo com o objetivo de expor seu “novo ideário do século XX” (MIGGE, 1999), uma proposta rurbana, de cidade como organismo vivo que atua em equilíbrio com os ciclos naturais, cooperando com o desenvolvimento agrícola e conjugando campo e cidade como entes indissociáveis. O novo ideal, a utopia verde como protagonista e redentora dos males da cidade de pedra conurbada e da exploração do campo, direciona sua convocação à população urbana, aos movimentos da juventude, aos movimentos dos trabalhadores, aos artistas e profissionais liberais. Assim, a cultura rurbana tem como base econômica e forma de vida a agricultura autossuficiente — amparada pela técnica e pela industrialização — praticada pela população urbana.

A passagem da utopia para os projetos, as realizações, com seus obstáculos e limites, são abordadas nas duas próximas seções. Abordam-se em especial os projetos desenvolvidos na cidade de Kiel, onde Migge encontrou apoio de figuras políticas influentes para desenvolver projetos baseados na autossuficiência. Apresenta-se a proposta de uma *Siedlung* autossuficiente, na qual se demonstra o lugar de centralidade do paisagista na determinação do desenho do assentamento, uma vez que seu plano antecedeu as atividades da secretaria de obras e o projeto de arquitetura. Embora o projeto não tenha alcançado seus objetivos mais ambiciosos em relação à autossuficiência integral das famílias, ele exemplifica o grau de experimentação nas formas de organização social e econômica pretendidas por Migge para alcançar os ideais da autossuficiência e da cultura rurbana, apesar da crise econômica. Em seguida, destaca-se o projeto de expansão do cinturão verde, onde se buscou aplicar os conceitos da autossuficiência em uma escala urbana, propondo alterar seu status de atividade individual para uma atividade econômica da cidade. Os temas de lazer e atividade hortícola se interpenetram e conformam um amálgama das áreas verdes da cidade em sua zona de expansão. Assim, o jardim produtivo tanto estruturaria espacialmente o cinturão verde, como cobriria os custos de execução dos parques públicos. Por fim, a proposta realizada é cotejada com os ideais contidos nos textos de Migge, indicando suas semelhanças e diferenças. A despeito das vicissitudes e fragilidades, sua proposta e seu

discurso reverberaram e tiveram potência para, inclusive, serem compreendidos como um avanço para a época, de forma que carece investigar seus vestígios mais profundamente.

4.1. O verde político e a autossuficiência: “Manifesto verde” e “Cada um autossuficiente!”

A autossuficiência foi notada como constante nos trabalhos de Migge, desde os *Schrebergärten* propostos no bairro-jardim de Marienbrunn em Leipzig até suas colaborações nas *Siedlungen* da década de 1920, como Dessau-Ziebigk, Frankfurt-Praunheim e Heddernheim (HÜLBUSCH, 1978, p. 67-68). A fome da população foi um dos efeitos mais amplamente sensíveis durante e após a Primeira Guerra Mundial:

A ração semanal de carne oscilava entre 100 e 190 gramas por habitante da cidade. Beterrabas e nabos constituíam o alimento mais comum [...]. Roubavam-se até os cães para matá-los. Muitas crianças haviam se habituado a viver de algumas batatas ou de frutos apanhados nos quintais [...]. Visando às famílias abastadas, estabeleceram-se institutos de ginástica onde, através de exercícios de respiração apropriados, tentava-se tornar o jejum suportável! (RICHARD, 1988, p. 14-17).

Essa calamidade fez com que Migge transformasse a ideia do *Schrebergärten* no princípio da autossuficiência. Migge não era um romântico que sonhava com o agricultor campesino como modelo, uma vez que não pregava o retorno ao campo. Ao contrário, Migge sustentava transformar a metrópole em uma comunidade independente que não explorasse seus arrabaldes (HÜLBUSCH, 1978, p. 68). Migge formulou expressamente em *Cultura do jardim do século XX* que suas esperanças na renovação da cultura do jardim deveriam ser fundadas sobre o jardim do homem comum, das massas. Como consequência das frustrações da primeira guerra, concretizou esse pensamento renovador por meio de muitos escritos, nos quais pela primeira vez ressalta a importância do princípio da autossuficiência como pré-requisito para os novos projetos de *Siedlungen*. Assim, o novo conceito de *Siedlung*, através da sobrevivência garantida individualmente, poderia renovar a cultura destruída do pós-guerra (Reuß, 1981, p. 11).

As discussões da reforma agrária e fundiária presentes na elaboração das cidades-jardim foram impulsionadas após a guerra. Migge encontrava-se entre os dois principais movimentos¹⁴⁰ da classe trabalhadora, o movimento dos assentamentos, *Siedlungsbewegung*, pautado por um programa de urgência perante a situação catastrófica dos setores de abastecimento alimentar e habitacional; e o movimento da

140 Ambos os movimentos partiram das ideias provenientes do movimento das cidades-jardim (UHLIG, 1981, p. 97). O termo *Bodenreform* se refere neste caso dos movimentos de colonização e socialização tanto à sua tradução mais recorrente como reforma agrária, quanto ao que hoje chamaríamos de reforma urbana para os casos de expansão urbana.

socialização¹⁴¹, *Sozialisierungsbewegung*, que exigia abordagens de reforma centralizadas por meio da estatização das principais indústrias (UHLIG, 1981, p. 97). O conceito da autossuficiência demonstra aproximação às ideias anarquistas, em especial de Piotr Kropotkin¹⁴² (1842-1921) via Gustav Landauer. Na impossibilidade política de viabilizar desapropriações, a proposta de Migge em aprimorar tecnicamente o cultivo do solo tem maior aderência. A partir do termo “cultura rurbana”, *Stadt-Land-Kultur*, deu continuidade à ideia de Kropotkin de irmanar cidade e campo, inclusão do desenvolvimento técnico, socializar o solo e organizar a comunidade em cooperativas (UHLIG, 1981, p. 100-102).

Para alguns autores o “Manifesto verde” representou um dos textos mais abertamente políticos já escrito por um paisagista. Nele Migge propôs a criação de jardins produtivos como solução para todos os problemas sociais e econômicos, onde cada um pudesse cultivar sua própria comida, uma síntese de jardins, habitações e espaços comuns. Migge transformou o jardim produtivo em ferramenta para a reforma social e econômica ao incorporar as mais avançadas políticas de gerenciamento de recursos regionais e nacionais. Entretanto, a ênfase na terra poderia levar rapidamente do socialismo de esquerda ao nacionalismo de direita. Em *Cada um autossuficiente!*, o paisagista propões um assentamento que considerava mais abertamente a condição da cultura de massa, se comparado com as cidades-jardim até aquele momento (HANEY, 2007, p. 201-209).

Embora a bibliografia consultada destaque o protagonismo do jardim produtivo dado por Migge no período do pós-guerra — indicando, com isso, algum efeito ou resposta à situação de miséria decorrente da guerra —, nota-se que há poucas menções à temática desde os projetos e textos anteriores. O mesmo ocorre com o termo “cultura rurbana”, *Stadtlandkultur*. A despeito da similaridade entre este conceito e os três ímãs de Ebenezer Howard, a ênfase técnica e organizacional de Migge e seu impacto na execução das *Siedlungen* ou das colônias de jardins produtivos não encontram parentesco com as cidades-jardim, nem as inglesas, nem as alemãs. Assim, pretende-se colaborar com a leitura de sua obra, reconstituindo a formulação da autossuficiência e da cultura rurbana através dos textos e projetos de Migge, incluindo aqueles anteriores à República de Weimar. A reconstituição, porém, não isola seu objeto do circuito das ideias de sua época e do seu contexto sociocultural.

141 Segundo o artigo, os dois movimentos fracassaram para pautar as reformas necessárias no período da República de Weimar. A maior resistência à desapropriação parcial de terras veio por parte dos latifundiários, *Junker*, com o argumento que a socialização das grandes propriedades agravaria a penúria alimentar (UHLIG, 1981, p.97).

142 Kropotkin era um aristocrata russo, geógrafo e ativista político. Ele foi um dos principais pensadores a difundir o anarquismo. Ele defendia a dissolução das grandes concentrações urbanas e uma simbiose da indústria e do campo (CHOAY, 2005, p.151).

O hábito de arrendar lotes não edificáveis para a prática de jardinagem e produção hortícola para próprio consumo se consolidou na Alemanha a partir de três iniciativas surgidas no século XIX: os jardins dos pobres, *Armengärten*, os jardins “Schreber”, *Schrebergärten*, e as colônias de abrigo provisório “Laubenpieper”, *Laubenpieperkolonien*.

Os *Armengärten* surgiram da iniciativa de fidalgos como o Conde Karl von Hessen-Kassel (1744-1836), que por volta de 1806 dividiu um terreno em jardins e o arrendou aos pobres para sua subsistência. Em pouco tempo igrejas, indústrias e administrações públicas adotaram o modelo. Em Berlim, o primeiro *Armengärten* foi implantado pela administração da cidade em 1833 (SENAT, 2012, p. 4). Na mesma época, outras cidades também registraram os seus: Kiel em 1830 e Leipzig em 1832 (APPEL, GREBE, & SPITTHÖVER, 2011, p. 24).

No ano de 1860, em Leipzig, uma associação foi fundada por um diretor escolar, Ernst Hauschild (1808-1866), e um grupo de pais com o nome “Schreberverein” em homenagem ao médico Daniel Gottlob Moritz Schreber (1808-1861). Schreber havia se posicionado a favor de praças de recreação para prover ar fresco às crianças e mitigar as doenças respiratórias que as acometiam. Assim, a associação tinha por objetivo lutar por praças de recreação, e logo conquistou um gramado pelo qual ficou responsável. Em pouco tempo surgiram ao redor do gramado jardins e hortas, denominados *Schrebergärten* (APPEL et al., 2011; SENAT, 2012).

As *Laubenpieperkolonien* emergiram nas grandes cidades, especialmente Berlim, em decorrência da crise habitacional com o rápido crescimento populacional, agravado pela imigração após a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871). A população ocupou áreas não urbanizadas nas bordas da cidade e construiu barracos, *Laube*, como abrigos provisórios, bem como jardins junto a eles. Após a mitigação da crise habitacional, muitos colonos mantiveram seus jardins com o pequeno abrigo que passaram a ser regulamentados por taxas de arrendamento. Inicialmente as taxas e administração dos espaços comuns eram gerenciadas por um arrendatário-chefe. Em vista dos abusos especulativos, esse sistema foi revogado a partir da organização de arrendatários exigindo a autogestão por volta de 1910 (APPEL et al., 2011, p. 24-25).

Portanto, nas primeiras décadas do século XX, consolidava-se e regulamentava-se o sistema de parcelas hortícolas arrendáveis. No mesmo período, Migge e Harry Maasz escreveram a respeito desses jardins, reconhecendo neles um valor social. No caso de Migge, reconhecia nelas uma tipologia verde passível de integração no sistema de parques, ou seja, uma ferramenta do planejamento paisagístico das cidades (MIGGE, 1913a). Deste modo se diferencia do propósito original desses jardins: atender a população mais pobre em suas necessidades básicas de sobrevivência, dispor de áreas

para moradia provisória ou permitir o uso recreativo de áreas verdes, incluindo como atividade a prática de jardinagem. Em 1911 Migge publicou um artigo na revista *Die Gartenkunst* em que apresenta os novos campos de atuação do paisagista do século XX, que deve acompanhar as mudanças e avanços sociais e econômicos: as tarefas do paisagista “começam com o jardim do homem comum, ou com o chamado *Schrebergarten*. Em primeiro lugar, ele tem tão pouco de ‘artístico’ quanto o jardim residencial dos ricos” (MIGGE, 1911, p. 108). De acordo com Migge, o arranjo de ambas parte ingenuamente de propósitos e costumes dados e surge o mais rápido possível. Ali, no *Schrebergarten*, haveria espaço para uma reflexão paisagística que acompanhava o curso dos novos tempos.

Assim, desde o começo da década, Migge já reconhecia nos jardins parcelados arrendáveis um ponto de partida para uma nova abordagem da profissão do paisagista a refletir as transformações do tempo presente. Desenhava-se em sua trajetória uma linha de força concentrada nesta tipologia. Durante um tempo ela concorreu com outros temas que estavam na linha de frente do debate, enquanto a vertente arquitetônica e a importância da preocupação social no interior da disciplina se consolidavam. Simultaneamente, o debate do paisagismo incorporou conceitos e formulações do urbanismo, seja porque arquitetos e paisagistas participavam de concursos para parques e expansões urbanas conjuntamente¹⁴³, seja porque as preocupações sanitárias do urbanismo incluíam os espaços verdes como infraestrutura urbana, seja ainda porque outros modelos do urbanismo indicavam uma conciliação de campo e cidade através da ocupação de baixa densidade em meio ao verde. Entretanto, a produção hortícola com o propósito da autossuficiência esteve em geral à margem dessas discussões¹⁴⁴, os jardins parcelados arrendáveis eram em geral lembrados como argumento cultural, como identidade a ser preservada (ENCKE, 1908; MAASZ, 1913), não eram ponto de partida para reflexões projetuais, nem eram considerados espaço de atuação do paisagista, muito menos campo de desenvolvimento para pensar outro modo de vida na cidade. Tudo isso consta no que Migge explorou de forma declarada nos textos de 1918 e 1919. Recompõe-se, assim, seu interesse pelo jardim produtivo, que em seu desenvolvimento alterou o status dos jardins parcelados arrendáveis de então ao incorporar sua relação com o urbanismo e com a moradia social.

A atuação de Migge nas *Siedlungen* ocorreu após a publicação do livro *Cada um autossuficiente!* em 1918, que alcançou grande popularidade na época, sendo reeditado

143 Ver mais no capítulo 1 os projetos premiados no concurso do parque de Hamburgo.

144 Howard sugere um cinturão verde agrícola que ao mesmo tempo abastecia a cidade-jardim, quanto demarcava seus limites. Na prática, no entanto, como vimos no capítulo 2, as cidades-jardim deram pouca importância para as áreas verdes em geral.

no ano seguinte. Até essa data, Migge elaborou projetos de parques, jardins e áreas verdes comuns em um bairro-jardim e um plano de política de parque, como vimos no capítulo II. Ainda que tenha feito o uso da jardinagem como atividade física dos parques — como no caso do parque de Rüstringen —, e tenha defendido o valor real de uso dos jardins nas cidades-jardim, o espaço sua atuação profissional nas *Siedlungen* ainda era restrito. O livro consolidou a valorização da horticultura como uma importante ferramenta social inserindo seus procedimentos de produção ao desenho dos assentamentos. Assim, o jardim deixou de ser uma área assinalada como “verde” para tornar-se a principal estrutura que organiza o desenho: sua orientação solar; suas demandas de irrigação, logo, as infraestruturas necessárias no armazenamento e distribuição; os tipos de cultivo e sua relação com a habitação e o tipo de trabalho empenhado; a gestão dos resíduos e os espaços necessários em seu processamento e distribuição como composto.

Com o subtítulo *Eine Lösung der Siedlungsfrage durch neuen Gartenbau (Uma solução da questão dos assentamentos através da nova horticultura)*, o livro apresenta soluções práticas de produção hortícola em novas ocupações humanas. A publicação foi uma iniciativa da “Associação para pequenas moradias da Grande Berlim”, vinculada à inserção de feridos de guerra e seus familiares em novos assentamentos, o que já nos aponta o público-alvo inicial. Nesse livro, a pauta defendida por Migge se coaduna com aquela difundida desde o fim do século XIX pela classe média burguesa urbana, encerrada no termo geral de *Lebensreform*: valorizar as tradições pré-industriais, incorporando os avanços técnicos no desenvolvimento da sociedade em diversos campos desde a educação até a alimentação. Embora seu editor, Eugen Diederichs, fizesse parte desse universo — e, por extensão, seus consumidores —, o livro fora encomendado por uma associação voltada a uma classe menos privilegiada, fisicamente e emocionalmente atingida pelos horrores da guerra. Ainda que houvesse soldados e combatentes vindos das elites, era improvável que estes precisassem de acolhida em novos assentamentos na grande Berlim, o que permite deduzir que o autor se dirige principalmente aos soldados pobres ou empobrecidos da guerra.

O livro é dividido em três partes. Anuncia em seu primeiro capítulo uma visão de mundo relacionada à alimentação, apresentando um discurso técnico-científico de nutrição baseada nos vegetais sem, no entanto, prescindir completamente das carnes. Em seguida, detalha no segundo capítulo o novo modo de ocupação, desde os esquemas organizacionais do tipo de plantio mais próximo ou não da casa, metragem quadrada necessária de cultivo por número de membros familiares, orientação de implantação das construções e muros funcionais de acordo com insolação e ventos predominantes, bem como os acréscimos produtivos, investimentos necessários, saldos e safras esperadas,

entre outros pontos a detalhar nesta análise. Por fim, Migge conclui expressando o que seria a consequência da execução de sua proposta: aumento da produção de hortaliças e frutas como tarefa nacional.

“Estejamos sempre integralmente presentes ao comer e beber para levarmos aos nossos corpos a cada mordida um pensamento”. Com esta citação de Prentice Mulford (1834-1891), Migge (1919a, p. 2) abre o primeiro capítulo¹⁴⁵. A citação, não localizada, indica a visão de mundo espiritualista de Mulford, membro do Movimento Novo Pensamento. Esta vertente religiosa, surgida do Monismo, compreendia corpo e mente como uma unidade e tinha a crença do poder da mente na cura de doenças, na lei da atração e no poder de pensamentos positivos, etc. O editor do livro de Migge, Eugen Diederichs, era maçom e assumiu em 1912 a edição da revista *Die Tat* (A Ação), fundada pelos irmãos, também maçons, Ernst e August Horneffer, membros da federação monista de Leipzig como revista propagadora desta visão de mundo. Ainda que não haja nenhuma outra declaração de Migge a respeito de seus valores espirituais em outros textos, essa abertura do livro demonstra sua aderência, legítima ou oportunista, ao monismo. Nos primeiros parágrafos, reúne dados científicos sobre as proporções nutricionais ideais e questionamentos sobre a influência da alimentação na formação do espírito/mente das pessoas:

Poucas pessoas sabem qual a influência tem sua alimentação na formação de sua mente; o público em geral nem imagina. Aparentemente a constituição fisiológica do nosso corpo (mandíbula, intestinos, etc.) foi especialmente determinada para uma alimentação mista. [...] A despeito disso, que nossa mente exige um tipo específico de nutrição, resta ainda [saber] a demonstração se a “mistura” atual está correta (MIGGE, 1919a, p. 2)¹⁴⁶.

O autor acresce ao questionamento nutricional — relação de um consumo mínimo de 3.000 calorias e sua distribuição nutricional de gordura, proteína, sais minerais, tal qual defendido nas tabelas da época — a informação que durante a guerra o maior consumo calórico não alcançou esse valor o mínimo. “A maioria dos cidadãos careciam dos produtos de primeira necessidade. Quando era possível o abastecimento, o racionamento instituído dava direito a um ovo, 2,5 quilos de batatas e 20 gramas de manteiga por semana”

145 Prentice Mulford foi um jornalista e espiritualista norte-americano que viveu na última metade do século XIX. Filho de alemães imigrantes aprendeu alemão com a mãe e esteve mais de uma vez na Europa como correspondente.

146 Trecho no original: Wenige Menschen wissen, welchen Einfluß ihre Ernährung auf ihre Geistesverfassung hat; die Allgemeinheit ahnt es kaum. Physiologisch scheinen es ausgemacht zu sein, daß wir nach dem spezifischen Bau des menschlichen Körpers (Gebiß, Verdauung usw.) für eine gemischte Ernährung bestimmt sind. [...] Aber abgesehen davon, daß auch unser Geist direkt materielle Ernährung besonderer Art fordert, erübrigt doch wohl der Nachweis, ob die bisherige „Mischung“ die richtige war.

(RICHARD, 1988, p. 15). O racionamento dos bens de consumo básicos, como batatas, carne e manteiga, no período de combate tendia a permanecer (MIGGE, 1919a, p. 6). Neste primeiro capítulo, além de uma motivação concreta — a fome e o racionamento de alimentos —, Migge também defende sua convicção, quase esotérica, num limiar entre os movimentos reformistas do estilo de vida e do pensamento monista que compreende corpo e mente enquanto unidades interdependentes, para um público não completamente afinado com tais convicções. Apela, inclusive, para uma relação causal entre a alimentação e o desenvolvimento da sabedoria:

[...] Mas Pitágoras não foi o único entre os antigos Sábios, representante indelével do período cultural no qual se empregou a alimentação leve como guia para a Virtude. [...] Quanto mais e mais frequentemente estimularmos o corpo ao esforço da digestão pesada, menos espaço e energia livre haverá para a mente. O conhecimento da conexão entre corpo e mente, da interação de suas funções, da unidade de sua criação, no entanto, significa visão de mundo (MIGGE, 1919a, p. 3)¹⁴⁷.

Infere-se que, ao tratar da importância da alimentação e de sua relação com o desenvolvimento humano, não apenas da constituição física, mas também intelectual do indivíduo, Migge prepara o berço em que faz brotar a autossuficiência como conceito fundamental na instituição do novo homem na construção de um período cultural semelhante ao de Pitágoras. A alusão à Grécia antiga, referência cultural de Hölderlin e Kleist¹⁴⁸, procura aproximar o ato cotidiano de se alimentar a um exercício cultural elevado. O tema seguinte abordado por Migge nesse capítulo ressalta a base alimentar constituída principalmente de vegetais, mesmo sem evitar as carnes por completo. O consumo de carne dependia, para sua produção, do cultivo agrícola para a alimentação dos animais, em vista do quadro alarmante da restrição de abastecimento alimentar era necessário privilegiar os cultivos para a alimentação humana. No intuito de estimular um maior consumo de vegetais, Migge destaca as doenças relacionadas ao consumo exagerado de carne, como gota e problemas metabólicos, bem como seu alto custo produtivo e aquisitivo, em comparação à variabilidade nutritiva do reino vegetal na concentração de carboidratos, sais minerais, etc (MIGGE, 1919a, p. 5-6). A mudança alimentar sugerida pelo autor se apresenta como garantidora de saúde da população e de

147 Trecho no original: [...] aber Pythagoras war nicht der einzige unter den alten Weisen, den Vertretern unauslöschlicher Kulturperioden, der es unternahm, die Menschen durch Nahrung, leichte Nahrung, zur Tugend zu führen. [...] Je mehr und öfter wir den verarbeitenden Leib grobsinnlich zur Anspannung treiben, um so weniger scheint Raum und Kraft für den Geist frei. Die Erkenntnis des Zusammenhanges von Körper und Geist, der Wechselwirkung ihrer Aufgaben, der Einheit ihrer Schöpfung aber bedeuten Weltanschauung.

148 Friedrich Hölderlin (1779-1843) foi filósofo, poeta e romancista alemão. Heinrich von Kleist (1777-1811) foi romancista e dramaturgo alemão. Sobre a relação desses autores com a cultura da República de Weimar ver Peter Gay (1978, p. 64-79).

equilíbrio econômico do país. Após detalhar quantitativamente o consumo anual de vegetais, a partir das referências de consumo no período de paz, Migge conclui apresentando sua proposta de organização social para atingir tamanha produção:

Se assumirmos como possível e provável que após a guerra, principalmente assim que a ração normal de gordura ter sido assegurada, receberemos essencialmente a mesma quantidade de pão, batatas e produtos derivados dos animais que antes [da Guerra], então será a carne que deve ser substituída por comida verde em sua maior parte. De acordo com o que foi anteriormente consumido em uma média de legumes e frutas — e na experiência forçada subsequente durante os anos de guerra — meio quilo de vegetais por pessoa por dia será suficiente no futuro. Como essa medida é a média, adultos e crianças maiores consomem mais. Se contabilizarmos 1/5 da colheita de vegetais para resíduos e desperdícios, então, *para uma família de cinco pessoas, são necessários cerca de uma tonelada de legumes por ano*. Também estimamos a necessidade de frutas em 150 gramas para o dia, ou até mais. Isso resulta em um mínimo de 25 quilos de frutas por ano. Além disso — o consumo durante a paz era de cerca de meio quilo por cabeça por dia — para 2 meses de batatas precoces pelo menos 150 quilos. [...] Sem mencionar aqui a possibilidade e as consequências econômicas nacionais de longo alcance de uma política alimentar tão rejuvenescidas, *eu gostaria de aprofundar aqui apenas um aspecto* para sua execução, cujo fornecimento de mão de obra, de se supor necessário, é determinante. *Trata-se do estabelecimento rural técnico enquanto atividade secundária e de lazer do operário* [itálicos nossos] de meio turno e sua família através de assentamentos (MIGGE, 1919a, p. 6-7)¹⁴⁹.

A produção autossuficiente, calculada a partir de uma alimentação que tem por objetivo facilitar o desenvolvimento intelectual, tem como referência uma família de cinco pessoas. Para sua execução, exige-se que a família se estabeleça num assentamento rural. E isso define uma grande diferença entre sua proposta e as parcelas hortícolas arrendáveis existentes: nelas não se permitia a residência, com exceção da *Laubenpieperkolonie*, que inicialmente foi moradia provisória. Naturalmente, em períodos de crise, os pequenos abrigos nesses jardins devem ter sido usados como pouso

149 Trecho no original: Wenn wir als möglich und wahrscheinlich annehmen, daß wir nach dem Kriege — nachdem vor allen Dingen die normale Fetttration gesichert ist — wieder im wesentlichen auf nehmen werden wie vorher, so wird es also das Fleisch sein, das zum größeren Teil durch Grönnahrung ersetzt werden soll. Nach dem was schon früher durchschnittlich an Gemüse und Obst verzehrt wurde, — und nach genügender Erfahrung während der Kriegszwangsjahre — dürfte ein Pfund Gemüsekost künftig für den Tag und die Person genügen. Da dieses Maß durchschnittlich ist, entfällt auf Erwachsene und größere Kinder wesentlich mehr. Wenn wir 1/5 der Gemüseernte für Schwund und Abfall abberechnen, so sind danach für eine fünfköpfige Familie jährlich rund 20 Zentner Gemüse nötig. Den Obstbedarf schätzen wir in gleicher Weise auf 1/3 Pfund für den Tag, eher höher. Das ergibt ein Minimum von 5 Zentner Obst im Jahr. Dazu kommen — bei einem Friedensverbrauch von rund 1 Pfund für Kopf und Tag — für 2 Monate Frühkartoffeln, mindestens 3 Zetner. [...] Ohne an dieser Stelle auf die Möglichkeit und die weitgreifenden wirtschaftlich-innerpolitischen Folgen einer solcherart verjüngten Ernährungspolitik einzugehen, möchte ich hier nur eine Seite der zu ihrer Durchführung erforderlichen Beschaffung von Arbeitskraft erwähnen, die zu nahe liegt, um übersehen werden zu können. Es ist die Bodenbestellung als Nebenerwerb und Erholung des in einem technischen Betrieb einseitig beschäftigten Arbeiters und seiner Familie durch Ansiedlung.

temporário; ressalta-se, entretanto, que do ponto de vista do planejamento da cidade, não se propunha esse tipo de uso. O que demonstra em que sentido avançava a sugestão de Migge.

O capítulo seguinte aborda as novas formas de assentamento, dedicando ao todo nove seções ao detalhamento de sua proposta. Na primeira seção, discute os predicados e necessidades do produtor autossuficiente e as dimensões mínimas para atingir a produção anteriormente defendida. A seguir, na segunda seção, consequência da primeira, define as duas partes do assentamento, a intensiva e a extensiva, bem como seus componentes organo-espaciais. A terceira e quarta seções tratam dos recursos, insolação, ventos, irrigação e gestão dos resíduos. A quinta seção do segundo capítulo detalha graficamente (Figura 65) a célula mínima do assentamento, a unidade habitacional e seu jardim produtivo. Em seguida, na sexta seção, trata mais uma vez da produção e criação autossuficiente, detalhando o cultivo de frutíferas e a criação de pequenos animais. Na sétima seção, retorna à construção das moradias associadas à produção agrícola, cuja organização social em que esses assentamentos se integram é retomada, por consequência, na oitava seção. Por fim, encerra o capítulo com o levantamento dos custos individuais e seus dividendos alimentares e financeiros.

A célula mínima corresponde a uma família de cinco pessoas, excluindo casais sem filhos e solteiros, o que denota a faceta moral de suas propostas. A singularidade das propostas do paisagista refere-se menos ao uso hortícola do jardim do que à aposta no potencial de transformação social e crescimento econômico desse uso. Ademais, Migge se contrapõe aos assentamentos existentes criticando as dimensões da área livre (entre 50 a 200 metros quadrados), notadamente aquelas áreas verdes e/ou hortícolas presentes nas cidades-jardim, como Hellerau e Marienbrunn¹⁵⁰. Com base nos princípios da autossuficiência miggeriana o novo assentamento deveria conjuntar dois elementos fundamentais e interrelacionados: o novo homem e a renovação do solo. Trata-se especialmente do homem urbano — o operário da indústria — em seu tempo livre com sua família que representa o novo homem do assentamento renovado em seus princípios.

Destarte, a renovação do solo cultivável é tarefa daquele que melhor representa a cidade moderna e o êxodo rural: o operário. Essa proposta *sui generis* delineia com clareza que tipo de campo Migge propôs. Trata-se de um campo submetido aos novos tempos, presente no cotidiano da cidade e, é preciso ressaltar, que impunha a seu protagonista mais um turno de trabalho, um revés que Migge provavelmente não constatou. Apesar disso, a sugestão se destaca pelo cuidado em torná-la possível, economicamente viável e

150 Hellerau foi a primeira cidade-jardim alemã, fundada em 1909, hoje é um bairro pertencente a Dresden. O bairro-jardim de Marienbrunn foi tratado em detalhe no capítulo II.

agronomicamente eficiente detalhando a célula mínima.

A metragem mínima definida por Migge, considerando a célula familiar de cinco pessoas e sua autossuficiência alimentar, é de 400 m², sendo metade o jardim produtivo de cultivo hortícola intensivo — dos cultivos que exigem maiores cuidados — e de frutíferas, integrado à habitação, e a outra metade de lavoura arrendável nos jardins comunitários fracionados de cultivo extensivo, incluindo cultivos de inverno e batatas precoces¹⁵¹ — passíveis de mecanização. Para além dessa metragem mínima, o modelo incluía estruturas comunitárias, como fábricas agroindustriais de conservas¹⁵² e beneficiamentos, fábrica de composto (incluindo fezes humanas e resíduos domésticos em geral), criação de peixes, de pequenos animais, produção de nozes e castanhas, fazenda-modelo, área experimental, além de estruturas de lazer como áreas de prática de esporte (Figura 63). Outro argumento para a divisão das áreas diz respeito ao uso dos avanços técnicos e tecnológicos para o cultivo extensivo. Migge enaltece os avanços técnicos em seu manifesto e em outros textos, e para viabilizar economicamente seu uso em sua proposta havia necessidade de maiores áreas, de forma que os altos custos de equipamentos de irrigação, estufas etc. fossem compartilhados numa área de cultivo comum que incluía as outras estruturas comunitárias. A contraparte individual, intensiva, por sua vez, exige maiores cuidados e mais mãos, justificando sua proximidade com a casa e propiciando convívio familiar (MIGGE, 1919a, p. 11-13). Migge afirma que as tentativas anteriores de organização de assentamentos baseados na autossuficiência fracassaram por não regularem os custos de produção da terra e acredita que seria possível sanar o problema separando a parte intensiva da extensiva, o que reflete diretamente no planejamento do território.

Como resultado dessa separação racional, de acordo com o valor de uso das instalações, nossa colônia é dividida primordialmente em duas metades, das quais uma, a intensiva, com jardins, casas e ruas e todos os recursos técnicos necessários, explora plenamente as despesas que incorremos, à custa da outra parte extensiva que não nos proporcionaria tal usufruto. E justamente por causa disso — com as economias de uma associação, estas que ainda devem ser discutidas — libera cada fundo anteriormente faltante para a existência do jardim de forma suficiente (MIGGE, 1919a, p. 12)¹⁵³.

A terceira e quarta seções que tratam dos recursos, aos quais Migge atribui a garantia de maiores colheitas e conseqüentemente a autossuficiência por ele proposta. Foram temas caros e recorrentes tanto em seus artigos, quanto nos projetos posteriores.

151 Refere-se ao ciclo de cultivo da variedade de batata mais curto. No Brasil, a batata precoce tem um ciclo de 70 a 80 dias.

152 O desenvolvimento da indústria alimentícia ocorreu mais tardiamente, durante a segunda guerra mundial.

Sua argumentação refuta a localização geográfica do solo como determinante para sua fertilidade e consequente produtividade agrícola. Em cultivos extensivos tal suposição seria parcialmente verdadeira, mas nos casos intensivos — hortícolas — haveria um grau muito maior de independência do solo e do clima (MIGGE, 1919a, p. 13)¹⁵⁴. A descoberta da química orgânica na virada do século já vinha consolidando o avanço do conhecimento nutricional das plantas. Aqui, para além de sua formação técnica, Migge reúne conhecimentos e debates de seu tempo, como é o caso do legado do químico Justus von Liebig (1803-1873), que contribuiu para o desenvolvimento dos fertilizantes químicos, do sabão, de explosivos e alimentos desidratados; e das contribuições do botânico e microbiologista Raoul Francé (1874-1943) que também estão presentes no discurso de Migge. Em seu livro *Edaphon, das Leben in Ackerboden (Edafon, a vida no solo)*, Francé defende a reintrodução dos dejetos humanos no solo a fim de preservar sua microbiologia e o ciclo dos elementos¹⁵⁵ (HANEY, 2010, p. 106 e 125).

Assim, os recursos, naturais em grande parte, são elevados a uma categoria técnica-produtiva fundamental para a intensificação agrícola, para a organização do assentamento e sua logística. A insolação, por exemplo, determina a orientação das construções, de modo a aumentar a eficiência da energia solar na nutrição das plantas — a fotossíntese —, bem como garantir aquecimento e insolação das moradias. Migge (1919a, p. 14) é categórico: “não existe cultivo intensivo de plantas sem luz e calor”. Para garantir o calor, entretanto, é necessária a proteção contra o vento e o tempo, assim, outras estruturas indispensáveis à autossuficiência são a estufa (ou o jardim de inverno quando associado à moradia) e o muro quebra-vento, que também serve de anteparo aos cultivos de plantas trepadeiras (tomate, framboesas, etc.).

Outros recursos elencados como fatores de aumento de produção e colheitas pelo autor são a irrigação e a fertirrigação, atribuindo-se a elas a função de equilibrar a fertilidade do solo. Para o primeiro, por razão dos custos da água encanada (novidade para a época), defende a irrigação com o aproveitamento das águas pluviais, agregando a esta

153 Trecho no original: Durch diese rationelle Scheidung nach dem Gebrauchswert der Einrichtungen wird unsere Kolonie grundsätzlich und von vornherein in zwei Hälften gesondert, von denen die eine, intensive, mit Gärten, Häusern und Straßen und allen nötigen technischen Behelfen versehen, den Aufwand voll ausnutzt, den wir ihr auf Kosten des anderen extensiven Teiles, der zu solcher Nutznießung garnicht imstande wäre, zuwenden. Und eben hierdurch werden — im Verein mit Ersparungen, die noch besprochen werden sollen — jene Mittel frei, die bisher fehlten und die Gartendasein in genügenden Ausmaß num einmal erfordert.

154 No mesmo período, Rudolf Steiner está elaborando o método biodinâmico de cultivo, sua defesa difere de Migge por não defender a independência do solo, mas sim de transformá-lo. Na prática ambos estão incorporando composto orgânico e húmus ao solo original.

155 Em um solo vivo, elementos como o nitrogênio possuem um ciclo natural, presente, por exemplo, na decomposição da matéria orgânica. O nitrogênio é um dos elementos principais no crescimento saudável das plantas, algumas espécies necessitam da cooperação simbiótica de fungos presentes em suas raízes, as micorrizas, para assimilar o nitrogênio presente no solo.

a água de reuso proveniente da casa, pia e banheiro, prevendo para isso um reservatório de decantação e um tanque. Também aqui, Migge (1919a, p. 15) apresenta números: 800 litros de água por dia são usados em média por uma família e são necessários cerca de três litros por metro quadrado na irrigação diária dos campos de cultivo, logo, 600 litros por dia de fertirrigação bastariam na parcela intensiva. Prevê ainda o uso de dois metros cúbicos de água pluvial, coletada do telhado e armazenada em cisterna. Por fim, a quarta seção trata exclusivamente do uso dos resíduos domésticos — estes, sim, possuem o papel principal na fertilidade do solo. “A renovação do solo de tempos em tempos se faz necessária: num uso intensivo do solo, quanto mais colheitas, mais frequentemente os nutrientes [orgânicos e minerais] do solo precisam ser compensados” (MIGGE, 1919a, p. 17). Dessa forma, o autor indica os “novos caminhos a serem trilhados no assentamento”: uso dos resíduos domésticos e cinzas (fogão e/ou lareira) de um lado, e fezes (humanas inclusive) por outro. Também nesta seara, Migge argumenta com números e apresenta soluções técnicas:

No lixo doméstico há valiosos nutrientes para o composto, os restos de cozinha oferecem, para além dos restos orgânicos (cereais, fibras, celulose), cálcio e nitrogênio, que a partir de sua decomposição proporcionam ao cultivo do solo e das plantas razoável qualidade. As cinzas também, especialmente da madeira, atuam como calcário e também como aerador e promotor mecânico da qualidade do composto; [...] Uma família de cinco membros produz aproximadamente 500 quilos de lixo doméstico no ano. [...] Todavia são as fezes humanas que apresentam o principal. Atribui-se a uma pessoa cerca de cinquenta quilos de excrementos e quatrocentos de cinquenta quilos de urina ao ano, que de preferência juntos (no banheiro seco) se decompõem em turfa, para então serem levados ao jardim. No total, uma família de cinco membros produz em um lar-jardim no mínimo mil e duzentos quilos de resíduos no ano (MIGGE, 1919a, p. 17-18)¹⁵⁶.

Migge alerta sobre os protocolos de higiene para incrementar o composto com fezes — tema que lhe renderá naturalmente muitas polêmicas —, mais uma vez lançando mão do argumento dos avanços técnicos e tecnológicos no esforço de convencimento, além de ampliar a escala da discussão, estimando a quantidade de resíduo descartado nos centros urbanos que poderiam incrementar os campos. Em seguida, finaliza a seção com um apelo para que o homem reestabeleça o ciclo dos nutrientes (*Kreislauf der Stoffe*,

156 Trecho no original: Im Hausmüll sind viele wertvolle Dungstoffe enthalten, der Kehrriecht bringt negen Kalk und Stickstoff mancherlei organische Reste (Korn, Faserstoffe, Zellstoff), die bei ihrer Kompostierung eine dem Boden- und Pflanzenbau recht zuträgliche Beschaffenheit annehmen. Auch Asche, besonders die Holzasche wirkt als kalihaltig und auc mechanisch lüftend fördernd aud die Beschaffenheit des Kompostes; [...] Danach erzeugt eine fünfköpfige Familie rund 500 Kg Hausmüll das Jahr. [...] Den Hauptwert aber stellen die menschlichen Fäkalien dar. Man rechnet für eine Person etwa 100 Pfund Kot und 900 Pfund Harn auf das Jahr, die am besten (im Torfstuhl) zu Fäkalstoff gebunden, dem Garten zugeführt werden. Insgesamt produziert eine fünfköpfige Familie in einem Gartenheim also wenistens 1200 Kg Abfallstoffe im Jahr.

referência a Raoul Francé), prevendo um futuro colapso agrícola, caso se avance com o uso de fertilizantes químicos¹⁵⁷.

Sobre a produção de frutas e a criação de pequenos animais, Migge reproduz a argumentação introdutória do capítulo quanto à autossuficiência e sua consequência, o cultivo intensivo com melhor aproveitamento do espaço visando o cultivo. É relevante comentar sua sugestão de um caminho de frutas, *Obstweg* (Figuras 65 e 67), ligado diretamente com a cozinha ao ar livre, *Freieküche*, facilitando seu manejo e preparação de conservas. As frutíferas, neste caso, são as trepadeiras, dispostas num caramanchão, o que supostamente conformaria um continuum no assentamento, se assumirmos uma repetição do modelo. Essa proposta formal, do passeio sob a pérgula ou caramanchão, está presente em muitos projetos seus, desde jardins de mansões e parques (como o de Fuhlsbüttel) até os cemitérios e memoriais de guerra. Na sétima seção, Migge trata da construção da moradia, sem apresentar métodos ou materiais construtivos. O que o interessa discutir é o modo de vida adequado ao assentamento que propõe. Ele diferencia a vida no campo da vida do campo, o espírito urbano associado ao primeiro e o rural ao último. Em sua análise, as moradias no campo seriam caras, possuiriam cômodos demais, quando na verdade deveriam representar a vida do campo apropriando-se de forma ilimitada do espaço externo. Nesse sentido, o caramanchão de frutas e a cozinha ao ar livre ganham dimensões arquitetônicas. Na oitava seção temos as pistas concretas do público alvo idealizado por Migge para ocupar os novos assentamentos:

Está claro que esta nova forma de cultivar o solo exige invariavelmente do espírito, que para o novo se esforça e toda a vontade possui. Isto nem todos possuem muito menos os homens de profissão. Seria por isso inoportuno, agora e futuramente, em geral querer assentar só trabalhadores rurais ou mesmo fazendeiros tradicionais, pois justamente eles estão acostumados a mover este chão. E também foi infeliz boa parte dos recursos humanos, dos quais se fez uso em certas linhas de nosso movimento de colonização até então, as vítimas e oprimidos do capital não pertencem necessariamente a isto. Em todo caso nunca sozinhos (MIGGE, 1919a, p. 26)¹⁵⁸.

O que há de pragmático em *Cada um autossuficiente!*, há proporcionalmente de radical e utópico. A autossuficiência não foi idealizada para o campo e não atende

157 Migge, mesmo entusiasta dos avanços técnicos e tecnológicos, era contra o uso de fertilizantes químicos. Uma aparente contradição ainda a investigar.

158 Trecho no original: Es ist klar, daß diese neue Weise, den Boden zu bebauen, unbedingt den Geist erfordert, der zum Neuen strebt und den Willen, es ganz zu tun. Den besitzt nicht jeder, am wenigsten wohl der Berufsmensch. Es wäre deshalb unzweckmäßig, hier und künftig überhaupt nur Landarbeiter oder gar traditionsbesessene Bauern siedeln zu wollen, bloß weil sie gewohnt sind, die Scholle zu bewegen. Auch das zum größeren Teil nicht glückliche Menschenmaterial, dessen sich gewissen Richtungen unserer Siedlungsbewegung bisher bedienten, die Gedrückten der Städte und Opfer des Molochs Kapital gehören nicht unbedingt hierher. Jedenfalls nie allein.

necessariamente os oprimidos, pois ela exige do espírito. A autossuficiência exige um novo homem, um novo campo e outra cidade. Para exortar a renovação com a qual se comprometia, Migge escreve seu manifesto. Nesse período das revoluções sociais, movimentos artísticos também se organizaram politicamente, como, por exemplo, o “*Novembergruppe*”, e o Conselho de trabalhadores da arte (*Arbeitsrat für Kunst*), fundado por Bruno Taut e Adolf Behne, com o qual muitos arquitetos se envolveram e por meio do qual publicaram seus manifestos, clamando pela renovação da arquitetura comprometida com a transformação social que se almejava da república social-democrata. Migge foi convidado a participar do Conselho de trabalhadores da arte, mas declinou (HANEY, 2007, p. 202).

Os textos de Migge mostram um crescente interesse e aprofundamento nos temas que envolviam a subsistência e a visão integrada entre habitação e jardim, e que foram alcançando maiores escalas em sua trajetória. No Manifesto publicado em 1919 no jornal *Die Tat*, é sugerida uma nova relação entre cidade e campo, como alternativa para resolver a problemática do rápido crescimento da cidade no século XIX. A solução não estaria no abandono da cidade, mas sim em uma nova síntese, denominada por ele como *Stadtland*, de ocupação intensiva e produtiva do campo rurano. O ponto nevrálgico de seus escritos é a defesa de ocupação do território, tanto por razões político-nacionais — em se tratando de um período de pós-guerra em que a Alemanha perdeu territórios com o Tratado de Versalhes, e permaneceu ocupada por militares estrangeiros durante boa parte da República de Weimar — como por razões econômicas e sociais. Colonizar o campo, para Migge, forneceria toda a potência de transformação social e econômica necessárias à reconstrução da Alemanha, e esse era o grande apelo de seu manifesto:

[...] Não será mais incorporado. Será descornubado. Chega de “urbanização”. Passe livre para a campesinação [neologismo]: Cria o Campo-urbano! [...] Por que o rico campo alemão só alimenta 50 Milhões? Por que não cem? (Possivelmente mais fácil que na China). Porque nós sangramos a força do campo. Porque desperdiçamos a força da cidade. Porque nós rasgamos cidade e campo um do outro. [...] Todo o resíduo urbano ao campo. Une cidade e campo. Nós devemos criar nosso “solo”! [...] Mais força de trabalho através das máquinas. Maiores rendimentos através de métodos de cultivo na grande escala. [...] *A tecnicização do solo alemão*. Milagre e ciência ao mesmo tempo [...] (MIGGE, 1999, p. 10-12)¹⁵⁹.

159 Trecho no original: [...] Es werde nicht mehr eingemeindet. Es werde ausgemeindet. Schluß mit „Stadterschließung“. Freie Bahn der Landerschließung: Schaff Landstadt! [...] Warum ernährt das reiche deutsche Land nur 50 Millionen? Warum nicht hundert? (Leichter möglich als in China.) Weil die Landkraft entblutet haben. Weil wir die Stadtkraft vergeudet haben. Weil wir Stadt und Land voneinander gerissen haben. [...] Aller Stadtabfall dem Land. Vereinigt Stadt und Land. Wir sollen „Erde“ selbst erschaffen! [...] Mehr Arbeitskraft durch Mashcinen. Reichere Erträge durch großgärtnerische Anbaumethoden. [...] *Die Technisierung des deutschen Bodens*. Wunder und Wissenschaft zugleich [...].

Tanto seu livro¹⁶⁰ quanto o manifesto foram publicados pelo mesmo editor, Eugen Diederichs. Quando assumiu a edição da revista semanal de política e cultura *Die Tat*, em 1912, esta não possuía mais que mil assinantes e chegou a copiar cerca de 20.000 exemplares em 1929. A revista estava alinhada com ideais socioculturais da *Lebensreform* e ligada ao movimento da juventude e ao neorromantismo (RICHARD, 1988, p 251); defendia um anticapitalismo nacionalista de classe média, situado entre o comunismo e o capitalismo, posição que se denominou como “terceira via” (HERF, 1993; RICHARD, 1988). Destarte, considerando o público leitor da revista e as condições do país, pode-se inferir a recepção do manifesto “anônimo”¹⁶¹.

Enquanto gênero argumentativo, o manifesto¹⁶², no decurso de suas seis partes, objetiva convencer acerca do declínio moral e de qualidade de vida das cidades industriais do século XIX e propõe como solução socioeconômica a ocupação de baixa densidade baseada na produção agrícola intensiva e mecanizada. Seu público alvo são os cidadãos urbanos, convocados à ação individual e autossuficiente em novos assentamentos rurbanos. A primeira parte alerta para o declínio da cidade como uma fatalidade europeia e anuncia o novo campo como ideário do século XX:

160 Diederichs publicou dois livros de Migge: *Gartenkultur des 20. Jahrhunderts* e *Jedermann Selbstversorger!*

161 Haney (2007) assume que dada a popularidade de seu livro, *Jedermann Selbstversorger!*, e os indícios de apresentação editorial da revista por Diederichs o leitor não teria dificuldade alguma de adivinhar o autor do manifesto.

162 A tradução integral do manifesto foi incluída no apêndice desse trabalho.

Então nada foi perdido. Coragem, alemães:

A ideia de cidade do século XIX foi uma ideia europeia. Sua morte é uma morte europeia. Foi a Alemanha que conduziu a moderna cidade das massas materialistas *ad absurdum* a trágicas e grandiosas vitórias. Este país se sacrificou pela Europa. E esse país tem o dever, o direito e a vontade para um novo ideário comum. O antigo chamava-se cidade. Viva o novo ideário comum do século XX: “Campo!” (MIGGE, 1999, p. 8)¹⁶³.

Entretanto, o próprio campo está imbuído no velho ideário da cidade que Migge quer renovar, e portanto também demanda renovação, pois a relação que se estabeleceu com ele é de desprezo e superficialidade. Ao mesmo tempo, Migge ressalta que foi dessa relação e dessa cidade de espaços insalubres que surgiram movimentos contestatórios: os movimentos de reforma de parques e jardins, da juventude, dos trabalhadores e de moradia. Para Migge, todos eles são a reação em face da vida urbana nociva da cidade industrial. Ele critica o uso explorador do campo e propõe, na terceira parte, que se conserve a cidade a partir do novo campo, criando o *rurbano*.

Cidadãos e cidadãs!

Como é essa nova grande potência: Campo?

O que foi dele, como era o campo para os cidadãos?

Lembra-vos: o lindo campo nos era o “detentor do ar puro”,

O vasto campo nos era a “região agradável”,

O campo florescente nos era “zona de expansão”.

Os cidadãos por acaso conhecem gado, ave ou flor?

Onde quer que nos afeiçoemos verdadeiramente à terra — na casa de campo, no abrigo do jardim, tornou-se uma farsa.

O campo não era impulso original, mas passatempo.[...]

Cidadãos e cidadãs!

Quem salva a cidade? O campo salva a cidade.

A velha cidade só pode salvar sua existência impregnando-se de campo:

Criai Campo rurbano!

As cidades devem abraçar seu próprio campo.

Cem mil hectares permanecem improdutivos: canteiros de obra, áreas encortiçadas, vias, terrenos baldios (MIGGE, 1999, p. 8-9)¹⁶⁴.

Na terceira parte são indicadas as primeiras propostas para salvar a cidade de sua decadência: uso produtivo de áreas urbanas, criação de mais áreas verdes públicas, desenvolvimento de assentamentos e fazendas modelo, e a gestão dos resíduos urbanos

163 Trecho no original: Habt Mut, Deutsche: | Die Stadtidee des 19. Jahrhunderts war eine europäische Idee. Ihr Streben ist europäisches Sterben. Deutschland war es, das die moderne Stadt der materiellen Masse in tragisch-grandioseem Siegeszuge *ad absurdum* führte. Dieses Land opferte sich für Europa. Und dieses Land hat das Recht und die Pflicht und die Lust zu einer neuen Generalidee. Die alte hieß Stadt. Es lebe die neue, | Die Generalidee des 20. Jahrhunderts: “Land”!

para compostagem e usufruto no campo. O campo, no entanto, também necessita de renovação e as soluções se concentram na quarta parte, o essencial seria a integração entre campo e cidade incorporando as tecnologias modernas de mecanização da agricultura, tornando-a intensiva e altamente produtiva. Feita a denúncia e apresentadas as soluções as últimas duas partes são dedicadas a convocar o leitor à ação: migrando das cidades condenadas para o interior do país, reformulando as instituições e o modo de vida, e fundando novas cidades.

A tradição alemã de cultuar o campo data de 1890, como reação ao movimento naturalista, e esteve presente nas expressões artísticas, como a literatura e a pintura, e se manteve estável na República de Weimar (RICHARD, 1988, p. 244). Vertentes menos artísticas mas igualmente persistentes, como os movimentos da Juventude (*Wandervogel*) e da *Lebensreform*, surgidas em meados do século XIX, indicam como a Alemanha, um país jovem e altamente industrializado¹⁶⁵, era nostálgica de uma suposta idade de ouro preservada pelas tradições camponesas. Desde os primeiros textos, a ideia de campo para Migge se fundamenta no jardim como trabalho [obra] do homem, *Menschwerk*, para o usufruto do homem e, muito embora seu manifesto se aproprie dos valores tradicionais dos costumes camponeses, isso não indica um retorno nostálgico à natureza, ao contrário, demanda sua síntese em jardins produtivos, habitação e espaços comuns (HANEY, 2007). Ao longo do texto, não se verifica qualquer menção heroica do campo ou do camponês do passado ou presente; é um novo homem, migrante das cidades mal talhadas, que forjará o novo campo. Outro tema caro à tradição alemã presente na literatura¹⁶⁶ diz respeito ao sacrifício heroico por um bem maior, que se verifica na primeira parte do manifesto: conclui que a cidade do século XIX é uma fatalidade europeia, pela qual os alemães se sacrificaram.

164 Trecho no original: Bürger und Bürgerinnen! Wie sieh sie aus, die neue Großmacht: Land? Was war denn und, was war dem Städter Land? Erinnert euch: Das schöne Land war uns „Frischlufthälter“, Das weite Land war uns „nette Gegend“, Das blühende Land war uns „Erweiterungszone“. Kennt denn der Städter Vieh, Vogel oder Blume? Wo immer wir uns ernstlich der Erde neigten — Im Landhaus, im Kleinhaus ward es zur Farce. Land war nicht Urtrieb, sondern Zeitvertrieb. [...] Bürger und Bürgerinnen! Wer rettet die Stadt? Das Land rettet die Stadt. Die alte Stadt kann ihr Dasein nur retten, indem sie sich mit Land durchsetzt: *Schafft Stadtland!* Die Städte sollen ihr eigenes Land umarmen. Hunderttausend Hektar liegen brach: Bauland, Kasernenland, Straßenland, Ödland.

165 Segundo RICHARD (1988, p. 74-79) a urbanização da Alemanha data dos séculos XII e XIII, conformando já no fim da Idade Média uma rede antiga e densa de concentrações urbanas. Sob a República de Weimar cerca de três quartos da população alemã é urbana, e um terço deles vive em grandes cidades. Em 1882 42,5% dos alemães trabalham na agricultura.

166 Conforme GAY (1978, p. 64-79) o círculo de estudos do poeta Stefan George tinha como referência a tradição grega e figuras históricas da Alemanha como o rei Frederico II e o poeta Hölderlin visando elevar o espírito de sua elite aristocrática. Rainer Maria Rilke de modo distinto também popularizará Hölderlin. O autor conclui, tomando como populares Hölderlin e Kleist, a consagração da morte e do suicídio.

O nacionalismo alemão foi comumente caracterizado pela oposição entre os valores da *Zivilisation* e da *Kultur* (HERF, 1993; ELIAS, 1994). No manifesto, um exemplo disso está na associação da cidade e sua decadência à civilização material e ao antigo poder burguês alemão. No mesmo ano de 1919, outra publicação trata dessa mesma oposição: *Preussentum und Sozialismus* (*Prussianismo e Socialismo*) de Oswald Spengler. Em sua análise, Spengler distingue dois tipos de socialismo: o inglês, forjado por Marx, materialista, liberal e cosmopolita, e o prussiano marcial, determinado e disciplinado com coragem para morrer por algo mais elevado (GAY, 1978, p. 99-103). O procedimento de libertar de Marx o socialismo alemão corresponde a incorporar valores da *Zivilisation*, associados ao Ocidente e à Inglaterra, transformados para se vincularem a *Kultur* alemã (HERF, 1993, p. 63-64). Spengler mais tarde, em 1923, edita sua obra mais famosa *Der Untergang des Abendlandes* (*O Declínio do Ocidente*) na qual:

[...] o grande público só retinha uma lição, ao mesmo tempo pessimista e consoladora, a lição de um fatalismo muito relativo: a derrota da Alemanha arrastava a Europa para o desastre; desde o século XVIII a civilização ocidental entrara numa decadência irreversível — a menos que aparecesse um novo César (RICHARD, 1988, p. 247).

A despeito das diferenças de tom, mais catastróficas em Spengler e mais propositivas em Migge, ambos engrossam o coro nacionalista. Também cerravam fileiras os movimentos da juventude, invocados no manifesto. De origem burguesa, estes movimentos da juventude se caracterizavam por recuperar o romantismo da Alemanha medieval, num voo no futuro através do passado, reforma através da nostalgia (GAY, 1978, p. 92, 97). O manifesto propõe uma síntese entre as tradições nacionalistas e uma revolução conciliadora: campo e cidade; corpo e mente; trabalho manual e intelectual; instinto primitivo e tecnologia; tradição e modernidade. É esta a singularidade das propostas de Migge, a leitura “rural” sobre áreas urbanas, denominadas como improdutivas. No entanto, suas propostas não se restringem a programas hortícolas, os parques da Juventude e os memoriais de guerra são pensados para “produzir” o novo homem por meio do culto do corpo e do espírito.

Migge parece ter consciência do desafio a que se lança no manifesto: ainda que a Alemanha fosse majoritariamente urbana e industrial desde o final do século XIX, resistia, principalmente a leste do Elba, uma Alemanha agrária formada por grandes latifúndios pertencentes à aristocracia feudal (RICHARD, 1988, p. 78), os Junker, que sequer a constituição socialdemocrata de Weimar logrou dissolver. Essas relações socioeconômicas do campo alemão talvez justifiquem o interesse de Migge, preocupado com as massas, nas áreas urbanas, e suas propostas de pequena escala, focado na produção intensiva principalmente de subsistência. As dimensões mínimas por pessoa mencionadas no

manifesto tinham sido desenvolvidas e publicadas no ano anterior em *Jedermann Selbstversorger!* com esquemas de relação de área e produção hortícola. Em 1920 Migge mudou-se para o vilarejo de Worpswede, próximo a Bremen, onde experimentou pessoalmente com sua família suas propostas de autossuficiência. No mesmo ano, na esteira de seu próprio manifesto, o paisagista fundou, em sociedade com o arquiteto Max Schemmel, a “*Siedler-Schule Worpswede*”, (“*Escola para Colonos de Worpswede*”) para atender a demanda prática contida em seus textos, atraindo diversos interessados desde arquitetos e paisagistas, anarquistas, comunistas, e judeus do Movimento Sionista. (HANEY, 2010, p. 130-141).

Por fim, a compreensão do jardim produtivo como instrumento de reforma social e econômica sublinha por um lado as circunstâncias do país, e por outro o desenvolvimento de um campo do paisagismo mais relacionado às políticas econômico-espaciais aliadas ao desenvolvimento do território. Nesse contexto, o manifesto estabeleceu um debate político acerca do paisagismo e é um documento singular nesse sentido. O próprio termo “verde” de cunho político antecedeu em muitas décadas a constituição de um partido com esta pauta (HANEY, 2007, 2010). Os movimentos culturais e políticos, bem como as tradições conciliatórias da ideologia conservadora da terceira via foram as condições que possibilitaram a Migge atribuir tamanha importância econômica, política e social ao paisagismo.

Figura 61 - Planta ideal de uma praça de recreação "Schreber", sem data. Fonte: Mittelhochdeutscher Rundfunk, 2017.

A praça tem como espaço central um grande gramado dividido conforme o tamanho do grupo de crianças, os dois gramados triangulares são destinados a pequenos grupos. Ao redor do gramado situam-se equipamentos para a recreação e atividade física: à esquerda abaixo, brinquedos como gira-gira e barras de exercícios; acima, barra de progressão; à direita acima, bebedouro, piscina infantil e raia de salto e distância, abaixo, área de areia para crianças menores. Na borda da praça, pequenos jardins parcelados. Acima, da esquerda para a direita: áreas de mudas, jardim para jovens, sede da associação com área de recreação coberta e depósitos de lixo e ferramentas. A organização de associações como essa desde o fim do século XIX reforça a demanda social por espaços livres, como o gramado. A autossuficiência alimentar, porém, não foi pauta decisiva, e se vincula mais às épocas de crise.

Figura 62 - Aula de jardinagem do grupo de jovens Schreber, Schreberjugendgruppe, cerca de 1910. Fonte: Mittelhochdeutscher Rundfunk, 2017.

A defesa da jardinagem como arte aplicada vinha sendo discutida no meio intelectual alinhado ao movimento de artes e ofícios, dele pode-se destacar Alfred Lichtwark, que sugeriu como modelo para o paisagismo alemão do “jardim do fazendeiro alemão” Migge (1908) ao defender uma abertura do campo do paisagismo às reformas estéticas empreendidas pelo movimento das artes e ofícios, sugere a inclusão de aulas de jardinagem nas escolas dessas instituições. Na foto, ao fundo há um grande número de crianças, a jardinagem ensinada desde cedo como atividade pedagógica permitiu sua aderência cultural.

Figura 63 - Esquema para o pequeno assentamento cada um autossuficiente, 1919. Fonte: GADIENT et al., 2018, p. 225.

Quanto mais crianças, mais terra. Fertilidade do solo também está associada à fertilidade da família. Migge propõe quatro tipos de lar-jardim conforme o tamanho da família (de 5 a 12 membros). Os tipos A e B têm o maior número de unidades. Os tipos C e D têm o jardim produtivo e as parcelas arrendáveis mais próximas umas da outra. Os equipamentos e áreas comuns são: fábrica de composto (I), Lago criação de peixes (II), criação de gado (III), agroindústria fábrica de conservas (IV), plantação de noqueiras (V), pasto da comunidade (VI), praça de esportes e recreação (VII), jardim experimental (VIII), jardim produtivo modelo (IX).

Figura 64 - Custos e produtividade estimada, 1919. Fonte: GADIENT et al., 2018, p. 224.

Seguindo a flecha a verde dos custos e dividendos (da direita acima para baixo e para esquerda) tendo como base o tipo A: Custos de construção, 600 Marcos no total; custos de manutenção, 47,25 Marcos anuais; Valor dos produtos de pequenos animais, 35 Marcos anuais; dividendos do jardim produtivo 1.116 (?) em produtos no valor de 205,70 Marcos; parcela arrendável 1.375 (?) em produtos no valor de 155,90 Marcos; 600 (?) em frutas no valor de 114 Marcos. O cálculo da soma total, no entanto, não corresponde a esses valores. A previsão de um rendimento líquido de 429,35 Marcos ao ano parece indicar mais uma promessa que realidade.

Figura 65 - Célula mínima Lar-jardim tipo A, 1919. Fonte: GADIENT et al., 2018, p. 224 [recorte da autora].

Em verde estão as áreas produtivas de cultivo ou beneficiamento. Para a célula mínima, um lar-jardim para uma família de cinco pessoas, Migge propõe 400 m² de áreas de cultivo para garantir a autossuficiência hortícola. A casa tem um cômodo único no térreo, dispensa no porão e um segundo pavimento (?); junto dela, o jardim produtivo de cultivos intensivos de 200 m². A parcela arrendável para cultivos extensivos, de 200 m², no tipo A localiza-se em área separada. O texto reforça que para o suprimento alimentar de hortaliças o trabalho no cultivo não é integral. A racionalidade e a funcionalidade alcançaram nesses jardins sua máxima expressão.

Figura 67 - Pergolado de frutíferas como via "produtiva" "econômica", 1919. Fonte: MIGGE, 1919, p. 15

O uso intensivo das áreas externas, seja pela atividade hortícola, seja no convívio familiar e social, é estimulado por esse tipo de via, que não apenas integra a moradia ao espaço externo, com o uso da cozinha a céu aberto, com conecta um conjunto de casas através desse espaço comum.

Figura 68 - Pérgula de Tílias, parque Wacholder (Fuhlsbüttel), Hamburg, 2015.

A pérgula foi um elemento frequente desde os primeiros projetos de jardim de Migge. Mas sua função e significado mudaram bastante. Nesse caso do parque, as tílias foram envergadas dando a forma de túnel para os caminhos circundante do parque, no verão proporciona sombra.

Figura 69 - Jardins parcelados arrendáveis, Laubengärten, para Berlim-Schöneberg, 1918. Fonte: GADIENT et al., 2018, p. 195.

Acima, à esquerda: tipo 3 vista sob a pérgula. Acima, à direita: tipo 2 vista da entrada. Abaixo, à direita: tipo 1 sistema de irrigação. Abaixo, à esquerda: caminho entre os jardins.

Figura 70 – Parcelas de jardins arrendáveis, Laubengärten, para Berlim-Schöneberg, 1918. Planta e vistas tipo 1. Fonte: GADIENT et al., 2018, p. 196.

Se compararmos esse projeto ao modelo de jardim parcelado de Maasz (Figura 27 e 28), notamos a ausência da separação do jardim da horta, tornando toda a parcela dedicada ao cultivo. Migge anexa inclusive o estábulo de pequenos animais ao lado do abrigo (abaixo, à esquerda). O tipo 1 era o menor modelo do projeto, com área total de 480m² e indicado para 4 a 5 pessoas. Na prancha (abaixo, à direita) detalha as dimensões, espécies e facilidades técnicas: 400m² de jardim produtivo, frutíferas em desenvolvimento e irrigação automática.

Figura 71 - Assentamento suburbano Steenkamp-Altona (Hamburgo) para colonos parciais, 1920. Fonte: GADIENT et al., 2018, p. 206 [modificado pela autora].

O plano indica áreas de moradia (433 unidades) no núcleo central e 197 parcelas hortícolas arrendáveis nas extremidades (demarcado em branco). Em azul estão as áreas de uso comunitário: 1a área de compostagem extensiva, 1b área de compostagem intensiva; 2 centro comunitário; 3 praças. Os edifícios destacados em preto são dois lares para solteiros, uma importante adequação à realidade das premissas do modelo de assentamentos autossuficientes baseados em famílias constituídas. Como objetivo da proposta Migge indica a redução do custo do aluguel do assentamento através do cultivo hortícola e a autossuficiência hortícola (frutas, hortaliças, batatas precoces e carne de pequenos animais).

Figura 73 - Jardins parcelados compartilhados da "cidade-de-parcelas hortícolas" Südgelände Berlím-Schöneberg, 1920. Fonte: GADIENT et al., 2018, p. 215.

O projeto de Südgelände apresenta uma grande variedade de arranjos de parcelas hortícolas. As parcelas compartilhadas foram um arranjo pouco usual, tanto em colônias agrícolas em geral, do modelo Schrebergarten, quanto em projetos de Migge. Aqui ele desenvolve um abrigo-célula de 3x3 metros e dispõe em duas tipologias, na implantação tipo I conforma um pátio interno de uso recreativo não produtivo, bem como áreas ajardinadas de convivência à frente dos abrigos. No tipo II organiza as células em linha, dispondo de duas áreas de convívio e recreação não produtivas. Em ambos os casos, cada célula possui uma parcela individualmente, organizada em blocos, o que facilita o trabalho com equipamentos e reduz seu custo. Além disso, nas proximidades do abrigo situam-se áreas conjuntas de estábulos, áreas de compostagem e sementeiras. A racionalização desse arranjo aproveita melhor as áreas, e proporciona um uso intensivo maior. Nas áreas em branco, destacam-se a célula e seus arranjos; nas áreas em azul claro, delimitam-se as áreas não produtivas de convivência.

Figura 74 - Apoio técnico para cultivos e construções das parcelas hortícolas, Südgelände Berlím-Schöneberg, 1920. Fonte: GADIENT et al., 2018, p. 216.

A preocupação de Migge em atingir a produção intensiva o incentivou a elaborar pranchas de apoio técnico como esta em seus projetos, bem como a enfatizar, posteriormente, a importância de formação continuada, como sugere a fundação da escola de colonos. Outras pranchas desse projeto apresentam pictogramas para cada etapa de cultivo, seja trabalho manual, seja com uso de equipamentos, bem como o processamento do composto e detalhes construtivos do banheiro seco; também registra detalhes construtivos de sistemas de irrigação de baixo custo (canaletas em pranchas de madeira com saídas para cada canteiro e um modelo de bomba mecânica com uso de tração animal). Acima, à esquerda, detalha as formas de proteção das culturas contra o vento, técnicas como sulcos no solo associados ao muro quebra-vento, como suporte para culturas trepadeiras, ou métodos de cobertura envidraçada. Esses elementos, em especial o vidro, compuseram os projetos de assentamentos autossuficientes e jardins produtivos modelo. Acima, à direita, apresenta um modelo de estábulo (galinheiro, coelhos e depósito de ração) conjugado com composteira. Abaixo, as etapas construtivas do assentamento a partir de um banco de jardim sob caramanchão (com área interna para guardar ferramentas), desenvolvido em abrigo subterrâneo com cômodo único e teto-jardim até sua expansão como pequena casa-produtiva com estufa. Esse desenvolvimento construtivo em etapas foi detalhado em conjunto com Martin Wagner, no que denominaram wachsendes Haus e wachsende Siedlung (casa e assentamento em crescimento respectivamente). O nome insinua a aproximação do modo de construir com o desenvolvimento orgânico de crescimento, como as plantas. Ao mesmo tempo, indica as dificuldades de construir em um momento de severa crise econômica.

4.2. A autossuficiência: a centralidade e o problema do assentamento urbano Hof Hammer

Um dos primeiros assentamentos baseados na autossuficiência projetados por Migge foi o “grande assentamento técnico Hof Hammer”, *technische Groß- Siedlung Hof Hammer*, em Kiel. Esta seção visa apresentar os condicionantes e obstáculos de realização, bem como situar o grau de impacto e adesão de suas propostas. No referido projeto, a proposta de urbanização da área foi definida por Migge, a convite do prefeito da cidade, só depois da aprovação de um dos três estudos apresentados e sua respectiva aprovação pelo conselho da câmara houve envolvimento da secretaria de obras. Com isso, infere-se grande autonomia e centralidade de Migge na determinação espacial do assentamento, tal liberdade foi garantida por sua relação próxima com o prefeito.

Entre 1918 e 1925, Migge trabalhou em diversos projetos de parcelas de jardins arrendáveis; além disso, proferiu palestras a respeito do livro *Cada um autossuficiente!* nas sedes de instituições. Nos dias 15 e 22 de janeiro de 1919, por exemplo, se apresentou na associação pelo zelo artístico de Hamburgo, *Vereinigung für Kunstpflege Hamburg e. V.*, onde tratou da forma e da técnica de assentamentos (MIGGE, 1919b, p. 25-26, 32); em 1922, Adolf Loos (1870-1933) convidou Migge para dar uma série de palestras em Viena (GARRIDO, 2018, p. 38); e em 15 de dezembro de 1925, proferiu palestra na comissão de urbanismo da união dos paisagistas alemães, *Bund Deutscher Garten Architekten* (BDGA), que divulgava seu livro *Colonização interna alemã*, lançado no ano seguinte¹⁶⁷ (MIGGE, 1925, p. 7-11). Nessa época, Emil Lueken, prefeito de Rüstringen, foi eleito para o mesmo cargo de Kiel em 10 de abril de 1920 (BEIER, 2004, p. 67). Seu convencimento em relação ao trabalho de Migge era tamanho que o convidou para apresentar um projeto de urbanização de uma antiga fazenda, Hof Hammer, área de expansão de cidade, ao conselho da câmara municipal, Magistrat.

Atualmente, a região de Hammer pertence ao 26º distrito de Kiel¹⁶⁸, Russee/Hammer, conformando o limite sudoeste do município e antecedendo os seus arredores agrícolas. A propriedade rural *Gutsgelände Hof Hammer* pertencia ao município de Kiel desde 1918, e estava arrendada em parcelas de jardim, rendendo ao município “apenas 8.350¹⁶⁹ Marcos ao ano” (MAGISTRAT KIEL apud MIGGE, 1999, p. 151). Com a autorização para sua urbanização¹⁷⁰, determinada pelo conselho da câmara municipal em 29 de julho de 1920, o prefeito Emil Lueken pôde recomendar a contratação de Leberecht

167 Título original: *Deutsche Binnenkolonisation – Sachgrundlagen des Siedlungswesens*

168 Kiel é a capital do Estado Federado Schleswig-Holstein, situado mais ao norte da Alemanha e fazendo fronteira com a Dinamarca. Tal e qual Danzig (Gdąnsk, Polônia), cidade natal de Migge, é uma cidade portuária do mar Báltico, pertencendo à rota do canal internacional de Kiel que conecta o Mar do Norte ao Mar Báltico. Kiel dista 90 Km de Hamburgo.

Migge, o “melhor e mais conhecido paisagista”, para desenvolver um plano artístico e assim prevenir “perder uma boa chance de criar uma linda área verde arquitetônica” (LUEKEN apud BEIER, 2004, p. 179). A preocupação de aproveitar a oportunidade para desenvolver uma área verde arquitetônica demonstra a penetração da vertente reformista do paisagismo nos órgãos públicos, sem dúvida como repercussão de concursos como o parque de Hamburgo e os debates acerca de seus resultados. O protagonismo do paisagista foi garantido por seu contato direto com o prefeito recém-eleito, graças ao seu trabalho anterior em Rüstringen, local de grandes experimentações.

Migge apresentou três propostas, desenvolvidas em sua escola de colonos, em novembro de 1920. Sua proposta compreendia tornar a fazenda Hammer em um assentamento modelo e experimental baseado na agricultura e na autossuficiência. O plano tinha como meta habitação e completa autossuficiência alimentar para 100 famílias, além da subsistência hortícola para outras mil famílias, dividindo a área em jardins produtivos, dos quais 62 hectares eram destinados aos colonos de tempo integral (100 famílias) e outros 53 hectares para os colonos de tempo parcial (1000 famílias), conforme divisão da Tabela 3:

169 Conforme tabela do Banco Central Alemão, a equivalência do poder de compra de um Marco em 1921 corresponde a 0,4 Euros pela média do valor em 2018. Ou seja, o montante recolhido pelo município em arrendamento da área equivalia a 3.340 Euros ao ano. Tabela recuperada em: <https://www.bundesbank.de/resource/blob/615162/6ecf04e880e121e47209090ab82b1e1e/mL/kaufkraftaequivalente-historischer-betraege-in-deutschen-waehrungen-data.pdf?__blob=publicationFile>

170 Conforme citação do projeto de lei da Câmara Municipal em Migge (1999, p. 150-151) a preocupação primeira era econômica, após a expiração do antigo arrendamento no fim do mês de março de 1921, em arrendar com novo parcelamento.

Tabela 3 - Relação de áreas projeto fazenda Hammer

RELAÇÃO DE ÁREAS (ha) PROJETO FAZENDA HAMMER 1920-1927						
Situação como fazenda arrendada	Proposta Migge					
Terra arável	125	Jardins produtivos	75	Colonos tempo integral (produção intensiva)	22	80 parcelas de 2.000m ²
						20 parcelas de 3.000m ²
				Colonos tempo parcial	53	900 parcelas de 500m ²
						100 parcelas de 800m ²
Campos e pastagens	31	Campos e pastagens	40	Colonos tempo integral (produção intensiva)		
Casario e jardim	3					
Água	3					
Bosque	14	Bosque (solo arenoso)	50			
Antiga colônia de assentamento	15					
Área total da propriedade	191	Área computada	115			

Fonte: adaptado (Beier 2004, p. 180, 183).

O projeto Hof Hammer se organiza por uma rua de circunvolução principal da qual derivam outras vias de acesso aos lotes, parcelas e as áreas de bosque do assentamento.

O desenvolvimento da obra, seguindo o plano básico de Migge, ocorreu em quatro¹⁷¹ fases entre 1921 e 1927. Somente a partir da autorização das obras houve envolvimento dos arquitetos para projetar as casas do conjunto. Com isso, verifica-se a centralidade do paisagismo atrelado ao planejamento urbano, em detrimento da arquitetura edilícia. De um total de oito sobrados, cinco foram autorizados sob a responsabilidade da *Siedlungsgenossenschaft Kiel mbH* (Cooperativa de Assentamento Kiel Ltda.), assinados por Hans Grabbe. O restante das moradias, casas geminadas e sobrados, foi delegado a diferentes arquitetos funcionários da secretaria municipal de obras e assentamentos, sob chefia, a partir de abril de 1921, de Willy Hahn. O compromisso de Migge em resolver a crise alimentar e habitacional chegava ao ponto de não se ater aos limites de seu campo profissional, buscando opinar e interferir na elaboração arquitetônica, suas propostas, no entanto, sobre a renovação arquitetônica de

171 Segundo Beier (2004, 191). Todavia, a informação contradiz em parte a Tabela 4, uma vez que as áreas públicas tiveram continuidade em uma quinta fase. Além disso, todas as fases já estavam publicadas pela Câmara Municipal em 1924 (MIGGE, 1999, p. 151-152).

seu tempo “permaneceram sem ressonância digna de nota no interior da comunidade dos arquitetos” (BEIER, 2004, p. 191-192).

Se, por um lado, faltou ressonância às ideias de Migge sobre a arquitetura no interior dessa prática profissional, por outro, é de se destacar que um paisagista¹⁷² estivesse absorvendo e elaborando ideias próprias a esse respeito, tendo o paisagismo produtivo como centro das questões que discutiu. Há quem discorde da assertiva sobre os impactos das propostas de Migge na arquitetura moderna. Foi demonstrado, por exemplo, o intercâmbio de ideias entre o paisagista e representantes do *Neues Bauen*: tendo como referência o Glas Pavillon (1914) de Bruno Taut, Migge discutiu indiretamente com o colega o uso da estufa de vidro como modelo não apenas para o cultivo de plantas, mas para a arquitetura¹⁷³ (HANEY, 2010, p.128); Adolf Loos também adaptou as ideias de Migge, incorporando o conceito de pensar a moradia e o jardim produtivo como unidades indissociáveis a ponto de afirmar em sua conferência de abertura na inauguração da Weissenhofsiedlung de Stuttgart, em 1926, que “há que se começar pelo jardim. O jardim é de primeira importância, a casa é secundária” (LOOS, 1926/1962, p. 407-408). Isso indica uma ressonância de seu paisagismo na arquitetura e não o contrário, e há exemplos de que suas propostas arquitetônicas tiveram aderência em alguns casos, que serão tratados adiante.

A situação econômica, no entanto, era desfavorável à realização do projeto e à contratação de Migge, que por pouco não teve seu cargo consultivo interrompido por contingência de custos. A Alemanha estava endividada externamente com os títulos de guerra definidos pelo Tratado de Versalhes, a inflação e a crise econômica só foram controladas a partir de 1924 com o Plano Dawes, com empréstimos dos Estados Unidos — interrompidos com a quebra de Bolsa em 1929. A decisão de dispensar Migge foi revogada por Willy Hahn, poucos dias após este tomar posse do cargo de secretário de obras municipais, em abril de 1921, com o argumento do risco de o projeto Hof Hammer fracassar em seu experimento sem a presença do seu idealizador. Após uma vistoria na obra, constatou-se que esta não seguia os conceitos básicos do projeto. “Não se pode excluir a participação do autor de um projeto com a importância do vigente sem prejudicar o todo” (HAHN apud BEIER, 2004, p. 183). Ao longo dos anos, Migge precisou se defender

172 Migge não frequentou o ensino superior de arquitetura. Havia, no entanto, em sua época, arquitetos-paisagistas formados no curso de arquitetura e que atuavam como paisagistas. Um exemplo foi Alvim Seifert (1890-1972).

173 Migge escreveu uma resenha sobre o livro *Die Stadtkrone* de Taut, publicado em 1919, na revista *Die Tat*. Segundo Haney, Taut leu a resenha e mencionou Migge como um idealista em carta a Ernst Osthaus, editor do seu livro seguinte, *Die Auflösung der Städte* de 1920. A capa demonstra a cidade antiga desmembrada e dispersa em assentamentos que usam o vidro como material transparente. (HANEY, 2010, p. 127-128)

de seus críticos e, no caso de Kiel, contou com o apoio de Hahn e Lueken.

O fator econômico era um dos argumentos utilizados pelo paisagista para defender a autossuficiência e sua proposta organizativa. Esse esforço de convencer pelo aumento de equilíbrio econômico, resultante de uma maior eficiência e produtividade dos jardins produtivos, pautou alguns de seus textos. Ao apresentar a experiência do projeto Hof Hammer em seu livro *Colonização interna alemã: fundamentos da questão do assentamento*, de 1926, Migge divulga os custos totais do projeto (Tabela 4), de 181.747,00 Marcos, valor do qual sugere abater os custos da construção de vias e arborização/reflorestamento (total de 107.287,00 Marcos, não constantes na tabela). Com isso ele pretende indicar uma “rentabilidade resultante” (MIGGE, 1999, p. 152) de 74.460,00 Marcos para uma área de 113,5 hectares de terra arável, passível de arrendamento do município, pelo qual antes se arrecadava 8.350,00 Marcos, com condições de aumentar, numa situação estável da economia, para 9.050,00 Marcos. Conclui:

Como resultado principal dessa iniciativa de política verde da cidade de Kiel é que, em parte com a ajuda da inflação, conseguiu-se criar um parque público por não mais de 10 centavos por metro quadrado, uma despesa que poderia ser coberta por um pequeno aumento da taxa de arrendamento, se necessário (MIGGE, 1999, p. 154)¹⁷⁴.

Sem entrar no mérito da validade e viabilidade econômica do modelo proposto, os investimentos públicos nesse caso deveriam ser cobertos pelo uso produtivo da terra, através do pagamento de taxas de arrendamento, permitindo retornar os investimentos para áreas comuns, parques, bosques, campos e vias, reduzindo o impacto nos cofres públicos. Como resultado, a política de planejamento e implantação de áreas verdes públicas seria impulsionada pelas áreas produtivas, incrementando mais áreas comuns por abater seu “custo social” (MIGGE, 1925, p. 8). Consequentemente, a centralidade da economia agrícola nesse modelo prevalece não só na economia local, mas também na organização social e da cidade. Além disso, o projeto do Hof Hammer aqui é denominado parque público, assemelhando-se às indicações de Maasz (1913), muito embora em proporção de áreas, o uso público representasse pouco mais de 40% em relação às áreas produtivas — o que indica, por um lado, a razão necessária para que as taxas de arrendamento cobrissem os investimentos das áreas não produtivas; por outro, o papel social da atividade hortícola superando as preocupações de recreação e lazer de puro ócio.

174 Trecho no original: Als Hauptergebnis dieses grünpolitischen Vorstoßes der Stadt Kiel ist zu buchen, dass sie allerdings teilweise mit Hilfe der Inflation einen Volkspark für nicht mehr als 10 Pf. je qm anlegen konnte, ein Aufwand, der mit einer geringen Erhöhung des Pachtsatzes notfalls völlig abgedeckt werden könnte.

Tabela 4 - Relação de custo de execução

RELAÇÃO CUSTO DE EXECUÇÃO POR ÁREAS (ha) - 1924				
Fases de execução	Custo total ¹⁷⁵	Áreas produtivas	Áreas públicas	Soma de áreas
Fase1	55.732,00	35	32	67
Fase 2	17.438,00	33	20	53
Fase 3	1.577,00	3	5	8
Fase 4	41.000,00	16,5	4	20,5
Fase 5	27.000,00	-	9	9
Rua B	39.000,00	-	2	2
	181.747,00	87,5	72	159,5
Restante da fazenda	-	26	5,5	31,5
Totais		113,5	77,5	191

Fonte: reprodução tabela (MAGISTRAT KIEL apud MIGGE 1999, p. 152).

Outro aspecto importante em seus escritos, desde pelo menos 1918, com as publicações do Manifesto Verde e do livro *Cada um autossuficiente!*, era a necessidade de formação técnica continuada dos colonos, condição sine qua non tanto para garantir desenvolvimento intensivo da produção, quanto para o sucesso do assentamento no formato idealizado. Nesse sentido, na primavera de 1922, no fim da primeira fase das obras, foram oferecidos dois cursos para colonos, abertos também a não moradores do projeto Hof Hammer, com direção da escola de colonos. Seguindo o conselho de Migge, ainda foram implantados dois jardins produtivos modelo e inúmeras novas construções de abrigos de jardim, *Lauben*, pela secretaria do verde. Além dessas ações, houve ainda palestras, pelo menos três, uma delas em comemoração aos 25 anos da DGG, em 1927. No entanto, o perfil de colono definido não condisse com as aspirações do projeto, declarado como parcialmente fracassado pelo seu maior defensor, Hahn.

¹⁷⁵ Tabela original apresenta os valores com abreviação Mk (Mark), no entanto, em agosto de 1924, a moeda havia mudado para Reichsmark (RM), sucedendo a moeda de transição (novembro 1923 - agosto 1924) para conter a hiperinflação, o Rentenmark (Rent.Mark). A publicação da tabela data de 9 de abril de 1924 (MIGGE, 1999, 151), conclui-se que para efeitos estatísticos o Rentenmark não era empregado.

É verdade que fizemos essas tentativas em um momento inoportuno, com um material humano que não possuía os pré-requisitos internos para o trabalho indispensável. Nós tivemos a experiência de que, sob o signo da escassez de moradias e da opinião da época, muitas pessoas se entusiasmaram no assentamento, sem terem se perguntado seriamente se elas eram realmente adequadas para a atividade do assentamento, conforme é necessário. Nós verificamos a situação principalmente por causa das dificuldades psicológicas da época, em que se acentuou sempre a palavra "ter" e não a palavra "realizar" (HAHN, apud BEIER, 2004, p. 198)¹⁷⁶.

De fato, os colonos integrais mantinham, ou ao menos se esforçavam para encontrar, emprego na cidade. Seu papel enquanto “fazendeiro urbano” era visto mais como uma necessidade econômica do que um convencimento interior. Na prática, os assentados usavam os jardins produtivos mais como solução provisória e, portanto, a produção hortícola como ocupação secundária, não havendo um colono integral, tal e qual idealizado por Migge. Por essa razão, o projeto se adequou a esse fenômeno, reforçando as vagas para colonos parciais, o que acarretou o fracasso da meta inicial da autossuficiência alimentar total. A antiga casa da fazenda Hammer foi o último revés do projeto para Migge. Ele propunha que ali se instalasse uma escola da jardinagem. Os alojamentos da escola para colonos em Worpswede foram destruídos em um incêndio no outono de 1921 (MIGGE, 1923; BEIER, 2004; HANEY, 2010). Com isso, Migge intensificou os esforços para dar continuidade às atividades de sua instituição com participação nos projetos, cursos com demonstração prática e áreas experimentais. O conselho municipal, no entanto, nega por maioria o uso como escola de jardinagem, temendo riscos financeiros. Nesse caso, nem mesmo Hahn defendeu o pedido, temendo, em caso de outro fracasso, arriscar seu cargo como secretário (BEIER, 2004, p. 199).

176 Trecho no original: Es ist wohl so, dass wir diese Versuche zu einer ungünstigen Zeit mit einem Menschenmaterial haben machen müssen, das nicht die inneren Voraussetzungen für die Arbeit mitgebracht hat, wie sie unerlässlich sind. Wir haben die Erfahrung machen müssen, dass sich unter dem Zeichen der Wohnungsnot und aus der Einstellung der Zeit heraus sehr viele Leute zur Siedlung drängten, die sich nicht so ernsthaft die Frage vorgelegt hatten, ob sie wirklich zum Siedlungsberuf so geeignet waren, wie dies notwendig ist. Wir haben aus den psychologischen Schwierigkeiten der Zeit heraus vorwiegend die Einstellung erlebt, dass man immer das Wort „Haben“ betonte und nicht das Wort „Leisten“.

Figura 78 – Sobrados duplos tipo III na Damaschkweg, Hof Hammer nos anos 20. Fonte: BEIER, 2004, p. 195.

A proposta inicial previa 100 famílias no assentamento com trabalho integral para garantir a autossuficiência alimentar total. Esta tipologia abrigava duas famílias e intercala lote com residências e lotes sem, o que indica a área extensiva de produção. A julgar pela imagem, a implantação não seguiu o modelo de cultivo sugerido (Figura 75).

Figura 79 - Casas geminadas na Damaschkweg, Hof Hammer nos anos 20. Fonte: BEIER, 2004, p. 194.

Cada conjunto de casas geminadas abrigava quatro famílias. Não há registros de como se dividiam os jardins produtivos nesses casos. Infere-se a partir da organização proposta por Migge desde Cada um autossuficiente! e projetos anteriores que cada família possuía seu jardim produtivo separadamente.

Figura 80 - Residências do colono parcial no Hammerbusch, Hof Hammer anos 20. Fonte: BEIER, 2004, p. 195.

Para os colonos de tempo parcial a implantação é mais densa, tanto pela proximidade entre as casas, quanto pelo tamanho do jardim produtivo. Ao fundo, os sobrados duplos tipo III na Damaschkweg, com trecho de bosque de acesso público.

Figura 81 - Lagoa de recreação, Hof Hammer, aproximadamente 1927. Fonte: BEIER, 2004, p. 203.

A lagoa foi implantada em 1927 como parte de obras de emergência (BEIER, 2004, p. 203). O assentamento em parte margeia uma área pantanosa do lago Russee. Não se sabe se as obras eram de contenção de drenagem.

Figura 82 - Casas geminadas na Damaschkweg, Hof Hammer, 2004. Fonte: BEIER, 2004, p. 259.

A arquitetura das casas seguiu o modelo tradicional da região de Schleswig-Holstein, um movimento historicista da virada do século, Heimatschutzbewegung, que defendia a preservação do tradicional e vernacular, mesmo que simplificando suas formas e usando novos materiais, como forma de nacionalismo patriótico.

Figura 83 - Assentamento técnico Vorwerk Grünberg, 1924. Fonte: MIGGE, 1924, p. 65.

Projeto realizado após a experiência de Hof Hammer, Migge reformulou o projeto reduzindo o número de áreas para colonos de tempo integral, privilegiando os jardins parcelados. A área total do assentamento era de 370 Morgen (2500 m², ou seja, 92,5 hectares), com 142 lotes de colônias agrícolas e 250 parcelas hortícolas arrendáveis. O texto ressalta a inclusão de tecnologia e equipamentos dos jardins, como irrigação automática, abastecimento de composto e plantio de mudas.

Figura 84 - Casas assentamento Vorwerk, Grünberg, 1926. Fonte: MIGGE, 1999, p. 138.

Apesar de Grünberg se localizar na Silésia, região distinta de Kiel, em Schleswig-Holstein, as construções são muito semelhantes. Estas se diferem pelo motivo geométrico na parede e pelo arco mais abobadado do telhado.

Figura 85 - Assentamento Vorwerk, Grünberg, 1926. Fonte: MIGGE, 1999, p. 137.

Migge ressalta que o assentamento possui seu próprio reservatório de água com vazão de 50m³ por hora. A paisagem local foi motivo de atenção do paisagista, cidade tradicionalmente vinicultora. Por isso, reservou a encosta sul do assentamento para esse cultivo.

Figura 86 - Composteira do assentamento Vorwerk, Grünberg, 1924. Fonte: MIGGE, 1924, p. 46.

Os croquis apresentam detalhes de construção e funcionamento da composteira. Acima, a planta-baixa indica três células em madeira de 5x5 metros (com outras três células tracejadas indicando expansão do sistema), com capacidade total de 112,5 m³; na lateral inclui dois reservatórios em anéis de cimento para captar o chorume. Nos procedimentos (abaixo, à direita) recomenda misturar os resíduos com turfa na proporção 1:1 (até 3:1). Quando se tem o composto pronto e não se usa todo o volume, deve-se empilhar ao ar livre.

Figura 87 - Parcela de jardim, a situação (de tantos ainda) miserável, irracional e triste, sem local e data. Fonte: MIGGE, 1999, p. 34.

Ao propor a produção hortícola intensiva das parcelas de jardim arrendável, Migge criticou o seu uso comumente improdutivo como “descampado para os economicamente inválidos, que nada menos é um descampado para nossos inválidos da Guerra” (MIGGE, 1924, p. 31). Com isso Migge pretendia valorizar o uso hortícola.

Figura 88 - Tipologia para colonos de tempo integral em colônias agrícolas, 1925. Fonte: MIGGE, 1999, p. 65.

Projeto elaborado para a exposição “Lar e Chão”, Heim und Scholle, ocorrida no verão de 1925 em Braunschweig, Baixa Saxônia. Colaborou com Migge o arquiteto Leopold Fischer. Bruno Taut foi contratado pela associação de jardins parcelados da cidade para projetar a área de exposição como um todo e coordenar toda a exposição. Ele definiu que a exposição não deveria ser apenas teórica, mas demonstrar as práticas de jardinagem e horticultura, seus equipamentos e técnicas de cultivo, plantio e criação de animais. Por essa razão, Taut enfatiza que a contribuição de Migge do jardim produtivo era o coração da exposição. Quanto ao nome da exposição, Taut explica que deveria ser compreendido menos em uma acepção sentimental do que uma forte conexão das duas ideias em um conceito unificado do crescimento holístico da habitação com o jardim e a terra (HANEY, 2010, p. 161). A integração entre casa e jardim produtivo tem como elemento-chave o vidro, utilizado tanto no jardim de inverno quanto na estufa.

Figura 89 - Parcela de jardim produtivo modelo, exposição Heim und Scholle, Braunschweig, 1925. Fonte: MIGGE, 1999, p. 42

Situação do jardim um mês depois do plantio. Migge combatia os “trapos arrendáveis”, como o que a Figura 87 representa, e defendia o “verdadeiro jardim produtivo sobejante”, como “precursores de assentamentos” (MIGGE, 1999, p. 10). O modelo exposto reunia a um só tempo o uso intensivo e a difusão das ideias que pregava em seu manifesto.

Figura 90 - Casa do colono de tempo integral. Exposição Heim und Scholle, Braunschweig, 1925. Fonte: MIGGE, 1999, p. 48.

As áreas de vidro oferecem dupla função: a social, como espaço de convívio no inverno, e a produtiva, para cultivo e maturação de frutas. Do ponto de vista arquitetônico, os elementos propostos por Migge dialogam com os princípios da arquitetura moderna da fachada de vidro e de integração entre o interior e exterior.

Figura 91 - Os principais equipamentos do colono de tempo integral moderno: estufa, sistema de irrigação por aspersão e fresadeira, 1925. Fonte: MIGGE, 1999, p. 71.

A agricultura foi um dos nichos de desenvolvimento industrial em sua segunda fase, com os motores de combustão. Os avanços técnicos agrícolas foram indispensáveis para garantir excedentes indispensáveis para a primeira fase da revolução industrial. A industrialização do jardim, como propôs Migge, representa essas relações intrincadas entre campo e cidade, agricultura e indústria.

Figura 92 - Jardim produtivo modelo, exposição Heim und Scholle, Braunschweig, 1925. Fonte: GARRIDO, 2018, p. 50.

Outro elemento de racionalização da produção hortícola são os trilhos, para facilitar o transporte de cargas, como o composto. Migge formulou diversos procedimentos que resultaram em soluções espaciais paisagísticas. Todas elas se baseiam na atividade hortícola, no colono que almeja a autossuficiência através da produção intensiva. Do ponto de vista da organização e divisão do trabalho, isto implicou não apenas na racionalização formal, mas prática de modernização dos procedimentos, técnicas e equipamentos. Formulações semelhantes ocorreram no campo da construção civil, em especial através das propostas de socialização e racionalização da construção de base social de Martin Wagner. Ambos os casos estavam impregnados pelo taylorismo (UHLIG, 1981; TAFURI, 1987).

Figura 93 - Modelo de parcela de jardim arrendável de 350-400 m², exposição Heim und Scholle, Braunschweig, 1925. Fonte: MIGGE, 1999, p. 41.

A exposição exibiu duas tipologias de jardins produtivos projetados por Migge: o jardim intensivo do colono, de maior extensão e incluindo equipamentos e técnicas de racionalização voltadas para a produção hortícola comercial (Figuras 88-92); e um jardim voltado para o uso de fim de semana, típico das parcelas hortícolas arrendáveis. Nele, Migge inclui áreas ajardinadas e de lazer não produtivo, como o gramado e canteiros de flores. O abrigo do jardim (assinalado com o círculo vermelho), denominado “abrigo solar”, *Sonnenlaube*, foi desenhado por Leopold Fischer e também seguia a racionalização construtiva, pensado para produção em massa, de uso intensivo do espaço com múltiplas funções (HANEY, 2010, p. 162).

Figura 94 - Modelo de parcela de jardim arrendável (variação), exposição Heim und Scholle, Braunschweig, 1925. Fonte: MIGGE, 1999, p. 43.

Ao fundo o "abrigo solar", alinhado com o corredor de entrada e cercado para apoiar cultivos de trepadeiras.

Figura 95 - Abrigo solar (modelo de abrigo), menor tipologia de abrigo para pernoite e convívio, 1925. Fonte: MIGGE, 1999, p. 51.

Cômulo de 3,5x2,5 metros. Inclui duas camas, nichos para cozinhar e lavar, armário e depósito de ferramentas. Indica a instalação do banheiro seco "metroclo" (Figura 98) e composteira nas proximidades. Alojamento para até 10 [sic] pessoas. O projeto incorpora a eficiência e compactação de espaços como as cabines de trem ou de barco, mas não por falta de espaço, a restrição construtiva assinala a preponderância e importância do jardim, invertendo a relação edifício e jardim: o abrigo (arquitetura) é o acessório do jardim (paisagismo). A restrição de espaço do abrigo praticamente obriga a maior permanência no jardim, em atividades ao ar livre.

Figura 96 - Abrigo solar da Escola de Colonos Worpsswede, 1925. Fonte: MIGGE, 1999, p. 50.

A descrição da foto (MIGGE, 1999, p. 50) frisa as cores azul-esverdeado por fora e amarelo por dentro e os mastros para bandeiras. Observar a esfera de vidro em cima da cobertura e outras dispostas em linha (lado direito da foto); elemento largamente usado por Migge desde seus projetos de jardim residencial, ou margeando o espelho d'água do jardim da IBA (Figura 45). Além de ser um elemento plástico, esferas de vidro são altamente reflexivas, o que poderia auxiliar na orientação à noite, refletindo a luz da lua.

Figura 97 - Abrigo solar, variação, Worpsswede, sem data. Fonte: REUß et al., 1981, p. 26.

Leberecht Migge, um de seus oito filhos, e sua esposa, Andrea, usufruem de uma variação com portas duplas com janelas de vidro do abrigo solar. Em outubro de 1920 Migge e sua família se mudaram para a colônia de artistas em Worpsswede, conhecida pela iniciativa do arquiteto, artista plástico e pedagogo Heinrich Vogeler (1872-1942), onde fundou sua escola de colonos.

Figura 98 - Banheiro seco "metroclo", 1924. Fonte: MIGGE, 1924, p. 49.

Apesar de os sistemas de descarga e água encanada na época não serem universais e a latrina ser um uso comum, especialmente em áreas afastadas do centro urbano, o uso das fezes humanas na agricultura definitivamente não era um hábito da cultura alemã. Naturalmente, nas discussões em revistas técnicas de engenharia, a proposta era alvo de críticas. No entanto, seus maiores opositores foram seguidores da agricultura biodinâmica de Rudolf Steiner (1861-1925). Em especial Max Karl Schwarz (1895-1963), que frequentou a escola de colonos de Migge e posteriormente aderiu à escola biodinâmica. Steiner rejeitava o uso de fezes humanas não por razões sanitárias, mas por uma visão cosmológica do papel do ser humano em relação aos outros seres. Sua crença era de que as fezes humanas não continham o "fator do eu". O composto ideal para Steiner provinha do estrume da vaca (e não do boi), pois ela captaria as informações cósmicas pelos chifres e elaboraria essas informações através da digestão (STEINER, 2010; HANEY, 2010). Migge tinha a China como referência cultural do uso das fezes humanas na agricultura.

Figura 99 - Abrigo de jardim tipo II, Margarete Schütte-Lihotzky (1897-2000), 1928. Fonte: BAUMEISTER, 1928.

Outra discípula de Adolf Loos também desenvolveu 4 tipos de abrigos de dimensões mínimas a fim de atender diversas exigências da “norma para construções pequenas de Frankfurt” para os jardins parcelados de Frankfurt, sob direção de Ernst May. Conhecida por desenvolver a cozinha Frankfurt, Schütte-Lihotzky também trabalhou em conjunto com Migge na *Siedlung Römerstadt*. O tipo II de abrigo de 1,60x2,40 metros incluía um leito, banco e mesa, fogão, nicho para roupas, prateleiras para louças, um armário para ferramentas, garagem de bicicleta e terraço. Essa tipologia poderia ser dupla, compartilhando a cobertura, a execução dos abrigos exigia aprovação do departamento de jardins da secretaria municipal de assentamentos.

4.3. A autossuficiência pautando o planejamento urbano: o cinturão verde de Kiel

No território germânico os cinturões verdes começaram a ser propostos desde o

início do século XX. A proposta teórica do cinturão verde como instrumento urbano, no entanto, foi de Dohna-Poninska, que 50 anos antes dessas discussões serem pauta do urbanismo sugeriu um “anel verde”. Em 1874 Dohna-Poninska publicou o livro *As cidades grandes em sua crise habitacional e os fundamentos de uma solução radical*¹⁷⁷ sob o pseudônimo “Arminius”¹⁷⁸. Nessa obra, a autora chama a atenção para os arrabaldes das cidades, vislumbrando neles a função de lazer. Seu argumento para a implantação de um cinturão verde concentrava-se nas funções recreativas dos campos de cultivo agrícola. Anos depois, em 1905, o município de Viena implantou seu cinturão de floresta e prados, as pequenas excursões e recreio registram seu uso urbano, muito embora as áreas fossem agrícolas. Assim, uma área agrícola produtiva transformava-se em espaço de recreio e descanso, a própria paisagem agrícola tornava-se cenário e o agricultor tornava-se objeto de contemplação estética (LOHRBERG, 2001, p. 9-14). O uso agrário do cinturão, embora fosse subentendido, não foi tema de discussão nos campos do urbanismo e paisagismo, e sua importância foi pouco reconhecida — a ponto de se sugerir, em casos de terras cultiváveis dos arrabaldes das cidades, que fossem arborizadas ou mantidas como prado até que seu uso fosse redefinido (LOHRBERG, 2001, p. 12).

Nesse sentido, a proposta de Migge para a expansão do cinturão verde de Kiel contrasta-se com os debates vigentes no período, pois no interior do planejamento urbano sua ênfase foi a função agrícola, como função econômica. Ela revela ao mesmo tempo o alcance e aderência de suas ideias, bem como seus limites e fragilidades. Esta seção concentra-se nessa proposta, que não chegou a ser um projeto, mas um estudo de viabilidade reunindo, a um só tempo, agricultura e recreação, no qual o paisagista prescreveu em termos técnicos, organizacionais e administrativos a forma de se alcançar os objetivos de uso das áreas do cinturão. O objetivo principal era a autossuficiência de abastecimento alimentar da cidade, elevando a escala desse conceito à escala municipal.

Essa segunda grande contratação de Migge pela câmara municipal de Kiel foi garantida pela intercessão de Lueken e Hahn. O escopo era um parecer tanto econômico quanto técnico do solo para fundamentar a expansão do cinturão verde de Kiel, planejada por Hahn. Conforme consta na ata de reunião de 22 de dezembro de 1921, que decidiu sobre a contratação do paisagista, o prefeito da cidade, ao argumentar a favor, elenca as seguintes qualidades profissionais: talento organizacional, tanto para mobilizar as associações, quanto para elaborar formas de propaganda e difusão. Lueken apresentou Migge ao conselho municipal como “pai do pensamento da horticultura intensiva”,

177 Título no original: *Die Großstädte in ihrer Wohnungsnoth und die Grunlagen einer durchgreifenden Abhilfe*.

178 Mencionamos Arminius no capítulo 2.

ressaltando evasivamente que “ao ser incisivo em apontar aquilo que as autarquias são incapazes de fazer, ele alcançará [não fica claro o quê] através da instrumentalização das associações” (MAGISTRATSSITZUNG apud BEIER, 2004, p. 185). Deduz-se, com isso, os efeitos de persuasão, bem como quais características eram apreciadas e relevantes para aquele grupo político nas circunstâncias do pós-guerra.

Em 1922 Hahn e Migge publicaram uma brochura contendo a proposta de expansão do cinturão. Hahn assina o primeiro capítulo, intitulado “O cinturão verde como tarefa urbanística”. Nele, o urbanista aborda o histórico de desenvolvimento urbano da cidade que se baseou no plano urbano de Stübben. Conforme a interpretação de Hahn, Stübben equipara os limites do município com o limite do plano de expansão urbana, para o qual o edifício de apartamentos era essencialmente a norma. A questão das áreas verdes permanecia sem solução, o que recebeu críticas com o passar dos anos. Por essa razão, entre 1905 e 1908, a secretaria de infraestrutura sugeriu um conjunto de parques e um cinturão verde na porção oeste da cidade (HAHN, & MIGGE, 1922, p. 6). Hahn aproxima as necessidades sociais por áreas verdes para descanso e lazer com a atividade hortícola. Estas seriam contempladas com o desenvolvimento do cinturão verde:

Se o urbanismo é visto como arte, de dar forma visível às necessidades vivas de todos os moradores da comunidade urbana, então isso deve ser particularmente impressionante quando se trata de abordar a questão do cinturão verde. A técnica mais antiga de planejamento urbano acreditava que essa necessidade se revolia com algumas áreas decorativas de parque e anéis viários arborizados representativos. [...] *A questão da necessidade do cinturão verde das cidades modernas pode ser hoje essencialmente considerada como resolvida, ela é determinada pelas demandas da população urbana por recreação em suas diversas formas, e pelas demandas da administração alimentar urbana* (HAHN, & MIGGE, 1922, p. 6)¹⁷⁹.

Hahn lista as tipologias de áreas verdes para contemplar as necessidades de descanso e lazer da população no cinturão: parques, cemitérios, áreas esportivas, estádios e colônias agrícolas. Ao justificar o uso hortícola das áreas verdes, afirma que a paixão pelo jardim é tão antiga quanto a humanidade, e menciona o surgimento dos primeiros jardins parcelados em Kiel no século anterior, quando o rei dinamarquês Friedrich VI, soberano de Schleswig-Holstein, doou jardins aos pobres ao invés de dar ajuda em dinheiro. Ressalta, no entanto, que os então ocupantes das parcelas de colônias agrícolas

179 Trecho no original: Wenn man im Städtebau die Kunst sieht, dem lebendigen Bedürfnis aller in der städtischen Gemeinschaft lebenden Bewohner sichtbarer Gestalt zu geben, so muß sich das besonders eindrucksvoll in der Aufrollung der Grüngürtelfrage erweisen. Diesen Bedürfnis glaubte die ältere Bebauungsplantechnik mit einigen mehr dekorativen Parkflächen und repräsentativen Parkringsstraßen hinreichend Rechnung zu tragen. [...] *Die Bedürfnisfrage des Grüngürtels der modernen Städte kann heute im wesentlichen als geklärt gelten, sie ist festgelegt durch Forderungen der städtischen Bevölkerung nach Erholung in ihren verschiedenen Formen und Forderungen der städtischen Ernährungswirtschaft.*

estavam sob constante ameaça, pois cedo ou tarde cediam o chão de lavram para a urbanização. Como solução, Hahn diz assegurar o uso antecipadamente no plano de expansão, vetando a construção nas áreas assinaladas como colônias agrícolas. Sua localização é determinada pela proximidade da zona de moradia verticalizada, evitando deslocamentos superiores a meia hora para garantir usufruto das áreas pelos moradores. Em seu plano a densidade habitacional seria graduada, limitando as áreas verticalizadas às zonas de expansão com densidade de mil habitantes por hectare, estimando que, no mínimo, 25 mil famílias destas áreas fariam uso das colônias agrícolas do cinturão.

Assim, no quesito do zoneamento das áreas verdes em relação à moradia, Hahn adotou um modelo elaborado por Martin Wagner em 1915 em seu doutorado, ao dispor de área verde próxima das moradias verticalizadas, que deveriam acompanhar a proporção das áreas não verticalizadas. E a aproximação da jardinagem com descanso e lazer, em especial a produção hortícola, reproduz a proposta de Migge de inserir a jardinagem como atividade dos parques e de relação do corpo com a terra. Para Hahn o arrendamento das parcelas era o propulsor do pensamento da casa própria e supria ao homem comum uma casinha no verde (BEIER, 2004, p. 137), pois “do cidadão já foi arrancado o chão, tanto pelo trabalho, quanto pelo modo de vida” (HAHN apud BEIER, 2004, p. 138). A execução do conjunto resultaria em uma cidade como um organismo vivo, que mantém em equilíbrio o uso do solo rural e urbano:

Ao organizarmos as diferentes necessidades dessa maneira e darmos a elas espaço e forma dentro da cidade como um todo, então nós chegaremos a uma *estrutura lógica da cidade como um organismo vivo*. Nós passaremos da casualidade sistemática das aglomerações arbitrárias à expansão de um quadro geral pré-determinado, que atende também aos primeiros requisitos básicos de forma urbanística e artística, substituindo os efeitos aleatórios por uma composição caracterizada e delimitada (HAHN, & MIGGE, 1922, p. 9)¹⁸⁰.

Hahn e Migge concebem juntos o plano de expansão, que estava associado às concepções do assentamento urbano de Hof Hammer, e apresentam a proposta à câmara municipal no início de junho de 1922 (BEIER, 2004, p. 185). Os princípios do plano de expansão estavam baseados no plano de desenvolvimento urbano de Kiel, elaborado por Hahn a partir das ideias da cidade-jardim, e na análise da relação entre solo e resíduos, desenvolvida por Migge. A diretriz de economia urbana fundamental apresentada em seu parecer compreende que “todo solo urbano é valioso” (HAHN, & MIGGE, 1922, p. 11-20) e,

180 Trecho no original: Ordnen wir solcherart die verschiedenen Bedürfnisse und geben ihnen Raum und Form innerhalb des Stadtganzen, so kommen wir zu einem *folgerichtigen Aufbau des Gesamtstadt als lebendiger Organismus*. Wir gelangen planmäßig von den Zufälligkeiten willkürlicher Agglomerationen zum Ausbau eines vorgeschauten Gesamtbildes, das die ersten Grundforderungen auch städtebaukünstlerischer Art erfüllt, indem es an die Stelle zufälliger Auswirkungen bestimmt begrenzte charakteristische Gebilde setzt.

por conseguinte, o uso do solo, fosse agrícola ou residencial, deveria ser intensivo. O racionamento e privação de bens alimentícios e de moradia, marcas do pós-guerra, para a qual as cidades também deveriam atentar, orientavam sistematicamente a uma economia voltada para a produção agrícola. O objetivo era alcançar no menor prazo possível, através da expansão do cinturão verde de jardins produtivos, a autossuficiência de abastecimento da cidade em produtos de hortaliças, batatas e frutas. “No entanto, para alcançar os níveis mais altos possíveis, os jardineiros, que estão atrasados em termos de horas de trabalho, equipamentos e métodos de cultivo, devem ser introduzidos com maior eficiência” (BEIER, 2004, p. 185).

Se para Hahn o cinturão verde é uma questão de urbanismo, de dar forma e espaço às demandas sociais, para Migge o cinturão é um fator importante para a economia urbana: Kiel como cidade portuária deveria, por medida de segurança, garantir sua economia local de abastecimento agrícola¹⁸¹. Para isso, Migge defende intensificar o uso agrícola das colônias existentes, que somavam cerca de 30.000 parcelas, em aproximadamente 1200 hectares. O aumento dos rendimentos e da eficiência seria alcançado com a inclusão de equipamentos e desenvolvimento técnico. Para fomentar essa mudança na produção agrícola, Migge propõe a fundação da Sociedade de Cultura Rurbana, *Stadt-Land-Kultur-Gesellschaft*, uma empresa de economia mista de ações atuando diretamente com os arrendatários, dispondo como órgão técnico o departamento municipal de jardinagem e como representante administrativo o departamento municipal de águas e resíduos. Suas tarefas eram: produzir composto a baixo custo e administrar a gestão de resíduos urbanos e o abastecimento de água; mediar a compra de sementes, mudas, insumos e equipamentos necessários, bem como implantar, posteriormente, seu próprio viveiro; desenvolver jardins modelo para difusão e formação continuada, organizar cursos e palestras e implantar campos experimentais e de ensino prático; assumir algumas tarefas administrativas do município como gestão de escolas de jardinagem, parques de recreação e a fiscalização do cinturão verde.

O esquema proposto por Migge se baseia na reorganização da gestão dos resíduos urbanos de modo descentralizado, com cinco pátios municipais de compostagem distribuídos nas proximidades dos pontos de consumo — as colônias agrícolas. Além disso, o ideal proposto era o aproveitamento total dos resíduos, ao invés do seu descarte. A estimativa de demanda anual de composto para o número existente de parcelas hortícolas era de 90 mil metros cúbicos, o dado mais atual (janeiro de 1922) apresentado por Migge na publicação era um total de 72.400 metros cúbicos de resíduo produzidos na cidade ao

¹⁸¹ Durante a guerra a comunicação dos portos foi interrompida, o que desfalcou o abastecimento de parte dos produtos. Com o fim da guerra a Alemanha ainda precisou recuperar as relações com o mercado consumidor externo, fato que impactou economicamente as cidades portuárias.

ano. Para completar o volume, ele sugere acrescentar estrume de gado. Desse modo, Migge acreditava transformar o fardo dos resíduos em composto de baixo custo de produção, fortalecendo o comércio local, ao mesmo tempo que aumentava a capacidade produtiva do solo e reinstaurava o ciclo natural dos nutrientes no solo, “com o qual toda forma de existência humana, mesmo as mais desenvolvidas, está conectada desde a vida até a morte” (HAHN, & MIGGE, 1922, p. 21).

Em linhas gerais, Migge divide os resíduos urbanos em quatro grupos: fezes, lixo doméstico, resíduo urbano das vias e esgoto. Sua gestão em Kiel naquele momento consistia em reunir os três primeiros em aterros sanitários e posteriormente incinerá-los na usina, enquanto o esgoto era lançado [ao mar]. O maior problema na reorganização dos resíduos seriam as fezes, uma vez que a cidade havia implantado o sistema de descarga hidráulica, pois seu uso dessa forma reduzia a qualidade e aumentava o tempo de compostagem. Sua reformulação considera três fases da gestão: produção, transporte e consumo. A primeira fase propunha a separação dos resíduos no local de produção. Além disso, para seu consumo, o resíduo deveria ser decomposto e, se necessário, enriquecido com fertilizante mineral (calcário e fósforo). Já quanto ao transporte, Migge discute o custo do sistema hidráulico, fazendo uso de enorme quantidade de água como veículo de dejetos, além dos custos de energia para bombear, e afirma ser contraditório querer reduzir o custo de transporte dos resíduos aumentando cem vezes sua carga. Por fim, defende o transporte dos resíduos, de preferência em estado sólido, seco e processado, no menor trajeto possível entre os focos produtor e consumidor. Ressalta-se a ausência de propostas para uso e/ou destinação dos resíduos industriais, ignorando assim tanto o seu potencial como composto (possível em alguns casos), quanto o seu impacto na gestão dos resíduos urbanos.

Além de detalhar com tabelas a composição química de cada tipo de resíduo, pré-dimensionar os pátios de compostagem de acordo com a estimativa de resíduos e tratar dos custos de produção, etapas do processo, etc., Migge também trata do consumo de água para irrigação e estima a demanda de irrigação em 100 metros cúbicos por parcela ao ano. Considera o regime de chuvas da região (média de 600 a 700 milímetros anuais) e, tal qual em seu livro *Cada um autossuficiente!*, alerta para o uso das águas pluviais e de descarte doméstico (pia e banheira). Nesse caso, no entanto, trata-se de volumes de reserva. Sua proposta para cobrir a demanda se baseia no uso da água de abastecimento, também um modelo descentralizado de distribuição por região de acordo com a proximidade das fontes. Por fim, Migge apresenta as ferramentas e o maquinário que auxiliaria no aumento da produtividade agrícola e destaca o sistema de irrigação por aspersão, os maquinários motorizados como a fresadora e a sementeira.

Em 1926 Migge publica *A Colonização interna alemã – Fundamentos do Assentamento (Deutsche Binnenkolonization – Sachgrundlagen des Siedlungswesens)*, em que inclui o projeto de Kiel como estudo de caso e reitera suas propostas de autossuficiência, de ocupação intensiva do campo integrado à cidade, propondo um modelo de ocupação que nomeia “cultura do campo rurbaro”, *Stadtlandkultur*.

A cultura do campo rurbaro foi eleita para solucionar os atuais problemas de gestão do solo da cidade em apuros, desemprego e gestão de resíduos: cultura do campo rurbaro significa segurança [alimentar], rejuvenescimento significa reconstrução da cidade moderna petrificada em cidade-jardim verde (MIGGE, 1999, 89)¹⁸².

O termo *Stadtlandkultur* congrega itens divididos em três grupos: as áreas verdes funcionais, as sociais e as laborais¹⁸³. Pertencem ao primeiro grupo as atividades agrárias e florestais/ extrativistas; ao segundo, as áreas destinadas às práticas sociais, cemitérios, parques, jardins e áreas de preservação natural; ao último, as atividades de comunicação/logística, indústria e exploração de minas. Migge propunha com isso combater uma tendência característica dos países industrializados: o êxodo rural e a perda de força de trabalho campesino, aliando a isso a construção de moradias¹⁸⁴. Salienta-se nas propostas de Migge um esforço em costurar a modernidade e a cultura urbana com as tradições campesinas aprimoradas com equipamentos industriais e técnicas, que hoje são classificadas como ecológicas e estiveram alinhadas, no mais das vezes, às políticas habitacionais desenvolvidas em novas áreas da cidade, objeto dos projetos de *Siedlungen*. Em *A colonização interna alemã*, ele apresenta duas experiências que anteciparam as realizações consagradas de Berlim e Frankfurt: o cinturão verde de Grünberg e o cinturão agrícola¹⁸⁵ — nos moldes do *Stadtlandkultur* — de Kiel. Em ambos os casos, Migge fomentou não só a produção intensiva de pequena e média escala integrada à gestão de resíduos, projetando estratégias logísticas, como também a organização comunal dos assentamentos:

182 Trecho no original: *Stadtlandkultur ist das Mittel, gestörte Stadtleben bedrängenden Probleme, wie das Boden- das Arbeitslosrn- oder das Abfallproblem zu lösen: Stadtlandkultur heißt Sicherung, heißt Verjüngung, heißt Wiederaufbau der versteinten modernen Stadt als grüne Gartenstadt.*

183 O termo em alemão é *Werkflächen*, optou-se por traduzir como laborais para não estabelecer antagonismo entre produção rural e urbana, o que seria incoerente com o pensamento conciliador de Migge.

184 Entre 1925 e 1933 a população da Alemanha cresceu a ponto de recuperar a marca populacional de 65 milhões do pré Guerra. O percentual de produtores rurais reduziu de 30,5 para 28,9% (STURM, 2011, p. 39).

185 Na apresentação do manuscrito de 1922 o prefeito de então, Emil Luecken descreve a expansão do cinturão verde (*Grüngürtel*) em cinturão de cultivo (*Kulturgürtel*).

Para a realização gradual da tarefa de colonização do cinturão verde, por sugestão do autor, a cidade [de Grünberg] fundou a "Sociedade Stadtlandkultur m.b.H". [...] Além das habituais tarefas urbanas relativas aos esportes e jogos, aos cemitérios, etc. [...], ela estabeleceu e intensificou a constante expansão da agricultura urbana, construindo grandes instalações experimentais, em especial concebeu o "Vorwerk" como um exemplo de um grande assentamento técnico (MIGGE, 1999, 133-134)¹⁸⁶.

Em Kiel, Migge projeta a partir de uma situação real as propostas contidas em Cada um autossuficiente! e no Manifesto verde. Incluía o zoneamento da expansão do cinturão verde, um sistema descentralizado de gestão dos resíduos — produção, processamento e consumo — e de abastecimento de água. Formulou, ainda, uma empresa para centralizar as atividades do plano, uma forma de conduzir o desenvolvimento que possivelmente incluía direta ou indiretamente sua escola de colonos. Por um lado, a Sociedade de Cultura Rurbana demonstra as preocupações de execução que efetivamente implicavam uma transformação cultural, desde a forma de se relacionar com as próprias fezes na escala individual (banheiro seco) ou a gestão dos resíduos na escala urbana até o comprometimento de produção agrícola como tarefa econômica; por outro lado, ela também demonstra a fragilidade e os riscos de fracasso da proposta: seja por falha administrativa de uma empresa de interesse público como a sugerida por Migge, seja por falta de aderência cultural dos arrendatários a uma empreitada que não foi desejada, indicando, inclusive, um aspecto autoritário. Sua utopia era apresentada em números, em ganhos produtivos, econômicos, o que tendia a não convencer aqueles que seriam os braços implicados na mudança, uma vez que se tratava de aderir a novos hábitos.

Enquanto seus textos convocam para um trabalho comunitário que tem a família como núcleo principal e a autossuficiência como objetivo, no cinturão verde de Kiel, a autossuficiência é colocada como uma questão de economia urbana, que organiza a cidade. A ampliação de escala e compromissos tornou o projeto mais complexo, demandando uma centralização de poder da secretaria de obras que Hahn não possuía, embora fosse seu desejo desde sua candidatura ao cargo¹⁸⁷. Em especial, ele não

186 Trecho no original: Zur allmählichen Verwirklichung der im Grüngürtel vorgezeichneten kolonisationsaufgabe hat die Stadt auf Anregung des Verfassers die „Stadtlandkultur-Gesellschaft m. B. H.“ gegründet. [...] Sie hat neben den üblichen städtischen Grünaufgaben für Sport und Spiel, für Friedhöfe u.a.m. [...] sie hat eine sich noch ständig erweiternde städtische Landwirtschaft etabliert und intensiviert, sie hat große Versuchsanlagen errichtet, und sie hat vor allem das „Vorwerk“ ausgelegt, als Beispiel einer technischen Großsiedlung.

187 Em sua tese de doutorado Hahn critica a situação dispersa dos departamentos de urbanismo na Alemanha. Antes da guerra tinha apenas quatro cidades possuíam repartições técnicas independentes para tratar da expansão da cidade, normalmente chefiada por arquitetos. Hahn foi o primeiro secretário técnico a ocupar o cargo em Kiel, e só aceitou se candidatar se sua pasta incluísse todos os departamentos de obra. O departamento de infraestrutura foi o único que não foi entregue, embora Hahn tenha conseguido assumir parte de suas atribuições (BEIER, 2004, p. 70-83).

conseguiu centralizar a pasta de infraestrutura, *Tiefbauamt*, que, entre outras tarefas, deveria determinar o projeto, execução e manutenção dos sistemas de esgotos, portos e outras obras hidráulicas (BEIER, 2004, p. 77), ou seja, justamente o departamento-chave para a reorganização da gestão dos resíduos proposta por Migge não estava sob o controle de Hahn, reduzindo as chances de execução. Dos registros oficiais, sabe-se que a Sociedade chegou a ser fundada em junho de 1922, mas não se registrou atividades da mesma, do que se deduz que não atendeu às altas expectativas (BEIER, 2004, p. 199).

As tarefas da Sociedade de Cultura Rurbana exigiam relações políticas e sociais bem azeitadas, o esforço organizacional de Migge teria pouca penetração ou impacto no desenvolvimento de suas propostas sem um real engajamento social e uma articulação política disposta a investir na complexa organização econômico-administrativa. Ainda que Migge pareça ciente desse empenho e radicalidade, e pudesse contar com o esteio político de Lueken e Hahn, as ações possíveis parecem ter sido insuficientes para realizar de fato a proposta em sua totalidade. Apesar disso, Migge divulgou seu trabalho nos artigos de revistas especializadas e em sua própria revista, *Siedlungs-Wirtschaft*, publicada como suplemento da revista de Ernst May, *Schlesisches Heim*, enquanto este foi chefe do departamento de assentamentos rurais da Silésia entre 1919 e 1925. Com isso, Migge recebeu o convite para elaborar planos semelhantes em outras cidades: o cinturão verde de Grünberg, na Silésia (1920-1921), o estudo para o aproveitamento de resíduos na produção agrícola da cidade de Gollnow (1922) — atualmente Goleniów, Polônia — e o estudo para o desenvolvimento da colonização verde de Frankfurt a. Main (1929).

Em colaboração com Ernst May, Migge fez um estudo de como elaborar as áreas livres entre o projeto de cidades satélites de Frankfurt e o núcleo existente. O incremento de área verde por habitante, segundo Migge, alcançaria 200 metros quadrados, mas essa proporção seria economicamente inviável como parque. A título de solução, propõe tipos de jardins colonizadores: jardins produtivos em assentamentos, colônias agrícolas com jardins parcelados e hortas para fins comerciais (LOHRBERG, 2001, p. 26-27). A inclusão e assimilação das parcelas de jardim arrendáveis e dos jardins produtivos associados à moradia assinalam a ressonância do paisagismo produtivo de Migge no desenvolvimento das *Siedlungen*, bem como no planejamento urbano e em alguns projetos arquitetônicos.

Além de May, outros urbanistas do movimento moderno aderiram de uma forma ou de outra às ideias de Migge. Bruno Taut, por exemplo, sugere que o sistema de áreas verdes de Magdeburgo poupe recursos implantando mais superfícies hortícolas e vias com frutíferas; Fritz Schumacher também desenvolveu suas ideias do sistema de áreas verdes de Colônia a partir das teorias de Migge (LOHRBERG, 2001, p. 28). Ainda em 1920, Migge fundou com Martin Wagner duas Sociedades de Cultura Rurbana, uma para a grande

Berlim e outra para a grande Hamburgo, que tinham como objetivo conduzir a cerca de dez milhões de moradores urbanos a seus antigos locais de residência, transformando-os em comunidades em moradias unifamiliares com jardim produtivo, o que falhou (GARRIDO, 2018, p. 41). Mesmo entre os desafetos ou arquitetos com os quais Migge não colaborou pessoalmente, suas propostas receberam reconhecimento: Walter Gropius (1883-1969), embora tenha criticado a *Siedlung Dessau-Ziebigk*¹⁸⁸ (1926-1928), que considerava uma cópia de seu projeto *Siedlung Törten* (1926-1928), também em Dessau elogiou os jardins produtivos de Migge. Anos mais tarde, Hannes Meyer (1889-1954) reconheceu o valor arquitetônico de Dessau-Ziebigk, elogiando o “sistema Migge” das pequenas moradias com jardins intensivos e admitindo ter sido isto um dos mais importantes avanços da moradia social na Alemanha dos anos 20 (GARRIDO, 2018, p. 47).

Apesar desses efeitos e o reconhecimento, a linhagem do paisagismo de Migge produtivo ficou sem herdeiros. Com a morte do paisagista em 1935, o exílio de muitos dos seus colegas modernistas¹⁸⁹ e o avanço do nazismo — e com ele o fortalecimento da ideologia do “solo e sangue” — suas ideias não tiveram continuidade. Ao contrário, Migge não teve sucesso em obter comissões dos nacional-socialistas, ainda que tivesse adequado seu discurso nos artigos que escreveu na época, suas convicções diferiam substancialmente em pontos-chave da posição dos nacional-socialistas: enquanto Migge esteve comprometido com a cultura urbana, o desenvolvimento tecnológico e social, sem nunca mencionar o culto ao campesino como progressivo, a política de assentamentos e da agricultura nazista cultuava o retorno ao campo e enaltecia o camponês por seu vínculo ao solo (HANEY, 2010, p.253-254).

4.4. O jardim produtivo e a autossuficiência: legados de um *outro* paisagismo

Reconhece-se como inovação do paisagismo produtivo, a partir do funcionalismo formal do paisagismo arquitetônico, a analogia das tipologias verdes com as engrenagens de uma máquina (MIGGE, 1913a), pois, com isso, Migge propunha a industrialização do paisagismo, passo importante para desenvolver os jardins produtivos de base intensiva (MIGGE, 1919), objetivando a socialização do jardim. Ademais, a analogia também demonstrou o convencimento que Migge tinha na tecnologia como expressão cultural da época e o grande impacto do *Werkbund* sobre o desenvolvimento do paisagismo produtivo

188 Conhecida como Knarrbergsiedlung (GARRIDO, 2018) o projeto foi desenvolvido por Leopold Fischer, discípulo de Adolf Loos e colaborador de Migge na escola de colonos. Dentre os projetos de Siedlung com a proposta de autossuficiência, esta foi a com maior sucesso de implantação e funcionamento (HANEY, 2010).

189 Embora Migge tenha ao poucos se afastado dos seus colegas de esquerda (May, Wagner e Taut), ao elogiar a maioris nacional-socialista no Parlamento, em 1932. As cartas que estes trocaram ao tomarem conhecimento de sua morte revelam uma profunda admiração por sua personalidade e talento (HANEY, 2010, p. 265-266).

em seus anos de formação. No entanto, as preocupações sociais identificáveis nos textos de Migge (1909b, 1911, 1913a, 1919) o afastam dessa mesma instituição como referência¹⁹⁰. Os comentários que fez ao longo dos anos a esse respeito estiveram acompanhados, em geral, do questionamento sobre a função social do paisagista e os rumos da profissão. Com isso, Migge disputava uma centralidade do paisagismo na elaboração dos projetos, o que, a despeito das realizações que alcançaram grandes escalas em cidades importantes da Alemanha e em colaboração com muitos arquitetos e urbanistas modernos, encontrou obstáculos e limites.

Os projetos variaram no grau efetivo da centralidade do paisagismo produtivo. Dentre os apresentados em maior detalhe no presente trabalho, Migge possuiu maior liberdade e poder na determinação espacial nos projetos de Kiel: o assentamento autossuficiente de Hof Hammer e a expansão do cinturão verde. As razões para isso foram tanto a urgência socioeconômica de se garantir o abastecimento alimentar após a fome assolar o país durante e após a Primeira Guerra Mundial, quanto de sua relação profissional com dois políticos influentes, Emil Lueken e Willy Hahn para a execução de projetos no município. Embora a realização tenha sido parcial e a aderência da população não ter atendido as expectativas idealizadas, o projeto rendeu a Migge outras contratações semelhantes. No início da década de 20, sua notoriedade como “arquiteto para a horticultura e assentamentos” foi estabelecida, momento no qual ele passou a atuar nos projetos das *Siedlungen* de seus colegas modernos.

O vínculo do paisagismo produtivo com a terra, somado aos conceitos mais pragmáticos com enfoque na técnica e na cultura urbana, corroborou para a ambiguidade da proposta da autossuficiência e do mundo urbano idealizados por Migge. Com a ascensão nazista, a despeito da simpatia demonstrada pelo paisagista (HANEY, 2010, p. 252), essa formulação de autossuficiência tornou-se inapropriada para os objetivos do partido, resultando em maior isolamento do profissional¹⁹¹. Ao mesmo tempo, a perseguição nazista aos arquitetos modernistas implicou na fuga de muitos para o exílio, dispersando-os pelo mundo. Afastado de seus colegas arquitetos, isolado profissionalmente e sendo atacado pelos paisagistas mais atrelados ao partido nazista, seu falecimento, em 1935, foi um duplo infortúnio: o paisagismo produtivo perdeu seu formulador e principal propagador, e, ao morrer quando Hitler já concentrava todo o poder, seu ocaso foi praticamente instantâneo.

190 Suas preocupações sociais tiveram origens diversas, durante a pesquisa nomes como de Heinrich Vogeler, Gustav Ammann, Martin Wagner, Bruno Taut e Ernst May surgem como referência às inclinações socialistas de Migge, muito embora ele não tenha sido militante (HANEY, 2010).

191 Dois de seus principais desafetos, Hermann Koenig e Alvim Seifert, tornaram-se os principais nomes do paisagismo no período nazista, agindo de maneira propositada para prejudicar Migge em suas investidas profissionais (HANEY, 2010, p. 224, 255-256).

Assim, a parcela de jardim arrendável foi ponto de partida para o paisagismo produtivo ganhar centralidade nos projetos de assentamentos e planos de expansão, revelando-se como um procedimento inovador. A radicalidade da proposta consistiu mais em termos de projeto, pois levou a consigna de “integração entre arquitetura e paisagismo” às últimas consequências: casa e jardim produtivo compunham uma célula mínima, cuja preponderância na organização espacial provinha das necessidades e procedimentos do cultivo hortícola. Esse método projetual e seu respectivo discurso foi assimilado e adaptado por arquitetos urbanistas do movimento moderno. Adolf Loos, ao ocupar o cargo em Viena para o desenvolvimento habitacional, desenvolveu o plano regulador de habitação e jardim, no qual apostou na execução de *Siedlungen* unifamiliares nos subúrbios, com construção econômica das habitações, sempre incluindo áreas de cultivo hortícola. Destacam-se as *Siedlungen* de Friedensstadt (1921-1922), am Lainz (1921-1922) e de Heuberg (1922-1923) como exemplos da assimilação dos conceitos propagados por Migge (GARRIDO, 2018, p. 38).

Muitos urbanistas alemães coetâneos incorporaram o potencial urbanístico das parcelas de jardim revelado por Migge. Bruno Taut, por exemplo, sugeriu, em 1921, o uso econômico das áreas em seu sistema de áreas verdes em Magdeburg, priorizando o plantio hortícola. Fritz Schumacher também elaborou, em 1923, o sistema de áreas verdes de Colônia a partir dos conceitos de Migge (LOHRBERG, 2001, p. 28). Ernst May adaptou as áreas livres do seu modelo urbano de cidades satélites como “áreas de lavoura e verde para lazer”. Segundo May, nas áreas livres deveriam ser ofertadas à população urbana parcelas de jardim arrendável, no qual se fomentasse “aos hortelões e pequenos agricultores a economia intensiva para suas necessidades de produção hortícola e criação de pequenos animais” (MAY apud LOHRBERG, 2001, p. 30). Martin Wagner, que dedicou sua tese de doutorado às áreas verdes urbanas, defendeu as funções sanitárias e recreativas das áreas verdes e, mais do que isso, indicava-as como elemento conector entre cidade de campo (CÁRDENAS, 2009; KOIS, & MORÁN, 2016), que tinha como referência o conceito de cidade rurbana de Migge.

Desse modo, conclui-se que o paisagismo produtivo esteve inserido nas transformações sociais e culturais implicadas na reformulação da construção e usos dos espaços, desde os parques públicos modernos aos planos de expansão, bem como no desenvolvimento dos assentamentos baseados na autossuficiência e nas *Siedlungen* executadas durante a República de Weimar.

Figura 100 - Planta do município de Kiel e arredores, 1922. Fonte: BEIER, 2004, p. 192.

O crescimento populacional da cidade atingiu a marca de 210.000 habitantes em 1910. Áreas verdes e parques foram implantados de forma distribuída na cidade nas primeiras décadas do século XX, e um cinturão verde na porção oeste estava previsto.

Figura 101 - Vista aérea de Kiel, 1922. Fonte: Hahn, & MIGGE, 1922, p. 6.

A densidade habitacional na cidade possuía uma peculiaridade: as regiões de expansão eram mais densas que o centro antigo, com edifícios mais altos, como os que se vê em primeiro plano. A região oeste permanecia sem urbanização e concentrou a maior parte das propostas do plano de expansão do cinturão verde.

Figura 102 - Densidade habitacional de Kiel, 1922. Fonte: Hahn, & MIGGE, 1922, p. 18
A linha preta mais forte delimita a área de verticalização da cidade (até 5 pavimentos).

Figura 104 - Plano de áreas verdes de Kiel, 1928. Fonte: BEIER, 2004, p. 135 [modificado pela autora].

Seis anos depois da elaboração da expansão do cinturão, Hahn reelabora o plano incluindo um novo instrumento protetivo dos jardins produtivos permanentes, Dauergärten, indicados em verde claro. O instrumento, estimulado pelas ideias de Migge, elevava o tempo mínimo de arrendamentos das áreas delimitadas de 5 para 15 anos e foi apreciado em 1926 pelo conselho municipal através de um memorando redigido por Hahn. Como contrapartida, tais áreas deveriam apresentar elevado uso econômico, ou seja, serem de produção agrícola intensiva. As áreas em branco mantinham o uso majoritário como parcelas hortícolas arrendáveis com o tempo mínimo de arrendamento de 5 anos. Em 1927 o município possuía 11.500 parcelas, das quais 3.067 arrendadas no contrato de 15 anos e 663 por 5 anos (BEIER, 2004, p. 202, 291). Áreas verde-escuras delimitam os bosques e florestas.

Figura 105 - Plano de propriedades públicas, 1928. Fonte: BEIER, 2004, p. 181 [modificado pela autora].

Em amarelo estão as áreas adquiridas pelo município antes de 1920; em laranja, áreas adquiridas após essa data. Embora sejam maiores e mais expressivas as em amarelo, deve-se considerar a severa crise econômica da Alemanha do pós-guerra até 1924. O bloqueio construtivo para as zonas indicadas com uso agrícola ou hortícola, instrumento que Hahn implementou em 1922 para proteger o colono da especulação, resultou na redução dos preços de grandes áreas urbanas. De um lado, isso beneficiava o município na aquisição de terras e na garantia da melhor distribuição de áreas verdes e outros equipamentos públicos de interesse social; por outro, provavelmente, valorizou sobremaneira as áreas com permissão construtiva, em especial as zonas de verticalização. Nota-se o direcionamento de aquisição de áreas na porção norte, leste e sudeste da cidade, região de concentração de indústrias, o que indica a continuidade do plano de expansão do cinturão verde.

Figura 106 - Cinturão de parcelas agrícolas arrendáveis: diagrama de antigos e novos, 1922.

Fonte: HAHN, & MIGGE, 1922, p. 20.

A hachura vertical indica as parcelas de propriedade pública; a horizontal, as de propriedade privada. Ambas perfazem cerca de 1.200 hectares de parcelas existentes. Migge propunha intensificar seu uso agrícola, aumentando sua produção. Em preto, sugere as novas áreas de parcelas como expansão, em parte contempladas nos planos posteriores (Figuras 104 e 105).

Figura 107 - Diagrama da cultura urbana de Kiel, 1922. Fonte: HAHN, & MIGGE, 1922, p. 32.

Descrição da legenda acima, à esquerda, tráfego: estradas radiais; avenidas-pomares; vias conectoras; bonde; estação. Acima, à direita, esportes e lazer: área de descanso; exercícios; competição. Abaixo, difusão (propaganda): escola de jardinagem; jardim produtivo modelo; campo experimental; escola de colonos.

Figura 108 – Diagrama da autossuficiência de composto, 1922. Fonte: HAHN, & MIGGE, 1922, p. 44.

Migge propôs cinco pátios de compostagem para Kiel. Em um modelo descentralizado, distribuiu as centrais por regiões. Cada uma recebe os resíduos da cidade e distribui para as regiões de produção agrícola ou hortícola, com exceção de Hof Hammer (abaixo à esquerda), que processa os próprios resíduos do assentamento. O pátio da região oeste foi assinalado com o maior volume processado, 30.000 metros cúbicos, que condiz com a área mais densamente habitada (Figura 102). Entretanto, as distâncias entre os pátios e alguns focos consumidores não contrariam sua recomendação da menor distância possível.

Figura 109 - Esquema do pátio central de compostagem sudeste, 1922. Fonte: HAHN, & MIGGE, 1922, p. 57.

A maior parte da área é de depósito ao ar livre do composto pronto. Migge prevê jardins e um jardim produtivo modelo. Ao fundo, prevê áreas de expansão; na frente, trilhos principais do bonde.

Figura 110 - Perspectiva do pátio central de compostagem sudeste, 1922. Fonte: HAHN, & MIGGE, 1922, p. 58.

Os galpões de processamento do composto configuram as áreas cobertas. A grande demanda de área se justifica pelo modo de compostagem de cada tipo de resíduo separadamente.

Figura 111 - Diagramas "Agricultura Intensiva" de Frankfurt e "Paisagem fértil de Berlim", sem data. Fonte: REUß et al., 1981, p 106.

O caro assentamento de moradia social deve ser substituído pelo assentamento produtivo, e ele deve ser implantado na cidade urbana, ao invés de se construir conjuntos em “terra de ninguém” (UHLIG, 1981, p. 104).

Figura 112 - Foto aérea da Siedlung Dessau-Ziebighk, 1928. Fonte: REUß et al., 1981, p 135.

Os muros quebra-vento proporcionam aproveitamento da insolação. Migge indicava a orientação leste-oeste como a melhor para garantir o maior tempo de insolação no interior das casas.

Figura 113 - Conjunto da Siedlung Dessau-Ziebigk, 1929. Fonte: REUß et al., 1981, p 145.

Projeto de Leopold Fischer e Leberecht Migge. O paisagista contrasta sua casa ideal [jardim produtivo integrado à moradia] com as casas de Corbusier: “esta obra [Ziebigk] não foi habilmente projetada, ao contrário, cresceu ao longo de dez anos, e poderia ser ainda mais. O conhecimento dos leigos contribuiu e ainda está longe de estar pronto” (MIGGE apud UHLIG, 1981, p. 145). Nota-se sua compreensão de processo e aprimoramento desde Cada um autossuficiente, e seu estímulo para dar continuidade, sem determinar como obra “pronta e acabada”. A obra que cresce, como uma ideia, ou uma planta.

Figura 114 - Siedlung Römerstadt [Heddernheim], Frankfurt, sem data. Fonte: REUß et al., 1981, p 138.

Cada apartamento dispunha de sua parcela de jardim produtivo nas proximidades. Um muro separa o jardim produtivo de outras áreas verdes. Para além da relação prática da proximidade e integração, ambos são construtos, modelados para atender racionalmente o habitar moderno.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As disputas acerca do paisagismo na Alemanha no século XX ensejaram reflexões tanto sobre a forma do jardim, como seu uso. No caso dos parques públicos os debates envolveram questões sociais a partir da conquista do tempo livre da classe trabalhadora, assim como os movimentos, majoritariamente burgueses, da reforma da vida, Lebensreform. Concomitante a isso, havia também movimentos de reforma dos parques e jardins fomentando a criação de um paisagismo mais identificado com as artes e ofícios e com a cultura alemã. Como consequência, suas formulações rejeitavam o modelo empregado até então, denominado paisagístico, que guardava semelhanças com o jardim inglês do século XVIII. Em contrapartida a esse estilo, propunham o modelo arquitetônico, que supunha recuperar a identidade alemã a partir do “jardim do fazendeiro alemão”, conforme postulou Alfred Lichtwark. Leberecht Migge foi um dos representantes desse paisagismo que emergiu no início do século XX e em pouco tempo buscou tensionar o campo profissional e seus limites de atuação. Nesta dissertação abordam-se três formas específicas de tensionamento dessas fronteiras: a intervenção no debate sobre o jardim arquitetônico e sua aplicação no parque público; a participação do paisagismo e das áreas verdes nos processos mais amplos do planejamento urbano e o paisagismo produtivo como centralidade na determinação dos projetos de novos assentamentos e da expansão das áreas verdes da cidade.

Conclui-se que o paisagismo produtivo elaborado por Migge nas primeiras décadas do século XX foi parte integrante do paisagismo moderno da Alemanha, surgido no interior da vertente arquitetônica a partir das formulações conceituais e estéticas do movimento de reforma dos parques e jardins. Esse outro paisagismo, no qual se concentrou o interesse dessa pesquisa, caracterizava-se por maior radicalidade ao assumir a horta — especialmente a parcela de jardim arrendável — como origem na projeção de novos mundos, o mundo rurbaro. Semelhante à vertente arquitetônica do qual deriva, o paisagismo produtivo visava formas geométricas mais ortogonais e tinha sua forma correspondente à função e às necessidades do usuário. A preocupação social com o desenvolvimento de um paisagismo voltado às massas contribuiu para romper com o tipo de parque de então, carregado de hábitos cortesãos, propondo novos conteúdos e formas que definiram o parque público como tipologia moderna.

5.1. Do paisagismo arquitetônico para o paisagismo produtivo

Ao tomar como parâmetro a historiografia da arquitetura e do urbanismo, pode-se declarar perdida a disputa pela centralidade do paisagismo. Ao contrário, esta pesquisa

buscou recompor a linhagem do paisagismo produtivo, como e quando ela assumiu, ainda que fugazmente, preponderância na construção de ambientes e na projeção de mundos, criando intersecções entre o urbanismo e a arquitetura e buscando uma nova forma de ocupação a partir da produção hortícola no espaço urbano. Nesse sentido, a história do paisagismo reduzido à história dos jardins impede que se examine trajetórias como a de Migge, uma vez que ele atuou de forma transversal a essas disciplinas e buscou superar os limites de atuação como paisagista.

Ressaltam-se a consolidação do uso das parcelas de jardim arrendáveis, desde, pelo menos, meados do século XIX, e o hábito cultural da jardinagem, valorizado nas formulações do jardim primordial alemão, não só como contexto para a compreensão da formulação do paisagismo produtivo de Migge, mas também como tema ajustável a muitos discursos. No caso do paisagismo arquitetônico, a variação foi notável e possibilita aprofundamento em pesquisas futuras¹⁹². O presente trabalho abordou as proximidades e divergências entre Encke, Maasz e Migge, identificando maior convergência na valorização da parcela de jardim arrendável nos dois últimos. Entretanto, enquanto Maasz sugeriu a conservação da parcela de jardim por sua importância para a identidade alemã, como hábito de lazer e, portanto, elemento a ser incluído nos projetos de parque, Migge sustentou a parcela de jardim como espaço de onde se renovaria o paisagismo dos novos tempos, passível de reflexão e reformulação baseadas na técnica, no uso intensivo e na autossuficiência. Conclui-se que a cultura da parcela de jardins arrendáveis precedeu e transcendeu Leberecht Migge, no entanto, sua leitura de organização do território e planejamento urbano e ambiental foi uma importante contribuição que não se verificou anteriormente.

A despeito das ideias de Migge terem sido assimiladas por parte do movimento da arquitetura moderna (LOOS, 1926/1962; LOHRBERG, 2001; KOI, & MORÁN, 2016; GARRIDO, 2018), o paisagismo produtivo como agente principal para pensar a cidade foi um elemento perdido. A razão para isso não foi pesquisada em profundidade, mas arriscam-se aqui, mais como estímulo para reflexões futuras¹⁹³ do que como afirmações definitivas, alguns possíveis motivos condizentes com a pesquisa: a ascensão do nazismo,

192 Dentro da vertente existiu, por exemplo, Paul Schultze-Naumburg como fundador do paisagismo de ideologia nacional-natural (HÜLBUSCH, 1978, p. 66), contribuindo para a concepção “solo e sangue” no período nazista.

193 Esta foi uma das primeiras questões que formulei, ainda em 2012, quando li o livro re-editado de *Deutsche Binnenkolonization* (MIGGE, 1999), na época identificava o vanguardismo do paisagismo de Migge ao movimento moderno de arquitetura. Haney (2010) desenvolve sua tese nessa chave, presente no título do livro “Quando o verde era moderno”. Esse recorte, no entanto, hoje me parece pouco favorável para compreender o paisagismo produtivo, justamente porque os elementos-chave (horta como gerador dos espaços e a autossuficiência) não se filiam necessariamente ao movimento moderno, ao à arquitetura de modo geral.

o exílio dos principais arquitetos modernos com os quais colaborou, a rejeição da sua atuação profissional pelo órgão representante dos paisagistas na Alemanha, BDGA¹⁹⁴ (HANEY, 2010, p. 223-224), sua morte precoce e a associação de sua figura com o conservadorismo e o nazismo nas décadas posteriores à Segunda Guerra Mundial.

Durante a pesquisa, alguns temas e questionamentos se mostraram complexos demais para serem abordados em uma dissertação de mestrado. Apesar disso, julgo importante destacá-los, uma vez que não foram ignorados, mas sim identificados como recortes e aprofundamentos que estiveram para além do escopo desta pesquisa. Indagou-se qual foi a contribuição da política social-democrata no espaço que o paisagismo produtivo alcançou¹⁹⁵. O desenvolvimento da arquitetura moderna alemã e sua relação com a política foi objeto de estudo de Barbara Miller Lane (1985/1968), a explosão construtiva (e seu sucesso na consolidação da arquitetura moderna como predominante) na República de Weimar foi em grande parte resultado da nova situação política e social com maiores investimentos públicos nos programas habitacionais (LANE, 1985, p. 87).

A ambiguidade das propostas de Migge no tocante ao uso da tecnologia e à crença na solução de problemas sociais a partir da autossuficiência alinha-se àquilo que Jeffrey Herf (1993) denominou como modernismo reacionário. Segundo o autor, a ideologia conservadora buscava conciliar as ideias antimodernistas, românticas e irracionaisistas com a tecnologia moderna, resultando no sistema cultural do nacionalismo alemão moderno (HERF, 1993, p. 13). Além disso, o modelo da autossuficiência baseado na ajuda mútua, em unidades individuais voltadas para a moradia social, implicava mais trabalho não pago à classe trabalhadora. Como efeito econômico, beneficiava mais seus empregadores, pois reduzia o valor de sua força de trabalho; acrescem-se, também, questões de gênero, uma vez que, enquanto trabalho não pago relativo à reprodução social, a horticultura autossuficiente seria relegada principalmente às mulheres e crianças (HÜLBUSCH, 1978, p. 68). Estas são algumas contradições do modelo, que fomentam os questionamentos sobre a que tipo de sociedade interessa a autossuficiência alimentar da população trabalhadora, bem como os limites de sua realização e contribuição para se alcançar a socialização das áreas verdes urbanas.

A decisão de enfocar o aprofundamento das fontes primárias resultou na marginalidade dos estudos canônicos e das bibliografias consolidadas, o que dificultou, no presente trabalho, inserir Migge e o paisagismo produtivo nas discussões historiográficas

194 Bund Deutscher Gartenarchitekten (União Alemã dos Paisagistas), fundada em 1913. Entre 1925 e 1927 uma crescente rivalidade entre Migge e Hermann Koenig, presidente da BDGA, resultou na exclusão de Migge como membro (HANEY, 2010, p.222-224).

195 Bund Deutscher Gartenarchitekten (União Alemã dos Paisagistas), fundada em 1913. Entre 1925 e 1927 uma crescente rivalidade entre Migge e Hermann Koenig, presidente da BDGA, resultou na exclusão de Migge como membro (HANEY, 2010, p.222-224).

mais amplas. É um limite desta pesquisa que permite desenvolvimentos futuros. Ficaram também em aberto para futuras pesquisas a investigação das razões que cindiram a disciplina de paisagismo da arquitetura e do urbanismo, e sua relação ou impacto na produção historiográfica, iluminando os momentos de integração e distanciamento.

Espera-se que o presente trabalho contribua para a história dos espaços construídos, de modo a compreender sua materialidade a partir da história cultural e das instituições (STIEBER, 2006). Narrativas como a apresentada nesta pesquisa desafiam a compreensão a partir de campos disciplinares isolados em razão da transdisciplinaridade de seu objeto. Se, por um lado, prejudica a autonomia do campo do paisagismo (ANDRADE, & TERRA, 2016), por outro, permite uma miríade de recortes de pesquisa e interpretações, tornando-se campo fértil para a revisão historiográfica da arquitetura e do urbanismo.

5.2. Da autossuficiência à soberania alimentar. Outra narrativa possível

Esta pesquisa teve início com a identificação das propostas de Migge com as preocupações socioambientais de hoje em dia. A emergência de hortas urbanas, ecovilas, organizações civis propagando a permacultura e a agroecologia apresentam semelhanças conceituais com o jardim produtivo. Há, inclusive, propostas quase idênticas, como a sugestão da gestão de resíduos domésticos e no uso do banheiro seco. Foram as questões atuais que me impulsionaram a perscrutar a linhagem histórica do paisagismo produtivo. Dito isso, desde sempre ansiei por incorporar na pesquisa a relação que presumi existir entre os binômios campo e cidade, agricultura e indústria. Mais do que mero contraste ou oposição, a pesquisa sobre o paisagismo permitiu esboçar uma relação entremeada que poderia ser contada elencando a fome como recorte narrativo.

A fome esteve e está presente na história da humanidade, não como evento ocasional ou de crise, mas sim como problema crônico e recorrente: o número de pessoas passando fome no mundo aumentou nos últimos quatro anos: em julho de 2019, a FAO informou que 820 milhões de pessoas (quatro vezes a população do Brasil) não tinham o suficiente para comer no ano de 2018. Além da fome em seus casos extremos, quando pessoas morrem de fome ou por doenças relacionadas, há no mundo, hoje, cerca de 3 bilhões de pessoas em situação de insegurança alimentar, quando não se tem acesso a alimentos adequados (FERNANDES, 2020). Se, antes, a fome era efeito de más condições climáticas resultando em menores safras, parcas condições tecnológicas e conhecimentos técnicos, desde cultivo, ferramentas e formas de armazenamento e conservação (MAZOYER, & ROUDART, 2010), hoje ela não se justifica senão por má distribuição dos alimentos, concentração de terra e de capital, características de um sistema econômico

socialmente excludente: nas atuais condições de produção de alimentos, já se produz o suficiente para alimentar 10 bilhões de pessoas¹⁹⁶, 3 bilhões a mais que a população mundial. Como chegamos a essa situação com números tão alarmantes?

O desenvolvimento agrícola e a capacidade de produzir excedentes foi fundamental para que parte da população pudesse viver nas cidades e praticar outras atividades econômicas. Assim, a revolução agrícola da modernidade garantiu que a revolução industrial se efetivasse, tanto pela oferta de mão de obra, quanto de insumos de manufatura e de abastecimento alimentar. Por seu turno, uma vez que a indústria se consolidou, ela fomentou novos avanços técnicos na agricultura: equipamentos, insumos, formas mais rápidas de transporte, aprimorando a logística, etc (MAZOYER, & ROUDART, 2010, p. 356-367). A fome, ao menos nos países industrializados, parecia superada, mas a eclosão da Primeira Guerra Mundial abalou essa crença: a indústria bélica mobilizou boa parte do operariado que restava, impactando os outros setores industriais, como o têxtil e o de alimentos (RICHARD, 1988, p. 14), o que contribuiu para o desabastecimento de produtos de primeira necessidade. O jardim produtivo e a cultura rurbana fazem parte das tentativas de responder aos avanços industriais e as respectivas transformações do modo de vida urbano, bem como às contingências sociais do período.

A antinomia entre cidade campo se estabeleceu, não sendo apaziguada nem mesmo no discurso de Migge. Embora houvesse defensores e detratores tanto da cidade quanto do campo, o paradigma em geral determinava imediatamente que advogar a favor de um significava ser contra o outro, suprimindo, com isso, a interdependência.

A indústria alimentícia avançou no sentido da produção de enlatados durante a Segunda Guerra Mundial, reduzindo, na aparência, sua intrínseca relação com a agricultura, o que colaborou para afastar essa atividade das cidades grandes e, por consequência, do cotidiano de seus habitantes. Por sua vez, no pós-guerra, deu-se início na denominada “revolução verde”, um conjunto de inovações do desenvolvimento agrícola no qual “muitas indústrias químicas que abasteciam a indústria bélica começaram a produzir e a incentivar o uso de agrotóxico: herbicida, fungicida, inseticida e fertilizantes químicos na produção agrícola, sem contar com a adoção de maquinário pesado, como: tratores, colheitadeiras” (ANDRADES, & GAMINI, 2007, p.45). A segunda revolução agrícola da modernidade se caracterizou pela motorização, mecanização e aumento do uso dos fertilizantes químicos, estimulando o monocultivo em grandes áreas: o que aumentava a produção por trabalhador, ao mesmo tempo que reduzia e a demanda de trabalhadores por hectare (MAZOYER, & ROUDART, 2010, p. 423-429). Desse ponto de vista, pode-se

196 Fontes: < <https://foodfirst.org/publication/we-already-grow-enough-food-for-10-billion-people-and-still-cant-end-hunger/>>, < <https://oxfam.org.br/setor-privado-e-direitos-humanos/por-tras-do-preco/frutas-doces-vidas-amargas/>>

afirmar que uma alternativa socialmente mais justa seria a proposta de Migge de produção em pequenas propriedades dentro dos limites urbanos, baseada no trabalho e na produção intensivos e com variedade de cultivares.

Por fim, o desenvolvimento do agronegócio no mundo globalizado, com cultivos controlados pela teleinformação, aumento de produtividade com a criação de sementes transgênicas, fertilizantes, herbicidas e toda uma cadeia produtiva presente no campo e nas cidades, paradoxalmente ameaça a soberania alimentar, a diversidade ecológica, de cultivares e de biomas, bem como pressiona outros modos de vida baseados em territórios não urbanos, colocando em risco a sobrevivência de populações camponesas, indígenas, quilombolas e ribeirinhas.

A América Latina possui a pior distribuição de terras do mundo, um legado do passado colonial e de conjunturas políticas, onde 51,19% das terras agrícolas estão concentradas nas mãos de apenas 1% dos proprietários rurais. O Brasil é o 5º país mais desigual no acesso à terra. Essa concentração fundiária foi aprofundada a partir da Lei de Terras (1850), promulgada pelo imperador D. Pedro II, que objetivava suprimir a apropriação de terras por posse e usufruto, resultando no impedimento da população negra do direito de possuir terras. Acrescem-se a isso um enorme estoque de terras públicas (10,9% da área agrícola do país), objeto da prática de grilagem, e o avanço das commodities (BASSI, 2018, p. 14) como cenário principal dos conflitos do campo.

A ofensiva do setor ruralista — muitas vezes com respaldo dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário — tanto sobre territórios, quanto sobre legislações socioambientais, tem recrudescido na última década no Brasil [...] O interesse maior do agronegócio é o acesso às terras consideradas pela Constituição Federal como de direito das populações indígenas, dificultando a demarcação — que exclui sua exploração por não índios —, possibilitando arrendamento ou comercialização e abrindo a possibilidade para a implementação nos territórios projetos de mineração, hidroenergia, infraestrutura, entre outros (GLASS, 2018, p. 46).

Vê-se que a autossuficiência, ou, para usar um termo mais inclusivo, a soberania alimentar da população, nunca foi objetivo do agronegócio. Ao mesmo tempo, mais da metade da produção dos alimentos consumidos no Brasil são provenientes da agricultura familiar, o que demonstra que as pressões territoriais também ameaçam a população urbana, uma vez que a produção das commodities não priorizam o mercado interno. A fome segue como anti-heróina dessa narrativa. O paradigma de contraposição entre cidade e campo e indústria e agricultura me parece um elemento ideológico bastante efetivo para manter como dominante um sistema como esse. Mas isso é assunto para outra história.

REFERÊNCIAS¹⁹⁷

- ALTENMÜLLER, I. (2014). Volksparks - frisches Grün für Jedermann. *NDR*. Recuperado em: <<https://www.ndr.de/geschichte/chronologie/Volksparks-frisches-Gruen-fuer-Jedermann,volkspark114.html>>.
- AMMANN, Gustav. (1914). "Neuerungen bei öffentlichen Parkanlagen." *Die Gartenkunst*, ano XXVII (12), 184-189.
- ANDRADE, R. de, & TERRA, C. (2016). A historiography on the gardens of Brazil. *Ornamental Horticulture*, 22(1), 7-19.
- ANDRADES, T. O. de, & GANIMI, R. N. (2007). Revolução verde e apropriação capitalista. *CES Revista*, 21, 43-56.
- ANÔNIMO. (1908a). Wettbewerb Stadtpark Hamburg-Winterhude. *Die Gartenkunst*, ano X (8), 136-143.
- _____. (1908b). Stadtpark Hamburg-Winterhud. *Die Gartenkunst*, ano X (12), 22-225.
- APPEL, I., GREBE, C., & SPITTHÖVER, M. (2011). *Aktuelle Garteninitiativen - Kleingärten und neue Gärten in deutschen Großstädten*. Kassel, Alemanha: Kassel University Press. Recuperado em: <<http://www.uni-kassel.de/upress/online/frei/978-3-86219-114-7.volltext.frei.pdf>>.
- ARCHITEKTURMUSEUM der technischen Universität Berlin, (n.d.). Recuperado em: <https://architekturmuseum.ub.tu-berlin.de/index.php?p=79&POS=4>
- AUSSTELLUNGSPROSPEKT (brochura exposição). (1913). Recuperado em: <https://de.wikipedia.org/wiki/Datei:IBA_1913_Plan.jpg>.
- AUSTILAT, A. (2016). Der Tiergarten wird zum Volksgarten. *Der Tagesspiegel*. Recuperado em: <<https://www.tagesspiegel.de/berlin/peter-joseph-lenne-der-tiergarten-wird-zum-volksgarten/12868556-2.html>>.
- BARTALINI, V. (1999). *Parques públicos municipais de São Paulo - A ação da municipalidade no provimento de áreas verdes de recreação*. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo.
- BASSI, B. (2018). Quem são os donos da terra no Brasil? In SANTOS, M., & GLASS, V., *Atlas do Agronegócio: fatos e números sobre as corporações que controlam o que comemos* (pp.14-15). Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll.
- BAUMANN, M. (2005). Parks im Wald - Wald im Park. Bäume und Wälder in der Gartenkunst. (Transcrição de palestra proferida em 23.6.2005 no 4. Symposium zur Gartenkunst in Westfalen-Lippe. Recuperado em: <<https://www.lwl.org/walb-download/pdf/Baumann.pdf>>.
- BAUMEISTER. (1928). ano 27 (4), chapas 34/3. In ERNST May Gesellschaft. (n.d.). Mayhaus, Kleingarten, Die grüne Außenstelle. Recuperado em: <<https://ernst-may-gesellschaft.de/mayhaus/kleingarten.html>>.
- BEIER, D. (2004). *Kiel in der Weimarer Republik: Die städtebauliche Entwicklung unter der*

197 De acordo com o estilo APA (American Psychological Association)

Leitung Willy Hahnd. Germany: Verlag Ludwig.

- BEITMANN, B. (n.d.). *Einst war sie die bedeutendste unter den Künsten. Geschichte der Gartenkunst.* Recuperado em: <http://www.gartenkunst-beitmann.de/inhalte/buch_1/gartenkunst_beitmann_buch_1.pdf>.
- BREUER, Robert (1911). Vom Garten und Park. Zu L. Migges Parkanlage. *Deutsche Kunst und Dekoration*, ano VII (9), 70-76.
- BROCKPÄHLER, R. (Org.). (1984). *Bauergärten in Westfalen*. Berichte aus dem Archiv für westfälische Volkskunde. Mit Fotos von Dieter Rensing. Alemanha: Coppenrath Verlag.
- CALABI, D. (2012). *História do urbanismo europeu*. São Paulo: Perspectiva.
- CÁRDENAS, I., & HELLMUTH, C. (2009). El 'Manifiesto Verde' de Leberecht Migge. *Cuaderno de Notas*, I (12), jul., 119-134. Recuperado em: <<http://polired.upm.es/index.php/cuadernodenotas/article/view/862>>
- CHAMETZKY, P. (2001) Paul Westheim in Mexico: a cosmopolitan man contemplating the heavens. *Oxford Art Journal*, 24 (1), 23 e 25-43.
- CHOAY, F. (2005). *O Urbanismo: utopias e realidades, uma antologia*. São Paulo: Perspectiva.
- COLLINS, C. C., & COLLINS, G. R. (2006). *Camillo Sitte: the birth of modern city planning*. Mineola, NY: Dover (reedição de 1986).
- ELIAS. (1994). ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador. Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- ENCKE, F. (1908). Wie sind städtischen Anlagen für die Bevölkerung praktisch nutzbar zu machen? *Die Gartenkunst*, X (12), pp. 216-218.
- _____. (1911a). Der Volkspark [1]. *Die Gartenkunst*, XIII (8), 152-158.
- _____. (1911b). Der Volkspark [2]. *Die Gartenkunst*, XIII (9), 161-168.
- FERNANDES, S. (2020). *Fome e Capitalismo | 062* [Youtube]. Recuperado em: <<https://youtu.be/IStS8hAEeHE>>.
- FRAMPTON, K. (1997). *História Crítica da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Martins Fontes.
- GADIENT, H., SCHWERIN, S., & ORGA, S. (2018). *Migge. The original landscape designs/ die originalen Gartenpläne 1910 - 1920*. Basel, Suíça: Birkhäuser.
- GAY, P. (1978). *A Cultura de Weimar*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GARRIDO, D. A. (2018). La influencia de Leberecht Migge em la creación de las Siedlungen productivas modernas. *VLC arquitectura*. 5 (2). Recuperado em: <<https://doi.org/10.4995/vlc.2018.8641>>.
- GLASS, V. (2018). Lutas de morte ou Vida. In SANTOS, M., & GLASS, V., *Atlas do Agronegócio: fatos e números sobre as corporações que controlam o que comemos* (pp. 46-47). Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll.
- GRAUL, R. (1917). Die Raumkunst und der Deutsche Werkbund. In HERZOG, H., &

- MIEDERER, H. (org.). *Bericht über die Internationale Baufach-Ausstellung mit Sonderausstellungen, Leipzig 1913* (pp. 321-324). Leipzig, Alemanha: Dr. Trenkler & Co., Leipzig-Stött. Graph. Kunstanstalt.
- GRUNERT, H. (2002). Ein Volkspark in Hamburg – der hamburgener Stadtpark als Objekt der Gartendenkmalpflege. *Kunsttexte*, 2, 1-8. Recuperado em: <<https://edoc.hu-berlin.de/bitstream/handle/18452/7640/grunert.pdf>>
- H. (1907). Ideenwettbewerb für die Anlage eines Stadtparkes in Hamburg-Winterhude. *Die Gartenkunst*, ano IX (1), p. 16. Recuperado em: <http://gartentexte-digital.ub.tu-berlin.de/archiv/Gartenkunst/jg.09/Heft_01.pdf>
- H. (1909). Zur Frage der Hamburger Stadtparks. *Die Gartenkunst*, 11 (6), 105-110.
- HAHN, W. (1917). Die Grünanlagen der Stadt Rüstringen. I. Finanzpolitik und Grünpolitik. *Der Städtebau*, 14 (6/7), 57-58.
- HAHN, W., & MIGGE, L. (1922). *Der Ausbau eines Grüngürtels der Stadt Kiel*. Kiel, Alemanha: Druck von Chr. Haase & Co. Impressão de Manuscrito. Recuperado em: <<https://dibiki.ub.uni-kiel.de/viewer/resolver?urn=urn:nbn:de:gbv:8:2-3831136>>
- HAMBURG, Bezirksamt Hamburg-Nord (ed.). (2014). *Hamburger Stadtpark 1914-2014*. Hamburgo, Alemanha: MedienSchiff Bruno. Recuperado em <<https://www.hamburg.de/contentblob/4338980/e26918491317f092fa14c237beb8efbe/data/hamburger-stadtpark-1914-2014.pdf>>
- HAMPEL, C. (1917). Die Gartenanlagen der Ausstellung. In HERZOG, H., & MIEDERER, H. (org.). *Bericht über die Internationale Baufach-Ausstellung mit Sonderausstellungen, Leipzig 1913* (pp. 146-148). Leipzig, Alemanha: Dr. Trenkler & Co., Leipzig-Stött. Graph. Kunstanstalt.
- HANEY, D. H. (2001). No House-Building without Garden-Building: the Modern Landscapes of Leberecht Migge. *The Journal of Architectural Education*, 54 (3) pp. 149-157. Recuperado em: <www.jstor.org/stable/1425581>.
- _____. (2007). Leberecht Migge's Green Manifesto: Envisioning a Revolution Gardens. *Landscape Journal*, 26 (2), pp. 201-18.
- _____. (2010). *When Modern was green: life and work of landscape architect Leberecht Migge*. USA/Canada: Routledge.
- HARRIS, T. (2012). *The German Garden City Movement: architecture, politics and urban transformation, 1902-1931*. (Tese de doutorado). Nova Iorque, NY: Columbia University. Recuperado em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/161439728.pdf>>.
- HAUS, R. (2014). Leipziger Messepionier: Baubranche steht erstmals im Mittelpunkt. *SBZ*. Recuperado em: <<https://www.sbz-online.de/heizung/baubranche-steht-erstmal-im-mittelpunkt-leipziger-messepionier>>.
- HERF, J. (1993). *O Modernismo Reacionário: tecnologia, cultura e política na República de Weimar e no 3º Reich*. São Paulo: Ensaio.
- HERZOG, H., & MIEDERER, H. (org.) (1917). *Bericht über die Internationale Baufach-Ausstellung mit Sonderausstellungen, Leipzig 1913*. Leipzig, Alemanha: Dr. Trenkler & Co., Leipzig-Stött. Graph. Kunstanstalt. Recuperado em:

<<https://archive.org/details/berichtuberdiein00herz/page/n7>>

- HOEMANN, R. (1913) Die Gärten auf der Internationalen Baufach- Ausstellung in Leipzig. *Die Gartenkunst, Ano 15 (18)*, 265-270. Recuperado em: <<https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/gartenkunst1913/0278/image>>.
- HOWARD, E. (1902). *Garden Cities of To-morrow*. Londres, Inglaterra: Swan Sonnenschein & CO.
- HÜLBUSCH, I. (1978). Jedermann Selbstversorger: das koloniale Grün Leberecht Migges. In BURCKHARDT, L. (ed.). *Der Werkbund in Deutschland, Österreich und Der Schweiz – Form ohne Ornament* (pp. 66-71). Stuttgart: Deutsche Verlagsanstalt.
- JANZ, C. (2010). Richtig deutsche Weihnachten. *Badische Zeitung vom 4 (dezember)*. Recuperado em: <[https://de.wikipedia.org/wiki/Datei:Monte_Verita_Ackerbau_\(1907\).JPG](https://de.wikipedia.org/wiki/Datei:Monte_Verita_Ackerbau_(1907).JPG)>.
- KOI, & MORÁN. (2016). *Raíces en el asfalto: Pasado, presente y futuro de la agricultura urbana*. Madrid: Libros en Acción.
- LANE, B. M. (1985). *Architecture and Politics in Germany*. USA: Harvard University Press.
- LICHTWARK, A. (1909). *Park- und Gartenstudien – Die Probleme des Hamburger Stadtparks, Der Heidegarten*. Coleção Die Grundlagen der künstlerischen Bildung. Berlin, Alemanha: Bruno Cassirer Verlag.
- LÜKE, M. (2011). Die Geschichte des Naturschutzes im Land Oldenburg 1880-1934. In STADT OLDENBURG. *Naturschutz hat Geschichte! Spurensuche im Oldenburger Land*, Anais do Congresso Regional de 2009, (pp. 15-20). Oldenburg, Alemanha: Stadt Oldenburg, Jadehochschule, Stiftung Naturschutzgeschichte Königswinter. Recuperado em: <http://www.naturschutzgeschichte.de/download/Tagungsband_Regionaltagung_2009.pdf>
- LYNCH, D. (2019). *Schrebergärten in Imperial Germany: Bourgeois Anxieties and the spatial politics of an agrarian urban landscape* (Texto premiado no concurso de textos acadêmicos). Rochester University, Nova Iorque, NY. Recuperado em: <http://writing.rochester.edu/celebrating/2019/Daria_Lynch.pdf>
- LOHBERG, F. (2001). *Stadtnahe Landwirtschaft in Stadt- und Freiraumplanung: Ideengeschichte, Kategorisierung von Konzepten und Hinweise für die zukünftige Planung* (Tese de doutorado). Universität Stuttgart, Stuttgart, Alemanha. Recuperado em: <<https://elib.uni-stuttgart.de/handle/11682/31>>
- LOOS, A. (1962). Die moderne Siedlung. In A. Loos. *Sämtliche Schriften: in zwei Bände* (pp. 402-428). Munique, Alemanha: Herold.
- MAASS, I. (1978). Volkspark. In BURCKHARDT, L. (org.). *Der Werkbund in Deutschland, Österreich und der Schweiz – Form ohne Ornament*, (pp. 57- 65). Stuttgart, Alemanha: Deutsche Verlags-Anstalt.
- MAASZ, H. (1913). *Der deutsche Volkspark der Zukunft: Laubenkolonie und Grünfläche*. Frankfurt a. d. Oder, Alemanha: Druck und Verlag der Königl. Hofbuchdruckerei Trowißsch & Sohn.

- MAZOYER, M., & ROUDART, L. (2010). *História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea*. São Paulo: Editora UNESP. 2010.
- MIGGE, L. (1907). Der neue Hausgarten. *Deutsche Kunst und Dekoration*, 20, 222-226.
- _____. (1908). Der Garten als Wohnraum. *Innendekoration*, IX (4), 294-296.
- _____. (1909a). Kunstgewerbe — Gartenkunst. *Kunstgewerbeblatt*, XX (9), 161-163.
- _____. (1909b). *Der Hamburger Stadtpark und die Neuzeit. Die heutigen öffentlichen Gärten — dienen sie in Wahrheit dem Volke?* Hamburgo, Alemanha: Verlag von Conrad H. A. Kloss.
- _____. (1911). Ausstellungsgärten. *Dekorative Kunst*, Oktober, 41-6.
- _____. (1913a). *Die Gartenkultur des 20. Jahrhunderts*. Jena, Alemanha: Eugen Diederichs.
- _____. (1913b). Die Gärten auf der internationalen Baufach- Ausstellung in Leipzig. *Die schweizerische Baukunst*, 6, 88-97.
- _____. (1914). Die Gartenmission der Städte. *Die Gartenkunst*, ano XXVII (12), 185-195.
- _____. (1917). II. Wie baue ich eine grüne Stadt? *Der Städtebau*, ano 14 (6/7), 59-65.
- _____. (1919a) *Jedermann Selbstversorger! Eine Lösung der Siedlungsfrage durch neuen Gartenbau*. Jena, Alemanha: Verlag Eugen Diederichs, 2a.Ed (1918).
- _____. (1919b). Die Siedlung des Städters. *Hamburgische Zeitschrift für Heimatkultur*, 3(4), 25-26.
- _____. (1923). *Siedlungs-Wirtschaft: Mitteilungen der intensiven Siedler-Schule Worpswede*, I.
- _____. (1925). *Siedlungs-Wirtschaft: Mitteilungen der intensiven Siedler-Schule Worpswede*, II.
- _____. (1925). Wirtschaftlicher Städtebau durch wirtschaftliche Landesplanung. *Der Deutsche Gartenarchitekt*, 5, 5-8.
- _____. (1926). Grünbergs Grüngürtel. *Der Deutsche Gartenarchitekt*, 8, 13-16.
- _____. (1999). *Der Soziale Garten. Das grüne Manifest*. Berlim, Alemanha: Gebr. Mann Verlag, Nova edição de "Deutsche Binnenkolonisation - Sachgrundlagen des Siedlungswesens" (1926).
- MITTELHOCHDEUTSCHER Rundfunk. (2017). *Kleingärtnern heute: 'Im Kleingarten kann man sich erden'*. Recuperado em: <https://www.mdr.de/kultur/themen/kleingaerten-als-neuland-100.html>
- OLIVEIRA, F. L. (2010). O nascimento da ideia de parque urbano e do urbanismo modernos em São Paulo. *Arquitextos*, ano 10 (120.03). Recuperado em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.120/3433>>
- PETSCH, J. (1978). Der Deutsche Werkbund 1907 bis 1933 und die lebens- und kulturreformerischen Bewegungen. In BURCKHARDT, L. (org.) *Der Werkbund in Deutschland, Österreich und der Schweiz - Form ohne Ornament* (pp. 85-94). Stuttgart, Alemanha: Deutsche Verlags-Anstalt.

- POSENER, J. (1978). Zwischen Kunst und Industrie: der Deutsche Werkbund. In BURCKHARDT, L. (org.) *Der Werkbund in Deutschland, Österreich und der Schweiz – Form ohne Ornament* (pp. 7-16). Stuttgart, Alemanha: Deutsche Verlags-Anstalt.
- REUB, J. (1981). *Leberecht Migge: 1881 – 1935 Gartenkultur des 20. Jahrhunderts*. Worpswede: Worpsweder Verlag. Recuperado em <https://kobra.bibliothek.uni-kassel.de/bitstream/urn:nbn:de:hebis:34-2009042727107/1/LeberechtMigge.pdf>
- _____. (1999). Nachwort (Posfácio). In Migge, L. *Der Soziale Garten* (pp. 199-213). Berlin: Gebr. Mann Verlag. Nova edição de “Deutsche Binnenkolonisation – Sachgrundlagen des Siedlungswesens” (1926).
- RICHARD, L. (1988). *A república de Weimar, 1919-1933*. São Paulo: Companhia da Letras.
- RÜSTER, E. (1917). Die Gartenvorstadt L.-Marienbrunn und die Handwerker-Ausstellung. In HERZOG, H., & MIEDERER, H. (org.). *Bericht über die Internationale Baufach-Ausstellung mit Sonderausstellungen, Leipzig 1913* (pp. 148-153). Leipzig, Alemanha: Dr. Trenkler & Co., Leipzig-Stött. Graph. Kunstanstalt.
- SCIENCE, C. (1994). A praieira [Chico Science e Nação Zumbi]. In Da lama ao Caos [CD]. Rio de Janeiro: Chaos (1993- 1994).
- SCHUMACHER, & SPERBER (1910). Stadtpark Hamburg-Winterhude. *Die Gartenkunst*, XII (6), 87-92.
- SCHNEIDER, U. (2000). Hermann Muthesius and the introduction of the English Arts & Crafts Garden to Germany. *The Garden History Society*, 28 (1), 57-72.
- SENATSVERWALTUNG Für Stadtentwicklung Und Umwelt. (2012). *Das Bunte Grün: Kleingärten in Berlin*. Berlim, Alemanha: Medialis. Recuperado em: <<https://www.berlin.de/senuvk/umwelt/stadtgruen/kleingaerten/downloads/Kleingartenbroschuere.pdf>>.
- SOMMER, I. (1993). Die Stadt der 500.000: NS-Stadtplanung und Architektur in Wilhelmshaven. Wiesbaden, Alemanha: Springer.
- STADTTEILKOLLEKTIV Rotes Winterhude (org.). (2002). *Winterhude: von der Sommerfrische zur Hi Tech Domäne. Versuch einer Geschichtsbetrachtung von unten 1250-2002*. Hamburgo, Alemanha: VAKK. Recuperado em: <<https://web.archive.org/web/20070926235023/http://www.roteswinterhude.de/broschuere1212gegenwart.pdf>>
- STEINER, R. (2010). *Fundamentos da agricultura biodinâmica: vida para a nova terra*. São Paulo: Antroposófica/ Associação Biodinâmica/ Instituto Social Micael.
- STEINMEISTER, A. (2014) *Im Weltgarten zu Hamburg: die internationalen Hamburger Gartenbauausstellung des 19. Jahrhunderts*. Munique, Alemanha: AVM.
- STIEBER, N. (2006). Learning from Architectural History. *Journal of the Society of Architectural Historians*, 65 (1), 5-6.
- STOFFLER, J. (2006). *Es ist überall Erdbebenzeit: Gustav Ammann und die Landschaften der Moderne Schweiz*. (Tese de doutorado) Zurique, Suíça: ETH. Recuperado em: <<https://www.research-collection.ethz.ch/handle/20.500.11850/149700>>

- STROBEL, H. (1912). Die Gartenvorstadt Leipzig-Marienbrunn. *Der Städtebau*, Ano 9 (5), 55-58. Recuperado em: <https://digital.zlb.de/viewer/readingmode/16297425_1912/85/>
- STURM, R. (2011). Weimarer Republik. *Informationen zur politischen Bildung*, 261. Bonn: Bundeszentrale für politische Bildung /bpb.
- TAFURI, M. (1987). *The Sphere and the Labyrinth. Avant-Gardes and Architecture from Piranesi to the 1970s*. Massachusetts: The MIT Press.
- THOMPSON, E. P. (1988). A formação da classe operária inglesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- UHLIG, G. (1981). Siedlungskonzepte Migges und ihre reformpolitische Bedeutung. In REUB, J. *Leberecht Migge: 1881 - 1935 Gartenkultur des 20. Jahrhunderts* (pp. 96-119). Worpswede: Worpsweder Verlag. Recuperado em <https://kobra.bibliothek.uni-kassel.de/bitstream/urn:nbn:de:hebis:34-2009042727107/1/LeberechtMigge.pdf>.
- UNWIN, R. (1909). *Town planning in practice. An introduction to the art of designing cities and suburbs*. Londres: T. F. Unwin/ Adelphi Terrace/ Leipsic, Inselstrasse.
- WARD, S. V. (2002). *Planning the Twentieth-Century City: the advanced capitalist world*. Chichester, Reino Unido: John Wiley & Sons, 2002.
- WENDLAND, F. (1993), Der Große Tiergarten. Berlin.
- WESTHEIM, P. (1914). Sozialisierung der Gartenkunst. *Die Gartenkunst*, ano XXVII (12), 180-183.
- WHITMAN, W. (1983). Aos que Falharam. In *Folhas das Folhas de Relvas*. São Paulo: Ediouro.
- WILHELMSHAVEN. (2019). Integriertes Städtebauliches Entwicklungskonzept Stadtpark: zur Anmeldung in die Städtebauförderung, Zukunft Stadtgrün. (Documento não publicado do município). Recuperado em: <https://www.wilhelmshaven.de/PDF/Amtliche_Dokumente/TBW/Stadtpark/ISEK_Endfassung_25_03_2019.pdf?m=1561467434&>
- WITTMÜTZ. (1905). Der zukünftige Stadtpark in Hamburg. *Die Gartenkunst*, ano VII(12). Recuperado em: <http://gartentexte-digital.ub.tu-berlin.de/archiv/Gartenkunst/Jg.07/Heft_12.pdf>
- WOLSCHKE-BULMAHN, J. (2013). Einblicke in die jüngere Geschichte der Gartendenkmalpflege in Deutschland - Eine Einführung. In WOLSCHKE-BULMAHN, J.; KROSIGK, K.H. (org.). *50 Jahre Arbeitskreis Historische Gärten in der DGGL: Einblicke in die jüngere Geschichte der Gartendenkmalpflege in Deutschland* (pp. 9-17). Munique, Alemanha: AVM.

ANEXO A - Tradução Manifesto Verde (MIGGE, 1919/1999)

O MANIFESTO VERDE

I – O VELHO IDEÁRIO COMUM

Cidadãos e cidadãs!

Nenhuma grande nação pode ser realmente pequena.

Nenhuma grande nação pode prolongar uma vida de segunda categoria.

Nenhuma grande nação é realmente grande sem uma ideia fundante.

Concidadãos, o que foi?

Uma velha ideia de existência. Proveniente do século passado. Chamada “cidade”.

A cidade da indústria e da técnica,

A cidade do comércio e da economia mundial,

A cidade da riqueza e do prazer,

A cidade repleta de miséria e abandono — esta cidade está morta:

Nosso comércio (urbano) está morto — os navios partiram.

Nossas fábricas (urbanas) estão mortas — as matérias-primas desapareceram.

Nossas finanças (urbanas) estão mortas — dinheiro e crédito se liquidaram.

A cidade dos interesses e negócios.

As cidades da Zivilisation¹⁹⁸ material,

A antiga cidade alemã, do antigo poder burguês alemão, está morta, morta, morta!

Mas o destino das outras também foi selado.

As cidades de outras nações também perderam vitalidade¹⁹⁹. (É o destino comum das cidades: morrer dignamente.)

Pois mesmo muitos navios, altos fornos e fábricas já não as beneficiam: milhares de povos hoje estão “infectados” pelo conhecimento moderno. As recém descobertas porções do mundo serão “saturadas” amanhã pela técnica²⁰⁰. Depois de amanhã, o mundo se autoproverá. Poder produtivo e civilização forçada²⁰¹ se tornaram problemas da existência de segundo grau.

Então nada foi perdido. Coragem, alemães:

A ideia de cidade do século XIX foi uma ideia europeia. Sua morte é uma morte europeia. Foi a Alemanha que conduziu a moderna cidade das massas materialistas ad absurdum a trágicas e grandiosas vitórias. Este país se sacrificou pela Europa. E esse país tem o dever, o direito e a vontade para um novo ideário comum. O antigo chamava-se

198 N.T.: Mantido termo no original, trata-se da civilização cunhada na revolução francesa.

199 N.T.: No original *abgewirtschaftet* indica redução econômica.

200 N.T.: Todas as palavras entre aspas foram mantidas do original.

201 N.T.: No original *Zwangzivilisation* tradução literal.

cidade. Viva o novo ideário comum do século XX: “Campo!”

II – A ASCENSÃO DA JUVENTUDE

Cidadãos e cidadãs!

Como é essa nova grande potência: Campo?

O que foi dele, como era o campo para os citadinos?

Lembra-vos: o lindo campo nos era o detentor do ar puro,

O vasto campo nos era a “região agradável”,

O campo florescente nos era “zona de expansão”.

Os citadinos por acaso conhecem gado, ave ou flor?

Onde quer que nos afeiçoemos verdadeiramente à terra — na casa de campo, no abrigo do jardim, tornou-se uma farsa.

O campo não era impulso original, mas passatempo.

O campo não era entrega, mas saque²⁰².

O campo nos era de corpo e alma estranho. Mas

Desse jogo sujo [trapaça]²⁰³

Dessa excursãozinha,

Desse desprezo do campo surgiu aquilo que faz nossa existência tão insuportável:

Surgiu o pátio de fábrica — as baias de trabalho

Surgiu o pátio de moradia — os cortiços

Surgiu o pátio da farra — os bordéis. (Até mesmo o jardim da paz — um jazigo)²⁰⁴

Surgiu então toda a aglomeração desalmada de massas,

O campo de concentração recebeu todas as vidas prósperas, a grande cidade.

Porém, de seu próprio seio, deste mesmo espírito urbano²⁰⁵, cresceu há muito sua reação.

Pensai nos grandes movimentos pró-natureza dos parques e jardins de recreio.

Pensai no elementar movimento da juventude.

202 N.T.: Trecho no original: *Land war nicht Urtrieb, sondern Zeitvertrieb*. | *Land war nicht Hingabe, sondern Abgabe*. O autor cunha um neologismo (*Ur* – original, primitivo; *Trieb* – impulso, instinto, motor) e faz um jogo de palavras contrapondo com *Zeitvertrieb*, passatempo ou ainda desperdício de tempo. Na frase seguinte, reforça a contraposição entre *Hingabe*, e *Abgabe*: ambas podem ser traduzidas como entrega. Enquanto a primeira diz respeito a dedicação e empenho, a última se refere ao saque e ao confisco.

203 N.T.: No original *Bodenspiel*, literalmente jogo de chão. O tom é claramente pejorativo.

204 N.T.: Trecho no original: *Entstand der städtische Fabrikhof — die Arbeitskaserne*. | *Entstand der städtische Wohnungshof — die Mietkaserne*. | *Entstand der städtische Vergnügungshof — die Lustkaserne*. (*Selbst der Garten des Friedens – eine Totenkaserne*.). O autor amplia a referência do *Mietkaserne* às outras edificações e atividades da cidade, aludindo a insalubridade daquela a construções coetâneas. Optou-se aqui a uma adaptação, uma vez que não há formas, semelhante ao cortiço, nomeadas para os outros usos.

205 N.T.: No original: *Stadtgeist*, neologismo (*Stadt*: cidade; *Geist*: espírito).

Pensai nos movimentos dos trabalhadores e de moradia.

Pensai em todas as novas aspirações intelectuais que se enraízam profundamente no pensamento antiurbano!

Isso não foi brincadeira nem passatempo

Isso foi a primavera revolucionária.

Foi protesto contra o estupor e a enfermidade.

Foi protesto contra pai, mãe e professor.

Foi protesto contra o capital urbano e governo!

Esse foi o “golpe” dos nobres e dos feridos contra o militarismo da existência²⁰⁶.

Essa foi a “sabotagem” espiritual contra a estupidez: a cidade.

Todos eles, todos nós rejeitamos essa existência.

Todos eles, todos nós queremos o campo.

“Novo campo!”

III – COMO A CIDADE SERÁ CONSERVADA!

Cidadãos e cidadãs!

Quem salva a cidade? O campo salva a cidade.

A velha cidade só pode salvar sua existência impregnando-se de campo:

Criai Campo-urbano!²⁰⁷

As cidades devem abraçar seu próprio campo.

Cem mil hectares permanecem improdutivos²⁰⁸: canteiros de obra, áreas encortiçadas²⁰⁹, vias, terrenos baldios.

Mãos à obra:

Plantam-se: jardins públicos para o conjunto da juventude urbana.

Plantam-se: jardins arrendáveis para o conjunto dos moradores urbanos.

Plantam-se: assentamentos para o conjunto do trabalho urbano.

Plantam-se: fazendas-modelo para os desamparados.

Planta-se!

Os jardins coletivos (6 m² por cabeça) não devem ser de um verde romântica e morosamente consumível, e sim de um verde lavrado sobejante²¹⁰:

206 N.T.: No original: *Daseinsmilitarismus*, literalmente militarismo da existência.

207 N.T.: Neologismo, *Stadtland*, literalmente cidade-campo.

208 N.T.: No original: *liegen brach*, literalmente em pousio. Por se tratar de áreas urbanas (ainda) não lavradas, o pousio não se aplica. Embora seja essa a interpretação que o autor deseja imprimir, pareceu mais adequado traduzir por improdutivas.

209 N.T.: Neologismo do autor, *Kasernenland*, recuperando a descrição ampliada dos cortiços.

210 N.T.: Trecho no original: *Die gemeinsamen Gärten (6 qm auf den Kopf) sollen nicht romantisch-faules Zehrgrün, sondern arbeitsames Mehrgrün sein*. O autor novamente contrapõe com neologismos, *Zehrgrün* e *Mehrgrün*, a qualidade dos jardins coletivos: *Zehr* – do verbo *zehren*, consumir, enfraquecer; *Mehr* – do verbo *mehren*, aumentar, multiplicar.

Parques esportivos, praças de recreio e balneários (parques da juventude).

Os jardins produtivos não devem ser trapos arrendáveis ambulantes²¹¹, mas sim “verdadeiros jardins”, reconhecidos precursores de assentamentos. Estes devem ser, com todo o conforto, jardins autossuficientes (80 m² por cabeça). Assentados, arrendatários e cotistas devem ter independência.

Nenhuma gleba²¹² de campo-urbano pode a partir disso ser improdutiva.

Isso garante 100.000 novas existências na cidade.

Isso alivia milhões de antigas existências na cidade.

Isto, e um pouco mais, conserva a vida urbana.

E isso também:

É infame construir novos cubículos²¹³ (cortiços, baias e bordéis).

É louvável construir edifícios baixos em meio ao verde.

É infame entupir as velhas áreas livres da cidade.

É louvável abrir novas áreas livres na cidade.

É infame: todo jardim, moradia e espaço de rua sobre suas próprias necessidades.

[sic]²¹⁴

Solo e tráfego são de uso comum!

Não será mais incorporado. Será desconurbado. Chega de “urbanização”. Passe livre para a campesinação²¹⁵

Criai Cidade-campo!²¹⁶

Isto, e um pouco mais conservará a vida urbana.

E isso também:

O rejuvenescimento da gestão municipal de resíduos.

Que trapos se tornem roupas, e que de escórias surjam casas, e que dos restos de cozinha se produza ceva de engorda – tomamos conhecimento no pior dos casos.

Porém, que todo cidadão produz 1.000 quilos de resíduos domésticos anualmente, e que todas as cidades todos os anos produzem 50 milhões de toneladas de composto – isso nós ainda não sabemos.

Porém, que nosso país ainda assim sofra de fome, e que a natureza a longo prazo

211 N.T.: No original: *fliegende Pachtlappen*, em tom pejorativo.

212 N.T.: Termo no original é *Morgen*: unidade de medida equivalente a 3.000 metros quadrados.

213 N.T.: *Kasernen*, no original, literalmente caserna, quartel.

214 N.T.: Trecho no original: *Es sei verpönt: aller Garten-, Wohn- und Straßenraum über den eigenen Bedarf*. A frase no original carece de um verbo no infinitivo que complete o sentido. Do contexto pode-se considerar usufruir ou tomar posse como possíveis.

215 N.T.: Neologismo, *Landerschließung*, onde *Land* – campo; e *Erschließung* – exploração, urbanização.

216 N.T.: Neologismo, *Landstadt*, literalmente campo-cidade. Optou-se por manter a mesma tradução de *Stadtland*, uma vez que o autor adotou este termo em publicações posteriores.

não se deixa escarnecer, disse precisamos saber.

A cidade não pode só tomar do campo, a cidade deve também dar ao campo – se ela quer viver dele. Então viverá! Mas como cidade dos velhos e cansados. Assim ela assistirá mais uma vez o rápido florescimento dos tuberculosos. Assim, a cidade foge do espírito agressivo em prisão preventiva da nova existência no campo.

IV – COMO O CAMPO RENASCERÁ!

Todavia, cidadãos e cidadãs,

O campo também não está preparado

O campo também está (objetivamente) negligenciado.

O campo também está (pessoalmente) corrompido.

Ele foi o campo de sua cidade.

Foi isolado em vez de cerrar fileiras²¹⁷.

A cidade, nós mesmos tivemos culpa nisso.

Nós mesmos largamos 10 milhões de profissionais despreparados no campo. Fomos nós mesmos que leiloamos o antiquíssimo patrimônio campo a preço de banana. Ideal e poder criativo, no entanto, voltaram-se avidamente para a cidade. E só para a cidade. (O sangue da humanidade bebido pela cidade vampira).

E assim o campo foi então abandonado pelo espírito. A natureza tornou-se antinatural.

Por quê?!

Por que o rico solo alemão alimenta apenas 50 milhões?

Por que não cem? (Possivelmente mais fácil que na China.)

Porque nós sangramos a força do campo.

Porque nós dilapidamos a força da cidade.

Porque nós rasgamos cidade e campo um do outro.

Isso não pode mais ser.

O que significa propriedade da terra! Depende da mentalidade!

Está em vigor possuir o solo espiritualmente.

Criativamente o homem se aproxima da terra abençoada.

Jogai a força da cidade no campo e vós presenciareis o “milagre azul”!

O primeiro chama-se: renovação de todo grumo de terra.

A mãe Terra quer húmus²¹⁸. Preparai o húmus nos campos e nas cidades.

217 N.T.: Trecho no original: *Es wurde abgeschlossen, statt aufgeschlossen*. Ambos verbos possuem a mesma raiz *schliessen*, os prefixos *ab-* e *auf-* significam respectivamente fechar e abrir. O autor faz jogo de palavras com seus sentidos figurados.

218 N.T.: Trecho no original: *Mutter Erde will muttererde*. Um jogo de palavras entre mãe Terra e *muttererde* - a camada mais superficial do solo, denominada como fértil, rica em húmus.

Todo resíduo urbano ao campo. Una cidade e campo. Nós devemos criar nós mesmos nossa “terra”!

O segundo chama-se: tornar toda agricultura intensiva.

Pois ela está arruinada! Quem reclama da umidade e da aridez, na era da técnica de drenagem e de irrigação? A cada gleba, uma irrigação automatizada: toda a Alemanha pode ser fertilizada por suas montanhas. A cada gleba, adubo por meio de argila, marga e turfa: toda a Alemanha pode ser fertilizada por suas profundezas. Mais força de trabalho através de máquinas. Maiores safras através de métodos agrícolas de grande escala²¹⁹. Novas culturas! (Estados Unidos e China)

O terceiro milagre, no entanto, chama-se: transformação hortícola intensiva de toda pequena produção

O quê, só uma colheita, fazendeiros? O quê, duas pequenas safras, *Schreber*²²⁰, arrendatários e assentados? O quê, más colheitas? – Mas vós ainda padeceis de solo ruim, de lugar agreste, de geada e de vento, vós conheceis, pois “clima”. Vós com vossos conhecimentos em obras, vidro e calefação, com irrigação e minhocário. Deixai-vos envergonhar dos búlgaros e flamengos²²¹, de Genebra e Paris! Três colheitas anuais, ouvi, deve ser vosso começo; dez, a meta!

Assim, então, realizareis todo milagre, o qual se chama: mecanização do solo alemão.

Milagre e ciência a um só tempo e uma centena de perguntas variadas:

Arado ou fresa, regador ou irrigação?

O que há com as bactérias do solo?

O que cresce duas vezes mais com eletricidade e o quê com gás?

Devemos importar temperos tropicais ou exportar especiarias?

Pode-se plantar – trigo? E – pedras dão-lhe húmus (pão!)?

Mas, para que tais perguntas sobre a vida. A terra, ela dorme, e seus privilegiados também. Despertem eles! Despertai o campo. Traga nova massa, novo espírito para o campo. Traga a cidade de volta ao campo. Preparai a terra!

V – COMO NÓS REASSENTAMOS.

Bem, cidadãos e cidadãs, é chegada a hora,

219 N.T.: Trecho no original: *Reichere Erträge durch großgärtnerische Anbaumethoden*. *Ertrag* pode significar tanto rendimento financeiro como colheita, em razão do uso sinônimo de colheita, *Ernte*, nos trechos seguintes optou-se traduzir por safra.

220 N.T.: Mantido termo no original. *Schreber* designa pessoas dedicadas a jardinagem horticultura de subsistência em áreas arrendadas nos arredores das cidades alemãs, conhecidas como *Schrebergärten*.

221 N.T.: *Flamen*, povo flamengo, grupo étnico germânico que fala holandês e ocupa a região contemporânea de Flandres.

Agora começa a expropriação das cidades.

Agora, cidadãos, vamos migrar!

Não para o trabalho forçado em terras estrangeiras e colônias.

Não, para nosso próprio país, para o nosso velho e eternamente jovem pedaço de chão: o trabalho está migrando.

(Sob o lema: não se deve fazer o que cada um bem entende.)

A indústria, ainda não convertida – está aguardando a conversão dos conversores – ambiciona. Ambiciona novas formas operacionais de uso comum de canais, rios e mares.

As oficinas se destacam como cooperativas divididas em turnos a exercer funções laborais (em geral) e funções agrárias (para si) – e também o contrário.

Novos trabalhadores domésticos se emancipam, seja na verde-produtiva autossuficiência, seja na espírito-criativa suficiência comunitária, novas formas de existência²²²

Mas ainda não acabou: a moradia está migrando.

(Sob o lema: não se pode construir onde e como cada um bem quer.)

No futuro: novas moradias apenas no campo – a velha cidade já não pode digerir mais casas.

No futuro: novas habitações apenas horizontalmente [baixa] no campo – a construção um – sobre – o –outro foi a raiz de todo mau.

No futuro: novos lares apenas com fontes puras e banheiros secos – a cidade pseudossanitarista é um recurso de emergência mortal.

No futuro: novos assentamentos apenas com jardins autossuficientes – que assimilam todos os resíduos domésticos.

No futuro: novos assentamentos apenas como expressão de um hábito novo e natural em, com e para o campo.

Mas ainda não acabou: a administração está migrando e se resignando.

Escolas migram e rejuvenescem.

Lazer migra e enobrece.

Todos juntos sob o lema: disciplinar a existência é bom, mas depende da existência pessoal.

E isto é a expropriação das cidades: um processo histórico. [Isso porque] as cidades poderosas não foram nem tomadas, nem destruídas. [Isso porque] elas deixaram de funcionar no seu próprio tédio.

Veja: há cem anos a Alemanha inteira ainda era campo.

222 N.T.: Trecho no original: *Neue Heimarbeiter werden in grünschöpferischer Selbstversorgung oder geistschöpferischer Gemeinversorgung neue Daseinsformen befreien*. Neologismos que qualificam tanto a autossuficiência, quanto o abastecimento comunitário.

Veja: em cinquenta anos a Alemanha inteira tornou-se cidade.

Isso é febre, isso é doença, jamais vida!

E assim sacrificamos para nada o orgânico e vicejante.

E assim sacrificamos para nada preciosidades da arte de existir.

Não abandonaremos Bruxelas, Veneza ou Samarcanda²²³ quando nós deixarmos a cidade atual.

Não, nós desistimos apenas dos barracos urbanos, feitos apressadamente para abrigar as massas.

Nós abandonaremos somente o monte de pedra mal talhada, do qual nós não podemos existir, e que nós não podemos amar. E que agora – sem economia mundial – está completamente sem esperança.

As cidades rapidamente erguidas do século XIX são um capítulo encerrado.

Acabou o êxodo rural – a diáspora é urbana²²⁴.

Nós mudamos, para fundar novas cidades.

Isso não será da noite para o dia.

(Gerações constroem para gerações.)

Mas quando acontecer, cidadãos, será magnífico e maravilhoso!

VI - NA NOVA EXISTÊNCIA!

Cidadãos e cidadãs!

Veja: muitas pequenas casinhas – a cada família pertence uma. (Nova existência consome direitos.)

Veja: muitos pequenos jardinzinhos – a cada família pertence um. (Nova existência multiplica frutos.)

Veja: método de trabalho natural – em sua própria oficina. (Nova existência requer trabalho manual e intelectual de todos.)

Veja: o menor governo – para o bem dos governados. (Nova existência se autogoverna.)

Veja: a mais alta elevação – para o bem augusto. (Nova existência quer romaria, sol e recreio.)

Essas pessoas não conhecem nenhuma luta pela existência.

Essas pessoas não conhecem nenhuma guerra entre os povos.

Essas pessoas se amam e amam o belo mundo.

A cidade de pedra sobrevivente chamava-se morrer e consumir.

223 N.T.: *Samarkand*, segunda maior cidade do Uzbequistão, capital da província de mesmo nome e situada num vale fértil. Foi importante centro comercial da Rota da Seda entre China e Europa na era pré-cristã.

224 N.T.: Trecho no original: *Landflucht ist erledigt – die Stadt flieht*.

O campo-urbano bem conservado chama-se viver e multiplicar.

Eu vejo: o verde campo da juventude, da saúde e da felicidade.

O campo fresco e virginal.

Mas, cidadãos e cidadãs, esta linda existência não vem por si: É preciso conquistá-la!

Cada indivíduo precisa (consigo mesmo) lutar.

Cada indivíduo precisa (seu próprio futuro) construir.

Cada indivíduo precisa (o próximo) ajudar.

Ajudar, economizar, construir, lutar!

Vinde, vós, fortes ascetas.

Vós, mais libertos amigos da natureza.

Vós, mais jovens dos *Wandervögel* e *Freideutschen*²²⁵.

Vós, mais ágeis dos jogadores e atletas.

Vós, mais eficientes dos hortelões e campestinos.

Vós, mais divertidos dos músicos.

Vós, artistas, pensadores e poetas, comecem:

Criai nova existência. Criai nova força. Salvem vosso campo [nação]! Criai coragem, alemães, nada foi perdido ainda.

Seu povo viverá.

Seu povo crescerá.

Seu povo guiará.

Viva o novo ideário da existência dos alemães, o novo princípio universal: O campo!

225 N.T.: Nomes de movimentos de estudantes secundaristas e universitários, pertencentes à burguesia, que defendiam reformas pedagógicas e de estilo de vida (*Lebensreform*) com ideais românticos.